

BIBLIOTECA PEDAGOGICA
BRASILEIRA

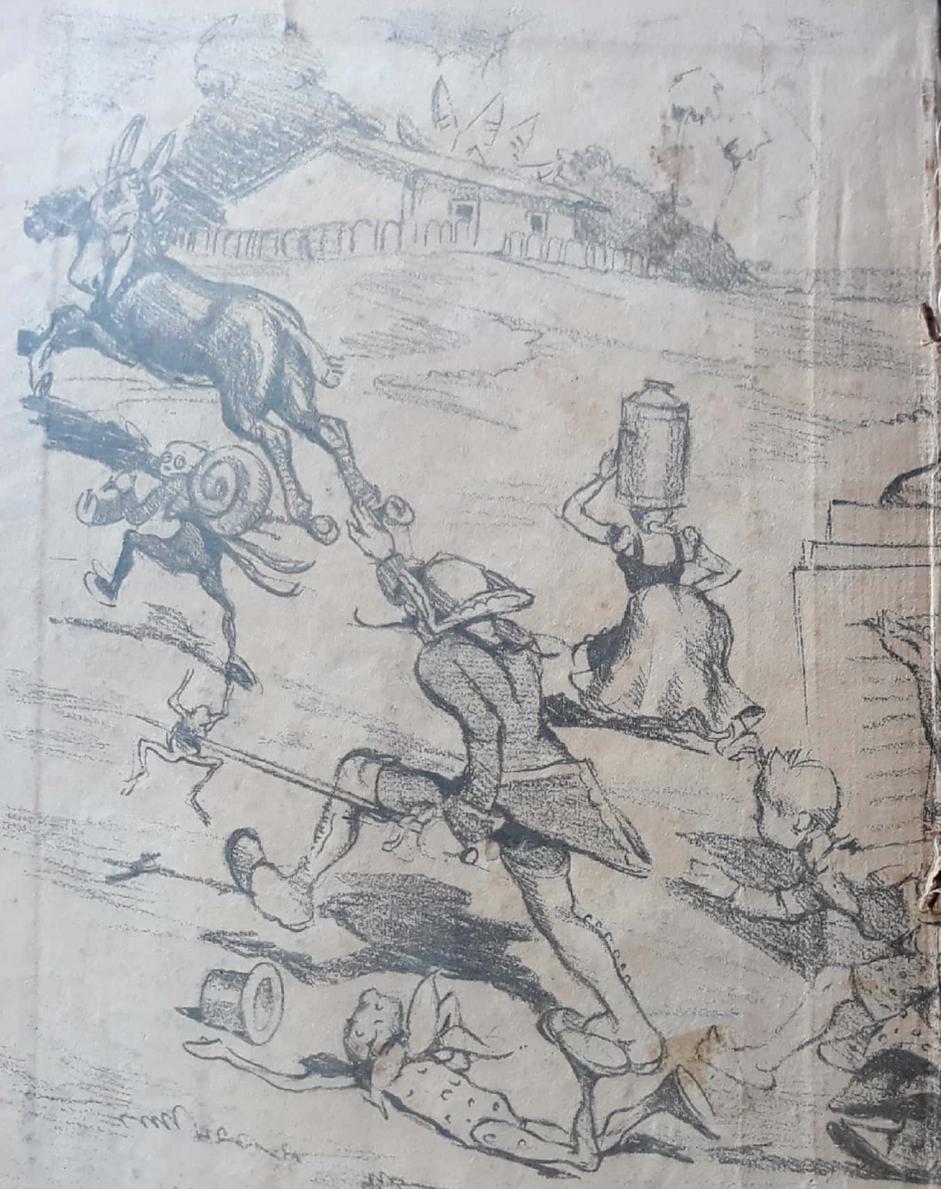
1ª SERIE

1º TOME

MONTEIRO LOBATO
AS REINACÕES DE NARIZINHO



COMPANHIA EDITORA NACIONAL
RUA DOS GUSMÕES 26-28 - SÃO PAULO.



X...

AS MIL E UMA NOITES — A mais bella collecção de contos para a infancia, até hoje conhecida, edição inegualavel, finalmente illustrada — 1.^a parte cart. 5\$000
2.^a parte cart. 5\$000

YANTOCK

TRAPAÇAS DO CAPITÃO FARÓFIA — Caprichoso livro illustrado pelo autor, artisticamente impresso a cores.... cart. 4\$000

NOVAS TRAPAÇAS DO CAP. FARÓFIA — Continuação dos episodios deste heroe. Illustrações do autor..... cart. no prélo

FERGAN DI FERREZZONA

OS TRES MOSQUETEIROS DE PAU — Livro encantador de muito gosto, cheio de graça ingenua e espirito infantil. Para a alegria das creanças que já sabem lêr..... cart. 5\$000

CONDESSA DE SEGUR

BLONDINA — Album com lindas illustrações..... cart. 2\$500

O BOM HENRIQUINHO — Outra historia bastante interessante cart. 2\$500

A PRINCEZA ROSITA — Fada encantada e mysteriosa que alegra as creanças cart. 2\$500

O CAMONDONGO CINZENTO — Aventuras que fazem a felicidade das creanças cart. 2\$500

URSÃO — Outras aventuras, em um duplo volume..... cart. 4\$000

X...

PINOCCHIO NA LUA — Aventuras do conhecido Pinocchio, com illustrações cart. 5\$000

VIRIATO CORREIA

NO REINO DA BICHARADA — Historias humoristicas de grande alacridade, cheio de passagens interessantes, do gosto da creança (album) cart. 5\$000

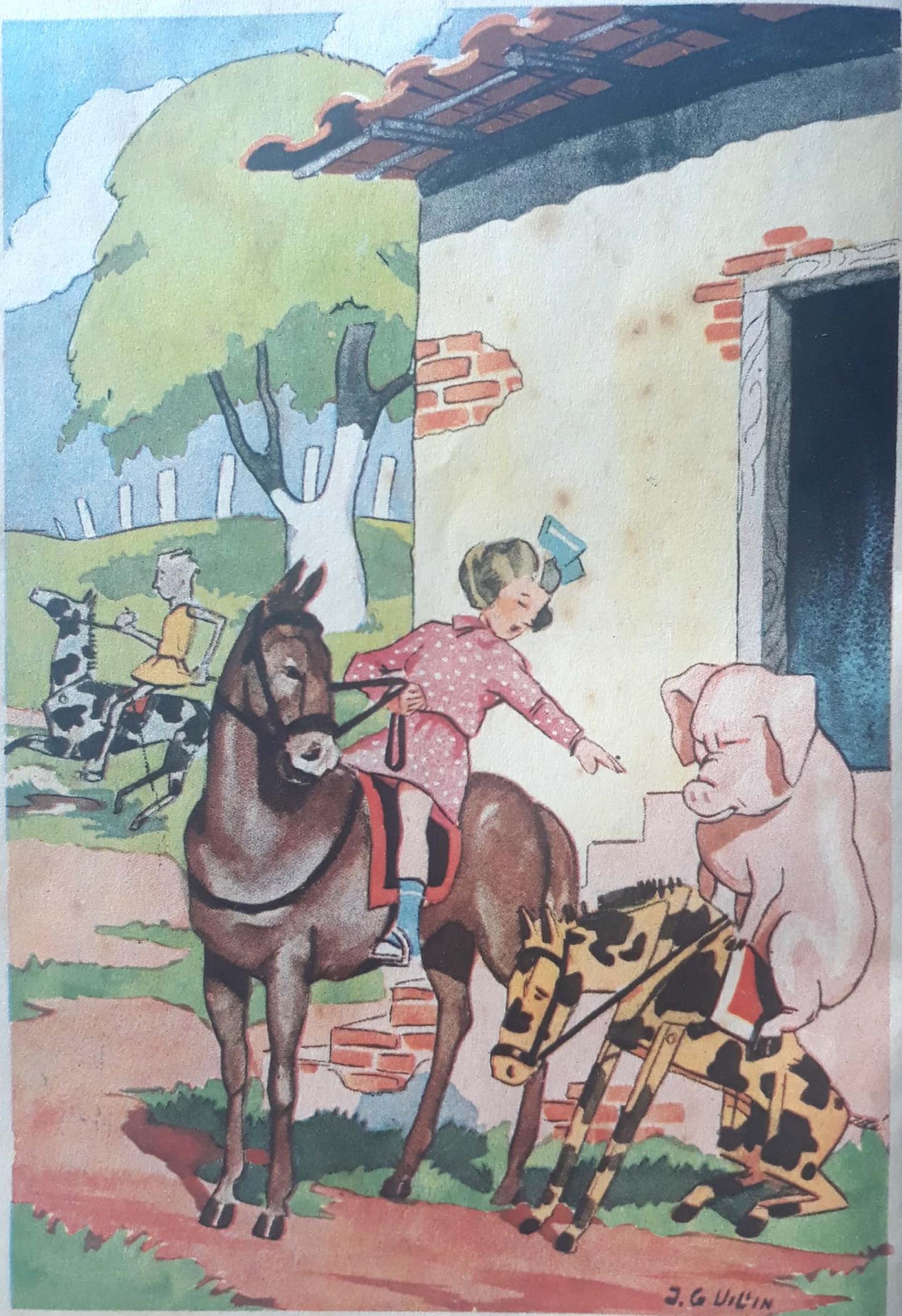
ARCA DE NOE' — Outro livro de historias para creanças, de Viriato Corrêa. Interessante e original. Diverte e ensina. Cartonado 2\$500

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
RUA DOS GUSMÕES, 26 - 28 — S. PAULO

- escriptor sabe dar ao que conta. Este livro é também adoptado nas escolas. Illustrações de Weise cart. 3\$000
- O PO' DE PIRLIMPIMPIM — Este volume que Lobato dedicou aos gurys é tão interessante quanto aos outros, sobejamente conhecidos cart.. 5\$000
- PETER-PAN — E' a historia do lendario menino que não queria saber de crescer, preferindo eternisar a sua juventude. As suas maravilhosas aventuras no reino encantado, no mar dos piratas; suas luctas contra estes, auxiliado pelos indios e pela fada Sininho, a sua protectora. Um livro interessantissimo como todos os demais de Monteiro Lobato. Desenhos suggestivos e coloridos cart. 5\$000
- PENNA DE PAPAGAIO — Mais uma linda historia de Lobato para as nossas creanças. Nesta historieta, travamos conhecimentos com Esopo e la Fontaine, e as suas fabulas da formiga e da cigarra, do lobo e do cordeiro e do burro e a assembléa dos animaes, contadas de uma maneira como só o sabe Lobato. As incriveis aventuras de Narizinho, Pedrinho e os outros no reino da bicharada, as suas peripecias para escapar do leão, o seu aprisionamento no reino dos macacos e a sua fuga devido á coragem de Penninha, uma nova e interessante personagem que Lobato nos apresenta nos seus livros e que muito irá deliciar aos nossos petizes. Além de lindos desenhos coloridos, traz uma bellissima capa em trichromia. Cart. 5\$000
- AVENTURAS DE ROBINSON CRUSOE' — organizada por Lobato, para a sua linda collecção de "Narizinho" cart. 6\$000
- O MARQUEZ DE RABICO' — Narizinho e seus companheiros resolvem casar o porquinho Rabico com a condessa Emilia que é uma boneca de panno. O album conta toda a tragedia que se desenrolou cart. 4\$000
- JECA-TATUZINHO — Bellissimo album com trichromias, onde se conta a historia de um jéca que se curou e virou um grande homem cart. 2\$500
- O GARIMPEIRO DO RIO DAS GARÇAS — E' livro para creanças escripto por Lobato. Formato album illustrado. Historia moral, verdadeiramente brasileira e interessante cart. 2\$500
- DOLORES BARRETO**
- DODÓCA — Bellissimo livro profusamente illustrado por Weise em que se lê a narração da vida de uma boneca, feita por ella propria cart. 5\$000
- BURGER**
- BARÃO DE MUNCCHAUSEN E SUAS AVENTURAS — Nova e optima traducção das celebres aventuras do terrivel barão caçador — o homem que só sabia mentir cart. 5\$000



AS REINAÇÕES DE NARIZINHO



J. G. ULLIN

BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

SERIE I — LITERATURA INFANTIL — VOLUME I

MONTEIRO LOBATO

AS REINAÇÕES DE NARIZINHO

CONTENDO AS TRAVESSURAS DE NARIZINHO, PEDRINHO, EMILIA, RABICÓ, O VISCONDE DE SABUGOSA E O BURRO FALANTE NO SÍTIO DE DONA BENTA E SUAS AVENTURAS PELOS MUNDOS MARAVILHOSOS.

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

SÃO PAULO — RUA DOS GUSMÕES, 26-28 — 1931

NARIZINHO ARREBITADO

I — NARIZINHO

Lucia do
NUMA casinha branca, lá no sitio do Picapau Amarello, móra uma velha de mais de sessenta annos. Chama-se dona Benta. Quem passa pela estrada e a vê na varanda, de cestinha de costura ao collo e oculos de ouro na ponta do nariz, segue seu caminho pensando:

— Que tristeza viver assim, tão sózinha neste deserto...

Mas engana-se. Dona Benta é a mais feliz das vóvós, porque vive em companhia da mais encantadora das netas — Lucia, a menina do narizinho arrebitado, ou Narizinho como todos dizem. Narizinho tem sete annos, é morena como um jambo, gósta muito de pipóca e já sabe fazer uns bolinhos de polvilho bem gostosos.

Na casa ainda existem duas pessôas — tia Nastacia, negra de estimação que carregou Lucia em pequenina, e Emilia, uma boneca de panno bastante desageitada de corpo. Emilia foi feita por tia Nastacia, com olhos de retroz preto e sobranceiras tão lá em cima que é ver uma bruxa. Apesar disso Narizinho gósta tanto della que nunca almoça ou janta sem a ter ao lado, nem se deita sem primeiro accommodal-a numa redinha armada entre dois pés de cadeira.

Além da boneca, o outro encanto da menina é o riacho que passa pelos fundos do pomar. Suas aguas, muito apressadinhas e mexeriqueiras, correm por entre pedras negras de limo, que Lucia chama as tias Nastacias do rio.

Todas as tardes Lucia toma a boneca e vae passear á beira dagua, onde se senta na raiz dum velho ingazeiro para dar farelo de pão aos lambarys.

Não ha peixe do rio que a não conheça; assim que ella

se senta acodem todos de longe, numa grande famiteza. Os mais miúdos chegam bem pertinho; os graúdos, entretanto, parece que desconfiam da boneca, pois ficam, resabiados, a espiar de longe. E nesse divertimento leva a menina horas, até que tia Nastacia appareça no portão do pomar e grite na sua voz sossegada:

— Narizinho, vóvó está chamando!...

II — UMA VEZ...

Uma vez, depois de dar comida aos seus peixinhos, Lucia sentiu os olhos pesados de somno. Deitou-se na grama com a boneca ao lado e ficou acompanhando as nuvens que passeavam pelo céu, formando ora castellos, ora camelos. E já ia dormindo, embalada pelo mexerico das aguas, quando sentiu cocegas no rosto. Arregalando os olhos viu um peixinho vestido de gente, de pé na ponta do seu nariz.

Vestido de gente, sim! Trazia casaco vermelho, cartolina na cabeça e guarda-chuva na mão — uma galanteza! O peixinho olhava para o nariz de Narizinho com rugas na testa, como quem não está entendendo nada do que vê.

A menina reteve o folego, de medo de o assustar, assim ficando até que sentiu cocegas na testa. Espiou com o rabo dos olhos. Era um besouro que pousára alli. Mas um besouro tambem vestido de gente, trajando sobrecasaca preta, oculos e bengalão.

Lucia immobilizou-se ainda mais, tão interessante estava achando o caso.

Dando com o peixinho, o besouro tirou-lhe o chapéu respeitosamente.

— Muito boas tardes, senhor principe! disse elle.

— Viva, mestre Cascudo! foi a resposta.

— Que novidade traz Vossa Alteza por aqui, principe?

— E' que lasquei hontem duas escamas do filé e o doutor Caramujo me receitou ares do campo. Vim tomar o remedio neste prado, que é muito meu conhecido, mas encontrei cá este morro que me parece estranho.

O principe bateu com a biqueira do guarda-chuva na ponta do nariz de Narizinho.

— Creio que é de marmore, observou.

Os besouros são muito entendidos em questões de terra, pois vivem a cavar buracos. Mesmo assim aquelle besourinho de sobrecasaca não foi capaz de adivinhar que qualidade de "terra" era aquella. Abaixou-se, ageitou os oculos no bico, examinou o nariz e disse:

— Muito molle para ser marmore. Parece antes requeijão.

— Muito moreno para ser requeijão. Parece antes rapadura, contraveio o principe.

O besouro provou a tal terra com a ponta da lingua.

— Muito salgada para ser rapadura. Parece antes...

Mas não concluiu. O principe o havia largado para ir examinar as sobranceiras.

— Que boas barbatanas, mestre Cascudo! Porque não leva algumas aos seus meninos para que brinquem de chicote?

Gostando da idéa veio o besouro colher barbatanas. Cada fio que arrancava era uma dorzinha aguda que a menina sentia — e bem vontade teve ella de o espantar dalli com uma careta! Mas tudo supportou, curiosa de ver em que aquillo daria.

Deixando o besouro ás voltas com as barbatanas foi o peixinho examinar as ventas.

— Que bellas tócas para uma familia de besouros! exclamou. Porque não se muda para aqui, mestre Cascudo? Sua esposa havia de gostar muito desta repartição de commodos.

Correu o besouro a examinar as tócas, trazendo debai-

xo do braço o feixe de sobranças colhidas. Mediu a altura das tócas com a bengala.

— Realmente, são optimas, disse. Só receio que móre cá dentro alguma féra pelluda.

E para certificar-se cotucou-as bem lá no fundo.

— Hu! Hu! Sáo fóra, bicho immundo!...

Não sahiu féra nenhuma, mas como a bengala fizesse coegas no nariz de Lucia, o que sahiu foi um formidavel espirro — “Atchin”!... Os dois bichinhos, pegados de surpresa, reviraram de pernas para o ar, cahindo um grande tombo no chão.

— Eu não disse? exclamou o besouro, levantando-se e escovando com a manga a cartolinha suja de terra. E’ sim, ninho de féra — e de féra espirradeira! Vou-me embora. Não quero negocios com essa gente. Até logo! Faço votos para que sare e seja muito feliz, principe!

E lá se foi, zumbindo que nem um areoplano.

O peixinho, porem, era muito valente. Alli permaneceu firme, cada vez mais intrigado com a tal montanha que espirrava. Por fim a menina teve dó delle e resolveu esclarecer o mysterio. Sentou-se de subito, dizendo:

— Não sou montanha nenhuma, peixinho. Sou Lucia, a menina que todos os dias vem dar comida a vocês. Não reconhece?

— Era impossivel reconhecê-la. Vista de dentro dagua é tão differente...

— Posso parecer differente, mas garanto que sou a mesma. Esta senhora aqui é a minha amiga Emilia.

O peixinho saudou respeitosamente a boneca, apresentando-se em seguida como o principe Escamado, rei do Reino das Aguas Claras.

— Principe e rei ao mesmo tempo! exclamou a menina batendo palmas. Que bom, que bom, que bom! Sempre tive grande vontade de conhecer um principe-rei.

Conversaram longo tempo, acabando o principe por con-



— *Bella cousa, Major! Dormindo com um porco e, ainda por cima vestido de velha coróca...*

vidal-a a uma visita ao seu reino. Narizinho ficou num grande assanhamento.

— Pois vamos e já, gritou, antes que tia Nastacia me chame.

E lá se foram de braços dados, como dois velhos amigos. A boneca seguiu atrás sem dizer palavra.

— Parece que dona Emilia está emburrada, observou o príncipe.

— Não é burro, não, príncipe. A pobre é muda de nascença. Ando até a ver se encontro um bom doutor que a cure.

— Tenho um excellente na côrte, o celebre doutor Caramujo. Emprega umas pilulas que curam todas as doenças, menos a gosma delle. Tenho a certeza de que põe a senhora Emilia a falar pelos cotovelos.

E ainda estava a contar os milagres das famosas pilulas quando chegaram a certa gruta que Narizinho jamais havia visto naquelle ponto.

— E' aqui a entrada do meu reino, disse o príncipe.

Narizinho espiou, com medo de entrar.

— Muito escura, príncipe. Emilia é uma grande medrosa.

A resposta do peixinho foi tirar do bolso um vagalume de cabo de arame, que lhe servia de lanterna viva. A gruta clareou até longe e a "boneca" perdeu o medo. Entraram. Pelo caminho foram saudados, com grandes marcas de respeito, por varias corujas e numerosissimos morcegos. Minutos depois chegaram ao portão do reino. A menina abriu a bocca, admirada.

— Quem construiu este maravilhoso portão de coral, príncipe? E' tão bonito que até parece sonho! . . .

— Foram os Polypos, os pedreiros mais trabalhadores e incansaveis do mar. Tambem meu palacio foi construido por elles, todo em coral côr de rosa e branco.

Narizinho ainda tinha a bocca aberta quando o principe notou que o portão não fôra fechado aquelle dia.

— E' a segunda vez que isto acontece, observou elle de cara feia. Aposto que o guarda está dormindo.

Entrando, verificaram que assim era. O guarda dormia um somno roncado. Esse guarda não passava dum sapo cururú muito feio, que tinha o posto de major no exercito marinho. Major Agarra-e-não-larga-mais da Silva Fafundes. Pagava-lhe o principe cem moscas por dia para que alli ficasse, de lança em punho, capacete na cabeça e espada á cinta, sapeando a entrada do seu palacio. O Major, porem, tinha o vicio de dormir fóra de horas, e pela segunda vez fôra apanhado em falta.

O principe já ia acordal-o com um bom ponta-pé na barriga quando a menina interveio.

— Não ainda! Tenho uma idéa muito boa. Vamos vestil-o de mulher, para ver a cara delle quando acordar.

E sem esperar resposta, foi tirando a saia da Emilia e vestindo-a muito devagarinho no dorminhoco. Poz-lhe tambem a touca da boneca em lugar do capacete, e o guarda-chuva do principe em lugar da lança. Depois que o deixou assim transformado numa perfeita velha coróca, disse ao principe:

— Pode shutar agora!

O principe, "záz"!... pregou-lhe um valente ponta-pé na barriga.

— Hum!... gemeu o sapo, abrindo os olhos ainda cégos de somno.

O principe engrossou a voz e ralhou:

— Bella coisa, Major! Dormindo como um porco e ainda por cima vestido de velha coróca... Que significa isto?

O sapo mirou-se apatetadamente num espelho que havia alli, sem comprehender coisa nenhuma. Por fim botou a culpa no pobre espelho.

— E' mentira delle, principe! Não acredite. Nunca fui assim...

— Você de facto nunca foi assim, explicou Narizinho. Mas como dormiu vergonhosamente no serviço, a fada do somno virou você em velha coróca. Bem feito!...

— E por castigo, ajuntou o principe, está condemnado a engulir cem pedrinhas redondas em vez das cem moscas do nosso trato.

O triste sapo derrubou um grande beijo, indo, muito jururú, encorujar-se a um canto. Se não disse: "Que buraco!" foi porque essa expressão não era ainda conhecida naquelle tempo.

III — NO PALACIO

O principe consultou o relógio.

— Estou na hora da audiencia, murmurou. Vamos depressa, que tenho muitos casos a attender.

Foram. Entraram directamente para a sala do throno, no qual a menina se sentou ao lado do principe como se fosse princeza. Linda sala! Toda dum coral côr de leite, franjadinho como musgo e penduradinho de pingentes de perola, que tremiam ao menor sopro. O chão de nacar furta-côr era tão liso que a Emilia escorregou tres vezes.

O principe deu signal de audiencia batendo com uma grande perola de cabo numa concha sonora. O mordomo introduziu os primeiros queixosos — um bando de molluscos nús que tiritavam de frio. Vinham queixar-se dos Bernardo-Eremitas.

— Quem são esses Bernardos? indagou a menina.

— São uns caranguejos que teem o mau habito de se apropriarem das conchas destes pobres molluscos, deixando-os em carne viva no mar. Os peores ladrões que temos aqui.

O príncipe resolveu o caso mandando dar uma concha nova a cada um.

Depois appareceu uma ostra a se queixar que um caranguejo lhe havia furtado a perola.

— Era uma perola ainda novinha e tão galante! disse, enxugando as lagrimas. Elle raptou-a só de mau, porque os caranguejos não se alimentam de perolas, nem as usam como joias. Com certeza já a largou por ahí nas areias...

O príncipe resolveu o caso mandando-lhe dar outra perola do mesmo tamanho.

Nisto surgiu na sala, muito apressada e afflicta, uma baratinha de mantilha, que foi abrindo caminho por entre os bichos até alcançar o príncipe.

— A senhora por aqui! exclamou este admirado. Que deseja?

— Ando átraz do Pequeno Pollegar, respondeu ella. Ha duas semanas que me fugiu do livro onde móra e não o encontro em parte alguma. Já percorri todos os reinos encantados sem descobrir o menor signal d'elle.

— Quem é esta velha? perguntou a menina ao ouvido do príncipe. Parece que a conheço...

— Com certeza, pois não ha menina que não conheça a celebre dona Carochinha das historias, a baratinha mais famosa do mundo.

E voltando-se para ella:

— Ignoro se o Pequeno Pollegar anda aqui pelo meu reino. Não o vi, nem tive noticias d'elle, mas a senhora pode procural-o á vontade. Não faça cerimonia...

— Porque é que elle fugiu? indagou a menina.

— Não sei, respondeu dona Carochinha, mas tenho notado que muitos dos personagens das minhas historias já andam aborrecidos de viverem toda a vida presos dentro dellas. Querem novidade. Falam em sahir para o mundo para se metterem em novas aventuras. Aladino queixa-se que sua lampada maravilhosa está enferrujando. A Bella

Adormecida tem vontade de espetar o dedo noutra roca para dormir outros cem annos. A Gato de Botas brigou com o Marquez de Carabas e quer ir para os Estados Unidos visitar o gato Felix. Branca de Neve vive falando em tingir os cabellos de preto e botar ruge na cara. Andam todos revoltados, dando-me um trabalhão para contel-os. Mas o peor é que ameaçam de fugir, tendo o Pequeno Pollegar dado o exemplo.

Narizinho gostou tanto daquella revolta que chegou a bater palmas de alegria, na esperanza de ainda encontrar pelo seu caminho algum daquelles queridos personagens.

— Tudo isso, continuou dona Carochinha, por causa do Pinocchio, do gato Felix e sobretudo de uma tal menina do narizinho arrebitado que todos desejam muito conhecer. Ando até desconfiada que foi esta diabinha quem desencaminhou Pollegar, aconselhando-o a fugir.

O coração de Narizinho bateu apressado.

— Mas a senhora conhece essa tal menina? perguntou, tapando o nariz com medo de ser reconhecida.

— Não a conheço, respondeu a velha, mas sei que móra numa casinha branca, em companhia de duas velhas corócas.

Ah, porque foi dizer aquillo? Ouvindo chamar dona Benta de velha coróca, Narizinho perdeu as estribeiras.

— Dobre a lingua! gritou vermelha de colera. Velha coróca é vosmecê, e tão impicante que ninguem mais quer saber das suas historias emboloradas. A menina do narizinho arrebitado sou eu, mas fique sabendo que é mentira que eu haja desencaminhado o Pequeno Pollegar, aconselhando-o a fugir. Nunca tive essa "bella" idéa, mas agora vou aconselhal-o, a elle e a todos os mais, para que fujam dos seus livros bolorentos, sabe?

A velha, furiosa, ameaçou-a de lhe desarrebitar o nariz da primeira vez que a encontrasse sozinha.

— E eu arrebitarei o seu, está ouvindo? Chamar vóvó de coróca! Desafortada!...

Dona Carochinha botou-lhe a lingua — uma lingua muito magra e secca — retirando-se furiosa da vida, a resmungar que nem uma negra bem beicuda.

O principe respirou de allivio ao ver o incidente terminado. Depois encerrou a audiencia e disse para o primeiro ministro:

— Mande convite a todos os nobres da côrte para a grande festa que vou dar amanhã em honra á nossa distincta visitante. E diga a mestre Camarão que ponha o coche de gala para um passeio pelo fundo do mar. Já.

IV — O BOBINHO

O passeio que Narizinho deu com o principe foi o mais bello que fez em toda a sua vida. O coche de gala corria por sobre a areia alvissima do fundo do mar conduzido por mestre Camarão e tirado por seis parelhas de hippocampos — uns bichinhos com cabeça de cavallo e cauda de peixe. Em vez de pingalim o cocheiro usava os fios de sua barba para chicoteal-os — “lept! lept”!...

Que lindos lugares viu! Florestas de coral, bosques de esponjas vivas, campos de algas das formas mais estranhas. Conchas de todos os geitos e côres. Polvos, enguias, ouriços — milhares de creaturas marinhas tão exquisitas que até pareciam mentira do barão de Munchkausen.

Em certo ponto encontrou uma baleia dando de mamar a varias baleinhas novas. Teve a idéa de levar para o sitio uma garrafa de leite de baleia, só para ver a cara de espanto que dona Benta e tia Nastacia fariam. Mas logo desistiu disso, pensando: “Não vale a pena. Ellas não acreditam mesmo...”

Nisto appareceu ao longe um formidavel espadarte. Vinha com o seu comprido esporão de pontaria feita para o cetaceo, que é como os sabios chamam a baleia. O principe assustou-se.

— Lá vem o malvado! disse. Esses monstros divertem-se em espetar as pobres baleias como se ellas fossem almofadinhas de alfinete. Vamo-nos embora, que a lucta vae ser medonha.

Recebendo ordem de voltar, o Camarão estalou as barbas e poz os “cabecinhas de cavallo” no galope.

De volta ao palacio o principe deixou a menina e a boneca na gruta dos seus thesouros, indo cuidar dos preparativos da festa. Narizinho poz-se a mexer em tudo. Quantas maravilhas! Perolas enormes aos montes. Muitas, ainda na concha, punham as cabecinhas de fóra, espiavam a menina e escondiam-se outra vez — de medo da Emilia. Caramujos, então, era um nunca se acabar — de todos os geitos possiveis e imaginaveis. E conchas! Quantas, Deus do céu!

Narizinho teria ficado alli a vida inteira, examinando uma por uma todas aquellas joias, se um peixinho de rabo vermelho não viesse da parte do principe dizer que o jantar estava na mesa.

Foi correndo e achou a sala de jantar ainda mais bonita que a sala do throno. Sentada ao lado do principe, teve palavras de elogio para a arrumação da mesa.

— Artes das senhoras sardinhas, explicou elle. São ellas as melhores arrumadeiras do reino.

A menina pensou comsigo: “Não é atôa que sabem se arrumar tão direitinho dentro das latas”...

Vieram os primeiros pratos — costellets de camarão, filés de marisco, omelletes de ovos de beija-flôr, linguiça de minhóca — um petisco de que o principe gostava muito.

Emquanto comiam, uma excellente orchestra de cigarras e pernilongos ensinados tocava a musica do fium, regida pelo maestro Tangará, de batuta no bico. Nos intervallos tres vagalumes de circo fizeram magicas lindas, entre as quaes foi muito apreciada a de comer fogo.

Encantada com tudo aquillo Narizinho batia palmas e

dava gritos de alegria. Em certo momento o mordomo do palacio entrou e disse umas palavras ao ouvido do principe.

— Pois mande-o entrar, respondeu este.

— Quem é? indagou a menina.

— Um anãozinho que nos appareceu aqui hontem para contratar-se como bôbo da côrte. Estamos sem bôbo desde que o nosso querido Carlito Pirolito foi devorado pelo peixe-espada.

O candidato ao cargo de bôbo da côrte entrou conduzido pelo mordomo, e logo saltou para cima da mesa, pondo-se a fazer graças. Narizinho percebeu incontinenti que o bobinho não passava do Pequeno Pollegar, vestido com o classico saiote de guizos e uma carapuça tambem de guizos na cabeça. Percebeu mas fingiu não ter desconfiado de nada.

— Como é o seu nome? perguntou o principe.

— Sou o gigante Fura-Bolos! respondeu o bobinho sacudindo os guizos.

Pollegar não tinha o menor geito para aquillo. Não sabia fazer caretas engraçadas, nem dizer coisas que fizessem rir. Narizinho teve um grande dó delle e disse-lhe baixinho:

— Appareça lá no sitio de vóvó, senhor Fura-Bolos. Tia Nastacia faz bolinhos muito bons para serem furados. Vá morar commigo, em vez de levar essa vida idiota de bôbo da côrte. Você não dá para isso.

Nesse momento reapareceu na sala a baratinha de mantilha, de nariz erguido para o ar como quem fareja alguma coisa.

— Achou o fugido? perguntou-lhe o principe.

— Ainda não, respondeu ella, mas aposto que anda por aqui. Estou sentindo o cheirinho delle.

E farejou outra vez o ar com o seu nariz de papagaio secco.

Apezar de ser muito burrinho, o principe desconfiou que o tal Fura-Bolos fosse o mesmo Pollegar.

— Talvez esteja, disse. Talvez Pollegar seja o bobinho que veio se offerecer para substituir o Carlito Pirolito. Que é delle? indagou correndo os olhos em redor. Esteve aqui ainda agora, não faz meio minuto!...

Procuraram o bobinho por toda a parte inutilmente. E' que a menina, mal viu entrar na sala a diaba da velha, disfarçadamente o agarrara e enfiara pela manga do vestido.

Dona Carochinha remexeu por todos os cantos, até dentro das terrinas, resmungando:

— Está aqui, sim. Estou sentindo o cheirinho delle cada vez mais perto. Desta feita não me escapa.

Vendo-a approximar-se mais e mais, Narizinho perturbou-se. E, para disfarçar, gritou:

— Dona Carochinha está caducando! Pollegar usa as botas de sete leguas e se esteve aqui, deve estar já na Europa!

A velha deu uma risada gostosa.

— Não vê que sou bôba! Assim que desconfiei que andava querendo fugir, fui logo tratando de trancar suas botas na minha gaveta. Pollegar fugiu descalço e não me escapa.

— Ha de escapar, sim! gritou Narizinho em tom de desafio.

— Não escapa, não! retrucou a velha, e não me escapa porque já sei onde está. Está escondido ahi na sua manga, ouviu? e avançou para ella.

Foi um reboliço na sala. A velha atracou-se com a menina e certamente que a subjugaria se a boneca, que estava na mesa ao lado da sua dona, não tivesse a bella idéa de arrancar-lhe os oculos e sahir correndo com elles.

Dona Carochinha nada enxergava sem oculos, de modo que ficou a pererecar no meio da sala como céga, enquanto a menina corria a esconder Pollegar na gruta dos thesouros, bem lá no fundo de uma concha.

— Fique ahi bem quietinho até que eu volte, recommendou-lhe.

E regressou á sala, muito lampeira da sua feição.

V — A COSTUREIRA DAS FADAS

Depois do jantar o principe levou Narizinho á casa da melhor costureira do reino. Era uma aranha de Paris, que sabia fazer vestidos lindos, lindos até não poder mais! Ella mesma tecia a fazenda, ella mesma inventava as modas.

— Dona Aranha, disse elle, quero que faça para esta illustre dama o vestido mais bonito do mundo. Vou dar uma grande festa em sua honra e faço questão que ella deslumbrasse a côrte.

Disse e retirou-se. Dona Aranha tomou da fita metrica e ajudada por seis aranhinhas muito espertas principiou a tomar as medidas. Depois teceu, depressa, depressa, uma fazenda côr de rosa com estrellinhas douradas, a coisa mais linda que se possa imaginar! Teceu tambem peças de fitas e peças de renda e peças de entremeio e fabricou até carreteis de linha.

— Que belleza! ia exclamando a menina, cada vez mais espantada com a habilidade e arte da costureira. Conheço muitas aranhas no sitio de vóvó, mas todas só sabem fazer teias de pegar moscas; nenhuma é capaz de fazer nem um panninho de avental...

— E' que tenho mil annos de idade, explicou dona Aranha, e sou a costureira mais velha do mundo. Porisso sei fazer todas as coisas. Já trabalhei no reino das fadas durante muito tempo; fui quem fez o vestido de baile de Cinderella e quasi todos os vestidos de casamento de quasi todas as meninas que se casaram com principes encantados.

— E para Branca de Neve tambem costurou?

— Como não? Pois foi justamente quando estava tecendo o véo de noiva de Branca que quebrei a perna. A te-

soura cahiu-me aos pés, rachando o osso aqui neste lugar. Fui tratada pelo doutor Caramujo, que é um medico muito bom. Sarei, embora ficasse manca pelo resto da vida.

— Acha que esse tal doutor Caramujo é capaz de curar uma boneca que nasceu muda?

— Cura sim. Elle tem umas pilulas que curam todas as doenças, excepto quando o doente morre.

Emquanto conversavam dona Aranha ia trabalhando no vestido.

— Está prompto, disse ella por fim. Vamos proval-o.

Narizinho vestiu-o, indo ver-se ao espelho.

— Que belleza! exclamou, batendo palmas. Pareço um céu aberto!...

E estava mesmo linda. Linda, tão linda no seu vestido de teia côr de rosa com estrellinhas de ouro, que até o espelho arregalou os olhos, de espanto.

Trazendo em seguida seu cofre de joias, dona Aranha poz-lhe na cabeça um diadema de orvalho, e braceletes de rubi do mar nos braços, e aneis de brilhantes do mar nos dedos, e fivellas de esmeralda do mar nos sapatos, e uma grande rosa do mar no peito.

Mais linda ainda ficou Narizinho, tão mais linda que o espelho arregalou um pouco mais os olhos, começando a abrir a bocca.

— Prompto? perguntou a menina deslumbrada.

— Inda não, respondeu dona Aranha. Faltam os pós de borboleta.

E ordenou ás suas seis filhinhas que trouxessem as caixas de pó de borboleta. Escolheu o mais conveniente, que era o famoso pó Furta-todas-as-côres, de tanto brilho que parecia pó de céu-sem-nuvens misturado com pó de sol-que-acaba-de-nascer. Polvilhada com elle a menina ficou tal qual um sonho dourado! Linda, tão linda, tão mais, mais, mais linda que o espelho foi arregalando ainda mais os olhos,

mais, mais, mais até que — “crak”!... rachou de alto abaixo em seis pedaços!

Em vez de ficar damnada com aquillo, como Narizinho suppoz, dona Aranha começou a dançar de alegria.

— Ora graças! exclamou num suspiro de allivio. Chegou afinal o dia da minha libertação. Quando nasci, uma fada rabugenta, que detestava minha pobre mãe, virou-me em aranha, condemnando-me a viver de costuras a vida inteira. No mesmo instante, porem, uma fada boa appareceu, dando-me esse espelho com estas palavras: “No dia em que fizeres o vestido mais lindo do mundo deixarás de ser aranha e serás o que quizeres”.

— Que bom! disse Narizinho. E no que vae a senhora virar?

— Não sei ainda. Tenho de consultar o principe.

— Sim, mas não vire em nada antes de fazer destes retalhos um vestido para a Emilia. A pobrezinha não pode comparecer ao baile assim em fraldas de camisa como está.

— Agora é tarde. O encantamento está quebrado e já não sou costureira. Mas minhas filhas poderão fazer o vestido da boneca. Não sahirá grande coisa, porque não teem a minha pratica, mas ha de servir. Onde está a senhora Emilia?

Narizinho não sabia. Desde que furtou os oculos da velha e sahiu correndo, ninguem mais viu a boneca.

Dona Aranha voltou-se para as seis aranhinhas.

— Minhas filhas, disse, o encantamento está quebrado e logo estarei virada no que quizer. Vou portanto abandonar esta vida de costureira, deixando a vocês o meu lugar. O encantamento continua em vocês. Cada uma tem de conservar um pedaço do espelho e passar a vida costurando até que consiga um vestido que o faça rachar de admiração, como succedeu ao espelho grande. Nesse dia o encantamento de vocês tambem estará quebrado.

Nisto o principe appareceu. Narizinho contou-lhe toda

a historia, inclusive a atrapalhação da aranha quanto á escolha do que havia de ser.

O principe observou que seu reino estava com falta de sereias, sendo muito do seu agrado que ella virasse sereia.

— Nunca! protestou Narizinho, que era de muito bons sentimentos. Sereias são creaturas malvadas, cujo maior prazer é afundar navios. Antes vire princeza.

Houve grande discussão, sem que nada fosse decidido. Por fim a aranha resolveu não virar em coisa nenhuma.

— Acho melhor ficar no que sou. Assim manca duma perna, se viro princeza ficarei sendo a Princeza Manca; se viro sereia, ficarei sendo a Sereia Manca — e todos caçoarão de mim. Alem disso, como já sou aranha ha mil annos, estou acostumadissima.

E continuou aranha.

VI — A FESTA E O MAJOR

Chegou a hora da festa. Dando a mão a Narizinho o principe dirigiu-se á sala de baile.

— Como é linda! exclamaram os fidalgos nella reunidos ao verem-na entrar. Com certeza é alguma filha unica da fada dos Sete Mares...

A salão parecia um céu bem aberto. Em vez de lampadas viam-se, pendurados do tecto, buquês de raios de sol colhidos pela manhã. Flores em quantidade, trazidas e arrumadas por beija-flores. Tantas perolas soltas no chão que até se tornava difficil andar. Não houve ostra que não trouxesse a sua, para pendural-a num galhinho de coral ou jogal-a por terra como se fosse cisco. E o que não era perola era flôr, e o que não era flôr era nacar, e o que não era nacar era rubi e esmeralda e ouro e diamante. Uma tontura!

O principe havia convidado só as creaturas pequeninas, visto como tambem era pequenino e muito delicado de corpo.

Se um hippopotamo ou baleia apparecesse seria o maior dos desastres.

Narizinho correu os olhos pela assistencia. Não podia haver nada mais curioso. Besourinhos de fraque e flôres na lapella conversavam com baratinhas de mantilha e myosotis nos cabellos. Abelhas douradas e verdes e azues falavam mal das vespas de cintura fina — achando que era exaggero usarem colletes tão apertados. Sardinhas aos centos criticavam os cuidados excessivos que as borboletas de toucados de gaze tinham para com o pó das asas. Mamangavas de ferrões amarrados para não morderem. E canarios cantando, e beija-flôres beijando flôres, e camarões camaronando, e caranguejos caranguejando, e tudo que é pequenino e não morde, pequeninando e não mordendo.

Narizinho e o principe dançaram a primeira contradança sob os olhares de admiração da assistencia. Pelas regras da côrte, quando o principe dançava todos tinham de manter-se de bocca aberta e olhos bem arregalados. Depois começou a grande quadrilha.

Foi o pedaço que Narizinho mais gostou. Quantas scenas engraçadas! Quantas tragedias! Um velho caranguejo que tirara uma gorda tatorana para valsar apertou-a tanto nos braços que a furou com o ferrão. A pobre dama deu um berro ao ver espirrar de si aquelle liquido verde que ellas tem dentro. Ao mesmo tempo que isso se dava, outro desastre acontecia com um besouro do Instituto Historico, que tropeçou numa perola, cahiu e desconjuntou-se todo.

O doutor Caramujo foi chamado ás pressas para tapar o esguicho da tatarona e concertar o besouro.

— Que bom cirurgião! exclamou Narizinho, vendo a pericia com que elle arrolhava a tatorana e concertava o besouro com tanta perfeição que só sobraram duas peças — uma perna e uma antenna. “E trabalha scientificamente”, reflectiu a menina, notando que antes de tratar do doente o doutor nunca deixava de fazer o “respectivo diagnostico”.

— Amanhã sem falta vou levar Emilia ao consultorio d'elle, disse ella ao principe.

— E por falar, onde anda a senhora Emilia? indagou este. Desde a briga com a dona Carochinha que não a vi mais.

— Nem eu. Acho bom que o senhor principe mande procural-a.

O peixinho gritou para o mordomo que achasse a boneca sem demora.

Emquanto isso o baile proseguia. Vieram as libellulas, que gosam a fama de serem as mais leves dançarinas do mundo. De facto! Dançam sem tocar os pézinhos no chão — voando o tempo inteiro. Estava a linda valsa das libellulas na metade quando o mordomo reapareceu, muito afflicto.

— Dona Emilia foi assaltada por algum bandido! foi dizendo. Está lá na gruta dos thesouros estendida no chão como morta.

De um salto Narizinho pulou do throno para correr em salvação da sua querida amiga. Encontrou-a cahida por terra, com o rosto arranhado, sem dar o menor accordo de si. O doutor Caramujo, chamado com urgencia, despertou-a logo com um bom beliscão, depois do indispensavel “diagnostico”.

— Quem será o monstro que fez isto para a coitada? exclamou a menina examinando-lhe a cara e vendo-a com um dos olhos de retroz arrancado. Não bastava ser muda, vae ficar cega tambem! Coitadinha da minha Emilia!...

— Impossivel descobrir o criminoso, declarou o principe. Não ha indicios. Só depois que o doutor Caramujo a curar da mudez poderemos saber de alguma coisa.

— Havemos de tratar disso amanhã bem cedo, concluiu Narizinho. Agora é muito tarde. Estou pendendo de somno...

E dando boas noites ao príncipe retirou-se com Emília para os seus aposentos.

Mas Narizinho não poudo dormir. Mal se deitou ouviu gemidos no jardim que havia ao lado. Levantou-se. Espiou da janella. Era o sapo que fôra vestido de velha coróca.

— Boa noite, Major Agarra! Que gemidos tão tristes são esses? Não está contente com a sua saíha nova?

— Não caçoe, menina, que o caso não é para caçoar, respondeu o pobre sapo com voz chorosa. O príncipe condemnou-me a engulir cem pedrinhas redondas. Já enguli noventa e nove. Não posso mais! Tenha dó de mim, gentil menina, e peça ao príncipe que me perdoe...

Tanta pena sentiu Narizinho que mesmo em camisola como estava foi correndo ao quarto do príncipe, batendo precipitada — “tóc, toc, toc”!...

— Quem é? indagou de dentro o peixinho, que estava a despir-se das suas escamas para dormir.

— E' Narizinho. Quero que perdoe o pobre coitado do Major Agarra.

— Perdoar do que? exclamou o príncipe, que tinha a memoria muito fraca.

— Pois não o condemnou a engulir cem pedrinhas redondas? Já enguliu noventa e nove e está engasgado com a ultima. Não entra. Não cabe! Está lá no jardim de barriga estufada, gemendo e chorando que não me deixa dormir.

O príncipe damnou.

— E' muito estúpido o Major! Eu disse aquillo de brincadeira, pois não viu? Diga-lhe que desengula as pedrinhas e não me amole.

Narizinho foi, pulando de contente, dar a boa noticia ao sapo.

— Está perdoado, Major! O príncipe manda ordem de desengulir as pedrinhas e voltar para o serviço.

Por maior esforço que fizesse o sapo não conseguiu desengulir uma só.

— Impossível! gemeu elle. O unico geito é o doutor Caramujo me abrir a barriga com a sua faquinha e tirar as pedras uma por uma com o ferrão de caranguejo que lhe serve de pinça.

— Nesse caso, muito boas noites, senhor sapo! Só amanhã poderemos tratar disso. Tenha paciencia e cuide de não morrer até lá.

O sapo agradeceu a boa acção da menina, promettendo que se pudesse fugir das garras do principe iria morar no sitio de dona Benta para guardar a horta das lesmas e lagartas.

Narizinho recolheu-se de novo e já ia pulando para a cama quando se lembrou do Pequeno Pollegar, que deixára escondido na concha.

— Ah, meu Deus! Que cabeça a minha! O coitadinho deve estar cansado de esperar por mim...

E foi correndo á gruta dos thesouros. Mas perdeu a viagem. Pollegar havia desaparecido, com a concha e tudo...

VII — A PILULA FALANTE

No outro dia levantou-se muito cedo para levar a boneca ao consultorio do doutor Caramujo. Encontrou-o com cara de quem havia comido cobra cascavel recheiada de escorpiões:

— Que ha, doutor?

— Ha que encontrei meu deposito de pilulas saqueado. Furtaram-m'as!...

— Que maçada! exclamou a menina aborrecidissima. Mas não pode fabricar outras? Se quizer, ajudo a enrolar.

— Impossível! Já morreu o besouro boticario que as fabricava, sem haver revelado o seu segredo a ninguem. A mim só me restava uma centena, das mil que comprei dos

herdeiros. O raio do ladrão só deixou uma — e impropria para o caso porque não é pilula falante.

— E agora?

— Agora só fazendo uma operação cirurgica. Abro a garganta della e ponho dentro uma falinha, respondeu o doutor pegando na sua faca de ponta para amolar.

Nesse momento ouviu-se grande barulheira no corredor.

— Que será? indagou a menina surpresa.

— E' o papagaio que vem vindo, declarou o doutor.

— Que papagaio, homem de Deus? Que vem fazer esse papagaio aqui?

Mestre Caramujo explicou que como não houvesse encontrado suas pilulas mandára pegar um papagaio muito falador que havia no reino. Ia matal-o para apanhar a falinha que necessitava para pôr dentro da boneca.

Narizinho, que não admittia que se matasse nem formiga, revoltou-se contra a barbaridade.

— Então não quero! Prefiro que Emilia fique muda toda a vida a sacrificar uma pobre ave que não tem culpa de coisa nenhuma.

Nem bem acabou de falar e os ajudantes do doutor, uns caranguejos muito antipathicos, surgiram á porta, arrastando um pobre papagaio de bico amarrado. Bem que resistia elle, mas os caranguejos podiam mais e era cada murro no pé do ouvido...

Furiosa com a estupidez, Narizinho avançou de sopapos e ponta-pés contra os brutos.

— Não quero! Não admitto que judiem delle! berrou vermelhinha de colera, desamarrando o bico do papagaio e jogando as cordas no nariz dos caranguejos.

O doutor Caramujo desapontou, porque sem pilulas nem papagaios era impossivel concertar a boneca. E deu ordem para que trouxessem o segundo paciente.

Dalli a pouco appareceu o sapo, de carrinho. Teve de vir sobre rodas, tal era o estufamento da sua barriga; parece

que as pedras haviam crescido de volume dentro. Como estivesse ainda vestido com a saia e touca da Emilia, Narizinho viu-se obrigada a tapar a bocca para não rir em momento tão improprio.

O grande cirurgião examinou a barriga empanturrada e “diagnosticou” em latim. Embora soubesse muito bem o que o sapo tinha, não podia dispensar o “diagnostico”, de medo de ficar desmoralizado. Depois abriu-lhe a barriga com a faca de ponta e tirou com a pinça de caranguejo a primeira pedra. Ao vel-a á luz do dia, sua cara abriu-se em risos caramujaes.

— Não é pedra, não! exclamou contentissimo. E’ uma das minhas queridas pilulas! Mas como iria ella parar na barriga deste cidadão?...

Enfiou de novo a pinça e tirou nova pedra. Era outra pilula! E assim até completar o numero de noventa e nove. Fôra o sapo o ladrão do maravilhoso remedio!...

A alegria do doutor foi immensa. Como não soubesse curar sem aquellas pilulas, andava receioso de ser posto no olho da rua.

— Podemos agora curar a senhora Emilia, declarou depois de costurar a barriga do sapo.

Veio a boneca. O doutor escolheu uma pilula falante e deu-lh’a a tomar.

— Engula duma vez! disse Narizinho, ensinando á Emilia como se engole pilula. E não faça tanta careta que arrebenta o outro olho.

Emilia enguliu a pilula muito bem engulida, começando a falar no mesmo instante. A primeira coisa que disse foi: “Estou com um horrivel gosto de sapo na bocca!” E falou, falou, falou mais de uma hora sem parar. Falou tanto que Narizinho, atordoada, pediu ao doutor que a fizesse desengulir aquella pilula e lhe désse outra mais fraca.

— Não é preciso, explicou elle. Ella que fale até cansar. Depois dumas tres horas de falação, sossega e fica como

toda a gente. Isso é fala recolhida que tem de ser botada para fóra.

E assim foi. Emilia falou tres horas sem tomar folego. Por fim calou-se.

— Ora graças! exclamou a menina. Podemos agora conversar como gente e saber quem foi o bandido que assaltou você na gruta. Conte tudo direitinho.

Emilia empertigou-se toda e começou a dizer na sua falinha fina de boneca de panno:

— Pois foi aquella diaba da dona Carocha. A coróca appareceu na gruta das cascas...

— Que cascas, Emilia? Você parece que ainda não está regulando...

— Cascas, sim, repetiu a boneca teimosamente. Dessas cascas de bichos molles que você tanto admira e chama conchas. A coróca appareceu e começou a procurar aquelle boneco...

— Que boneco, Emilia?

— O tal Pollegada que furava bolos e que você escondeu numa casca bem lá no fundo. Começou a procurar e foi sacudindo as cascas uma por uma para ver qual tinha boneco dentro. E tanto procurou que achou. E agarrou na casca e foi sahindo com ella debaixo do cobertor...

— Da mantilha, Emilia!

— Do COBERTOR.

— Mantilha, boba!

— COBERTOR. Foi sahindo com ella debaixo do COBERTOR e eu vi e pulei para cima della. Mas a coróca me unhou a cara e me bateu com a casca na cabeça, com tanta força que dormi. Só acordei quando o doutor Cara de Coruja...

— Doutor Caramujo, Emilia!

— Doutor CARA DE CORUJA. Só acordei quando o doutor CARA DE CORUJISSIMA me pregou um liscação.

— Beliscão, emendou Narizinho pela ultima vez, enfiando a boneca no bolso. Viu que a fala da Emilia ainda não estava bem ajustada, coisa que só o tempo poderia corrigir. Viu tambem que era de genio teimoso, e asneirenta por natureza, pensando a respeito de tudo de um modo especial todo seu.

— Melhor que seja assim, philosophou Narizinho. As idéas de vovó e tia Nastacia a respeito de tudo são tão sabidas que a gente já as adivinha antes que abram a bocca. Mas as da Emilia hão de ser sempre novidades.

E voltou para o palacio, onde a cõrte estava reunida para outra festa que o principe organizara. Mas assim que entrou na sala de baile rompeu um grande estrondõ lá fóra — o estrondo duma voz que dizia:

— Narizinho, vovó está chamando!...

Tamanho susto causou aquelle trovão entre os personagens do reino marinho que todos se sumiram, como por encanto. Sobreveio então uma ventania muito forte, que envolveu a menina e a boneca, arrastando-as do fundo do oceano para a beira do ribeirãozinho do pomar.

Estavam no sitio de dona Benta outra vez.

Narizinho correu para casa. Assim que a viu entrar, dona Benta disse:

— Uma grande novidade, Lucia. Você vae ter agora um bom companheiro aqui no sitio para brincar. Adivinhe quem é!

A menina lembrou-se logo do Major Agarra, que promettera vir morar com ella.

— Já sei! disse. E' o major Agarra-e-não-larga-mais. Elle bem me falou que vinha.

Dona Benta fez cara de espanto.

— Você está sonhando, menina. Não se trata de major nenhum.

— Se não é o sapo, então é o papagaio! disse Narizinho,

recordando-se que tambem o papagaio promettera vir visital-a.

— Qual sapo, nem papagaio, nem elephante, nem jacaré. Quem vem passar uns tempos comnosco é o Pedrinho, filho da minha filha Antonia.

A menina deu tres pinotes de alegria.

— E quando chega? indagou.

— Deve chegar amanhã de manhã. Aprompte-se. Arrume o quarto de hospedes e endireite essa boneca. Onde se viu uma menina do seu tamanho andar com uma boneca em fraldas de camisa e de um olho só?

— Culpa della, dona Benta! Narizinho tirou a minha saia e deu-a ao sapão rajado, disse Emilia falando pela primeira vez depois que chegara ao sitio.

Dona Benta levou tamanho susto que por um triz não cahiu da sua cadeirinha de pernas serradas. De olhos arregaladissimos, gritou para a cozinha:

— Corra, tia Nastacia! Venha ver este phenomeno...

A negra appareceu na sala, enxugando as mãos no avental.

— Que é, sinhá? perguntou.

— A boneca de Narizinho está falando!...

A boa negra deu uma risada gostosa, com a beiçaria inteira.

— Impossivel, sinhá! Isso é coisa que nunca se viu. Narizinho está mangando com mecê.

— Mangando o seu nariz! gritou Emilia furiosa. Falo, sim, e hei de falar. Eu não falava porque era muda, mas o doutor Cara de Coruja me deu uma bolinha de barriga de sapo e eu enguli e fiquei falando e hei de falar a vida inteira, sabe?

A negra abriu a maior bocca do mundo.

— E fala mesmo, sinhá!... exclamou no auge do assombro. Fala que nem uma gente! Crédo! Está tudo perdido...

E encostou-se na parede para não cahir.

O SÍTIO DO PICAPAU AMARELLO

I — AS JABOTICABAS

De volta do reino das Aguas Claras Narizinho começou todas as noites a sonhar com o príncipe Escamado, dona Aranha, o doutor Caramujo e mais figurões que lá conhecera. Ficou de geito que não podia ver o menor bichinho sem que se puzesse a imaginar a vida maravilhosa que teriam lá na terrinha delles. E quando não pensava nisso, pensava no Pequeno Pollegar e nos meios de o fazer fugir de novo da história onde vivia preso.

Era este o assumpto predilecto das conversas da menina com a boneca. Faziam planos de toda a sorte, cada qual mais maluco. Emilia, então, tinha idéas de verdadeira louca varrida.

— Vou lá, dizia ella, e agarro nas orelhas da dona Carocha e dou um pontapé naquelle nariz de papagaio e pégo o Pollegada pelas botas e venho correndo.

Narizinho ria-se, ria-se...

— Vae lá onde, Emilia?

— Lá onde móra a velha.

— E onde móra a velha?

A boneca não sabia, mas não se atrapalhava na resposta. Emilia nunca se atrapalhou nas suas respostas. Dizia as maiores asneiras do mundo, mas respondia.

— A velha móra com o Pequeno Pollegada.

— Pollegar, Emilia!

— POL-LE-GA-DA.

Era teimosa como ella só. Nunca disse doutor Caramujo. Era sempre doutor Cara de Coruja. E nunca quiz dizer Pollegar. Era sempre Pollegada.

— Muito bem, concordou a menina. A velha móra com Pollegar e Pollegar móra com a velha. Mas onde móram os dois?

— Moram juntos.

Narizinho ria-se, ria-se, dizendo: “Possa-se com uma diabinha destas”!

Dona Benta era outra que achava muita graça nas maluquices da boneca. Todas as noites punha-a ao collo para lhe contar historias. Porque não havia no mundo quem gostasse mais de historias do que a boneca. Vivia pedindo que lhe contassem a historia de tudo — do tapete, do relógio, do armario. Quando soube que Pedrinho, o outro neto de dona Benta, estava para vir passar uns tempos no sitio, pediu logo que lhe contassem a historia de Pedrinho.

— Pedrinho não tem historia, respondeu dona Benta rindo-se. E’ um menino de dez annos que nunca sahiu da casa de minha filha Antonica e portanto nada fez ainda e nada conhece do mundo. Como ha de ter historia?

— Essa é boa! replicou a boneca. Aquelle livro de capa vermelha da sua estante tambem nunca sahiu de casa e no entanto tem mais de dez historias dentro.

Dona Benta voltou-se para tia Nastacia.

— Esta Emilia diz tanta asneira que é quasi impossivel conversar com ella. Chega a atrapalhar a gente.

— E’ porque é de panno, sinhá, explicou a preta, e dum panninho muito ordinario. Se eu imaginasse que ella ia aprender a falar, eu a teria feito de seda ou pelo menos dum retalho daquelle seu vestido de ir á missa.

Dona Benta olhou para tia Nastacia dum certo modo, como que achando aquella explicação muito parecida com as da Emilia...

Nisto appareceu Narizinho, com uma carta para dona Benta vinda pelo correio.

— Letra da sua filha Antonica, vóvó, disse entregando-a. Com certeza é marcando o dia da vinda de Pedrinho.



*A negra trouxe-a para casa, pol-a no collo e disse: —
Socegue, boba...*

Dona Benta leu. Era isso mesmo. Pedrinho viria dali uma semana.

— Uma semana ainda? commentou Narizinho desanimada de tanta demora. Que pena! Tenho tanta coisa a contar a Pedrinho — coisas do reino das Aguas Claras...

Dona Benta fez cara de surpresa — Não sei que reino é esse. Você nunca me falou nelle.

— Não falei nem falo porque a senhora não acredita. Uma belleza de reino, vóvó! Um palacio de coral que parece um sonho! E o principe Escamado, e o doutor Caramujo, e dona Aranha com suas seis filhinhas, e o major Agarra, e o papagaio que salvei da morte — quanta coisa!... Até baleia vimos lá, uma baleia enorme, dando de mamar a tres baleinhas. Vi um milhão de coisas, mas não posso contar nada, nem para vóvó, nem para tia Nastacia, porque sei que não acreditam. Para Pedrinho, sim, posso contar tudo, tudo..."

Dona Benta, de facto, nunca dera credito ás historias maravilhosas de Narizinho. Dizia sempre: "Isso são sonhos de creança". Mas depois que a menina fez a boneca falar, ficou tão impressionada que disse para tia Nastacia: "Isto é um prodigio tão grande que estou quasi crendo que as outras coisas phantasticas que Narizinho nos contou não são simples sonhos, como sempre pensei."

— Eu tambem acho, sinhá. Essa menina é levada da bréca. E' bem capaz de ter encontrado por ahi alguma varinha de condão que alguma fada tenha perdido... Eu tambem não acreditava no que ella dizia, mas depois do caso da boneca fiquei até transtornada da cabeça. Pois onde é que já se viu uma coisa assim, uma boneca de panno, que eu mesma fiz com estas pobres mãos, e de um panninho tão ordinario, falando, sinhá, falando que nem uma gente!... Qual, ou nós estamos caducando ou o mundo está perdido...

E as duas velhas olhavam uma para a outra, sacudindo a cabeça.

Narizinho não gostava de esperar; ficou pois aborrecida de ter de esperar Pedrinho ainda uma semana. Felizmente era tempo de jaboticabas.

No sitio de dona Benta havia só um pé, mas enorme, que dava para todos se arregalarem até enjoar. Justamente naquella semana as jaboticabas tinham chegado "no ponto" e a menina não fazia outra coisa senão chupar jaboticabas. Volta e meia trepava á arvore, feito uma macaquinha. Escolhia as mais bonitas, punha-as entre os dentes e "tloc"! E depois do "tloc"! uma engulidinha do caldo e "pluf"! — caroço fóra. "E tloc! pluf! tloc! pluf!" lá passava o dia inteiro, quasi.

As jaboticabas tinham outros freguezes alem da menina. Um delles era um leitão muito caradura, que tinha o nome de Rabicó. Assim que via Narizinho trepar á arvore vinha correndo postar-se á espera de caroços e cascas. Cada vez que soava lá em cima um "tloc"! seguido de um "pluf"! ouvia-se cá embaixo um "nhoc"! do leitão abocanhando qualquer coisa. E a musica da jaboticabeira era assim: "tloc! pluf! nhoc! — tloc! pluf! nhoc!"

Sanhaços tambem, e abelhas, e vespas. Vespas em quantidade, sobretudo no fim, quando as jaboticabas ficavam que eram um mel, como dizia Narizinho. Escolhiam as melhores trutas, furavam-nas com o ferrão, enfiavam meio corpo dentro e deixavam-se ficar muito quietinhas, sugando, sugando até cahirem de bebedas.

— E não a mordiam?

— Não tinham tempo. O tempo era pouco para aproveitarem aquella gostosura que só durava uns quinze dias.

Não mordiam é um modo de dizer. Nunca tinham mordido, isso sim. Porque justamente naquella tarde uma mordeu. Estava Narizinho no seu galho, distrahida em pensar na surpresa que teria o principe Escamado se recebesse uma jaboticaba de presente, quando levou á bocca uma das taes furadinhas, com meia vespa mettida dentro. Dessa vez em

lugar do "tloc"! do costume o que soou foi um berro — "ai! ai! ai!"... que lá dentro da casa as duas velhas ouviram.

— Que será aquillo? exclamou dona Benta assustada.

— Aposto que é vespa, sinhá! disse tia Nastacia. Ella não sae da "fruteira" e, como nunca foi mordida, abusa. Eu vivo dizendo: "Cuidado com as vespas!" mas não adianta, Narizinho não faz caso. Agora está ahi...

E foi correndo ao pomar acudir a menina.

Encontrou-a já de volta, berrando com a lingua á mostra, porque fôra bem na ponta da lingua que a vespa a ferroteara. A negra trouxe-a para casa, pol-a no collo e disse:

— Socegue, boba, isso não é nada. Dóe mas passa. Ponha a lingua para eu arrancar o ferrão. Vespa quando morde deixa o ferrão no lugar da mordedura. Bem para fôra. Assim.

Narizinho espichou meio palmo de lingua e tia Nastacia, com muito custo, porque já tinha a vista fraca, ponde afinal descobrir o ferrãozinho e arrancal-o.

— Prompto! exclamou mostrando qualquer coisa na ponta duma pinça. Está aqui o malvado. Agora é ter paciencia e esperar que a dor passe. Se fosse mordida de cachorro bravo seria muito peor...

Narizinho curtiu a dor por alguns minutos, de lingua inchada e olhos vermelhos, soluçando de vez em vez. Depois que a dor passou foi contar á boneca toda a tragedia.

— Bem feito! disse Emilia. Se fosse eu, antes de comer olhava cada fruta, uma por uma, com o binoculo de dona Benta.

Apezar do acontecido Narizinho não ponde reprimir uma gargalhada, que tia Nastacia ouviu lá da cozinha. Narizinho já sarou, resmungou ella, e daqui a pouco está trepada na arvore outra vez.

E tinha razão. Indo dalli a pouco ao ribeirão com a trouxa de roupa, ao passar perto da jaboticabeira ouviu a

musica de sempre — “tloc! pluf! nhoc!”... Lá estava Narizinho trepada á arvore. Lá estavam as vespas com meio corpo mettido dentro das frutas. Lá estava Rabicó esperando a queda das cascas.

— Está tudo regulando! murmurou comsigo a preta, pondo o pito na bocca e seguindo seu caminho.

II — O ENTERRO DA VESPA

De noite, á hora de deitar-se, Narizinho viu que havia deixado a boneca debaixo da jaboticabeira.

— Coitada da Emilia! Deve estar morrendo de medo das corujas... e pediu á tia Nastacia que fosse buscal-a.

A negra foi e trouxe Emilia, toda humida de orvalho, damnadissima com o esquecimento da menina. Foi preciso que esta lhe promettesse um vestido novo para que desamar-rasse o burrinho. Um vestido de chita côr de rosa com pintinhas. E de saia bem comprida.

— Porque, Emilia? indagou a menina estranhando aquelle gosto.

— Porque sujei a perna aqui no joelho e não quero que appareça.

— O mais facil será lavar o joelho.

— Deus me livre! Tia Nastacia diz que sou de macella por dentro e por isso não posso me molhar. Embolóro. Um dia ainda posso virar condessa e não quero ser chamada a condessa do Bolor.

— Testo, panella, bolor, fedor! Tem razão, Emilia. O melhor é fazer um vestido de cauda. Para condessãs fica bem. Mas condessa de que você quer ser?

— Quero ser a condessa de Tres Estrellinhas! Acho lindo tudo que é de Tres Estrellinhas — a cidade de *** O anno de *** o duque de ***, como está naquelle romance que dona Benta vive lendo.

— Pois muito bem, Emilia. Desde este momento fica você nomeada condessa de Tres Estrellinhas e para não haver duvida vou pintar tres estrellinhas na sua testa. Todas as creaturas da terra vão torcer-se de inveja!...

— Todas, menos uma, observou a boneca.

— Quem?

— A vespa que mordeu sua lingua.

— Explique-se, Emilia. Não estou entendendo nada.

— Quero dizer que a tal vespa está morta e bem enterrada no fundo da terra, explicou a boneca. Assisti a tudo. Quando ella mordeu sua lingua e você fez “pluf!” antes de berrar “ai! ai! ai!”, a jaboticaba cuspidá, ainda com a vespa dentro, cahiu bem perto de mim. Vi então tudo o que se passou depois que você desceu da arvore berrando que nem um bezerro e lá se foi, sem se lembrar de mim.

E a boneca contou direitinho o triste fim da pobre vespa.

— Ella ficou ainda quasi uma hora mettida dentro da jaboticaba, toda arreventada, movendo ora uma perninha, ora outra. Afinal parou. Tinha morrido. Vieram as formigas cuidar do enterro. Olharam, olharam, estudaram o melhor meio de a tirar dalli. Chamaram outras e por fim deram começo ao serviço. Cada qual agarrou-a por uma perninha e, puxa que puxa, logo a arrancaram da jaboticaba. E foram-na arrastando por alli afóra até á cova, que é o buraquinho onde as formigas moram. Lá pararam á espera do fazedor de discursos.

— Orador, Emilia!

— FAZEDOR DE DISCURSOS. Veio elle, de discursinho debaixo do braço, escripto num papel e leu, leu, leu, que não acabava mais. As formigas ficaram aborrecidas com o besourinho (era um besourinho do Instituto Historico) e apitaram. Apareceu um louvadeus soldado, de pauzinho na mão. “Que ha?” perguntou. “Ha que estamos cançadas e com fome e este famoso orador não acaba nunca o seu discurso. Está muito pau,” disseram as formigas. “Pa-

ra pau, pau!” resolveu o soldado — e arrolhou o orador com o seu pauzinho.

As formigas, muito contentes, continuaram o serviço e levaram para o fundo da cova o cadaver da vespa. Em seguida appareceu uma com um letreiro assim, que fincou num montinho de terra:

*Aqui jaz
uma pobre vespa assassinada
na flôr dos annos
pela Menina do Nariz Arrebitado.
Orae por ella!*

Feito isso, recolheu-se. Era noite quasi fechada. No pomar deserto só ficou o besourinho, sempre engasgado com o pau. Queria á viva força continuar o discurso. Por fim conseguiu destapar-se e immediatamente continuou: “Neste momento solemne...” Nisto um sapo, que ia passando, allumiou o olho, dizendo: “Espere que eu te curo!...” Deu um pulo e “nhoc!”... “curou” o fazedor de discursos!

— Não reparou, Emilia, se esse sapo era o Major Agarra-e-não-larga-mais? perguntou a menina.

— Não era, não! respondeu a boneca. Era o Coronel Come-orador-com-discurso-e-tudo...

III — A PESCARIA

Afinal acabaram-se as jaboticabas. Somente nos galhos bem lá de cima é que ainda se via uma ou outra, todas furadinhas de vespa.

Rabicó — “ron, ron, ron” — volta e meia apparecia por alli, por força do habito. Ficava immovel, muito serio, esperando que cahissem cascas; mas como não cahisse coisa nenhuma, desistia e retirava-se, “ron, ron, ron”...

Narizinho tambem ainda apparecia de vez em quando,

de comprida vara na mão e nariz para o ar, na esperança de “pescar” alguma coisa.

— Arre, menina! gritou lá do rio tia Nastacia numa dessas vezes. Não chegou quasi um mez de “tloc, tloc?” Largue disso e venha me ajudar a estender esta roupa, que é o melhor.

Narizinho jogou a vara em cima do leitão, que fez “coin!” e foi correndo para o rio, com a Emilia de cabeça para baixo no bolso do avental.

Lá teve uma idéa: deixar a boneca pescando enquanto ella ajudava tia Nastacia.

— Tia Nastacia, faça um anzolzinho de alfinete para a Emilia. A coitada tem tanta vontade de pescar...

— Era só o que faltava! respondeu a negra tirando o pito da bocca.

— Faz? insistiu a menina. Alfinete, tenho aqui um. Linha, ha no alinhavo da minha saia. Vara não falta. Faz?

A negra não teve remedio.

— Como não hei de fazer, demoninho? Faço, sim... Mas se ficar atrazada no serviço, a culpa não é minha.

E fez. Dobrou o alfinete em fórma de gancho, amarrou-o na ponta duma linha de alinhavo e descobriu vara — uma varinha de dois palmos, imaginem! Narizinho completou a obra atando a vara no braço da boneca.

— E isca? indagou depois.

— Isca é o de menos. Qualquer gafanhoto serve.

Salta daqui, salta dalli, Narizinho conseguiu logo apanhar um grillo verde. Espetou-o no anzol. Depois arrumou a boneca á beira dagua, muito têsá, com uma pedra ao collo para não cahir.

— Agora, Emilia, bico calado! Nem um pio, senão espanta os peixes. Logo que um delles beliscar, “zuqt!”, dê um puxão na linha.

E deixando-a alli foi ter com a preta.

— Você me frita para o jantar o peixinho da Emilia?
Frita?

— Frito, sim! Frito até no dedo!...

— Não caçoe, tia Nastacia! Emilia é uma damnada!
Ninguem imagina do que essa sonsa é capaz!...

Palavras não eram ditas e — “tchibum!...” A pescadora de panno revirara para dentro dagua com pedra e tudo.

— Acuda, Nastacia! Emilia está se afogando!... gritou a menina afflicta.

De facto. Um peixe engulira a isca, e, luctando por safar-se do anzol, arrastara com a pescadora para o meio do rio.

Tia Nastacia arranjou uma vara de gancho e com muito geito foi puxando para a beira do correjo a infeliz pescadora, até ponto em que a menina a pudesse agarrar.

Assim aconteceu — e qual não foi o assombro de Narizinho vendo sahir dagua, preso ao anzol de Emilia, uma trahirinha que rabeava como louca?

A negra pendurou o beicho.

— Crédo! Até parece feitiçaria! resmungou.

Muito contente da aventura, Narizinho disparou para casa com o peixe na mão.

— Vóvó, gritou ella ao entrar, adivinhe quem pescou esta trahirinha, se é capaz!...

Dona Benta olhou e disse:

— Ora, quem mais! Você, minha filha.

— Errou!

— Tia Nastacia, então.

— Qual Nastacia, nada!...

— Então foi o sacy, caçoou dona Benta.

— Vóvó não adivinha! Pois foi a Emilia...

— Está bobeando sua avó, minha filha?

— Juro! Palavra de Deus que foi a Emilia! Pergunte á tia Nastacia, se quizer.

A preta vinha entrando nesse momento com a trouxa de roupa á cabeça.

— Não foi mesmo, tia Nastacia? Não foi a Emilia quem pescou a trahirinha?

— Foi sim, sinhá! respondeu a preta dirigindo-se para dona Benta. Foi a boneca. Sinhá não imagina que menina reinadeira é essa! Arranjou geito de botar a boneca pescando na beira do rio e o caso é que peixe está ahi...

Dona Benta abriu a bocca.

— Bem diz o dictado, quanto mais se vive mais se aprende. Estou com mais de sessenta annos e todos os dias aprendo coisas novas com esta minha neta do chifre furado...

— Creança de hoje, sinhá, já nasce sabendo. No meu tempo, menina assim desse porte andava no braço da ama, de chupeta na bocca. Hoje?... Crédo! Nem é bom falar!...

E com a menina dançando á sua frente foi para a cozinha fritar a trahira.

IV — AS FORMIGAS RUIVAS

Só depois de comer a trahira frita é que Narizinho se lembrou da pobre boneca encharcada pelo banho no rio.

— A coitada!... E' bem capaz de apanhar pneumonia...

E foi correndo cuidar della. Despiu-a e pol-a num lugar de bastante sol. Dum lado estendeu suas roupinhas molhadas e de outro, a pobre Emilia, núa em pello. E já ia retirar-se quando a boneca fez cara de choro.

— Eu aqui não fico sozinha!...

— Porque, sua enjoada? Tem medo que o leitão venha espiar esses cambitos magros?

— Espiar não é nada, mas elle é capaz de me comer. Tia Nastacia diz que Rabicó devora tudo que encontra.

— Nesse caso penduro você na arvore.

— Isso tambem não, protestou Emilia. Alguma vespa pode me ferrar.

— Boba! Não sabe que vespa não ferra panno?

— Mas se eu cahir com o vento?

— Grande coisa! Boneca de panno quando cae não se machuca. Eu é que não posso ficar neste sol tyranno á espera que a excellentissima senhora condessa de Tres Estrelinhas séque! Quem mandou molhar-se?

— Mal agradecida! Se não fosse a minha molhadela você não comia a trahira.

— Está pensando que era uma grande coisa a tal trahira? Só espinho...

— E', mas você a comeu com espinho e tudo — e até lambeu os beiços.

— Labios, aliás. Beiço é de boi. Comi porque quiz, sabe? Não tenho que dar satisfacções, "han!" e Narizinho poz-lhe a lingua.

Emburraram ambas. Narizinho, porem, ficou, porque lá no intimo estava com receio de deixar a boneca sozinha.

Fazia um sol quente e parado. Nas arvores, um ou outro tico-tico só; e no chão, só formiguinhas ruivas. Para matar o tempo a menina poz-se a observar o corre-corre dellas, esquecendo a briga com a boneca.

— Já reparou, Emilia, como as formigas conversam? Que pena a gente não entender o que dizem!...

— A gente é modo de dizer, replicou Emilia, porque eu entendo muito bem o que ellas dizem.

— Sério, Emilia?

— Sério, sim, Narizinho. Entendo muito bem e se você ficar aqui commigo, contarei todas as historinhas que ellas conversam. Repare. Vem aquella de lá e esta de cá. Assim que se encontrem, vão parar e conversar.

Dito e feito. As formiguinhas encontraram-se, pararam e começaram a trocar signaes de entendimento.

— Fiquei na mesma! disse a menina.

— Pois eu entendi tudo, declarou a boneca. A que veio de lá disse: “Encontrou o cadaver do grillinho verde?” A que veio de cá respondeu: “Não!” A de lá: “Pois volte e procure perto da pedra onde móra o besouro manco.” Esta formiga que dá ordens deve ser alguma dona-de-casa do formigueiro. Repare seus modos de mandona, e como está sempre a entrar e sahir do buraquinho, como quem dirige um serviço. A outra deve ser simples carregadeira.

Havia de ser isso mesmo, porque logo depois chegou uma terceira, muito apressada, que cochichou com ella e lá se foi, mais apressada ainda.

— Que é que disse esta? perguntou Narizinho.

— Disse que haviam descoberto uma bella minhoca perto da porteira mas que precisavam de ajutorio para conduzi-la.

— Emilia, você está me bobeando! exclamou a menina desconfiada. Vou ver, e se não for verdade você me paga. Espere ahi...

E disparou em direcção da porteira. Procura que procura, logo achou, perto dum tijuco molle, uma pobre minhoca corcoveando com varias formiguinhas ferradas no seu lombo.

Teve vontade de libertar a prisioneira, mas a curiosidade de ver o que aconteceria foi maior — e deixou a triste minhoca entregue ao seu tragico destino.

Novas formiguinhas foram chegando, que de um bóte — “záz!”... ferravam a minhoca sem dó. Não demorou muito e já eram mais de vinte. A minhoca bem que espino-teou; por fim, exausta, foi molleando o corpo até que morreu, bem morrida. As formiguinhas então principiaram a arrastal-a para o formigueiro.

Que custo! A minhoca era das mais gordas, pesando umas sete arrobas — arrobinhas de formiga, e alem disso ia engançando pelo caminho em quanto pedregulho ou ca-

pim havia; mas as carregadeiras davam voltas a todos os embaraços e lá iam.

Depois de meia hora de trabalhadeira deram com a minhoca no formigueiro. Ahi, nova atrapalhação. Por mais que experimentassem, não houve geito de recolhel-a inteira. Nisto appareceu a formiga mandona. Examinou o caso e deu ordem para que a picassem em varios roletes.

Aquillo foi “zaz-traz!” Em tres tempos fez-se o serviço e os roletes de carne foram levados para dentro.

— Sim, senhora! exclamou a menina depois de terminada a festa. E’ o que se pode chamar um trabalho limpo! O demo queira ser minhoca neste pomar...

— Bem feito! disse Emilia. Quem a mandou ser abelhuda? Se estivesse com as outras lá dentro da terra, que é o lugar das minhocas, nada lhe aconteceria. Macaco que muito mexe quer chumbo, como diz tia Nastacia.

Isso, de dia. De noite a historia das formigas continuou. Narizinho e Emilia dormiam juntas na mesma cama. A rede armada entre pés de cadeira fôra abandonada desde que a boneca aprendeu a falar. Dormiam juntas para conversarem até que o somno viesse.

— Mas, Emilia, como é que você entende a linguagem das formigas? perguntou Narizinho logo que se deitou.

A boneca reflectiu um bocado e respondeu:

— Entendo porque sou de panno.

Narizinho deu uma gargalhada.

— Isso não é resposta duma senhora intelligente. O meu vestido tambem é de panno e não enttende coisa nenhuma.

A boneca pensou outra vez.

— Então é porque sou de macella, disse.

Nova risada de Narizinho.

— Tambem não é resposta. Este travesseiro é de macella e entende as formigas tanto como eu.

— Então... então... engasgou Emilia, com o dedinho na testa. Então não sei.

Era a primeira vez que Emilia se embaraçava numa resposta, primeira e ultima. Nunca mais houve pergunta que a atrapalhasse.

— Pois se não sabe, durma, disse a menina, virando-se para a parede.

Dormiram ambas.

Altas horas, estavam no mais gostoso do somno quando bateram — “tóc, toc, toc...”

— Quem é? perguntou Narizinho sentando-se na cama.

— Sou eu, Rabicó! grunhiu o leitão entreabrindo a porta com o focinho. Está aqui uma senhora ruiva que quer entrar.

— Pois que entre! ordenou a menina.

Rabicó escancarou a porta, dando passagem a uma formiga ruiva, de saiote vermelho e avental de renda. Trazia na cabeça uma salva de prata, coberta com guardanapo de papel.

— Que é que deseja? indagou a menina cheia de curiosidade.

— Desejo entregar á senhora condessa este presente que lhe manda a rainha das formigas.

— Condessa? repetiu Narizinho franzindo a testa. Que condessa, senhora?

— Condessa de Tres Estrellinhas, explicou a formiga.

—Hum! fez a menina, que não se lembrava mais de que ella mesma havia condessado a boneca.

Voltando-se para Emilia, deu-lhe tres cotoveladas, não podendo occultar o despeito por ter sido a boneca e não ella a presenteada pela rainha.

— Acorde, pedra! E' com “vossa excellencia” o negocio.

Emilia sentou-se na cama. Espreguiçou-se, tonta de

somno. E julgando que ainda estavam a conversar sobre o assumpto da linguagem das formigas, disse, bocejando:

— Então é... é porque sou...

— Não se trata mais disso, idiota! Está ahí á sua procura a creada duma tal rainha sua amiga. Vamos! Acorde duma vez!

Só então Emilia acordou de verdade. Viu a formiga com a salva e espichou os braços para receber o presente. Eram croquetes, lindos croquetes, tostadinhos e cheirosos.

A boneca sorriu de gosto e orgulho. A rainha só se lembrára della!

— Diga a Sua Magestade que a condessa de Tres Estrellinhas muito agradece o presente. Que os croquetes estão lindos e que ella é uma grande cozinheira.

Narizinho disparou a rir gostosamente.

— Que idéa, condessa! Uma rainha lá pode ser cozinheira?

Cahindo em si Emilia viu que tinha commettido uma coisa muito grave entre as pessoas de alta sociedade, chamada "gafe". E procurou corrigir-se.

— Isto é... diga que a cozinheira della é muito boa, entendeu? E diga ainda que os croquetes estão muito gostosos, isto é... devem estar muito gostosos. Pode ir.

A creada fez um cumprimento de cabeça para sahir, mas foi detida por um gesto da menina.

— Não vá ainda, disse ella. E voltando-se para a Emilia: Presente, senhora condessa, paga-se com presente. Mande-lhe uma perninha daquelle pernilongo que queimei com a vela antes de deitar.

— E' verdade! exclamou a boneca. Não me custa nada e a rainha vae ficar contentissima. E poz-se de gatinhas a procurar o pernilongo assado. Achou-o, tirou-lhe uma perninha, enfeitou-a com um laço de fita e, depois de embrulhal-a em papel de seda, collocou-a na salva, com um cartão que dizia assim:

*A' Sua Majestade, a Rainha da Cintura Fina,
offerece a humilde creada
Condessa de ****

— Leve este presunto á rainha, disse. E você, para distrahir-se pelo caminho, vá comendo este mocotó de pernilongo, concluiu dando á creada um cambito do insecto.

A mensageira agradeceu, retirando-se muito satisfeita da vida, com a salva á cabeça e o mocotó no ferrão.

Emilia fechou a porta e veio examinar os croquetes. Cheirou-os.

— Hum! Estão de encher a bocca de agua! Quer provar um, Narizinho?

A menina torceu o nariz desdenhosamente.

— Deus me livre! Juro que isso é croquete de minhoca.

Percebendo que falava assim por despeito, a boneca disse, para moel-a:

— Quem desdenha quer comprar...

— Só? Engraçadinha!... replicou a menina de nariz torcido e com ar de pouco caso. E vendo a boneca comer um dos croquetes, com os maiores exaggeros do mundo, como se aquillo fosse manjar do céu, fez muxoxo de nojo.

— Está boa mesmo para casar com Rabicó! Comer croquete de minhoca.

— Que seja de minhoca, que tem isso? retrucou Emilia. Tanto faz carne de minhoca como de porco ou vacca ou frango — tudo é carne. E muito me admira que uma senhora que comeu hontem no jantar tripa de porco, mostre essa cara de nojo por causa dum simples croquete de minhoca.

— Alto lá, senhora condessa Minhoqueira! Porco é porco e minhoca é minhoca.

— E' "porisso mesmo" que cômô minhoca e não cômô porco! replicou a boneca victoriosa.

A discussão foi por ahi alem. Entrementes o senhor Rabicó farejou os croquetes, veio chegando de mansinho e, vendo-as distrahidas com a disputa, comeu-os todos de uma

engulida. Terminada a discussão, quando a boneca para fazer figa á menina espichou o braço a fim de pegar um segundo croquete...

— Que é dos croquetes? gritou ella.

Nem signal! Emilia esperneou de raiva, ao passo que Narizinho batia palmas de contentamento.

— Bem feito! Estava muito ganjenta? Pois tome!

— Quero os meus croquetes! Quero os meus croquetes! berrava Emilia batendo o pé num grande desespero.

— Se quer os seus croquetes, peça contas a quem os tirou.

— Quem foi?

— Quem mais senão Rabicó? Vae ver que está aqui no quarto escondido debaixo da cama.

Emilia deu busca e logo percebeu o ladrão num canto, resomnando de papo cheio.

— Espere que te curo! gritou, passando a mão na vassoura. E, “pá! pá! pá!”... desceu a lenha no lombo do gatuno que não foi brinquedo, emquanto Narizinho reboitava-se na cama de tanto rir, pensando comsigo: “Se antes de casar é assim, imagine-se depois!”

Isso porque andava alimentando a idéa de casar Emilia com Rabicó.

V — PEDRINHO

Chegou afinal o grande dia. Na vespera viera uma carta de Pedrinho para dona Benta, que começava assim: “Sigo para ahi no dia 6. Mande á estação o cavallinho pangaré e não se esqueça do chicotinho de cabo de prata que o anno passado deixei pendurado atraz da porta do quarto de hospedes (Narizinho sabe). Quero que Narizinho me espere na porteira do pasto, com a Emilia no seu vestido novo e Rabicó de laço de fita na cauda. E tia Nastacia que aprom-

pte um daquelles cafés com bolinhos de frigideira que só ella sabe fazer.”

Em vista disso Narizinho levantou-se muito cedo para preparar a recepção de accordo com as instrucções da carta. Vestiu Emilia no seu vestido novo de chita côr de rosa com pintinhas e enfeitou Rabicó de duas fitas — uma ao pescoço e outra na pontinha da cauda.

“Pac, pac, pac...” Pedrinho appareceu na porteira, trotando no pangaré, corado do sol e alegre como um passarinho.

— Viva! gritou a menina, correndo a lhe segurar a redea. Apeie depressa, senhor doutor, que temos mil coisas a conversar!

Pedrinho apeou-se, abraçou-a e não resistiu á tentação de alli mesmo abrir o pacote dos presentes para tirar o della.

— Adivinhe o que trouxe para você! disse escondendo atraz das costas um embrulho volumoso.

— Já sei, respondeu a menina incontinenti. Uma boneca que chora e abre e fecha os olhos.

Pedrinho ficou desapontado, porque era justamente isso que havia trazido.

— Como adivinhou, Narizinho?

A menina deu uma risada gostosa.

— Grande coisa! Adivinhei porque conheço você. Fique sabendo, seu bobo, que as meninas são muito mais espartas que os meninos...

— Mas não teem mais muque! replicou elle com orgulho, fazendo-a apalpar a dureza do seu biceps que a gymnastica escolar havia desenvolvido. E concluiu: Com este muque e a esperteza de você, Narizinho, quero ver quem é que pode com a nossa vida!

Os presentes dos demais foram tambem distribuidos alli mesmo. Rabicó teve uma fita nova, de seda — e os restos do farnel que Pedrinho trouxera (e foi só isso que elle apreciou). Emilia recebeu um serviço de cozinha completo —

fogãozinho de lata, panellas, caldeirão e até rolo de folhear massa de pastel.

— E para vóvó, que é que trouxe? perguntou Narizinho.

— Adivinhe, já que é tão adivinhadeira, disse elle.

— Eu só adivinho quando é você mesmo quem escolhe os presentes. Mas o presente de vóvó aposto que não foi você quem escolheu — foi tia Antonica...

Pela segunda vez Pedrinho abriu a bocca. Aquella prima, apezar de viver na roça, estava-se tornando mais esperta que todas as meninas da cidade.

— Tem razão. E' isso mesmo. O presente de vóvó quem o escolheu e comprou foi mamãe. Você precisa me ensinar o segredo de adivinhar as coisas, Narizinho...

Nesse momento dona Benta appareceu na varanda e Pedrinho correu a abraçal-a.

Dalli a pouco estavam todos reunidos na sala de jantar, ouvindo noticias e historias da cidade. Tia Nastacia trouxe da cozinha a gamela de massa, para não perder uma só palavra e ao mesmo tempo enrolar os bolinhos. Subito uma brisa soprou mais forte e um ringido se fez ouvir — “nhen, nhin”...

Pedrinho interrompeu a conversa, de ouvido attento.

— O mastro de S. João!... murmurou enlevado. Quantas vezes no collegio me illudi com os ringidos das portas, imaginando que era a bandeira do nosso querido mastro!... Como vae elle?

— Já desbotado pelas chuvas e com um rasgão na bandeira, bem em cima da cabeça do carneirinho, respondeu a menina.

O dia de S. João era o grande dia de festa no sitio do Picapau Amarello. Reuniam-se alli todas as creanças dos arredores para soltar bombinhas e pistolões e dançar em torno á fogueira, que nunca deixava de se accender no ter-

reiro. Pedrinho jamais faltou a essa festa annual, como jamais deixou de queimar o dedo. Um anno em que isso não aconteceu ficou muito admirado.

Nos ultimos tempos era Pedrinho quem pintava o mastro, caprichando em formar arabescos de todas as côres, cada anno dum estylo differente. Tambem era elle quem fornecia a bandeira com o retrato de S. João menino, de cruz ao hombro e cordeiro no braço. Trazia-a da cidade, depois de percorrer todas as casas de negocio afim de comprar a mais bonita.

— Está bem, disse dona Benta depois que soube das principaes novidades. Pode ir brincar com Narizinho, que tem um mundo de coisas a contar.

Os dois primos dirigiram-se ao pomar aos pinotes. Era lá, debaixo das velhas arvores, que trocavam confidencias e planejavam as grandes aventuras pelo mundo das maravilhas.

O assumpto do dia foi o extraordinario caso da boneca.

— Parece incrivel! dizia Pedrinho. Quando recebi sua carta contando que Emilia falava, não quiz acreditar. Mas hoje vejo que fala e fala muito bem. E' espantoso!

— No começo, explicou Narizinho, falava muito atrapalhado e sem proposito. Agora já está melhor, mas mesmo assim, quando dá para falar asneiras ou teimar, ninguem póde com a vidinha della. Sabe que já é condessa?

— Sim? Condessa de que?

— De Tres Estrellinhas, nome que ella mesma escolheu. Mas estou com vontade de mudar. Condessa é pouco. Emilia merece ser Marqueza.

— Marqueza de Santos?

— Não. Marqueza de Rabicó.

— E' verdade!... Podemos fazer Rabicó marquez e casar Emilia com elle!

— Isso mesmo. Tenho pensado muito nesse arranjo e até já o propuz á Emilia.

— E ella acceitou?

— Emilia é muito vaidosa e cheia de si. Mas eu sei lidar com ella. Quando chegar a occasião darei um geito.

Terminado o assumpto Emilia, começou o assumpto reino das Aguas Claras. Narizinho contou a série inteira daquellas maravilhosas aventuras, despertando em Pedrinho um desejo louco de tambem conhecer o principe-rei. De nada se admirou, conforme o seu costume. Tanto elle como Narizinho achavam tudo tão natural! Só estranhou que Pollegar tivesse fugido da sua historinha.

— Isso, sim, não deixa de me intrigar, disse elle. Se Pollegar fugiu é que a historia está embolorada. Se a historia está embolorada, temos de botal-a fóra e compor outra. Ha muito tempo que ando com esta idéa — fazer todos os personagens fugirem das historias para virem aqui combinar comnosco outras aventuras. Que lindo, não?

— Nem fale, Pedrinho! exclamou a menina pensativa. O que eu não daria para brincar neste sitio com a menina da Capinha Vermelha ou Branca de Neve...

— Eu só queria pilhar cá o Adadino da lampada maravilhosa, para tirar a prosa delle! ajuntou Pedrinho que voltára da cidade com fumaças de valentia.

— E eu só queria Capinha. Tenho tanta sympathia por essa menina... Aquelles bolos que costumava levar para a vóvó que o lobo comeu — que vontade de comer um daquelles bolos...

Uma voz conhecida veio interrompel-os:

— Narizinho! Pedrinho! O café está na mesa.

— Duvido que fossem melhores que os que tia Nastacia faz! disse o menino erguendo-se.

E dispararam os dois para casa.

VI — A VIAGEM

Deitaram-se bem tarde naquella noite. Tanta coisa tinha o menino a contar, coisas da casa de dona Antonica e da escola, que somente ás onze foram para a cama. Que somno regalado! Isto é, regalado até uma certa hora. Dahi por deante houve coisa grossa!

Narizinho estava justamente no meio dum sonho lindo quando despertou de sobresalto com umas pancadinhas de chicote na vidraça — “pen, pen, pen...” E logo em seguida ouviu a voz do marquez de Rabicó, que dizia:

— O sol não tarda, Narizinho. Pule da cama que são horas de partir.

Chegando á janella viu o marquez montado num cavallinho de pau, á sua espera.

— E a condessa, já está prompta? perguntou a menina.

— A senhora condessa já está lá embaixo, corcoveando no cavallo pampa.

— Pois então que me sellem o pangaré. Em tres tempos me visto.

Emquanto por ordem do marquez sellavam o cavallinho pangaré, a menina punha o seu vestido vermelho de bolso. Precisava de bolso para levar os bolinhos de tia Nastacia sobrados da vespera, e tambem trazer coisas do reino das Abelhas.

Porque era para o reino das Abelhas que iam, a convite da rainha. Reino das Abelhas ou das Vespas? Não havia certeza ainda. Na vespera chegara um maribondo mensageiro com um convite assim:

*Sua Majestade a Rainha das... dá a honra de convidar
a vocês para uma visita hoje
ao seu reino.*

Como o papelzinho estivesse rasgado num ponto, havia

duvida se o convite era da rainha das Vespas ou da rainha das Abelhas.

Narizinho respondeu ao convite por meio dum borboletogramma. Não sabem o que é? Invenção da Emilia. Como não houvesse telegrapho para lá, a boneca teve a idéa de mandar a resposta escripta nas asas duma borboleta. Agarrou uma borboleta azul e rabiscou na asa, com um espinho, o seguinte:

“Narizinho, a Condessa e o Marquez agradecem a honra do convite e promettem não faltar.”

— Porque não incluiu o nome de Pedrinho, Emilia? perguntou a menina.

— Porque elle não é nobre — nem barão ainda é!...

Prompto que foi o borboletogramma, surgiu uma difficuldade. A quem endereçal-o? A' rainha das Vespas ou á das Abelhas?

— Já resolvo o caso, disse Emilia, e soltou a borboleta com estas palavras: “Vá direitinho, hein? Nada de se distrahir com flores pelo caminho.”

— Ir para onde? perguntou a borboleta.

— Para a casa do seu sogro, ouviu? Malcreada! Atrever-se a fazer perguntas a uma condessa!...

— Mas... ia dizendo humildemente a borboleta. Emilia, porem, interrompeu-a com um berro.

— Ponha-se daqui para fóra! Não admitto observações. Conheça o seu lugar, ouviu?

A borboleta lá se foi, amêdrontada e desapontadissima.

— Você parece louca, Emilia! observou Narizinho. Como ha de ella saber o endereço se você não deu endereço algum?

— Sabe sim! retorquiou a boneca. São umas sabidissimas as senhoras borboletas. Se sabem fabricar pó azul para as asas, que é coisa difficilima, como não hão de saber o endereço dum borboletogramma?

Narizinho fez cara de quem diz: “Ninguem pode en-

tender como funciona a cabeça da Emilia! Ora raciocina muito bem, tal qual gente. Outras vezes, é assim — tão torto que deixa uma pessoa atrapalhada...”

O cavallo pangaré veio, a menina montou e lá partiram todos pela estrada afóra — “pác, pác, pác...” Em certo ponto Narzinho disse á boneca:

— Vamos apostar corrida?

Emilia acceitou, muito assanhada.

— Pois toque, então!

Emilia — “lept, lept!” chicoteou o cavallinho pampa, disparando numa galopada louca. Narzinho, porém, não se moveu do lugar. O que queria era ficar só com o marquez de Rabicó para uma conversa reservada — o casamento d'elle com a condessa.

— Mas afinal de contas, marquez, quer ou não quer casar-se com a condessa?

— Já declarei que sim, isto é, que casarei, se o dote for bom. Se me derem, por exemplo, dois cargueiros de milho, casarei com quem quizerem — com a cadeira, com o pote dagua, com a vassoura. Nunca fui exigente em materia matrimonial.

— Guloso! Pois olhe que vae fazer um casamento! Emilia é feia, não négo, mas muito boa dona de casa. Sabe fazer tudo, até fios de ovos, que é o doce mais difficil. Pena ser tão fraquinha!...

— Fraca? exclamou o marquez admirado. Não me parece. Tão gordinha que está...

— Engano seu. Emilia, desde que cahiu nagua e quasi se afogou, parece ter ficado desarranjada do figado. E aquella gordura não é banha, não, é macella! Emilia o que está é estufada. Inda a semana passada tia Nastacia a recheiou de mais macella.

O marquez pensou lá comsigo: “Que pena não a ter recheiado de fubá!” mas não teve coragem de o dizer em voz alta, limitando-se a exclamar:

— Pois pensei que fosse toucinho e do bom!...

— Que esperança! Toucinho do bom está aqui, disse a menina apalpando-lhe o lombo. Dos taes que dão um torresminho delicioso! e lambeu os beiços, com agua na bocca. Felizmente o dia de Anno Bom está proximo!...

Natal era dia de leitão assado no sitio, mas Rabicó não sabia disso.

— Dia de Anno Bom? repetiu elle sem nada comprehender. Que tem o Natal com o meu toucinho?

— Nada! E' cá uma coisa que sei e não é da sua conta, respondeu a menina piscando o olho.

E assim nessa prosa alcançaram a condessa, que estava damnada com o logro.

— Não achei graça nenhuma! foi dizendo logo que a menina chegou. Nem parece coisa duma princeza (Emilia a tratava de princeza só nas brigas).

— Pois eu, Emilia, estou achando uma graça extraordinaria na sua zanguinha! Sua cara está que é ver aquelle bule velho de chá, com esse bico...

Mais zangada ainda, Emilia mostrou-lhe a lingua e dando uma chicotada no cavallinho tocou para a frente, resmungando alto:

— Princeza!... Princeza que ainda toma palmadas de dona Benta e leva pitos da negra beiçuda! E tira ouro do nariz... Antipathia!...

Calumnias puras. Narizinho nem tomava palmadas, nem levava pitos, nem tirava ouro. Emilia, sim!...

VII — O ASSALTO

Nisto o matto farfalhou á beira do caminho. Os cavallinhos se assustaram, empinando.

— A quadrilha Chupa-Ovo! gritou Emilia aterrorizada, erguendo os braços como no cinema. Narizinho tambem empallideceu, procurando instinctivamente agarrar-se ao

Marquez de Rabicó. Mas o marquez já havia pulado em terra e sumido...

— A bolsa ou a vida! intimou o chefe da quadrilha apontando o trabuco.

Narizinho, a tremer, olhou para elle e franziu a testa. “Eu conheço esta cara!” pensou consigo. “E’ Tom Mix, o grande heroe do cinema!... Mas quem havia de dizer que esse famoso cowboy, tão sympathico, havia de acabar assim, feito chefe duma quadrilha de lagartos?...”

— A bolsa ou a vida! repetiu Tom Mix carrancudo.

— Bolsa não temos, senhor Tom Mix, disse a menina, mas tenho aqui uns bolinhos muito gostosos. Aceita um?

O bandido tomou um bolo e provou.

— Não gosto de bolo amanhecido! respondeu cuspiendo de lado. Quero ouro de verdade!

Assim que elle falou em ouro, Narizinho teve uma idéa de genio.

— Perfeitamente, senhor Tom Mix. Vou dar um montinho de ouro puro, do bem amarello. Mas ha-de prometter-me uma porção de coisas...

— Prometto tudo quanto quizer, retrucou o bandido já mais amavel com a idéa do montinho de ouro.

— Então passe para cá o seu alforge e mais uma tesourinha.

Sem nada comprehender daquillo, Tom Mix foi dando o que ella pedia. Narizinho, então, chamou Emilia de parte e cochichou-lhe ao ouvido qualquer coisa. A boneca não gostou, pois bateu o pé, exclamando:

— Nunca! Antes morrer!...

Tanto Narizinho insistiu, porém, que Emilia acabou cedendo, entre soluços e suspiros de desespero. Depois, erguendo a saia até os joelhos, espichou uma das pernas sobre o collo da menina. Esta, muito séria, como quem faz opera-

ção cirurgica da mais alta importancia, desfez-lhe a costura da barriga da perna e despejou toda a macella do recheio no alforge de Tom Mix. Em seguida ergueu-se e disse-lhe:

— Aqui tem o seu alforge cheio de ouro-macella!

— Muito bem! respondeu o bandido com os olhos a faiscarem de cubiça. A menina está agora livre e tem em mim d'ora em diante o mais dedicado servidor. Nos momentos de perigo basta gritar: Mix, Mix, Mix! que apparecerei incontinenti para salva-la.

Cumprimentou-a com o chapelão de abas largas e retirou-se, seguido dos seus lagartos.

Ao vel-os sumirem-se ao longe Narizinho creou alma nova.

— Uff! exclamou. Escapamos de boa! Continuemos a nossa viagem, Emilia, disse, tratando de montar novamente. Um, dois, tres — “upa”! Montou. Emilia tambem — um, dois, tres... e nada! Não conseguiu montar.

— Ai! gemeu ella sacudindo a perninha saqueada. Não posso andar, nem montar com esta perna vasia!...

Apezar do triste da situação Narizinho expremeu uma risadinha.

— Malvada! exclamou Emilia chorosa. Salvo você da morte á custa da minha pobre perna e em paga ri-se de mim...

— Perdoe, Emilia! Reconheço que me salvou, mas se soubesse como está comica com essa perna vasia... O melhor é vir commigo, na garupa do pangaré, bem agarradinha. Dê cá a mão. Upa!

Com alguma difficuldade conseguiu accomodal-a na garupa do cavallinho, com recommendação para que se segurasse muito bem, pois tinham de ir a galope.

— Sossegue, Narizinho, que daqui nem torquez me aranca! respondeu Emilia.

A menina estalou o chicote e o pangaré partiu na galopada, erguendo nuvens de pó — “pá, lá, lá! pá, lá, lá!” De repente:

— Que fim levou o marquez? interrogou Emilia olhando para traz.

Narizinho soffreu o cavallo.

— E' verdade!... Aquelle poltrão comportou-se de tal maneira que a coisa não pode ficar assim. Hei de vingar-me — e é já, quer ver?

Voltando-se para o matto gritou: “Mix, Mix, Mix!” Immediatamente Tom Mix surgiu deante della.

— Amigo Tom Mix, disse Narizinho, fui covardemente trahida pelo senhor marquez de Rabicó, um poltrão que ao ver-nos em perigo só cuidou de si, fugindo com quantas pernas tinha. Quero ser vingada sem demora, está entendendo?

— Sereis vingada, ó gentil princeza! disse Tom Mix estendendo a mão como quem faz um juramento. Mas de que forma quereis ser vingada, ó gentil princeza?

Narizinho respondeu depois de pensar alguns instantes:

— Minha vingança tem de ser esta: quero amanhã ao almoço comer virado de feijão com torresmo, mas torresmo de marquez, está ouvindo?

— Vossa vontade será satisfeita, ó gentil princeza! disse o bandido, curvando-se com a mão no peito e desaparecendo.

— Coitado de Rabicó! exclamou Emilia compungida.

— Coitado nada! Rabicó precisa levar uma boa esfrega. Dou-lhe uma lição que vae servir para toda a vida. Nunca mais cahirá noutra...

O facto de ter Emilia na garupa agarradinha a ella parece que a estava fazendo raciocinar tal qual a boneca...

XIII — TOM-MIX

Assim que deixou a menina, Tom-Mix voltou ao lugar do assalto, a fim de orientar-se na pista de Rabicó. Descobriu logo os rastros delle na terra humida e os acompanhou até á floresta. Lá guiou-se pelas hervinhas amassadas e outros signaes que na fuga o marquez fôra deixando. E andou, andou, andou até que de repente ouviu um ruido suspeito.

— E' elle! pensou Tom-Mix agachando-se — e, pé ante pé, sem fazer o menor barulhinho, aproximou-se do lugar donde partia o ruido suspeito. Espiou. Lá estava o marquez, “ron, ron, ron,” de cabeça enfiada dentro duma abobora muito grande, tão entretido em devoral-a que não deu pela presença do terrivel vingador. Tom-Mix foi chegando, foi chegando e, de repente...

— “Nhoc!” agarrou o marquez por uma perna.

— “Coin! coin! coin!” grunhiu o illustre fidalgo.

— Peço perdão a Vossa Excellencia, disse Tom-Mix com ironia, mas estou cumprindo ordens da senhora princeza do narizinho arrebitado.

— Que é que Narizinho quer de mim? gemeu Rabicó desconfiado.

— Pouca coisa, respondeu o vingador. Apenas uns torresminhos para enfeitar um tútú de feijão amanhã...

— “Coin! coin! coin!” gemeu o marquez compreendendo tudo. E foi com bagas de suor frio no focinho que implorou:

— Tenha dó de mim, senhor bandido! Tenha piedade de mim, que lhe darei esta abobora e ainda uma outra maior que escondi lá adeante!...

Tom-Mix parece que não gostava de abobora. Limitou-se a puxar pela faca e passal-a sobre o couro da bota, como para a afiar. Percebendo que estava irremediavelmente perdido, Rabicó teve uma idéa.

— Senhor bandido, tenho alguma coisa a pedir-lhe.

— Diga o que é, respondeu Tom-Mix calmamente, continuando a afiar a faca.

— Quero que me conceda cinco minutos de vida. Preciso fazer o testamento e confiar minhas ultimas palavras a essa libellinha que vae passando.

Tom-Mix concedeu-lhe os cinco minutos. Rabicó chamou a libellinha.

— Amiga, darei a você um lindo lago azul onde possa esvoaçar a vida inteira se você me fizer um pequeno favor.

— Diga o que é, respondeu a libellinha vindo pousar-lhe no focinho.

— E' levar uma carta á princeza Narizinho, que deve estar no reino das Abelhas.

— Pois não!

Rabicó fez a carta depressa e entregou-lh'a. A libellinha tomou-a no ferrão e "zzzit!" lá se foi, veloz como o pensamento. Mal a viu partir, deu Rabicó um suspiro de allivio, murmurando em voz alta: "Coragem, Rabicó, teu dia não chegará tão cedo!"

— Que é que está grunhindo ahi, senhor marquez? perguntou o carrasco.

Rabicó disfarçou:

— Estou pensando na sua vaentia, senhor Tom-Mix. Está assim prosa porque deu commigo, que sou um pobre coitadinho. Queria ver a sua cara se Lampeão apparecesse por ahi com os seus cincoenta cangaceiros!

— Lá tenho medo de lampeões ou lamparinas? O marquez não me conhece. Diga-me: costuma ir ao cinema?

— Nunca. Mas sei o que é.

— Se não conhece o cinema não pode fazer idéa do meu formidavel heroismo! Não ha uma só fita em que eu seja derrotado seja lá por quem fôr. Venço sempre! Sou um damnado!...

Rabicó olhou-o com o rabo dos olhos, pensando lá consigo: "Grandessissimo fiteiro é o que você é!" Pensou só, nada disse. Aquella faca embargava-lhe a voz...

IX — AS MULETAS DO BESOURO

Emquanto Rabicó suava o suor da morte nas unhas de Tom-Mix, Narizinho e Emilia chegavam ao palacio das Colmeias, donde varios zangãos sahiram a recebê-las com gentis rapapés.

— Salve, princezinha do nariz arrebitado! exclamaram elles, curvando-se.

— Obrigada! respondeu a menina, dando-lhes a mão a beijar. Recebi um convite da rainha, mas estou na duvidia se foi da rainha das Abelhas ou da rainha das Vespas. Por-tei aqui para saber...

— O convite foi da rainha das Abelhas, declarou um dos zangãos. Fui eu mesmo quem o redigiu. A rainha das Vespas está furiosa com a menina por ter matado uma das suas subditas.

— Vê, Emilia, de que escapamos? cochichou Narizinho. Se tivéssemos errado o caminho e ido parar na terra das Vespas, com certeza nos matavam a ferroteadas... E voltando-se para os zangãos: Permitam-me, senhores, que apresente a senhora condessa de Tres Estrellinhas. Esta illustre dama foi victima dum desastre durante a viagem para aqui e não pode andar sem encosto. Poderá algum dos senhores arranjar para ella um par de muletas?

— Podemos sim, mas antes deverá consultar o grande medico que por acaso se acha aqui, vindo do reino das Aguas Claras.

— O doutor Caramujo está aqui? exclamou a menina muito alegre. Conheço-o muito! Chamem-no, depressa.

Os zangãos partiram rapidos, regressando instantes depois em companhia do doutor Caramujo, o qual, reconhecen-

do a menina e a boneca, saudou-as respeitosamente. Depois arrumou os oculos para examinar a perna da Emilia.

— E' grave! exclamou. A senhora condessa está soffrendo duma anemia macellar no pernil barrigoide esquerdo. Caso muito sério.

— E que receita, doutor? Pilula de sapo outra vez? indagou a menina.

— Esta doença, explicou o grande medico, só pode sarar com um regimen de super-alimentação local.

— Alimentação macellar, eu sei, disse a menina rindo-se da sciencia do doutor. Tia Nastacia sabe applicar esse remedio muito bem. Em dois minutos, com um bocado de macella e uma agulha com linha, ella cura Emilia para o resto da vida.

— Tia Nastacia! exclamou o medico scandalizado. Com certeza é alguma curandeira vulgar! Macella, alguma mésinha vulgar tambem! Oh, santa ignorancia! Admirame ver uma princeza tão illustre desprezar assim a sciencia de um verdadeiro discipulo de Hippocrates para entregar a condessa aos cuidados duma réles curandeira!...

— Réles curandeira! Chamar tia Nastacia de réles curandeira! Retire-se, se tem algum amor á sua casca, senão faço o que fiz para a tal dona Carochinha. Réles curandeira! Já viu, Emilia, um desaforado maior?

O doutor Caramujo metteu o rabo entre as pernas e sumiu-se.

Narizinho estava ainda a commentar o desaforo quando os zangãos que andavam á procura das muletas voltaram.

— Aqui no palacio não ha muletas, senhora princeza, mas ahi fóra costuma andar um besouro manco que possui duas. Quer ir até lá comnosco?

Narizinho foi. Tres esquinas adeante encontraram o besouro mendigo, de chapéu na mão á espera de esmolas. A menina já lhe ia offerecendo um pedacinho de bolo quando o mendigo perguntou:

— Não me conhece mais?

A menina encarou-o com olhos attentos.

— Sim!... Estou reconhecendo!... Não foi você que lá na beira do ribeirão esteve passeando pela minha cara e me arrancou um feixinho de sobrancelhas?

— Isso mesmo! confirmou elle. Por signal que por causa daquelle espirro cahi de mau geito, ficando assim aleijado para o resto da vida.

Pezarosa da sua desgraça, Narizinho pol-o no bolso, dizendo:

— Fique quietinho ahi, divertindo-se com esses bolos. Vou levar você para o sitio de vóvó, onde poderá viver uma vida sossegada sem ser preciso tirar esmolas.

Depois, tomando suas muletinhas, deu-as á boneca.

— Arrume-se nisso, depressa, senhora condessa da Perna Vazia, que a hora da audiencia está proxima.

E precedidas dos zangãos, entraram de novo no palacio.

X — SAUDADES

Já estava cheio o palacio, não só de personagens do reino das Abelhas como de muitos outros, inclusive o reino das Aguas Claras. Narizinho correu os olhos em procura dalgum conhecido. Viu logo o major Agarra.

— Viva, major! exclamou, dirigindo-se a elle alegremente. Como vão todos por lá?

Antes de dar noticias o sapo demonstrou mais uma vez a sua gratidão pelo que a menina lhe fizera, desculpando-se tambem de não ter apparecido no sitio de dona Benta, como promettera. Depois contou que o principe andava cada vez mais taciturno.

— Não se casou ainda?

— Nem casa. Tem recusado a mão das mais bellas princezas do reino. Todos dizem que soffre de paixão recolhida. Ama a alguém que não faz caso d'elle, é isso.

O coração da menina palpitou mais apressado.

— Não dizem por lá quem é essa que elle ama?

— Dona Aranha Costureira sabe quem é, mas guarda muito bem guardado o segredo. E' uma senhora muito discreta.

— E o bobinho da côrte, aquelle tal gigante Fura-Bolos?

— Nunca mais foi visto. Com certeza teve o mesmo fim do Carlito Pirolito...

Narizinho reflectiu uns instantes. Depois,

— Olhe, disse, não se esqueça, quando voltar, de dizer ao principe que me viu aqui e que vou bem obrigada. Diga-lhe tambem que qualquer dia receberá um convite para que venha com toda a sua côrte passar um dia commigo no sitio de vóvó, sim?

O major prometteu que não se esqueceria do recado. E ia dizer mais alguma coisa quando a entrada duma libellinha mensageira o interrompeu.

— Salve, princeza! exclamou ella.

— Viva, respondeu a menina franzindo os sobrolhos. Traz alguma mensagem para mim?

— Trago uma carta dum illustre marquez. Eil-a.

Narizinho tomou a carta, e leu:

Pesso-vos-lhe perdão da minha kovardia. Tommi-ques stá qui amolando a phaca pra me matttar. Tenha ddó deste infeliz, que se assina, com perdão da palavra,

criado amigo brigado

RABICO

— O estylo, a letra, a ortographia e a grammatica é tudo d'elle! Este bilhete corresponde a um perfeito retrato de Rabicó — ou Rabico, sem accento, como elle assigna. Grandessissimo patife!

E voltando-se para a libellinha:

— Onde está elle?

— No Capoeirão dos Tucanos Vermelhos, respondeu a mensageira. Prometteu-me um lindo lago azul em troca de trazer esta carta.

Narizinho não poudé deixar de sorrir, pensando lá consigo: “Sempre o mesmo! Onde Rabicó já viu lago azul?” Mas não quiz desilludir a mensageira, visto precisar dos seus serviços para a resposta. Rabiscou um bilhetinho ás carreiras.

— Leve este bilhete a Tom-Mix, mas depressa, hein? E quando quizer apparecer lá pelo sitio de vóvó, não faça cerimonia, ouviu? Vá, vá!...

A libellinha vibrou as asas e “zuqt!” desappareceu. Voou rapida como o pensamento. Chegou ao Capoeirão dos Tucanos Vermelhos no instante preciso em que os cinco minutos concedidos a Rabicó chegavam ao termo e o carrasco dizia-lhe erguendo a faca:

— Está findo o prazo. Chegou a sua hora, marquez!

Mas Tom-Mix teve de interromper o serviço. A libellinha sentara-se justamente na ponta do seu nariz, com o bilhete no ferrão. Percebendo-o, tomou elle o bilhete e leu. Era ordem de perdão a Rabicó.

— Tem muita sorte o senhor marquez! disse, enfiando a faca na bainha. A princeza perdoa o seu crime e commuta a pena de morte numa outra mais leve, concluiu elle, pregando-lhe um formidavel pontapé.

— Uff! exclamou Rabicó depois que se viu livre de perigo. Escapei de boa! Pontapé dum bruto destes não é nada agradável, mas mesmo assim deve ser mil vezes preferivel ás suas facadas...

Depois indagou, voltando-se para a mensageira:

— Onde está a princeza?

— No reino das Abelhas.

— E a condessa?

— Também lá, num canto, muito jururú nas suas muletas.

— Muletas? repetiu Rabicó sem nada comprehender. Será que cahiu do cavallo?

— Não sei, não tive tempo de me informar.

Rabicó permaneceu pensativo por alguns instantes. Depois disse:

— Está bem. Pode ir. Passe bem, muito obrigado.

A mensageira franziu o nariz.

— E o meu lago azul?

Rabicó, que tinha muito má memoria para as suas promessas, fez cara de surpresa.

— Lago? Que lago?

— O lago azul que me prometteu em troca de levar a carta...

— Ah, sim... Mas, menina, para que quer você um lago e logo um lago azul? Eu prometti um lago, é verdade, mas reflectindo melhor vi que é um presente muito perigoso, pois você pode vir a morrer afogada nelle. Em vista disso achei melhor substituir esse lago por esta sementinha de abobora. Tome!

A libellinha ficou furiosa.

— Muito agradecida, disse com ironia. Trato é trato. Faço questão do meu lago azul!

O marquez coçou a cabeça, embaraçado, lançando olhares gulosos para a abobora que estivera comendo quando foi agarrado por Tom-Mix.

— Vamos deixar o caso para ser decidido amanhã, disse por fim. Agora não posso; tenho muito serviço. Imagine que Tom-Mix me condemnou a comer essa abobora inteira — a mim, um marquez que está acostumado a só comer bonbons e presuntos...

XI — A RAINHA

Emquanto isso se passava no Capoeirão dos Tucanos Vermelhos, lá no palacio das Abelhas a menina dizia ao ouvido da boneca:

— Já reparou, Emilia, como é bem arrumado este reino? Uma verdadeira maravilha de ordem, economia e intelligencia! Estive no quarto das creanças. Que gracinha! Cada qual no seu berço de cera, de pernas e braços cruzados, todas tão alvas, dormindo aquelle somno gostoso... O que admiro é como as abelhas sabem aproveitar o espaço, como sabem economizar a cera, tudo dispendo de modo que a colmeia funciona como se fosse um relógio. Ah, se no nosso reino também fosse assim... Aqui não ha pobres, nem ricos. Não se vê um aleijado, um cego, um tísico. Todos trabalham, felizes e contentes...

— Isso não! contestou a boneca. O besouro é aleijado e pede esmolas.

— Besouro não é abelha, boba. Estou falando das abelhas.

— E quem manda aqui? Quem é o delegado? perguntou Emilia.

— Ninguém manda — e é isso o mais curioso. Ninguém manda e todos obedecem.

— Não pode ser! contraveio a boneca. Quem manda ha de ser a rainha. Vou perguntar, e chamou uma abelhinha que vinha passando. Faça o favor, senhora abelhinha, de nos dar uma informação. Quem é afinal de contas que manda nesta terra? A rainha, não é?

— Não, senhora! respondeu a abelha. Nós não temos governo, porque não precisamos de governo. Cada qual já nasce sabendo as suas obrigações. Isso de governo é bom lá para os homens, que são os bichos mais estúpidos e desordeiros da terra.

Narizinho ficou assombrada com aquellas idéas, tão diferentes das que lia nos livros. "O homem é o mais intelligente dos animaes, etc." Mas viu que a abelha não deixava de ter sua razão.

— De manhã sahimos todas, continuou esta, cada uma para o seu lado, afim de recolher o mel das flores e o pollen. E' disso que nos alimentamos. Depois guardamos o mel nos favos. Se ha concertos a fazer, qualquer uma de nós o faz sem que seja preciso ordem. Se a menina passasse uns tempos aqui havia de gostar tanto que depois não mais se acostumaria no estúpido reino dos homens.

— Mas a rainha? perguntou a menina. Estou cansada de esperar pela hora de conhecer essa grande dama. Deve ser linda, linda!...

A abelha continuou:

— Pensa que a nossa rainha é alguma dama emproada como as rainhas dos homens? Nada disso. Nem rainha é! Os homens é que a chamam assim. Para nós não passa de mãe. Todas somos filhinhas della — todas, todas! E vivemos a rodeal-a de commodidades e carinhos, sem nunca lhe darmos o menor desgosto. Olhe, menina, lá no reino dos homens costumam falar muito em felicidade, mas fique certa que felicidade só aqui. Cada uma de nós é feliz porque todas somos felizes. Lá, não sei como pode alguém ser feliz sabendo que ha tantos infelizes em redor de si!

Narizinho e Emilia ficaram tristes. Que maçada serem gente e não poderem transformar-se em abelhas para morar numa colmeia daquellas, toda a vida occupadas num trabalho tão lindo como esse de recolher o mel e o pollen das flores...

— Mas a rainha, a rainha! insistiu a menina. Quero ser apresentada á rainha!

— Pois vamos lá, respondeu a abelha. Sigam-me. Foram. Depois de atravessarem varios compartimentos

chegaram aos commodos reaes. Lá estava Sua Majestade num throno de cera, conversando com varios zangãos emproados e orgulhosos (pelo menos assim pareceu á menina).

— Bemvinda seja! saudou a rainha numa doce voz maternal. Tem gostado da nossa colmeia?

— Muito, Majestade! E' o reino mais bem arrumadinho de quantos vi até agora. Estou positivamente encantada!

— O meu reino é assim, explicou a rainha, porque não é não é reino nenhum, mas uma grande familia onde a boa mãe geral vive rodeada de todos os seus filhos. Já percorreu a colmeia inteira?

— Já vi parte e tenho gostado de tudo, menos da cara desses senhores zangãos, que me parecem emproados e orgulhosos...

— E' que estão a me fazer a côrte. Todos os annos escolho um dentre elles para marido, e os outros...

— Já sei! Os outros casam-se com as outras abelhas!...
A rainha sorriu.

— Não, menina! Os outros são condemnados á morte e executados...

— Quê? exclamou Narizinho horrorizada. Acho que isso constitue uma crueldade — verdadeira mancha negra na organização das abelhas.

— Parece, menina. Mas é o geito. Como não sabem trabalhar e a natureza os fez unicamente para serem esposos da rainha, as abelhas não teem a menor consideração por elles depois que a rainha elege um para esposo. Trucidamnos e lançam os cadaveres para fóra da colmeia. Estas minhas filhas acham que o sentimentalismo não dá bom resultado em materia de organização social.

Narizinho, cada vez mais admirada da intelligencia da rainha, murmurou ao ouvido da boneca: "Vê, Emilia? Isto é que é falar bem! Até parece aquelle philophoso que vóvó ás vezes lê, o tal Rou... Rou... Rousseau, creio."

Nisto um "trrrlin, trrrlin" de esporas resoou perto. Vol-

taram-se todos. Era Tom-Mix que entrava. O cowboy correu os olhos pela sala. Logo que deu com Narizinho, dirigiu-se para ella, dizendo:

— Recebi o recado, princeza, e aqui estou ás vossas ordens!

— Que fim levou o marquez? perguntou a menina com ansiedade, pois nada sabia do que se passara. Está vivo ainda ou...

— Vivissimo, senhora princeza! A estas horas já deve estar atacando a segunda abobora...

— Muito bem! exclamou Narizinho, alliviada dum grande peso. Quero agora, senhor Tom-Mix, que me arranje uns burrinhos de carga para levar um pouco de mel e cera para vóvó.

Tom-Mix retirou-se para cumprir a ordem, enquanto a menina se dirigia de novo á rainha.

— Senhora rainha, disse ella, poderá Vossa Magestade dar ordem á sua cozinheira para me fornecer um tostão de mel?

— Darei o mel e a cera que quizer, respondeu a rainha sorrindo; quanto ao tostão, guarde-o para você, que aqui entre nós não tem o menor valor o dinheiro dos homens. Alli naquella sala é o deposito de mel. Vá lá e tire quanto quizer,

A menina agradeceu a gentileza e retirou-se para a tal sala com a boneca.

Tudo tão bem arrumadinho! Potes de cera cheios de mel em quantidade, todos iguaes, com tampinha tambem de cera.

— Querem mel? perguntou logo uma abelha de avental muito limpo que tomava conta daquella repartição.

— Queremos, sim, senhora! Mel e cera.

— De que qualidade?

— Ha de muitas qualidades?

— Temos aqui mel de flores de laranjeira, mel de flores de jaboticabeira lá do sitio de dona Benta e temos mel mil-flores, colhido de todas as flores do campo.

— Dê-me de flores de jaboticabeira, resolveu logo Narizinho. E tambem um kilinho de cera bem branca, para tia Nastacia.

— Quem leva é aqui a sua creada? perguntou a abelha indicando a boneca, emquanto fazia os pacotes.

Emilia abespinhou-se toda, já vermelhinha de colera. Mas a menina salvou a situação.

— Esta senhora não é minha creada e sim a Excellentissima Senhora Condessa da Perna Vazia, futura Marqueza de Rabicó.

A abelhinha pediu mil desculpas e ainda estava pedindo desculpas quando a entrada de Tom-Mix á frente duma tropa de grillos arreitados de cangalhas e barrilzinhos proprios para conduzir mel a interrompeu. Tom descarregou os barrilzinhos e esperou que a abelha melleira os enchesse. Depois os collocou de novo sobre as cangalhas e partiu.

— Espere-nos no portão do palacio com os cavallinhos promptos, que tambem já vamos, ordenou-lhe a menina.

XII — A VOLTA

Estavam todos promptos para a volta, excepto Emilia. Narizinho reflectia sobre o seu caso. Por fim pediu a opinião de Tom-Mix sobre o melhor meio de a levar.

— Acho que o melhor será pôr a senhora condessa dentro dum dos barris de mel.

— Que disparate, Tom! Emilia fica toda melada!...

— Sim, mas ha um vasio, respondeu elle. Creio que alli irá mais commodamente do que na garupa do cavallinho pangaré.

Emilia fez cara feia e protestou. O meio de accommodal-a foi permittir-lhe seguir na frente de todos, para que pudesse “ver as coisas antes dos outros”. Estava nascendo nella aquelle espirito interesseiro que a ia tornar celebre nos annaes da ciganagem.

Puzeram-se em marcha. Meia legua adiante Emilia poz-se de pé dentro do barrilzinho, e gritou:

— Estou vendo uma coisa exquisita lá na frente! Um monstro com cabeça de porco e “pezes” de tartaruga!

Todos olharam, verificando que Emilia tinha razão. Era um monstro dos mais estranhos que se podem imaginar. Tom-Mix puxou da faca e avançou, dizendo a Narizinho que não se mexesse dalli. Chegando mais perto percebeu o que era.

— Não é monstro nenhum, princeza! Trata-se do senhor marquez montado num pobre jaboti! Vem mettendo o chicote no coitado sem dó nem piedade!

E assim era. Rabicó dava de rijo no pobre jaboti e descompunha-o ainda por cima.

— Caminha, estupor! Caminha depressa, senão te pico de espora até á alma! gritava elle.

Narizinho ficou indignada com aquillo. Era demais! Vendo-a assim, Tom-Mix puxou do revolver e disse:

— Se quer, apeio aquelle maroto com uma bala!

— Não é preciso, respondeu ella. Eu mesma dar-lhe-ei uma boa lição. Deixe o caso commigo.

Nisto o marquez alcançou o grupo, e já estava armando cara alegre, de sem-vergonha, quando a menina o encarou de carranca fechada.

— Desça já do pobre jaboti, seu grandessissimo!

Muito espantado daquella recepção, Rabicó foi descendo, todo encolhido.

— E por castigo, continuou a menina, quem agora vae montado é o senhor jaboti. Vamos, senhor jaboti! Arreie o marquez e monte e metta-lhe a espora sem dó!

O jaboti assim fez, e sossegadamente, porque jaboti não se apressa em caso nenhum, botou os arreios no leitão, apertou o mais que poude a barrigueira, montou vagarosamente e “lept, lept!” fincou-lhe o chicote como quem surra burro bravo.

— “Coin! coin! coin!” protestava o pobre marquez.

— Espora nelle, jaboti! gritava a boneca. Espora nesse guloso que me comeu os croquetes!

— E tambem umas boas lambadas por minha conta! murmurou uma voz fina no ar.

Todos ergueram os olhos. Era a libellinha enganada, que ia passando, veloz como um relampago.

O caso foi que Rabicó nesse dia perdeu pelo menos um kilo de peso e pagou pelo menos metade dos seus peccados...

Depois desse incidente puzeram-se de novo em marcha, só parando numa figueira de boa sombra, já pertinho do sitio.

— Ponto de almoço! gritou Narizinho, que estava com uma fome tyranna. Desde que sahira de casa só comera os bolinhos trazidos.

Apearam-se. Estenderam no chão uma toalhinha. Tom-Mix abriu dois barriletes de mel. Narizinho remexeu o bolso a ver se ainda encontrava algum pedaço de bolo. Não encontrou nem o besouro. Tinha fugido, o ingrato! Puzeram-se a comer mel puro, unico alimento que existia.

No melhor da festa — “prrlipiu!” um passarinho cantou na arvore proxima. A menina ergueu os olhos: era um pichocho.

— Emilia, disse ella intrigada, você não acha aquelle pichocho com um certo ar de Pedrinho?

— Muito! E querem ver que é elle mesmo?

— Pedrinho! Pedrinho! Vem cá, Pedrinho! gritou Narizinho afflicta.

O pichocho desceu da arvore, vindo pousar em seu hombro.

— Então que é isso, Pedrinho? Deixo você em casa feito gente e venho encontrar você transformado em ave!...

— Assim é, respondeu elle. Todos viramos ave lá em casa.

— Como? Explique isso! Fale! gritou Narizinho ansiosa.

— Apareceu por lá uma velha coróca, de porrete na mão e cesta no braço. “Menino”, disse-me ella, “é aqui a casa onde moram duas velhas dugudéias em companhia duma menina de nariz arrebitado, muito malcriada?” Furioso com a pergunta, respondi: “Não é da sua conta. Siga seu caminho que é o melhor. “Ah, é assim?” exclamou ella. “Espere que te curo!” E me virou a mim em passarinho, virou vóvó em tartaruga e tia Nastacia em gallinha preta...

— Que horror! foi o grito que escapou de Narizinho. Que vae ser de nós agora? Já sei quem é essa velha! Não pode ser outra! Bem disse que havia de vingar-se...

— Que foi que aconteceu, princeza? indagou Tom-Mix, já de mão no revolver.

— Não sei, Tom, se desta vez você nos poderá valer! Você é invencível, de igual para igual. Mas contra uma bruxa feiticeira, não sei... não sei...

— Deixe tudo por minha conta, princeza, e não duvide da minha arte de resolver casos complicados. Siga viagem que eu vou dar volta pelos arredores afin de apanhar essa velha. Juro que a hei de trazer bem segura para que desfaça o mal que fez...

— Os anjos digam amen! suspirou Narizinho mais animada. E dando redeas ao cavallinho pangaré tocou para o sitio com o pichocho ainda pousado no hombro.

Que tristeza! Mal Narizinho apeou no terreiro e já ouviu uma gallinha cacarejar lá dentro.

— E' tia Nastacia, coitada!... suspirou com o coração cortado.

Entrou. Na sala de jantar viu sentada na rede, costurando, uma tartaruga de oculos.

— Vóvó! gritou a menina com desespero. Não me conhece mais, vóvó?

A tartaruga quieta, quieta...

Nisto chegaram os outros.

— Veja, Emilia, que desgraça! gritou Narizinho em lagrimas. Vóvó é aquelle bicho cascudo que está na rede! Nastacia é aquella gallinha horrenda que mais parece urubú...

Emilia olhou, olhou e tambem rompeu em choro, abraçando-se com a menina.

— A unica esperanza que nos resta é Tom-Mix, disse Narizinho. Mas este caso é tão difficil que receio que nem elle possa nos salvar...

Passaram-se dois dias. Narizinho, inconsolavel, não podia conformar-se com a idéa da sua querida avó tartarugando na rede, nem de tia Nastacia volta e meia botando um ovo na cozinha.

— Sossegue, Narizinho! Tom-Mix é um damnado. De repente reaparece e concerta tudo, como no cinema, dizia a boneca para a consolar.

— Mas está demorando tanto, Emilia!...

— Dois dias só. Você sabe que a conta para tudo é tres...

Chegou afinal o terceiro dia. As duas amiguinhas, postadas á janella desde cedo, espiavam os horizontes ansiosas. Nem uma poeira se erguia!

— Qual, Emilia! Está tudo perdido... Se a velha tem o poder de virar os outros em bicho, tambem pode virar-se a si própria em pedra, arvore, tronco secco — e como ha de Tom-Mix saber?

— Paciencia, Narizinho! Vae ver que repente rompe elle por ahi com a velha na ponta da faca...

Palavras não eram ditas e um cachorrinho latiu no terreiro.

— Deve ser elle! gritou Emilia correndo para a porta.

E era mesmo. Era Tom-Mix que voltava, com dois revolveres apontando e a velha á frente, de braços erguidos.

— E' agora, berrou o cowboy no ouvido da bruxa. Você tem que desfazer o mal que fez, senão te como os fígados já neste momento!...

Horrorizada com a feiúra da velha, Narizinho fechou os olhos. Depois creou coragem e os foi abrindo devagarinho. E viu... sabem quem? Viu tia Nastacia a olhar para ella e a dizer:

— acorde, menina! Parece que está com pesadelo...

Narizinho sentou-se na cama, ainda tonta, esfregando os olhos.

— E vóvó? perguntou.

— Lá dentro, costurando.

— E Pedrinho?

— Fazendo uma arapuca no quintal.

— E... e Tom-Mix?

— Deixe de bobagens e venha tomar o seu café que já está esfriando, rematou tia Nastacia.

O MARQUEZ DE RABICÓ

I — OS SETE LEITÕEZINHOS

ERAM sete leitõezinhos. Bem sei que sete é conta de mentiroso, mas eram mesmo sete, todos ruivos, com manchas brancas pelo corpo. Quando a mamãe delles sahia a passeio pelos pastos, seguiam-na todos em fila — ron, ron, ron...

O tempo foi passando e os leitões foram crescendo, e á medida que iam crescendo iam entrando...

— Para a escola, já sei!

— Sim, para a escola do forno.

— Que horror!

— Pois é verdade. Vida de leitão no sitio do Picapau Amarello não é das mais invejaveis. Está o lindo animalzinho brincando no terreiro, feliz, gordinho como uma bola. Dona Benta olha e diz:

— Tia Nastacia, a prima Dodóca vem jantar hoje aqui. Acho bom pegar “aquelle um!” e aponta para o coitado.

A negra vae ao paiol, toma uma espiga de milho e vem para o terreiro — *xuk, xuk, xuk!*

Os bobinhos ouvem e veem correndo atraz do milho que ella começa a debulhar, e comem, comem, comem. De repente a malvada se abaixa e — *nhoc!* segura pela perna o tal “aquelle um”. E pode o coitadinho espernear e berrar quanto queira! Não tem remedio. Vae arrastado para a cozinha, onde é assassinado com uma faca de ponta.

E se fosse só isso! Depois de assassinado é pellado com agua fervendo, é destripado, temperado e, afinal, assado ao forno.

Na hora do jantar reapparece na mesa, mas muito diferente do que era. Vem num grande prato, rodeado de rodelas de limão, com um ovo cozido na bocca. E ninguem la-

menta a sorte do coitadinho. Todos tratam mas é de cortar o seu pedaço e comel-o gulosamente, dizendo:

— Está delicioso!

E, ainda por cima, lambem os beiços, os malvados!...

Foi esse o triste destino daquella irmandade de sete leitões. Da irmandade inteira menos um, o Rabicó, assim chamado porque tinha só um toquinho de cauda. Rabicó salvou-se porque Narizinho costumava brincar com elle, acabando por crear-lhe amor.

— Fique sossegado que não deixo “ella” te assassinar, tinha-lhe dito a menina. “Ella”, sem mais nada, queria dizer tia Nastacia.

Uma tarde Narizinho ouviu dona Benta dizer á preta:

— Amanhã, dia dos annos de Pedrinho, temos de dar um jantarzinho melhor. Ha ainda algum leitão no ponto?

— Só Rabicó, sinhá, mas esse Narizinho não quer que mate. E' o ai Jesus della.

— Sim, mas você dá um geito. Mata escondido, sabe? e piscou para a negra. As duas velhas eram damnadas para se entenderem!...

A menina, entretanto, ouvira a conversa, e foi correndo atraz do leitãozinho. Encontrou-o no pasto, fossando a terra como sempre — ron, ron, ron. Agarrou-o ao collo e disse-lhe ao ouvido:

— Vovó deu ordem a tia Nastacia para assassinar você amanhã. Mas eu não deixo, ouviu? Vou esconder você, bem escondido, num lugar que só eu sei, até que o perigo passe.

E assim fez. Levou-o para o tal lugar que só ella sabia, amarrou-o pelo pé a uma arvore; depois trouxe-lhe varias espigas de milho, uma abobora e uma lata d'agua.

— Fique ahi bem quietinho. Nada de berreiros, senão tudo está perdido. Quando não houver mais perigo, volto para soltar você.

Chegada a hora de pegar o leitão, tia Nastacia revirou o sitio inteiro de pernas para o ar atraz delle. Procurou-o

como se procura agulha; por fim veio dizer a dona Benta que com certeza algum ladrão o havia furtado, ou alguma onça o tinha comido.

— Que maçada! exclamou a velha. Nesse caso mate uma gallinha bem gorda. Rabicó fica para o Anno Bom, se apparecer.

No dia seguinte, assim que todos se levantaram da mesa depois de comido o “jantarzinho melhor”, a menina correu ao lugar que só ella sabia e soltou o leitão.

— Está salvo por uns tempos, disse-lhe. Mas na vespera do Anno Bom tenho de prender você outra vez, porque “ella” prometteu assar você nesse dia.

Dalli a pouco, muito lampeiro, como se nada houvesse acontecido, Rabicó surgiu no terreiro, *ron, ron, ron*, chegando á porta da cozinha para lambiscar umas cascas que a negra havia botado fóra.

— Ué! exclamou tia Nastacia, admirada. Olhe quem está ahi! Rabicó!... Você escapou desta vez, são maroto, mas de outra não me escapa! Uma semana antes do Anno Bom já tranco você no paiol e quero ver!...

Rabicó não ligou a minima importancia áquellas palavras. Tratou mas foi de encher a barriguinha com as cascas, deitando-se depois ao sol para uma daquellas somnecas que só porco sabe dormir.

II — O PEDIDO DE CASAMENTO

Narizinho estava no seu quarto conversando com a boneca.

— Senhora condessa, acho que é tempo de mudar de vida. Precisa casar-se, senão é capaz de ficar tia. Amanhã vem cá um distincto cavalheiro pedir a mão de vossa excellencia.

Emilia andava bem de saude, gorda e corada. Tia Nastacia havia enchido de macena nova a perninha que fóra sa-

queada no passeio ao Reino das Abelhas e Narizinho havia concertado uma das suas sobranceiras de retroz, que estava desfiando. Além disso, pintara-lhe nas faces duas rodellas de carmin, bem redondinhas.

Emilia não se mostrava disposta a casar. Dizia sempre que não tinha genio para aturar marido, além de que não via lá pelo seu sitio ninguem que a merecesse.

— Como não? protestou a menina. E Rabicó? Não acha que é um bom partido?

A boneca ficou indignada e declarou que jamais se casaria com um poltrão daquella marca. O fiasco feito por elle na viagem á terra das Abelhas não era coisa que merecesse perdão.

A menina riu-se e explicou:

— Você está enganada, Emilia. Elle é porco e poltrão só por enquanto. Estive sabendo que Rabicó é principe dos legitimos, que uma fada má virou em porco e porco ficará até que ache um anel magico escondido na barriga de certa minhoca. Porisso é que vive Rabicó fossando a terra atraz de minhocas.

Emilia ficou pensativa. Ser princeza era o seu sonho dourado e se para ser princeza fosse preciso casar-se com o fogão ou a lata de lixo, ella o faria sem vacillar um momento.

— Mas você tem certeza disso, Narizinho?

— Tenho certeza absoluta! Quem me revelou toda essa historia foi justamente o pae de Rabicó, o senhor Visconde de Sabugosa, um fidalgo muito distincto que vem fazer o pedido de casamento.

— Visconde? exclamou Emilia desconfiada. Então o pae desse principe é visconde só? Eu quero casar com principe filho de rei.

— Você é uma bobinha que não sabe nada. O visconde finge de visconde, mas na realidade é rei e muito bom rei de um reino lá atraz do morro. Quando elle vier, repare na cabeça d'elle e veja que tem um signal de corôa em redor da

testa. Para esconder esse signal usa cartola, que não tira nunca, nem na igreja. Desse modo, como ninguem vê o signal da corôa, ninguem desconfia.

Emilia pensou, pensou, pensou e disse:

— Pois bem, acceito! Mas desde já vou dizendo que não saio daqui. Caso-me, mas não vou morar com Rabicó enquanto não virar principe novamente.

— Muito bem! concluiu Narizinho. Nesse caso vá preparar-se para receber o visconde, que não deve tardar. Recebi recado que já está em caminho. Vista aquelle vestidinho de pintas vermelhas e ponha mais rouge na cara, ouviu?

Emquanto a boneca se vestia, a menina correu ao pomar em procura de Pedrinho, que estava occupado em chupar laranjas limas.

— Depressa, Pedrinho! Arranje-me um bom visconde de sabugo, bem respeitavel, de cartola na cabeça e um signal de corôa na testa, e venha com elle pedir Emilia em casamento. Enganei-a que Rabicó é filho desse visconde, o qual é um grande rei, de um reino lá atraz do morro. Os dois, pae e filho, foram encantados por uma fada, só devendô desencantar no dia em que Rabicó descobrir uma certa minhoca que tem certo anel magico na barriga.

— E a boba acreditou?

— Acreditou piamente e declarou que nesse caso acceitará Rabicó como esposo, embora não vá morar com elle enquanto não virar principe novamente.

Pedrinho fez como ella pediu. Arranjou um bom sabugo, ainda com umas palhinhas no pescoço que fingiam barba muito bem, botou-lhe braços e pernas, fez cara, com nariz, bocca, olhos e tudo — e não esqueceu de marcar-lhe a testa com um signal de corôa de rei. Depois enterrou-lhe na cabeça uma cartolinha e lá foi com elle á casa da boneca.

— Tóc, tóç, tóç, bateu.

— Quem é? indagou de dentro a voz da menina.

— É o illustre senhor visconde de Sabugosa que vem

fazer uma visita á senhora condessa de Tres Estrellinhas e pedil-a em casamento para o seu illustre filho, o senhor marquez de Rabicó.

— Esperem um minutinho que já abro, respondeu a menina. E dirigindo-se á boneca:

— Vê, Emilia? Elle, além de principe, é marquez. De modo que se você se casar com elle começa já a ser marqueza e um dia virará princeza. Não pode haver futuro mais bonito para uma coitadinha que nasceu na roça e nem em escola esteve. Você vae ser a Gata Borracheira das bonecas!...

Emilia deu tres pulinhos de alegria e foi correndo botar mais um pouco de pó de arroz. Enquanto isso o visconde entrou.

Narizinho fez-lhe uma reverencia respeitosa e respondeu, sem dar a entender que estava falando com um rei disfarçado:

— Muito prazer, senhor visconde! Puxe uma cadeira e sente-se no chão. Creia que fico muito satisfeita de saber que seu filho é marquez. E como vae a senhora viscondessa?

— Sou viuvo, respondeu elle, enxugando uma lagrima.

— Meus pezames! E a senhora sua mãe, dona Palha-de-Milho?

O Visconde suspirou.

— Coitada! Falleceu de um horrivel desastre...

— Como? Conte-nos isso, exclamou Narizinho, fingindo uma grande afflicção.

— Pois é. Foi comida pela vacca mocha, explicou o visconde, enxugando nas palhinhas de milho que lhe serviam: de barba duas lagrimas, uma de cada olho.

— A pobre! murmurou a menina muito triste. Eu sinto bastante, visconde, mas o mundo é isto mesmo. Um come o outro. A vacca mocha come as donas Palhas e a gente come

as vacas. A vida é um come-come damnado! Eu estou aqui, estou apostando que também os seus filhos foram comidos pelas senhoras gallinhas...

O visconde arregalou os olhos, como se não soubesse que tinha mais filhos além do filho marquez.

— Sim, explicou Narizinho. Os grãos de milho que vossa excellencia já teve pregados pelo corpo creio que podem ser chamados seus filhos.

— Ah, sim, é verdade! Foram comidos pelo gallo indio, ha dois dias.

Nisto Emilia appareceu na porta, no seu vestidinho de chita com pintas vermelhas.

— Senhor visconde, disse a menina, tenho o prazer de lhe apresentar a sua futura nóra, a senhora condessa de Tres Estrellinhas. Veja como é galante!...

O visconde levantou-se para saudar a boneca e por "distracção" tirou a cartola, deixando que Emilia visse o signal de corôa que tinha na testa.

— Tenho a mais subida honra de receber no seio de minha familia esta nobre condessa. Pelo que vejo é a mais linda creatura destes arredores! Acho-a ainda mais bonita que a franguinha pedrez de tia Nastacia...

Emilia fez uma cortezia agradecendo a amabilidade, embora torcesse o nariz áquella comparação com a franguinha pedrez.

— E não é só isso, continuou Narizinho. Bonita e prestimosa como não ha outra! Sabe fazer tudo! Cozinha na perfeição, lava roupa e lê nos livros como uma professora. Emilia é o que se chama uma damnada!...

— Muito bem! Muito bem! ia exclamando o Visconde.

— Também tóca lindas musicas na vitrola, mia como gato, arrebenta pipócas e tem muito geito para modista. Esse vestidinho com que está, por exemplo, foi feito por ella.

Emilia, que ainda não sabia mentir, interrompeu-a, dizendo:

— Não fui eu, foi tia Nastacia quem o fez.

A menina deu-lhe um beliscão sem que o visconde percebesse.

— Não repare, visconde, Emilia é muito modesta. Faz as coisas mas não quer que se diga. Esse vestido ella o fez sózinha, sózinha. Ella mesma escolheu a fazenda, ella mesma cortou e coseu. E olhe como ficou bem assentado nas costas. Levante-se, Emilia, e vire-se de costas para o visconde ver.

Emilia ergueu-se da cadeira, dando umas voltas pela sala.

— Não está dos mais elegantes mas serve, continuou Narizinho. Emilia nasceu aqui na roça e nunca foi á cidade, nem aprendeu costura. Para uma creatura nessas condições não acha que está bem feitinho?

O visconde olhou, olhou e disse:

— Eu, a falar a verdade, não entendo de modas. Mas acho muito bom. Só a saia me parece um tanto curta...

— Eu tambem acho e já o disse a ella; mas Emilia, como tem perna grossa, tem a mania de mostral-a. Só usou saia comprida no tempo em que ficou com a perna secca — e contou ao Visconde o caso do ouro-macella. Depois, mudando de assumpto, pediu informações a respeito do genio de Rabicó.

— Elle tem muito bom genio, disse o visconde. Não é briguento, nem provocador. Possue bellas qualidades. Quanto ao mais, gosta muito de dormir ao sol e fossar a terra para descobrir minhocas.

Nesse ponto a menina piscou para a boneca, querendo referir-se á historia de certo anel que elle andava procurando dentro de certa minhoca, e Emilia convenceu-se de que Rabicó era mesmo um principe encantado.

— O unico defeito que tem, continuou o visconde, é comer tudo quanto encontra. Rabicó não respeita coisa nenhuma!

Emilia fez carinha de nojo e foi cuspir á janella. Depois, mettendo-se na conversa, disse:

— Pois se casar-se commigo só ha de comer coisas gostosas e cheirosas. Não consinto que meu marido ande comendo o que encontra.

— Apoiadissimo, Emilia! exclamou a menina. Tambem penso desse modo e acho que você faz muito bem de exigir isso d'elle. Mas agora só resta saber se você acceta ou não o senhor marquez de Rabicó como esposo. Vamos lá! Resolva!...

Emilia ficou meio afflictinha de ter de decidir por si mesma uma questão de tal gravidade como essa de escolher um esposo e olhou para Narizinho interrogativamente, como quem pede auxilio. Mas a menina não quiz intervir, porque não desejava ficar com a responsabilidade.

— Não posso dar opinião, disse ella. Você tem que decidir por si mesma. Casamento não é brincadeira.

A boneca pensou, pensou, pensou, e afinal, tentada pela idéa de começar marquezia e um dia virar princeza, resolveu-se.

— Pois quero!

Narizinho bateu palmas.

— Bravos! Está tudo resolvido. Senhor visconde, abraçe sua nóra, a futura marquezia de Rabicó!...

O visconde ergueu-se, bastante commovido. Abraçou a boneca e deu-lhe um beijo na testa.

Emilia, muito vermelhinha, foi correndo para o quarto.

III — O NOIVADO DE EMILIA

Durou uma semana o noivado de Emilia. Todas as tardes, trazido á força por Pedrinho, apparecia o marquez de Rabicó para visitar a noiva, e tinha de ficar meia hora na sala, contando casos e dizendo palavras de amor.

Mas apesar de noivo Rabicó não perdia os seus instinctos. Logo que entrava punha-se á farejar a sala, na sua eterna preocupação de descobrir coisas para comer. Além disso, não prestava a menor attenção á conversa. Rabicó não havia nascido para aquellas cerimoniaes.

Uma tarde Pedrinho zangou-se, resolvendo substituil-o por um representante.

— Rabicó não vale a pena, disse elle aborrecido. Não sabe brincar, não se comporta. O melhor é isto, querem ver? e sahiu; foi ao quintal e trouxe um vidro vazio de oleo de ricino que andava jogado por lá.

— Está aqui! O noivo vae daqui por deante ser representado por este vidro azul e o tal marquez de Rabicó vae passear, concluiu elle, pregando um pontapé no noivo, por despedida.

Rabicó raspou-se, com tres coins, e desde esse dia, enquanto fossava a terra no pomar atraz da tal minhoca de anel na barriga, quem noivava por elle, de cartola na cabeça, era o senhor Vidro Azul.

Emilia comportava-se muito bem, embora de vez em quando viesse com as suas ironias.

— Eu já disse a Narizinho: caso, mas com uma condição!

— Já sei! disse o senhor Vidro Azul. Não quer morar na casa do marquez, com certeza porque não se dá bem com o futuro sogro, o visconde.

— Isso não! Até gosto muito do senhor visconde. O que não quero é sahir daqui. Estou muito acostumada.



J. G. VILHIN

Vieram vindo os noivos. Emilia de vestido branco e véo; Rabicó de cartola e faixa de seda...

O senhor Vidro Azul coçou o gargalo.

— Sim, mas...

— Não tem mas, nem meio mas! Quem manda neste casamento sou eu. O marquez fica por lá e eu fico por cá, declarou Emilia toda espevitadinha, de nariz torcido.

O representante do noivo suspirou.

— Que pena! O senhor marquez já mandou construir um castello tão bonito, de ouro e marfim, com um grande lago na frente...

Emilia deu uma risada.

— Eu conheço os lagos do marquez! São como aquelle celebre lago azul que prometteu á Libellinha, quando nós fomos ao Reino das Abelhas.

O senhor Vidro Azul atrapalhou-se. Viu que Emilia não era nada tola e não se deixava enganar facilmente. Procurou remendar.

— Sim, um lago. Não digo um grande lago, mas um pequeno lago, um tanque...

— Uma lata d'agua, diga logo! completou Emilia mordendo os beiços.

Narizinho interveio, reprehensiva.

— Você está aqui para noivar, Emilia, para dizer coisas bonitas e amaveis, não para brigar com o representante do Marquez. Veja lá, hein?

E dirigindo-se ao representante:

— O senhor marquez não escreveu ainda uns versos para a sua noiva?

— Escreveu sim, respondeu o Vidro Azul, mettendo a mão no gargalo e sacando um papelzinho. Aqui estão elles.

E recitou:

Pirolito que bate bate,
Pirolito que já bateu,
Quem adora o marquez é ella,
Quem adora Emilia sou eu.

— Bravos! exclamou Narizinho batendo palmas. São lindos esses versos! O marquez é um grande poeta!...

Emilia, porém, torceu o nariz e até ficou meio damnadinha.

— O verso está errado! disse ella. Vou casar-me com elle mas não “adoro” coisa nenhuma. Tinha graça eu “adorar” um leitão!

Narizinho bateu o pé e franziu a testa.

— Emilia, tenha modos! Não é assim que se trata um poeta. Você vae ser marquez, vae viver em salões e precisa saber fingir, ouviu?

Depois, voltando-se para o representante:

— Peço-lhe mil desculpas, senhor Vidro Azul! Emilia tem a mania de ser franca. Nunca viveu em sociedade e ainda não sabe mentir. Não é aqui como o nosso visconde Sabugosa, que fala, fala e ninguem sabe nunca o que elle realmente está pensando, não é visconde?

O visconde fez um gesto que tanto podia ser sim como não.

Desse modo conversavam todas as noites, longo tempo, até que vinha o chá. Chá de mentira, com torradas de mentira. Tomado o chá, o visconde e o representante se despediam e Narizinho acompanhava-os até á porta, onde dizia:

— Não tenha medo, senhor Vidro Azul. Pode dar um beijinho nella por conta do marquez.

O representante beijava Emilia na testa e retirava-se, acompanhado do visconde...

Passada uma semana, a menina queixou-se a dona Benta:

— Este noivado está me acabando com a vida, vóvó! Todas as noites a fazer sala para os noivos, como isto cansa!...

— Mas que é que está faltando para o casamento, menina?

— Faltam os doces.

— Já sei. Já sei. Pois tome lá estes nickeis e mande vir os doces.

Como era justamente aquillo que Narizinho queria, lá sahio ella aos pinotes, com os nickeis cantando na mão.

O CASAMENTO

Chegou afinal o dia e vieram os grandes doces: seis cocadas, seis pés de moleque e uma rapadura, doce mais que sufficiente para uma festa onde a maior parte dos convidados comiam de mentira.

Pedrinho armou a mesa da festa debaixo de uma laranjeira do pomar e botou em redor todos os convidados. Lá estavam dona Benta, tia Nastacia e varios conhecidos e parentes, todos representados por pedras, tijolos e pedaços de pau. O inspector de quartirão, um velho amigo de dona Benta que ás vezes apparecia pelo sitio, era figurado por um tóco de pau com uma dentadura de casca de laranja na bocca.

Chegou a hora. Vieram vindo os noivos. Emilia de vestido branco e véo; Rabicó de cartola e faixa de seda em torno do pescoço. Vinha muito sério, mas assim que se approximou da mesa e sentiu o cheiro das cocadas, ficou de agua na bocca, assanhadissimo. Não viu mais nada.

Logo veio o padre e casou-os. Narizinho abraçou Emilia e chorou uma lagrima de verdade, dando-lhe muitos conselhos. Depois, como a boneca não tivesse dedos, enfiou-lhe no braço um anelzinho seu. Pedrinho fez o mesmo com o marquez: enfiou-lhe no braço uma alliança de casca de laranja, que Rabicó, por duas vezes, tentou comer.

— Comporte-se, ao menos no dia de hoje! disse o menino, ameaçando-o.

Os outros animaes do sitio, as cabras, as gallinhas e os porcos tambem assistiram á festa, mas de longe. Olhavam, olhavam, sem comprehenderem coisa nenhuma.

Terminada a festa, Narizinho disse:

— E agora, Pedrinho?

— Agora, respondeu elle, só falta a viagem de nupcias.

Mas a menina estava cansada e não concordou. Propoz outra coisa. Puzeram-se a discutir e esqueceram de tomar conta da mesa de doces. Rabicó aproveitou a occasião. Foi-se chegando para perto das cocadas e de repente — nhoc! deu um bote na mais bonita.

— Acuda os doces, Pedrinho! berrou a menina.

Pedrinho virou-se e, vendo a feia acção do pirata, correu para cima d'elle, furioso. Agarrou o inspector de quartelão e malhou-lhe uma inspectorada no lombo.

— Cachorro! Ladrão! Marquez duma figa!...

Rabicó deu um berro espremido e disparou pelo campo, mas sem largar a cocada.

Foi um desastre. A festa desorganizou-se e Emilia chorava e esperneava de raiva.

— E' isso! Eu bem não estava querendo casar com Rabicó! E' um typo muito ordinario, que não sabe respeitar uma esposa.

Narizinho interveio e consolou-a.

— Isto não quer dizer nada. Rabicó é meio ordinario, não négo, mas com o tempo irá creando juizo e ainda acabará um excellente marido. Depois, é preciso não esquecer que elle qualquer dia vira principe e faz você princeza.

Mas Pedrinho, que estava damnado com a feia acção de Rabicó, estragou tudo, dizendo:

— Principe nada, Emilia! Narizinho bobou você. Rabicó nunca foi nem será principe. E' porco e dos mais porcalhões, fique sabendo.

Emilia, quando ouviu aquillo, cahiu para traz, desmaiada...

IV — O JANTAR DE ANNO BOM

Como era de prever, não podia dar bom resultado aquelle casamento. Os genios não se combinavam e além disso Emilia não podia se consolar do logro que levava. Narizinho ainda tentou convencel-a de que Rabicó era realmente príncipe e que Pedrinho só dissera aquillo porque estava damnado. Não houve meio. Quando Emilia desconfiava era para toda a vida. E desse modo ficou casada com Rabicó mas separada d'elle para sempre.

— Está ahi o que você fez! costumava dizer em voz queixosa. Casou-me com um príncipe de mentira e agora, está ahi, está ahi!...

Narizinho dava-lhe esperanças.

— Tudo se arruma. Um dia elle morre e eu caso você com o visconde ou outro qualquer.

Afinal chegou o dia de Anno Bom. Era costume de dona Benta festejar esse dia com um jantar onde reunia varios parentes e vizinhos. Tia Nastacia caprichava. Frangos assados. Perú recheiado. Leitão de forno. Pasteis, doces e quanta coisa gostosa havia. Era assim sempre e foi assim naquelle anno.

Quando bateu a hora e todos foram para a mesa, começaram a vir pratos e mais pratos, até que, de repente, appareceu numa grande travessa um leitão "risonho", de ovo cozido na bocca e rodela de limão pelo corpo.

Os meninos não esperavam que viesse leitão, porque a negra havia dito que o jantar seria só de Perú. Narizinho immediatamente desconfiou e foi correndo ao terreiro procurar Rabicó. Chamou-o mais de vinte vezes e campeou-o por todos os lugares que elle costumava frequentar. Não encontrando nem rasto, voltou para a sala a chorar desesperadamente.

— Não coma esse leitão, Pedrinho! E' Rabicó! gritou ella. Aquella diaba nos enganou e assou o coitadinho!...

O menino, apezar de duro para chorar, ficou com os olhos cheios d'agua, erguendo-se da mesa furioso com a preta.

Emilia, porém, pulou de alegria. Estava viuva! Podia finalmente casar com o visconde de Sabugosa ou outro figurão qualquer. Chegou a bater palmas, cantando o "Piroli-to que bate bate," que era a sua "musica" predilecta.

Narizinho não poudo supportar aquillo. Avançou contra ella como uma furia, pregando-lhe um peteléco.

— Vou mandar o doutor Caramujo fazer uma operação nesta malvada para botar dentro della o que está faltando!...

Dona Benta perguntou, muito admirada, que era que estava faltando a Emilia.

— Coração, vóvó. Pois não vê? Emilia não tem nem uma isca deste tamanhinho...

Quantas lagrimas perdidas! Rabicó não fôra assado, não! Na vespera do dia de Anno Bom, assim que percebeu as intenções da tia Nastacia, tratou de pôr-se ao fresco, sorrateiramente, de rabinho entre as pernas. Em caminho encontrou um leitão da sua idade, muito parecido com elle. Teve uma idéa.

— Porque não vae amanhã cedo ao terreiro de dona Benta? perguntou-lhe. Deixei lá tres aboboras quasi inteiras.

O coitadinho foi. Encontrou as aboboras, é verdade, e comeu-as, mas teve como sobremesa faca de ponta e forno.

Desse modo conseguiu o illustre marquez de Rabicó escapar á triste sina que lhe parecia reservada e passado o perigo voltou, muito lampeiro da vida, como se não soubesse de coisa nenhuma!...

O CASAMENTO DE NARIZINHO

I — A DOENÇA DO PRINCIPE

DEPOIS da viagem de Narizinho ao Reino das Aguas Claras o principe Escamado cahiu em profunda tristeza. Emmagreceu. Suas escamas foram ficando fininhas como papel de seda. Permanecia horas de olho pregado no throno donde Narizinho havia assistido ao grande baile da côrte, e de vez em quando puxava uns suspiros que pareciam arrancados com torquez.

E quanto a appetite, nada. Por mais coisas gostosas que o cozinheiro real inventasse, era sempre aquillo: o principe erguia-se da mesa sem tocar em prato algum. Minhocas lindas o deixavam tão indifferente como se fossem dessas horriveis minhocas de isca, que teem anzol dentro.

Esse estado d'alma do principe entristecia bastante a côrte. Alem de o amarem sinceramente, receiavam que se Escamado morresse subisse ao throno alguma piranha de má casta, ou um celebre polvo que se divertia em estrangulhar os pobres peixes nos seus terriveis tentaculos.

O doutor Caramujo foi chamado a examinar o principe. Tomou-lhe o pulso. Pediu para ver a lingua. Depois, erguendo para a testa os oculos de tartaruga, disse:

— Vossa Majestade está soffrendo de narizinhoarrebidadité, doença muito séria, cujo unico remedio é casamento com uma certa pessoa.

O principe arregalou os olhos, cheio de espanto. Era a primeira vez que o medico não receitava pilulas.

— Tens razão, Caramujo! disse elle. Minha molestia não é do corpo, mas da alma. Desde que Narizinho deixou o reino não mais houve sossego para mim. Perdi o appetite, o somno, a coragem e não tenho gosto para coisa nenhuma. . .

— Pois é! confirmou o medico, muito contente de ter

acertado. A doença de Vossa Majestade não passa de amor recolhido, só podendo sarar com casamento. Se Vossa Majestade me permite farei uma tentativa para obter esse precioso remedio.

Os olhos do principe brilharam de esperança.

— Sim, permitto, disse elle. E se conseguires obter-me esse precioso remedio saberei recompensar-te. Far-te-ei duque-Duque da Pilula!...

O grande medico retirou-se contentissimo com a idéa de virar duque. Seria uma grande honra para a familia dos caramujos, na qual nunca houve sequer um commendador, quanto mais duque. E foi conferenciar sobre o importantissimo assumpto com os outros figurões da côrte.

Discutiram, discutiram, e depois de muito discutir resolveram endereçar a Narizinho um pedido de casamento. O doutor Caramujo mandou chamar uma senhora Lula, á qual disse:

— A senhora, que é a escrevente do mar, porque tem dentro do corpo uma penna de osso e um tinteiro de tinta, faça uma carta bem bonita pedindo a mão de Narizinho para o nosso amado principe.

A senhora Lula fez a carta. Dobrou-a depois, bem dobradinha, e fechou-a, bem fechadinha, dentro duma concha de madreperola — para que não se molhasse pelo caminho. Em seguida entregou a concha aos peixinhos escoteiros, dizendo:

— Levem-me esta concha com muito cuidado até á beira do ribeirão que corre pelo sitio de dona Benta e depositem-na em lugar onde possa ser enxergada. Se se distrahirem pelo caminho com alguma minhoca e a perderem, o principe os fará electrocutar a todos pelo peixe electrico, ouviram?

Os peixinhos juraram obediencia e lá se foram, rolando com a concha pelo fundo do mar.

II — O PEDIDO

Logo que os peixinhos escoteiros chegaram ao sitio de dona Benta foram tratando de erguer a concha e enroscá-la entre duas pedras na beirinha do ribeirão — bem perto do pé de ingá. E por alli ficaram, descansando.

Não demorou muito, appareceu Pedrinho de vara na mão; vinha pescar justamente alli. Chegou, pôz uma pobre senhora minhoca no anzol e já ia lançá-la ao rio, quando...

— Concha por aqui! exclamou, muito admirado. Isto tem dente de coelho!...

Pegou a concha. Examinou-a. Sacudiu-a ao ouvido. Percebeu barulhinho de carta dentro. Abriu-a: era carta mesmo!

Botou-se para casa.

— Narizinho! foi gritando logo da porta da rua. Uma carta para você!...

A menina estava ajudando tia Nastacia a enrolar rosquinhas de polvilho. Assim que o viu entrar aos berros, largou da massa, limpou as mãos no avental da preta e disse:

— De quem será, meu Deus do céu?

Rasgou o envelope e leu:

Senhora!

A felicidade do reino das Aguas Claras está nas vossas mãos. Nosso principe perdeu-se de amores e só pode ser salvo se a menina o acceitar como esposo. Ou casa-se ou morre, diz o medico da côrte.

Quererá a menina salvar este reino da desgraça, compartilhando o throno com o nosso muito amado principe?

— Sim, senhor! disse Narizinho depois de lida a carta. Estes senhores peixinhos sabem escrever na perfeição. Acho

que nem vóvó, que é uma damnada, seria capaz de escrever uma cartinha tão cheia de grammaticas!...

Depois, voltando-se para Pedrinho, ordenou muito naturalmente:

— Responda que sim, que acceito. Diga que estou ajudando tia Nastacia a enrolar estas rosquinhas e mal acabe irei casar com elle.

Dona Benta, que ia passando, ouviu o final da phrase.

— Casar com quem, menina? indagou ella. Que historia de casamento é essa?...

— Sim, vóvó. Fui pedida em casamento e acceitei. Vou casar-me com o principe Escamado.

Tia Nastacia arregalou os olhos para dona Benta, que por sua vez tinha os olhos arregalados para a menina.

Narizinho riu-se de tanto olho arregalado e continuou:

— De que se espantam? Se toda a gente se casa, por que não posso casar-me tambem?

— Sim, minha filha, respondeu dona Benta com pachorra. Todos se casam, não ha duvida. Eu me casei, sua mãe se casou. Mas todos se casam com gente da mesma iguallha. E' muito diverso disso de casar com um peixe...

— Dóbre a lingua, vóvó! Escamado é principe. Se se tratasse ahí dum peixe vulgar de lagôa, vá que vóvó falasse. Mas o meu noivo é um grande principe das aguas!...

— Mas não é uma creatura da nossa especie, menina.

— E que tem isso? A Emilia, que é uma boneca, não se casou tão bem com Rabicó, que é leitão? Acho as suas idéas muito atrasadas, vóvó...

Dona Benta volveu os olhos para tia Nastacia.

— Já não entendo estes meus netos. Fazem taes coisas que o sitio está virando livro de contos da Carochinha. Nunca sei quando falam de verdade ou de mentira. Este casamento com peixe, por exemplo, está-me parecendo brincadeira, mas não me admirarei se um bello dia surgir por aqui um

marido-peixe, nem que esta menina me venha dizer que sou bisavó duma sereiazinha...

A negra benzeu-se com as mãos ambas.

— Credo! Até parece bruxaria... Mas se chegar esse tempo, sinhá, mecê que trate de arranjar outra cozinheira. Assim cata-céga como sou tenho medo de escamar e fritar um bisneto de mecê pensando que é alguma trahira...

Emquanto as velhas discutiam o estranho caso, Pedrinho fez a carta de resposta. Depois dobrou-a, bem dobradinha. Depois fechou-a, bem fechadinha dentro do mesmo envelope-concha. Depois collocou o envelope-concha no lugar onde o havia encontrado.

Immediatamente os peixinhos escoteiros se aproximaram. Cheiraram a concha, viram que havia resposta dentro e com fortes narigadas a derrubaram n'agua, voltando a rolar com ella pelo fundo do rio.

Quando o principe leu a resposta de Narizinho quasi morreu de alegria. Apesar de ser a carta mais curta do mundo, pois se compunha apenas duma palavra — "SIM!" — o principe perdeu a compostura, dando pinotes em cima do throno que até parecia um peixe pescado e largado no secco.

Os ministros e demais fidalgos da côrte trocaram olhares de afflicção. Teria enlouquecido o amado principe?

Escamado, afinal, cahiu em si, vermelhinho como um camarão.

— Perdoem-me estas expansões, amigos! disse elle. São alegrias loucas dum naufrago que vê afinal o porto da salvação. Este "sim" commoveu-me até o fundo d'alma. Não é um simples sim, reparem. E' um sim seguido de um ponto de admiração! Quer dizer que Narizinho não se limita a acceitar a minha proposta, mas a acceita com entusiasmo! Céus! Como me sinto feliz!...

Dando em seguida ordem para prepararem o reino para a maior festa que ainda houve nos sete mares, foi para a sua mesinha, molhou uma penna de beija-flor numa perola

furada que lhe servia de tinteiro e principiou a escrever cartas de amor. Escreveu até acabar a tinta e a penna ficar reduzida a tóco. Ia escrevendo e mandando, e tantas escreveu e mandou que o mordomo do palacio teve de organizar um serviço de correio especial, dispondo milhares de sardinhas pelo fundo do mar, a pouca distancia uma da outra. As cartas iam passando de mão em mão, como fazem os pedreiros com os tijolos.

Narizinho lia as cartas e respondia com presentes — ora uma flor, ora um grillinho verde do gramado, ora uma rosada e roliça minhoca. Mandou tambem uma das rosquinhas de polvilho, dizendo que fôra enrolada pelas suas proprias mãos.

Foi o presente que o principe mais gostou. Em vez de comer a rosquinha, mandou que o melhor ourives do reino engastasse nella uma fieira de diamantes, de modo a transformal-a numa preciosa corôa.

— Ficarâ sendo a minha corôa real — e nenhuma porei na cabeça com maior orgulho! disse commovido.

III — OS BRINCOS DO MARQUEZ

Chegou afinal o dia da partida. De manhã cedo deu Narizinho os ultimos retoques no vestido novo da boneca.

Emilia fez cara de pouco caso. Achou feio. Queria vestido de cauda.

— Você, disse ella, convidou-me para madrinha de casamento, lembre-se. Como posso, pois, apresentar-me na côrte com esse vestido de Judas no sabbado da Alleluia?

— Lá arranjaremos outro, como daquella vez, respondeu a menina. Este é só para a viagem. Se faço vestido de cauda, você vae engançando pelo fundo do mar, onde ha muito pé de coral, mais espinhento do que carrapicho.

O visconde de Sabugosa tambem ia, para servir de pa-

drinho. Narizinho mudou-lhe a fita da cartola e pediu a Emilia que o escovasse da cabeça aos pés.

— Este senhor visconde, accrescentou a menina, está mudando de genio. Depois que cahiu atraz da estante de vóvó e lá ficou esquecido tres semanas, embolorou e deu para sabio. Parece que os livros pegaram sciencia nelle. Fala difficilimo! E' só physica p'r'áqui, chimica p'r'alli...

— E Rabicó? indagou a boneca.

— Rabicó não vae! gritou Pedrinho que entrava nesse momento. Está um marquez muito mal educado, que estraga todas as nossas festas. Não se lembra do que fez com as cocadas no dia do seu proprio casamento?

Narizinho protestou.

— Mas não fica bem, Pedrinho! Rabicó, afinal de contas, é marido de Emilia e não fica bem para a Emilia apparecer na côrte sozinha. Podem falar della...

— Pois então vae, resolveu Pedrinho, mas o meu bodoque vae tambem, e não se comportar muito direitinho, já sabe — é cada pelotada na orelha de sahir cinza!

Pedrinho ganhara um bodoque e agora resolvia tudo a pelotadas. Mas Narizinho não se conformou.

— Coitado de Rabicó! disse ella. Não sei por que você tanto se implica com elle...

— Não é implicar, Narizinho! Rabicó é mesmo capadocio e encrenqueiro por natureza. Veja o visconde. Não passa dum simples sabugo de milho, mas como é distincto, palaciano, todo cheio de medidas! Quando se senta numa cadeira, fica alli horas, dias, semanas inteiras sem amolar ninguem — e tão esticado que até parece um duque de Caxias...

A's onze horas foram todos para a beira do ribeirão onde já estava o coche do principe á espera delles no fundo d'agua.

— O coche já veio, disse Emilia, e Rabicó ainda não está vestido. Você esqueceu-se de arrumal-o, Narizinho!

— E' verdade! Mas isso é coisa dum minuto, respondeu a menina, atando um laço de fita na caudinha encaracolada do marquez.

— Só faltam agora uns brincos, lembrou Pedrinho, tirando do bolso dois amendoins com casca. Estalou-os e prendeu-os na ponta de cada orelha do leitão. Depois disse, de cara feia:

— Não me vá comer os brincos, senhor marquez, senão já sabe o que acontece — e apontou para o bodoque.

Nesse momento o doutor Caramujo sahiu d'agua. Trepou a uma pedra e fez com os chifrinhos gesto de que podiam tomar o coche.

As aguas immediatamente se abriram, como no Mar Vermelho quando os hebreus chegaram perseguidos pelos egypcios. Tomando a frente, Narizinho desceu ao fundo, seguida de todos os mais. Entraram no coche. Contaram-se. Faltava o marquez!

— Sempre se espera pela peor figura! resmungou Pedrinho, já meio aborrecido. Porque será que elle não apparece?

Nisto a cabeça do doutor Caramujo surgiu á janellinha.

— O senhor marquez não quer entrar! murmurou elle muito afflicto.

— Eu não disse? exclamou Pedrinho encolerizado. Rabicó já começa a encrencar! Mas esperem ahi... e saltou do coche de bodoque em punho.

Emilia teve um começo de faniquito, sendo preciso que Narizinho lhe esfregasse no nariz uma folhinha de herva cidreira.

Segundos depois Rabicó entrava para a carruagem feito uma bala, indo encorujar-se aos pés da menina. Emilia olhou para elle e ficou furiosa.

— Veja, Narizinho! Rabicó já perdeu o brinco da orelha direita! E olhe como está todo amarrotado o laço de fita...

Pedrinho e o doutor Caramujo surgiram.

— Finquei-lhe uma pelotada na orelha que sahiu faisca! foi dizendo o menino.

— Judiação! exclamou a menina apiedada. Mas o peor é que acertou no brinco, que lá se foi...

— Não faz mal, resolveu Pedrinho. Explica-se lá na côrte que a moda aqui na terra é um brinco só na orelha esquerda e todos acreditam.

E voltando-se para o camarão cocheiro, ordenou:

— Tóca o bonde!

O chicotinho do camarão estalou e os hippocampos partiram no galope.

O caminho por onde o coche corria era uma belleza! Florestas de esponjas. Florestas de algas. Florestas de coraes. Até por uma floresta de mastros de navios naufragados elle passou.

Os viajantes espiavam pelas janellinhas e viam deslizando no seio das aguas os vultos dos mais terriveis monstros do mar — tubarões enormes, espadartes, enguias. Até um polvo viram, ondeando os seus compridos tentaculos.

Emilia gostou muito do polvo.

— Sou capaz de fazer um! exclamou ella, fazendo todos se voltarem para ouvir a asneirinha que ia sahir.

— Pégo numa porção de cobras e amarro todas as cabeças num sacco de couro e solto no mar e vira polvo!...

— Você é mesmo uma damnada, Emilia, disse Narizinho distrahida, de olhos postos em Rabicó, muito jururú no seu canto. Mas era melhor que endireitasse o brinco do seu marido. Está cae não cae...

— Elle que coma o brinco duma vez, respondeu a boneca. Toda essa tristeza de Rabicó é vontade de comer o brinco.

Rabicó passou a lingua pelos beiços, com uma olhadela para o bodoque de Pedrinho — e suspirou.

Emquanto isso Pedrinho conversava com o doutor Caramujo a respeito da serpente do mar.

— Mas ha ou não ha essa serpente? dizia elle. Uns dizem que ha, outros dizem que não ha. Qual é a sua opinião, doutor Caramujo?

— Nunca vi, respondeu o medico. Mas o mar é tão grande que deve haver de tudo.

— Uma coisa não ha, interveio Narizinho. Sereias! Vóvó disse que sereia é mentira.

Pedrinho fez um muxoxo de duvida.

— Como pode vóvó saber, se nunca viu nem uma praia?

— Essa é boa! replicou Narizinho. Parece até que a burrice da Emilia pegou em você, Pedrinho! Vóvó sabe por que lê nos livros e é nos livros que está a sciencia de tudo. Vóvó sabe mais coisas do mar, sem nunca ter visto mar, do que este senhor Caramujo, que nelle nasceu e móra. Quer ver?

E voltando-se para o illustre doutor:

— Diga, doutor, qual é o seu nome scientifico?

O doutor Caramujo engasgou, com cara de que nem siquer sabia que tinha nome scientifico.

— Não sabe, não é? continuou Narizinho victoriosa. Não sabe e no entanto vóvó sabe — e até o senhor visconde, só porque cheirou os livros de vóvó, é capaz de saber. Vamos, visconde! Dê um quinau aqui neste sabio da Grecia. Diga qual é o nome scientifico dos caramujos.

O visconde limpou o pigarro e deitou sabedoria.

— O senhor Caramujo é um mollusco gasteropode do genero Liparis.

Enthusiasmada com a sciencia do visconde, Narizinho bateu palmas.

— Está vendo, doutor? O senhor é um Liparis. Liparis! Com “élle” grande! Escreva na sua casca para não es-

quecer. O nosso visconde sabe o nome scientifico de todas as coisas, menos uma... Aposto que não sabe o nome scientifico da Emilia!...

O visconde respondeu depois de limpar outro pigarro:

— A senhora Emilia é um animal artificial que não está classificado em nenhuma zoologia.

Narizinho deu uma gargalhada gostosa.

— Eu não aturava tamanho desaforo! disse cotucando a boneca. Chamar você, uma illustre marquezinha, de animal!...

Emilia olhou para o pobre visconde com um arzinho de soberano desprezo.

— Não ligo a vacas, disse ironicamente, que antes de serem viscondes andavam jogados no chão, perto do cocho das vacas, sujos de terra e outras coisas, sem cartola e sem nada... O visconde é muito importante, mas treme de medo cada vez que passa por perto da vaca mocha...

— O senhor visconde tem medo de vacas? inquiriu o doutor Caramujo muito admirado, apesar de não saber o que era vaca.

— Como não? respondeu Narizinho. Elle é sabugo e todo sabugo assim que vê uma vaca, bota-se! Não sabe que as vacas preferem comer um sabugo a comer um bonbon? A mãe do visconde, o pae do visconde, os irmãos, os primos, os tios, o sogro — a parentada inteira, todos os sabugos lá do sitio de vóvó foram mascados pela vaca mocha. Só escapou o visconde, porque usa cartola e vaca tem medo de sabugo de cartola.

Nesse momento o coche entrou por uma planicie de areia que não tinha fim. Pedrinho olhou para aquillo com desanimo, coçando a cabeça. Estava com preguiça de atravessar tanta areia.

— Já estou farto de fundo do mar, disse elle. O melhor é chegarmos já ao palacio do principe.

E sem esperar a resposta dos outros, berrou para o camarão cocheiro:

— Chegue já, são coisa, senão vae pelotada!...

O Camarão cocheiro, não discutiu. Puxou as redeas e parou bem defronte do palacio real.

IV — A CHEGADA

Rodeado de toda côrte e de enorme multidão de povo do mar, veio o principe receber a menina. Assim que ella deixou o coche todos bateram palmas, deram vivas e soltaram vagalumes d'agua — que eram os foguetes lá delles.

O principe abraçou sua noiva, nada podendo dizer de tanta commoção. Beijou-lhe a ponta dos dedos e subiu com ella as escadarias do palacio.

— Deve estar muito cansada, disse afinal, depois de recobrada a voz. Vou leval-a aos aposentos nupciaes, onde tudo é perola e coral.

— Que bonito! exclamou Narizinho. E os outros para onde vão?

— Tenho tambem maravilhosos aposentos para os outros. O visconde irá para o quarto das algas; o marquez, para o quarto dos coraes vermelhos.

Narizinho interrompeu-o com uma risada.

— O senhor principe não conhece o gosto dos meus companheiros. O visconde, que é um sabio, só quer saber de livros. Basta enfiar-o numa estante. E para o marquez, nada melhor que um chiqueirinho com tres grandes aboboras do mar dentro.

— E o senhor Pedrinho?

— Esse é deixar solto por ahi, com o bodoque. Não mexam com Pedrinho, que elle damna. Emilia fica comigo.

— Julguei que a senhora marquesa de Rabicó fosse ficar no chiqueirinho do senhor marquez...

A menina achou muita graça naquella idéa.

— Emilia é uma emproada, príncipe, que não dá confiança ao marido. Casou-se só por casar, pelo titulo, e se encontrar por aqui um duque, é bem capaz de divorciar-se do marquez. A menos que não queira se casar com o visconde, concluiu com malicia voltando-se para a boneca.

Emilia replicou sem demora, fazendo a sua celebre carinha de pouco caso:

— “Animal” não casa com “vegetal”...

O príncipe ia-se retirando para que a menina pudesse descansar á vontade, quando Pedrinho appareceu no quarto.

— E agora, príncipe, que é que vamos fazer? indagou elle.

— Descansar da viagem, respondeu Escamado.

— E se fizéssemos de conta que já estamos descansados?

— Nesse caso os convidaria para a festa de recepção na sala do throno.

— Como é essa festa, príncipe?

— Oh, muito linda! Começa com um bonito discurso official; depois outro discurso...

— Páre, príncipe! Chega de discursos. Prefiro ir dar um passeio pelo fundo do mar, e Narizinho com certeza prefere ir tratar dos seus vestidos.

— E' verdade! acudiu ella. Preciso chegar á casa de dona Aranha Costureira para combinar com ella o meu vestido de casamento e um de cauda bem comprida para a marquesa. Não podemos apparecer na côrte nestes trajés, não acha, Emilia?

— Pois de certo. Basta a triste figura que fiz da primeira vez...

V — APUROS DO MARQUEZ

Emquanto Narizinho e Emilia eram conduzidas á casa de dona Aranha, Pedrinho, o visconde e Rabicó tomavam a direcção da Floresta Vermelha — a mais linda matta de coral do reino.

— Deve ser lá que moram os polvos, disse Pedrinho. Quero ver se caço um para assustar tia Nastacia no sítio.

O visconde ia abrindo a bocca para dar sua opinião sobre os polvos quando um grito agudo o fez fechal-a de novo. Era Rabicó. O bobinho, ao passar perto dum ouriço do mar, julgou que fosse coisa de comer e nhoc! Agora berrava com desespero, de ouriço espetado na bocca.

Pedrinho correu em seu soccorro e só a muito custo poudo livral-o do terrivel bicho.

— Bem feito! advertiu. Quem manda ser tão guloso? Comporte-se como o visconde que nada acontecerá.

Rabicó respondeu soluçando e ainda com uma lagrima pendurada dos olhos:

— E' muito facil ser bem comportado quando não se tem estomago. Mas eu tenho um estomago que vale por dois. Por mais que coma, estou sempre com fome — e hoje ainda nem almocei!...

Pedrinho teve dó delle.

— Pois coma o brinco, e contente-se com isso que não ha mais nada por emquanto.

Sem esperar segunda ordem Rabicó devorou o brinco de amendoin com casca e tudo. Não perdeu um farellinho! Depois lambeu os beiços, cheio de saudade do outro, espatifado pela pelotada de Pedrinho.

Foram andando. Subito divisaram ao longe um vulto negro.

— Que será? indagou o menino firmando a vista.

— Deve ser um gigantesco polvo, suggeriu o visconde.

— Polvo o seu nariz. Onde já viu polvo com mastros? E' navio e muito bom navio.

De facto, era um navio naufragado — um enorme navio de tres mastros, já meio enterrado na areia.

Correram todos para lá, e como vissem um rombo no casco, entraram por elle. Puderam assim percorrer o navio inteirinho — os camarotes, os salões, o tombadilho. Rabicó separou-se dos companheiros para descobrir onde era a cozinha, na esperança de encontrar algum resto de comida. De repente gritou, muito alegre:

— Achei uma linda raiz de mandioca! Venham ver!...

Pedrinho e o visconde foram ver, mas viram coisa muito differente. Viram Rabicó ferrar o dente na tal raiz de mandioca e viram a raiz mover-se como cobra, enlear-se nelle e arrastal-o, berrando, para o fundo de um camarote.

— Que será isto? murmurou Pedrinho approximando-se na ponta do pé, de bodoque armado. Espiou. Era um polvo. Estava o pobre marquez nos braços dum enorme polvo, que o olhava muito admirado como se jamais houvera visto leitão com laço de fita na cauda.

— E' o que pensei, cochichou o menino para o visconde. Rabicó mordeu no tentaculo deste monstro pensando ser mandioca. E agora está perdido...

— Pelotada nelle! suggeriu o sabio.

— Não adeanta, respondeu Pedrinho coçando a cabeça, sem saber o que fazer. Nisto teve uma idéa.

— Senhorita, disse a uma sardinha que tambem estava assistindo ao espectaculo, faça-me o favor de ir correndo ao palacio dizer ao principe que o marquez está nas garras dum polvo. Elle que mande soccorro com a maior urgencia!...

Ia a sardinha dando uma rabanada para partir, quando o visconde a segurou pela caudinha.

— Senhorita, disse elle, poderá dizer-me qual é o seu nome scientifico?

Não sendo uma sardinha culta, julgou ella que o visconde estivesse caçoando e offendeu-se.

— Malcriado! Não se enxerga? retrucou botando a lingua.

E lá se foi em direcção ao palacio, toda empinadinha para traz, a resmungar contra o “estafermo”.

O visconde, muito desapontado, ficou a reflectir comsi-go que era uma pena serem quasi analphabetos os habitantes daquelle reino.

VI — O VESTIDO MARAVILHOSO

Emquanto a tragedia de Rabicó se desenrolava no camarote do navio afundado, Narizinho e Emilia escolhiam figurinos em casa de dona Aranha Costureira. Depois passaram a escolher fazendas.

Dona Aranha tirou dos seus armarios de madreperola um vestido côr do mar com todos os seus peixinhos, e com o maior pouco caso, como se fosse de alguma cassinha barata, desdobrou-o deante das duas freguezas assombradas.

— Que maravilha das maravilhas! exclamou Narizinho, de olhos arregalados, sentindo uma tontura tão forte que teve de sentar-se para não cahir.

Era um vestido que não lembrava nenhum outro desses que apparecem nos figurinos. Feito de seda? Qual seda, nada! Feito de côr — côr do mar! Em vez de enfeites conhecidos — rendas, entremeios, fitas, bordados, plissés ou vidrilhos, era enfeitado com peixinhos do mar. Não de alguns peixinhos só, mas de todos os peixinhos — os vermelhos, os azues, os dourados, os de escamas furta-côr, os compridinhos, os roliços como bolas, os achatados, os de cauda bicudinha, os de olhos que parecem pedras preciosas, os de longos fios de barba movediços — todos, todos!...

Foi alli que Narizinho viu como eram infinitamente variadas a fórmula e a côr dos habitantes do mar. Alguns davam

idéa de verdadeiras joias vivas, como se feitos por um ourives que não tivesse o menor dó de gastar os mais ricos diamantes e opalas e rubis e esmeraldas e perolas e turmalinas da sua collecção.

E esses peixinhos-joias não estavam pregados no tecido, como os enfeites e applicações que se usam na terra. Estavam vivinhos, nadando na côr do mar como se nadassem nagua. De modo que o vestido variava sempre, e variava tão lindo, lindo, lindo que a tontura da menina apertou e ella se poz a chorar.

— E' a vertigem da belleza! exclamou dona Aranha sorridente, dando-lhe a cheirar um vidrinho de ether.

Emilia espichou a munheca para apalpar a fazenda; queria ver se era encorpada.

— Não bula! murmurou Narizinho com voz fraca, ainda de olhos turvos.

O mais bonito era que o vestido não parava um só instante. Não parava de faiscar e brilhar e piscar e furtar-côr, porque os peixinhos não paravam de nadar nelle, descrevendo as mais caprichosas curvas por entre as algas boiantes. As algas ondeavam as suas cabelleiras verdes e os peixinhos brincavam de rodear-lhes os fios ondulantes sem nunca os esbarrarem nem com a pontinha do rabo. De modo que tudo aquillo virava e mexia e subia e descia e corria e fugia e nadava e boiava e pulava e dançava que não tinha fim...

A curiosidade de Emilia veio interromper aquelle extase.

— Mas quem é que fabrica esta fazenda, dona Aranha? perguntou, apalpando o tecido sem que Narizinho visse.

— Este tecido é feito pela fada Miragem, respondeu a costureira.

— E com que a senhora o córta?

— Com a tesoura da Imaginação.

— E com que agulha cose?

— Com a agulha da Phantasia.

— E com que linha?

— Com a linha do Sonho.

— E... por quanto vende o metro?

Narizinho, já mais senhora de si, deu-lhe uma cotovelada.

— Cale-se, Emilia. Os peixinhos são capazes de se assustarem com as asneiras e fugirem do vestido.

Nesse instante a porta se abriu assustadamente e o príncipe appareceu mais assustado ainda.

— Uma grande desgraça! foi dizendo. Acaba de chegar uma sardinha mensageira com recado do senhor Pedrinho communicando que o marquez de Rabicó está nas garras dum polvo!...

— E' preciso salvá-o custe o que custar, príncipe! Se Rabicó for comido pelo polvo, vóvó vae ficar damnada!...

— Já mandei em seu soccorro o meu melhor batalhão de couraceiros. Só resta que cheguem a tempo...

— Quem são elles?

— Os caranguejos rajados!

— Mas caranguejo anda tão de vagar, príncipe! murmurou a menina com cara de desconsolo.

— Sim, mas foram montados em velocissimos peixes electricos. Tenho esperanças de que tudo acabe bem.

— Os anjos digam amen, suspirou a menina, ainda com o pensamento no pito que poderia levar de dona Benta.

Emilia aproveitou a oportunidade para perguntar ao príncipe que tal achava o figurino que escolhera para o seu vestidinho de cauda.

— Muito bonito, respondeu elle, pensando noutra coisa.

— Pois está ás suas ordens, disse amavelmente a boneca.

Narizinho chamou-a de parte para cochichar-lhe ao ouvido:

— Não se metta a conversar com o príncipe. Você diz sempre o que não é para dizer.



Sahiram correndo e chegaram pingando ao sitio.

Emilia amarrou um pequeno burrinho, certa de que era de ciúme que a menina não queria que ella falasse com o principe.

VII — VEM VINDO O SOCCORRO

Pedrinho estava na maior afflicção. O soccorro que pedira estava tardando. Receiava que quando viesse Rabicó já estivesse estrangulado pelo monstro.

O que estava impedindo isso era a curiosidade do polvo. Parecia divertir-se em olhar para o focinho aterrorizado do misero, de lingua de fóra, a revirar os olhos para todos os lados em procura de salvação.

Pedrinho, que espiava a scena por uma fresta do camarote, fazia-lhe signaes para que não morresse antes da chegada do soccorro. Quanto ao visconde, estava, por ordem de Pedrinho, trepado á gavea do mastro grande para dar aviso logo que avistasse as tropas do principe.

Mas nada adeantou isso. O visconde era um verdadeiro sabio e os verdadeiros sabios são muito distrahidos. Logo que chegou ao alto do mastro distrahiu-se com uma baratinha do mar que andava por alli, ficando a parafusar que nome scientifico poderia ella ter. Porisso não viu a chegada dos couraceiros e não poudo dar o aviso.

Os taes couraceiros eram uns terriveis caranguejos rajados, de casca rija como a da tartaruga e armados de pinças peores que boticão de dentista. Por serem muito vagarosos vieram montados em peixes electricos. Chegaram, apearam-se. O commandante perguntou ao menino onde estava o senhor marquez.

— No camarote numero 7, bem no fundo, respondeu Pedrinho em voz baixa para que o polvo não ouvisse.

Os couraceiros foram avançando pé ante pé. Foram avançando e, de repente, deram um pulo, todos ao mesmo tempo e “fulminaram” o polvo. Sim, fulminaram. Como viessem mon-

tados em peixes electricos ficaram carregadissimos de electricidade, como pilhas, e assim, mal seus ferrões tocaram o polvo, produziu-se um terrivel choque electrico que o fulminou. E não fulminou Rabicó tambem? Não. Rabicó agarra-se por acaso a um para-raio que havia alli.

Assim que se viu solto dos tentaculos do monstro, correu elle, coin, coin, coin, para onde estava o menino. Mas apesar de salvo continuava, coin, coin, coin, como se ainda estivesse soffrendo alguma coisa. Pedrinho examinou-o. O pobre marquez estava com um siri ferrado na pontinha da cauda!

— Escapei dum mas cahi noutro! gemeu o misero. Este polvinho que me está agarrado á cauda é duas vezes mais doído que o grande...

Em vez de livral-o do siri Pedrinho achou graça no caso.

— Você fica lindo assim, marquez! Esse siri na cauda vae muito melhor que o laço de fita vermelha, e deixou-o como estava.

Pedrinho foi dalli examinar o polvo moribundo, naquele momento rodeado dos valentes couraceiros. Nisto viu o visconde, que vinha descendo do mastro com a baratinha do mar dentro da cartola.

— Acho que esta baratinha deve ser uma “Balabera gigantea” das Indias Occidentaes... começou elle a explicar.

O menino ficou damnado.

— E eu acho que o senhor visconde é uma perfeita inutilidade, disse, dando-lhe um peteléco na cartolinha. Foi para pegar baratas que eu o mandei subir ao mastro?

— E’ verdade! exclamou o visconde batendo na testa. Esqueci-me completamente da sua recommendação. Mas não faz mal; volto para lá outra vez e assim que as tropas do principe apontarem ao longe darei signal.

— Volta para o palacio, isso sim. Não vê que Rabicó

já está salvo? e pondo o marquez em marcha tomou rumo do palacio.

O visconde seguiu atraz, com a baratinha na mão. “Será uma “Balabera” ou uma “Stylopyga”? Que pena estar tão longe aquelle livro de dona Benta...” ia pensando elle, de rugas na testa.

Chegados ao palacio encontraram as portas fechadas. Souberam pelo porteiro que o casamento já havia começado.

— Essa é boa! Será que terei de assistir ao casamento de Narizinho, aqui do sereno? Abra a porta! ordenou ao porteiro.

— Só com ordem do principe, respondeu este.

Pedrinho armou o bodoque; mas mudando de idéa disse a uma minhoca do mar que estava de prosa com o porteiro:

— Senhorita, faça-me o favor de passar pelo buraco da fechadura e ir dizer ao principe que mande abrir a porta incontinenti, senão já sabe...

Partiu a minhoca e Pedrinho, ansioso de saber o que se estava passando lá dentro, trepou a uma das janellas para espiar pelo vão.

E viu tudo. Narizinho estava deslumbrante no seu vestido côr do mar com todos os seus peixinhos. Na cabeça trazia um diadema feito das mais raras perolas dos sete mares e na mão tinha um sceptro de nacar todo esculpido. Ao lado della caminhava o principe no seu maravilhoso manto de rei, feito das mais raras escamas. Atraz vinha a Emilia de vestido de cauda, de braço dado a um solemnissimo Bernardo Eremita. Este senhor trazia nas mãos uma salva de escama onde repousava a corôa com que o principe ia ser coroado.

Firmando a vista viu Pedrinho que a corôa era a tal rosinha que a menina havia mandado de presente.

— Esta Narizinho é de muita sorte, murmurou consigo. Apanhou um marido que alem de principe tem idéas muito felizes...

Chegados aos primeiros degraus do throno os reaes noi-

vos principiaram a subir passo a passo, ao som das mais bellas musicas que se possam imaginar. Eram cantos de sereias vindas de todos os pontos do oceano.

Pedrinho, que jamais vira sereia, arregalou bem arregalado os olhos, pensando lá consigo: “E a boba da vóvó que não acredita em sereia?”

Subito o principe parou, como se alguem estivesse a lhe mexer no pé. Olhou para baixo. Viu a minhoca com o recado. Entendeu muito bem o que ella disse e, voltando-se para Narizinho, explicou:

— E’ Pedrinho, o visconde e o marquez que acabam de chegar.

— Que bom! exclamou a menina batendo palmas. Mas agora temos de recommençar a festa desde o começo, senão Pedrinho fica damnado.

Quem mandava no reino já era Narizinho. Um desejo seu valia por ordem terminante, de modo que o principe fez parar a festa para recommençar tudo de novo. Cada qual foi para o seu posto, todos muito compenetrados, á espera de que Pedrinho, o marquez e o visconde entrassem e tomassem os lugares que lhes estavam reservados.

As portas do palacio abriram-se afinal e os tres aventureiros surgiram. Emilia incontinenti notou qualquer coisa estranha na ponta da cauda do marquez.

— Que é que Rabicó tem na cauda? interrogou ella firmando a vista. Parece que o laço de fita virou siri... e correu para ver bem. Verificando que era siri mesmo, desmaiou de vergonha — ah!...

Houve grande reboição. Toda a cõrte correu a amparal-a. Veio ás pressas o doutor Caramujo, que lhe tomou o pulso demoradamente.

— Não está morta, não! disse por fim. Apenas des-acordada.

— E como ha de ser para acordal-a? perguntou Narizinho ansiosa. Não haverá ether por aqui?

— Ha coisa melhor, declarou o doutor Caramujo. Ha siris! Para acordar uma creatura desmaiada não conheço nada melhor do que botar siri em cima. Tragam-me um siri!...

O principe gritou logo:

— Um siri! Meu reino por um siri!...

— Aqui está um, disse Rabicó, voltando-se de costas para o doutor Caramujo, muito contente de ter apparecido aquelle geito de se livrar do doído brinco da cauda.

O doutor agarrou no siri, tirou-o da cauda de Rabicó e applicou-o no nariz da Emilia. A boneca immediatamente deu um suspiro, abrindo os olhos.

— Onde estou eu? murmurou, ainda apalermada.

— Sente-se melhor? indagou o medico.

— Um pouco... Mas tenho a vista turva. Vejo tudo atrapalhado, como se o mundo estivesse cheio de pernas...

Eram as pernas do siri que ainda estava pendurado no seu nariz! O doutor riu-se e retirando do nariz della o "ether" de pernas guardou-o no bolso, dizendo:

— Um medico deve andar sempre prevenido!...

Terminado o incidente ia a festa começar de novo. Chegou o casamenteiro — outro Bernardo Eremita, muito respeitado no reino pelas suas manhas. Fôra convidado não só para fazer o casamento como tambem para coroar o principe com a famosa corôa de rosquinha engastada de diamantes.

— Começa tudo do principio! gritou o principe.

E tudo recomeçou. As sereias repetiram os lindos cantos que já haviam sahido de suas lindas boccas e os noivos repetiram a marcha a passos lentos em direcção do throno nupcial. Emquanto caminhavam, uma chuva de perolas moidas cahia sobre elles.

Subiram ao throno. Sentaram-se. O venerando Bernardo Eremita pronunciou as palavras sacramentaes e os casou

bem casadinhos. Palmas romperam, e gritos, e hurrahs. Narizinho estava princeza, finalmente!

Restava a coroação. O venerando Bernardo pronunciou outras palavras sacramentaes e concluiu pedindo a corôa.

Mas... que é da corôa? Havia desapparecido...

— A corôa sumiu! murmurou o fidalgo que segurava a salva de escamas, mais pallido que uma folha de papel. Alguem furtou a corôa!...

— Miseravel! rugiu o principe tomado de subito accesso de colera. Como deixou perder-se a mais rica joia do meu thesouro? e avançou para o pobre fidalgo de sceptro erguido.

Foi um reboliço. A côrte debandou apavorada, porque todos sabiam que quando o principe surrava alguem com o sceptro era signal de fim de mundo, peor que tempestade em alto mar.

Narizinho e seus companheiros acharam que era melhor debandarem tambem. Sahiram correndo e chegaram pingando ao sitio de dona Benta.

Assim que pararam para tomar folego, Emilia voltou-se para a menina, e disse:

— Eu vi, Narizinho! Juro que vi! Foi Rabicó quem comeu a corôa!...

E tinha sido mesmo...

AVENTURAS DO PRINCIPE

I — O GATO FELIX

NUM dia de sol muito quente Lucia e Emilia sentaram-se á sombra da jaboticabeira á espera de Pedrinho que fôra ao matto cortar varas para uma arapuca. Longo tempo estiveram recordando as festas do casamento, terminadas dum modo tão estranho em virtude da má acção de Rabicó. De repente ouviram um miado de gato. Narizinho admirou-se, porque não havia gatos no sitio.

— Emilia, disse ella de ouvido á escuta, este miado está-me parecendo miado do gato Felix...

Era a primeira vez que a boneca ouvia falar em semelhante personagem.

— Quem é esse cidadão? indagou.

— Oh, é um gato que você nem imagina que gato é, de tão intelligente e reinador! Mette-se nas maiores aventuras, apparece nas fitas de cinema, pinta o sete. Ninguem pode com a vida delle. O gato Felix sae vencendo sempre!...

— Nem Tom-Mix?

— Tom-Mix vê o gato Felix e bota-se!...

Emilia deu um suspiro.

— Ai, ai! Era com uma pessoa assim que eu desejava ser casada...

Nisto uma cara de gato appareceu numa moitinha proxima, a olhar para as duas com muita curiosidade.

— E' elle mesmo! murmurou a menina. Juro que é o gato Felix!...

E fez pshuit, pshuit...

O gato sahiu da moita, vindo com toda a semcerimonia sentar-se no collo della. Narizinho alisou-lhe o pello e indagou:

— Como é que você anda por aqui? Pensei que morasse nos Estados Unidos.

— Ando viajando, respondeu elle. Estou correndo mundo para fazer um estudo sobre ratos. Quero saber qual é o paiz que tem ratos mais gostosos. Até no fundo do mar já estive, onde me empreguei numa côrte muito bonita de um principe Escamado.

— Que bom! exclamou a menina batendo palmas. Não sabe que me casei com esse principe?

— Sei, sim. Elle mesmo me contou. Por signal que anda morto de saudades da menina.

— E não me mandou nenhum recado?

— Mandou, sim. Mandou dizer que hoje, sem falta, vem ao sitio de dona Benta fazer uma visita á sua querida esposa. Quer matar as saudades e tambem conhecer sua vóvó.

— Sua, de quem? Minha ou delle?

— Sua e delle. O principe chama dona Benta de vóvó. Narizinho enterneceu-se.

— Vê, Emilia? Vóvó virou avó delle tambem...

E voltando-se para o gato:

— Mas vem hoje mesmo ou é um modo de dizer?

— Vem, sim. Quando sahi, estava apromptando a malinha de viagem, com o coche de gala já á espera na porta.

— Como é a malinha delle? perguntou a boneca.

— Não metta o bedelho, Emilia, advertiu Narizinho. Antes vá avisar vóvó e tia Nastacia da visita do principe. Mexa-se...

A boneca amarrou o burrinho, pois estava curiosa de ouvir a conversa do gato, e foi andando em direcção á casa de corpo molle, sem a menor pressa de chegar. Enquanto isso a menina dizia ao gato:

— Continue, senhor Felix!

— Não me lembro onde estava...

— No coche...

— E' verdade. O coche já está á espera d'elle. Vem o principe, vem o doutor Caramujo, vem o Bernardo Eremita, vem todos.

Narizinho bateu palmas, e de tão contente chegou a dar um beijo no focinho do gato Felix.

— Vae ser uma lindeza! exclamou. Vóvó e tia Nastacia vivem duvidando do que conto. Quero só ver a cara dellas, agora...

Depois chamou a boneca, que já ia meio longe:

— Emilia!

— Que é, Narizinho?

— Para onde vae indo com "tanta pressa?"

— Dar o recado que você mandou.

— Volte, boba! Não viu que mandei de mentira?

Emilia voltou, no seu passinho duro de boneca.

— Escute, disse-lhe a menina. Vamos hoje pregar uma grande surpresa em vóvó e preciso combinar tudo com Pedrinho. Vá chamar Pedrinho. Diga-lhe que venha correndo.

— Chamar de mentira?

— Não! Desta vez é de verdade. E de pressa! Vá num pé e volte noutro.

Quando Pedrinho veio, levaram os quatro uma porção de tempo combinando a surpresa que iam pregar na pobre vóvó. O gato Felix foi mandado ao encontro do principe para avisal-o da hora justa em que devia chegar. Em seguida Narizinho fez recommendações á boneca.

— A surpresa vae ser no fim do almoço. Mas você não pegue a fazer cara de muito sabida, que vóvó desconfia.

Chegada a hora do almoço, todos foram para a mesa. Nada se passou de extraordinario até o momento da sobremesa. Ahi dona Benta fixou os olhos na cara da Emilia e disse:

— Estou desconfiada que vocês estão me armando alguma peça. Esse ar de sonsa da Emilia não me engana.

Emilia nunca soube fingir. Quando ia fingir, fingia demais — e estragava o fingimento. Mas Narizinho sossegou a velha.

— Não é nada, vóvó. Emilia é uma bobinha.

Nisto ouviu-se rumor lá fóra, seguido de batida na porta — uma batidinha muito delicada, tic, tic, tic...

— Quem será? exclamou dona Benta estranhando aquelle modo de bater. E gritou para a cozinha: Nastacia, venha ver quem bate.

A negra appareceu, de colher de pau na mão. Foi abrir, mas de accordo com o seu costume espiou primeiro pelo buraco da fechadura. Espiou e ficou assombrada.

— Que é, filha de Deus? perguntou dona Benta inquieta.

— Crédo! exclamou a preta. O mundo está perdido, sinhá!...

— Mas que é, rapariga? Desembuche...

— E' uma bicharia, sinhá, que não acaba mais! O terreiro está "assim" de peixe, de concha, de caranguejo, de quanto bichinho exquisito ha lá no mar. Até nem sei se estou acordada ou dormindo...

— Eu bem estava adivinhando que ia haver coisa hoje! disse dona Benta erguendo-se da mesa para espiar tambem. Arrumou os oculos e, afastando tia Nastacia, olhou pelo buraco da fechadura. E ficou ainda mais assombrada que a preta ao ver toda a população miuda do mar rodeando a casa.

— Que significa isto? perguntou, voltando-se para Narizinho.

— Não é nada, vóvó! E' o principe Escamado com sua côrte que nos vem visitar. Elle quer muito conhecer a senhora.

Dona Benta olhou para tia Nastacia, de bocca aberta, sem saber o que dizer.

— Elles são todos muito boa gente, continuou a menina. Vão passar aqui a tarde e garanto que não desarrumam coisa nenhuma. Vóvó pode ficar descansada.

— Mas que idéa, Narizinho, de virar esta casa em jardim zoologico? Onde iremos parar com taes brincadeiras?

— Não deixe, sinhá! interveio a preta. Não abra a porta. E' tanto bicho exquisito que até estou tremendo de medo.

Narizinho deu uma risada.

— Elles não mordem, boba! São creaturinhas civilizadas e de muito boa educação.

A preta não se convenceu.

— Eu sei! disse ella. Uma occasião um caranguejo me ferrou neste dedo que até marca deixou. Não consinta, sinhá! Não deixe entrar em sua casa essa bicharia malvada.

E foi tratando de botar a tranca na porta.

Vendo que a tranca na porta iria estragar todo o seu plano, Pedrinho sahiu pelos fundos, para se entender com o principe, ao qual disse:

— Vóvó e tia Nastacia estão tremendo de medo, sem coragem de abrir a porta. São umas bobas. Pensam que vocês são desses bichos malvados que mordem.

O principe, que esperara uma calorosa recepção por parte de dona Benta, ficou muito resentido.

— Nesse caso prefiro voltar, disse com dignidade. Não me julgo com direito de perturbar o sossego duma tão respeitavel senhora.

— Isso é que não! retorquiu Pedrinho. Já que vieram, teem que entrar, quer as velhas queiram, quer não queiram. Se não puderem entrar pela porta, entrarão pela janella. Esperem ahi...

E foi correndo buscar uma escada.

II — ENTRAM TODOS

Emquanto tia Nastacia, depois de collocar a tranca na porta, procurava arrastar a mesa para formar uma barricada, o principe e sua comitiva iam subindo pela escadinha que o menino trouxera. Subiram e pularam pela janella a dentro. Quem primeiro pulou foi o doutor Caramujo.

Tia Nastacia, ainda, ás voltas com a mesa, ao ouvir o barulhinho do pulo voltou-se com um berro:

— Acuda, sinhá! Estão pulando pela janella! Olhe quem está atraz de mecê! Um bichinho de oculos, que é um “phelómemo”...

Narizinho explicou logo:

— Não tenha medo, vóvó! Este é o doutor Caramujo, o grande medico que fez Emilia falar. Tem pilulas para todas as doenças. E' até capaz de curar aquelle pinto sura que está com estupor.

Dona Benta havia voltado o rosto e visto atraz della o doutor Caramujo, de oculos, a lhe fazer um cumprimento muito amavel. E seu espanto, que já era grande, cresceu mais ao ver surgir na janella o peixinho vestido de rei.

— Este é o meu esposo, o principe Escamado, rei do reino das Aguas Claras, explicou Narizinho fazendo as apresentações. E esta senhora, principe, é a minha querida vóvó, dona Benta de Oliveira.

Com uma gentil cortezia, o principe murmurou, todo amavel:

— Tenho muita honra em conhecel-a, minha senhora, e peço-lhe permissão para a tratar de vóvó tambem.

A pobre velha por um triz que não desmaiou. Abanou-se muito afflicta, uff, uff!... Depois, voltando-se para a negra:

— E elle fala mesmo, Nastacia! Fala tal qual uma gente... murmurou.

A preta fez o signal da cruz.

Emquanto isso os outros fidalgos da côrte foram pulando. Pulou o venerando Bernardo Eremita. Pulou a senhorita Sardinha. Pulou dona Aranha Costureira. Pulou o major Agarra-e-não-larga-mais. Cada um que pulava era um novo berro de tia Nastacia.

— E uma sardinha agora, sinhá! ia exclamando. E agora uma aranha! E agora um sapo! O mundo está perdido. . .

Por fim não aguentou mais: disparou para a cozinha.

Dona Benta, porem, foi-se acostumando, e dalli a pouco já não estranhava coisa nenhuma. Começou até a achar uma graça enorme em tudo aquillo.

— Você tem razão, minha filha, disse ella por fim. Esse mundo em que você e Pedrinho vivem é muito mais interessante que o nosso.

E ferrou numa prosa comprida com o doutor Caramujo a proposito da doença do pinto sura.

Emquanto isso Narizinho ia mostrando as cousas da sala ao seu amado principe. Mostrou o relógio da parede, mostrou os pratos do armario, mostrou o pote d'agua. O que mais impressionou o peixinho foi um guarda-chuva que estava a um canto.

— Para que serve isto? perguntou elle.

— Para a gente não se molhar, respondeu a menina.

— Então porque não o levaram na viagem ao fundo do mar?

Tanta graça achou a menina nessa pergunta que não resistiu á tentação de agarral-o e beijal-o na testa.

— Você é um burrinho, sabe?

Como ignorasse o que queria dizer burrinho o principe não se offendeu. Depois, notando a ausencia do visconde de Sabugosa e do marquez de Rabicó, pediu noticias delles.

— O visconde levou a bréca, respondeu a menina. Voltou da viagem ao fundo do mar tão encharcado que tive de

pendural-o no varal de roupa para enxugar. Mas não ficou bem pendurado. Deu o vento e cahiu e ficou esquecido num canto por muito tempo. Resultado: deu nelle uma doença exquísita chamada bolor. Ficou todo verdinho, coberto dum pó que sujava o assoalho. Embrulhei-o, então, num folheto velho das Aventuras de Sherlock Holmes, que andava por ahi, e o botei não sei onde. Com certeza já morreu...

— Que horrivel desgraça! exclamou o principe seriamente compungido. Logo que voltar ao reino hei de decretar lucto official por sete dias.

— Qual, não vale a pena, principe! O visconde já andava meio maluco com as suas manias de sabio. Ficou tão scientifico, que ninguem mais o entendia. Só falava em latim, imagine! Logo chega tempo da colheita de milho e arranjo um visconde novo.

— E o senhor marquez?

Narizinho teve receio de contar que fôra Rabicó o ladrão da coroinha do principe. Limitou-se a dizer:

— Estava emmagrecendo tanto que tia Nastacia o botou num chiqueirinho para engordar.

— Muito sympathico o marquez, disse o principe, por amabilidade. Tambem acho muito sympathica a senhora marqueza.

— Eu quero tanto bem á Emilia, explicou Narizinho, que tenho vontade de desmanchar o seu casamento com o marquez para casal-a com o gato Felix. Emilia não foi feliz com esse casamento.

— Porque, se não é indiscreção?

— Os genios não se combinam. Alem disso, Emilia não se casou por amor, como nós. Só por interesse, por causa do titulo. Emilia não é mulher para Rabicó. Merece muito mais. Merece um senhor sacudido e valente como o gato Felix. E' verdade que elle está a serviço da côrte?

O principe mostrou-se surprezo.

— Gato Felix? disse franzindo a testa. Não conheço esse freguez...

— Como não, se foi elle quem trouxe a noticia da sua visita, principe?

— Não pode ser. Mandei o recado por uma sardinha...

Narizinho ficou a scismar. Lembrou-se que quando dera o beijo no gato Felix, sentira um leve cheiro de sardinha. “Querem ver que elle comeu a mensageira do principe com recado e tudo?” pensou consigo. Nada disse, porem, para não entristecer o seu querido maridinho. Mudando de assumpto, convidou-o a dar uma volta pelo sitio.

III — TIA NASTACIA E A SARDINHA

Tia Nastacia tambem havia perdido o medo aos bichinhos depois que viu que não mordiam. Chegou até a ficar amiga intima da senhorita sardinha, ou Miss Sardine, como era chamada no reino, por ter nascido na Terra Nova, isto é, nos mares que rodeiam a Terra Nova, porque um peixe não pode nascer na terra, seja nova ou velha.

Como norte-americana que era, Miss Sardine mostrava-se muito desembaraçada de modos. Não era acanhada como as outras. Fazia o que lhe dava na cabeça, tornando-se famosa no reino pelas suas excentricidades. Uma dellas era dormir dentro duma latinha, em vez de dormir na cama. “Estou praticando para a vida futura,” costumava dizer com um sorriso melancolico. A vida futura das sardinhas, como todos sabem, não é no céu, mas dentro de latas...

Miss Sardine fez grande camaradagem com tia Nastacia. Logo que chegou foi-se mettendo pela cozinha, a examinar tudo com uma curiosidade de mulherzinha velha. E não parava com perguntas.

— Que monstro exquisito é esse? perguntou mostrando o fogão.

— Isso se chama fogão, respondeu a preta.

— E essa coisa vermelha que elle tem dentro?

— Isso se chama fogo.

— E para que serve?

— Serve para queimar o dedinho de quem põe o dedinho nelle.

E tia Nastacia dava risadas gostosas, vendo as caras de admiração que Miss Sardine fazia.

Certo momento trepou a uma prateleira e poz-se a remexer em tudo. Enfiou a cabecinha dentro do vidro de sal e provou.

— Hum! Estou conhecendo este gosto, disse.

— Isso é farinha lá da sua terra; vem do mar, explicou a preta.

Provou depois uma pitadinha de assucar, achando-o tão bom que pediu para levar um pacote.

— Não vale a pena, disse a preta. Essa farinha é damnada para derreter n'agua.

Quando destampou o vidro de pimenta do reino em pó, tia Nastacia a advertiu:

— Cuidado! Isso arde muito nos olhos.

Antes não avisasse! Miss Sardine assustou-se, escorregou e cahiu de ponta cabeça dentro do vidro. Aquillo foi um pererecar e berrar de metter dó!

— Acuda! Estou céga...

A negra, afflicta, tirou-a de dentro do vidro e lavou-a na bica d'agua, dizendo:

— Bem feito! Quem manda ser tão reinadeira? Eu logo vi que ia acontecer alguma...

Miss Sardine não a ouvia, continuando a gritar e espernear.

— Acuda! Está pegando fogo nos meus olhos! Estou céga, não enxergo nada!...

— Isso passa, consolou a preta. Tenha um pouco de paciencia, menina. Muito peor seria se tivesse cahido dentro da frigideira de gordura quente.

Por quasi meia hora esteve ella assim, de olhos em fogo. Afinal foi sarando e sarou e abriu os olhos — primeiro um, depois o outro, depois os dois. Muito admirada de enxergar como antes, deu uma risadinha feliz.

— Sarei! exclamou Miss Sardine, muito admirada, piscando muito e olhando para tudo para ver se os olhos estavam bons mesmo ou só meio bons. Depois voltou ás perguntas, indagando que coisa era uma frigideira.

Tia Nastacia ficou atrapalhada. Contar a um peixinho o que é uma frigideira até chega a ser judiação. De dó della a negra deu uma resposta que a deixou na mesma.

— Frigideira, disse, é uma panella rasa onde a gente põe uma certa agua grossa, chamada gordura, que chia e pula quando tem fogo em baixo.

— Que bonito! exclamou Miss Sardine admirada. Um dia hei de voltar aqui para passar uma hora inteira nadando nessa agua que pula.

A negra tapou a bocca com as mãos para esconder a risada que ia sahindo. Nesse momento dona Benta gritou lá do fundo do quintal:

— Nastacia! Venha depressa...

— Que será, meu Deus do céu? exclamou ella, correndo para ver do que se tratava.

Encontrou dona Benta perto do gallinheiro, em conferencia com o doutor Caramujo a respeito da doença do pinto sura. Assim que chegou dona Benta disse:

— Nastacia, veja se me pega o pinto sura.

— Para que, sinhá? perguntou a preta estranhando a ordem.

— O doutor Caramujo quer dar a elle uma das suas milagrosas pilulas. Diz que não ha melhor remedio para estupor de pintos suras.

Tia Nastacia abriu a bocca. Seria possivel que aquelle bichinho cascudo entendesse mesmo de pilulas?

— Elle está mangando com mecê, sinhá! Onde já se

viu caramujo entender de remedios? E' impostoria delle, sinhá. Não acredite.

— Eu tambem estou duvidando e por isso quero tirar a prova. Pegue o pinto.

Resmungando que o mundo estava perdido, foi ella em procura do pinto. Pegou-o e trouxe-o.

— Agora preciso dum canudinho, disse o doutor Caramujo. Só sei dar pilulas a pinto pelo systema do canudinho.

A negra foi resmungando procurar um canudinho. Trouxe-o.

O doutor Caramujo, então, explicou como se fazia. Enfiava-se o canudinho na garganta do pinto; punha-se a pilula dentro do canudinho; depois era só assoprar.

— Ora veja! exclamou tia Nastacia sacudindo a cabeça. Uma coisa tão simples e eu nunca me lembrei! Estou vendo que esses bichinhos do mar são mais sabidos que a gente, sinhá.

A pilula foi collocada dentro do canudinho e o canudinho foi enfiado dentro da garganta do pinto.

— Preciso agora duma pessoa que assopre. Se não houver pessoa assopradeira, folle serve.

— Assopre, Nastacia! mandou dona Benta.

Tia Nastacia agachou-se, poz a bocca na ponta do canudinho e ia assoprar quando deu um berro, erguendo-se a tossir como uma desesperada.

— Que aconteceu, Nastacia?

A resposta foi uma careta de quem está engasgado com alguma coisa amarga. Depois falou.

— Aconteceu, sinhá, que o pinto assoprou primeiro e quem enguliu a pilula fui eu!...

Dona Benta não pode deixar de rir com vontade; a negra, porem, não achou graça nenhuma, e até se mostrou apprehensiva, com medo de que a pilula lhe fizesse mal.

— Não fará mal nenhum, asseverou o doutor Cara-

mujo. Até pode curar alguma molestia que você tenha lá por dentro sem saber.

E assim foi. Tia Nastacia sarou duma celebre tosse de cachorro que a vinha perseguindo havia duas semanas, e tanta fé passou a ter nas pilulas do doutor Caramujo que as receitava para todo o mundo. Até para o Chico Orelha, um pedidor de esmolos sem orelhas que por lá apparecia ás vezes.

— Tome uma duzia, sêo Chico, que lhe nasce um par de orelhas novas ainda mais bonitas que as que lhe cortaram.

IV — OS SEGREDOS DA ARANHA

Dona Aranha, apesar de manca, jamais deixara de acompanhar o principe nas suas viagens — nem ella nem o doutor Caramujo. Medico tem sempre serviço numa viagem e costureira tambem — um botão que cae, um pé de meia que fura. Porisso dona Aranha tambem viera.

Trabalhadeira como ninguem, assim que chegou foi para o quarto de costuras examinar os apetrechos de dona Benta — a cestinha, a almofadinha de alfinetes, os agulheiros, os carreteis. Só não gostou da machina.

— Muito pesada e complicada, disse para Emilia, que a acompanhava.

Emilia, vendo-se só com a Aranha, regalou-se de fazer quantas perguntinhas quiz.

— Acho muito bonito esse seu systema de trazer o carretel dentro da barriga, disse ella. Só não comprehendo como a senhora faz para engulir um carretel...

— Eu não engulo carreteis, menina, explicou a Aranha. Já nasci com carretel dentro.

— E quando acaba?

— Não acaba nunca.

— Hum! Já sei! A senhora tem fabrica de linha na barriga, não é?

— Deve ser. Nunca entrei dentro de mim para saber.

— Pois eu sei o que ha dentro de mim. E' só macella! Quando fiquei com a perna secca, tia Nastacia me concertou e eu vi. Ella poz só macella, da bem amarellinha e cheirosa.

— E seu marido, o marquez? perguntou dona Aranha. Tambem é cheio de macella?

— Creio que não, porque Rabicó é differente de mim em tudo. Por exemplo: elle come e eu não como. Só como de mentira, por brincadeira.

— Não come? exclamou dona Aranha muito admirada. E' a primeira pessoa que vejo dizer isso...

— Nunca comi cousa alguma — e sinto bastante, porque comer parece que é muito gostoso. Rabicó quando come arregala os olhos de gosto, e grunhe, se alguem se aproxima. A vacca mocha, essa até baba quando come um sabugo de milho.

— Pois lá no mar não existe uma só creatura que não coma. E um come o outro. A gente precisa andar com as maiores cautelas, espiando para todos os lados e escondendo-se quando vê algum peixe. Minha mãe foi comida por uma garoupa.

— Coitada! exclamou Emilia deveras compungida. E era tambem costureira?

— Era sim. Todas as aranhas são costureiras.

— E tinha tambem carretel na barriga?

— Está claro. Basta ser aranha para ter carretel na barriga.

— E de quer côr era a linha?

— A côr não varia. E' sempre a mesma para todas as aranhas.

— Que pena! exclamou Emilia triste. Gosto muito da

côr vermelha e se soubesse duma aranha de linha vermelha, iria morar com ella.

— Para que?

— Para ver. Para sentar debaixo da jaboticabeira e ver aquella linha tão linda que sae, sae, sae e não se acaba nunca. . .

Emquanto Emilia ia dizendo suas asneirinhas, dona Aranha para não perder tempo serzia meias. Serzia tão bem que não havia quem fosse capaz de perceber o serzido.

Admirada da perfeição do trabalho, Emilia disse:

— Se a senhora se mudasse para a cidade havia de ganhar um dinheirão.

— E que faria eu com o dinheiro?

— Oh, muitas coisas! Podia comprar uma casa, podia comprar um guarda-chuva. Pedrinho diz que é muito bom ter dinheiro.

— E elle tem muito?

— Muito! Pedrinho é muito rico, mas muito mesmo. Possui um cofre com mais de cinco mil réis dentro.

— E para que quer tantos réis?

— Diz que vae comprar um revolver. Eu se tivesse dinheiro sabe o que comprava? Um trem de ferro! Não ha nada que eu goste mais que do trem de ferro. . .

— Porque?

— Porque apita. A senhora já ouviu apito de trem?

Nesse ponto a conversa foi interrompida por um recado de Narizinho, ordenando que Emilia se vestisse para sahir a passeio.

— Adeus, dona Aranha. Narizinho está precisando de mim. Vae passear comnosco ou fica?

— Fico. Estou com fome e quero ver se apanho umas tres moscas.

— Não use vinagre aconselhou Emilia retirando-se. Tia Nastacia diz sempre que não é com vinagre que se apanham moscas.

V — VALENTIAS

Pedrinho havia sahido a passeio com o capitão dos couraceiros, vindos para a guarda do principe. Esses valentes soldados tiveram ordem de ficar fóra da casa, no terreiro, para que não assustassem tia Nastacia.

Pedrinho fez logo boa camaradagem com o capitão, que era um grande contador de proezas.

Contou duma terrivel lucta entre dois espadartes e duas baleias, que assistiu de pertinho. Sua valentia consistiu nisso — assistir de pertinho. Contou depois suas proprias façanhas, luctas com as lagostas, ataque a um filhote de peixe-espada.

Pedrinho tinha paixão por historias de caçadas, guerras, luctas de boxe — aventuras de terra e mar, como dizia dona Benta. Ouvia com interesse as historias do couraceiro e contava outras. Contou historias de onças, tigres de Bengala, leões do Uganda, jacarés do Amazonas.

— E qual é o bicho da terra que acha mais perigoso? perguntou o couraceiro, que ignorava completamente tudo que não se referia ao mar. Dizem que é o leão.

— E' e não é, respondeu Pedrinho para mostrar que entendia do assumpto. E' porque é, e não é porque com uma boa bala na cabeça qualquer caçador dá cabo dum leão. Para mim o bicho mais perigoso é uma tal vespa, que quando morde incha o lugar e arde que nem fogo.

O couraceiro, que não fazia a menor idéa do que fosse uma vespa, indagou:

— Mas com uma boa bala na cabeça qualquer caçador não dá cabo duma vespa?

— Se acertar, sim, respondeu o menino. Mas ainda está para existir um caçador que acerte uma bala em cabeça de vespa.

O couraceiro arregalou os olhos.

— Só se são encantadas...

— Peor que isso. São deste tamanhinho, e voam como umas damnadas. Certa vez uma ferrou na ponta da lingua de Narizinho. A coitada viu fogo! Vespa sim, é um bicho perigoso. Eu por exemplo, que não tenho medo de nada, confesso que respeito as vespas — e não tenho vergonha nenhuma de dizer isso.

O couraceiro, que era um dos caranguejos mais gabolas do mar, deu uma risada de desafio.

— Pois eu só queria encontrar-me com uma dellas! Tenho tirado a prosa de muito bichinho valente e tirava a prosa das vespas também.

Pedrinho riu-se.

— Sua valentia vem da couraça. Tire a casca e venha lutar com uma vespa, se é capaz!

Offendido com o juizo que o menino fazia delle, o couraceiro replicou:

— Saiba que já me bati com uma grande lagosta e a venci em poucos minutos.

— Grande coisa! Pois eu já dei no Chiquinho Pé-de-Pato, que é o moleque mais temido lá da cidade, e no entanto corro de vespa. Corro e hei-de correr, e nunca terei vergonha de contar isso, porque ter medo de vespa é o unico medo que não desmoraliza ninguem.

Estavam nesse ponto quando passou Emilia, muito requebrada no seu vestido de cassa côr de rosa. Ia tão absorvida em pensamentos que nem os percebeu.

— Quem é esta senhora? perguntou o couraceiro.

— Pois é a marquiza de Rabicó, não sabe? Uma das damas mais illustres dos tempos modernos.

— Hum! fez o couraceiro lembrando-se. Se não me engano esteve lá no reino ha muito tempo, em companhia de Narizinho. Mas naquella época usava camisola e tinha os cabellos pretos.

— Emilia muda muito, não é como vocês que são sem-

pre os mesmos. Cada vez que Narizinho enjoa-se da cara della, muda. Muda tudo. Muda a bocca mais para baixo ou mais para cima. Muda as sobranceilhas, muda os olhos. Houve até uma semana em que Emilia passou sem olhos cinco dias.

— Como pôde ser isso? inquiriu o caranguejo muito admirado.

— Narizinho estava mudando os olhos della, que são de retroz, e já tinha arrancado os velhos para pôr novos, quando percebeu que não havia mais retroz no carretel. Até que alguém fosse á cidade e trouxesse mais retroz, a coitada ficou sem olhos, ceguinha num canto, sem enxergar coisa nenhuma.

Apezar de ser um guerreiro de coração duro o caranguejo murmurou apiedado:

— Coitada! Como não havia de ter soffrido...

— Mas tambem, continuou Pedrinho, quando a linha veio e Narizinho botou-lhe olhos novos, bem arregalados, Emilia tirou a fórra. Passou o dia inteiro sem fazer outra coisa senão olhar.

— Tem filhos? perguntou ainda o curioso capitão.

— Não. Narizinho não quer. Emilia é sua companheira de passeios e viagens. Se tivesse filhos teria de ficar em casa, a dar de mamar para as creanças, a lavar fraldinhas — e adeus passeios!...

VI — OS ESPANTOS DO PRINCIPE

Narizinho e o principe de braços dados percorriam o sitio. Já haviam visitado o chiqueirinho de Rabicó e estavam agora sentados na grama á espera da Emilia para irem visitar a vacca mocha. O principe não fazia a menor idéa do que fosse uma vacca, mostrando-se impaciente por ser apresentado áquella.

— A vacca mocha, explicava a menina, é a senhora



...a vacca deu um mugido. O principe que não esperava por aquillo, cahiu para traz com o susto.

mais importante aqui do sitio — depois de vóvó e tia Nastacia. Muito bondosa, incapaz de fazer mal a um mosquito.

— Mas como então devorou o pae, a mãe e todos os parentes do senhor visconde de Sabugosa?

— E' que elles eram sabugos e sendo sabugo a mocha não perdoa mesmo. Agarra e vae mascando. Mas para gente como nós, gente de carne, ella não faz nada. Vacca não come carne, sabe? Nem minhoca! Pedrinho já fez a experiencia. Poz-lhe uma rosada minhoca no cocho. Sabe o que ella fez? Virou a cara de lado e cuspiu de nojo.

O principe lá no intimo achou que devia ser uma creatura de muito mau gosto. Comer sabugo e ter nojo de minhoca era para elle a coisa mais absurda do mundo.

Nisto chegou Emilia.

— Que demora! disse Narizinho. Estamos aqui á sua espera ha um seculo. Que esteve fazendo?

— Ajudando dona Aranha a remendar suas meias, sabe? Oh, como dona Aranha remenda bem! Serze com a maior perfeição. Se eu fosse você não deixava dona Aranha voltar para o reino.

E dirigindo-se ao principe:

— Porque não dá dona Aranha para Narizinho? Narizinho, apesar de ser princeza, anda sempre de meias furadas por falta duma boa aranha aqui no sitio.

— Começam as inconveniencias! advertiu a menina fazendo carranca. Anda com meias furadas o seu nariz. Vamos visitar a vacca mocha que é o melhor.

Foram em direcção da cocheira. Assim que o principe deu com a vacca, estacou, de olhinhos muito arregalados. Nunca suppoz que houvesse um bicho tão grande e tão fóra de proposito.

— Pois é esta a mocha, principe, foi dizendo a menina. Veja que respeitavel senhora é, que pello macio, que pontudos chifres.

O principe olhava, olhava, sem entender muito bem. Depois entrou com perguntas.

— E que é isto que ella tem pendurado aqui em baixo?

— São as tetas, explicou a menina. Teta quer dizer torneirinhas de leite. Tia Nastacia espreme e sae uma agua branca chamada leite. Todas as manhãs eu tomo um copo, bem quentinho e espumante, tirado justamente dessas torneirinhas.

— E isto aqui? perguntou o principe apontando com o sceptro para a cauda.

— Isso é o espantador de moscas. Serve para assustar as moscas que vem brincar em cima della.

Querendo tambem mostrar sua sciencia Emilia accrescentou:

— Esse espantador foi pregado ahi por tia Nastacia. Quando a mocha nasceu não tinha nada atraz.

— Não acredite, principe! Emilia está bobeando você. Todas as vaccas já nascem de espantador, como todos os peixes já nascem de cauda.

Tão interessante achou o principe aquelle comprido appendice movediço com mécha de cabellos na ponta, que se declarou disposto a adoptar a moda no reino. Depois examinou attentamente os chifres.

— Tambem são espantadores de moscas? perguntou.

— Não! respondeu a menina. Isso ahi são espantadores de gente. Chamam-se chifres e servem para chifrar.

— Chifrar? Que é chifrar? indagou elle de carranquinha.

A menina deu uma risada gostosa.

— Chifrar, principe, é dar chifradas, entende? E' dar uma cabeçada com dois espetos tortos na testa. Mas não tenha medo. A mocha não chifra ninguem — só cachorro que vem latir perto della.

— E estas quatro estacas? disse apontando para as pernas.

Narizinho deu outra risada ainda mais gostosa.

— Como é burrinho o meu maridinho! Pois não vê que são as pernas? Sem isso como as vaccas poderiam ficar de pé e andar?

Emilia metteu o bedelho.

— Essa é boa! Quantos bichos conheço que não tem pernas e “andam” muito bem...

— Diga um, vamos!...

— O relógio de dona Benta. Não tem pernas e ella diz sempre: “Este relógio, apesar de ser mais velho do que eu, “anda” muito bem.”

A menina olhou para Emilia com cara de dó.

— Que pena! disse. Tão “intelligente” e não aprende nunca a differençar entre as creaturas vivas e as coisas inanimadas...

O principe não tirava os olhos da vacca, sempre admirado. Quiz saber como é que ella fabricava o leite.

— Está ahí uma coisa que não sei, respondeu a menina. A mocha come capim, come aboboras, come sabugo, mastiga bem, engole — e sae leite do outro lado pelas torneirinhas. Tudo que come vira em leite. Se comer o visconde, vira-o em leite tambem. E’ um mysterio que não entendo.

— Pois eu entendo! gritou a Emilia. E’ que a mocha todos os dias come mandioca. Leite, na minha opinião, é mandioca liquida.

— Que sandice, Emilia! observou a menina. Pois não vê que Rabicó tambem come mandioca e não dá leite?

— Isso é porque Rabicó não tem torneirinhas. Se tia Nastacia puzesse nelle quatro torneirinhas, juro que sahia leite.

— Desculpe, principe, disse a menina voltando-se para elle. Esta nossa amiga marquezia possui uma torneirinha de asneiras. Quando a abre, ninguem pode com a vida della.

Mas Escamado nada ouvia. Continuava de olhos pre-

gados na mocha. Por fim mostrou desejos de a levar para o reino.

— Impossivel, principe! respondeu Narizinho muito pesarosa. Em primeiro lugar, a mocha é de vóvó e vóvó não deixa; em segundo lugar, beberia tanta agua do mar pelo caminho que o leite ficaria salgado.

— Que pena! Esta senhora faria um grande successo na minha côrte.

Emilia metteu o bedelho outra vez.

— Aposto que dona Benta deixa! disse ella. Aposto que se o principe der uma boa baleia em troca, dona Benta deixa. As baleias tambem dão leite.

A menina poz as mãos na cintura.

— E onde vóvó iria botar essa baleia? perguntou muito séria.

— Aqui na cocheira, ora essa! Se a mocha pode morar aqui porque a baleia não poderia? Em que a tal baleia é melhor que a mocha, diga?

Narizinho enjoou-se tanto da burrice da Emilia que a enfiou de cabeça para baixo no bolso do avental.

Justamente nesse instante a vacca deu um mugido. O principe, que não esperava por aquillo, cahiu para traz com o susto.

— Coitadinho do meu maridinho! exclamou a menina precipitando-se para erguel-o. Não precisa assustar-se assim, bobo. A mocha dá esses berros só de brincadeira — e ajudou-o a arrumar diversar escamas que haviam sahido do lugar.

O principe, entretanto, não quiz mais saber de historias. Pallido ainda do susto, pediu para voltar para casa.

— Soffro do coração, explicou, e se ella berra outra vez sou capaz de ter um desmaio. Vamos embora...

VII — O DESASTRE

Voltaram de braços dados, Narizinho aborrecida com o berro da vacca e o principe a se queixar de palpitações do coração. Assim que alcançaram o terreiro novo susto veio aggravar o seu estado de saude. Ouviam-se dentro da casa gritos e choradeira.

— Que terá acontecido? murmurou a menina apprehensiva.

Largou do principe e foi correndo, com o presentimento dalguma grande desgraça.

— Que é? Que aconteceu? gritou logo ao entrar.

Não obteve resposta. Todos estavam chorando e não deram attenção á sua pergunta. A menina olhou espantada para os personagens presentes, dirigindo-se á cozinha em seguida. Lá encontrou tia Nastacia, tambem chorando.

— Que é? Que aconteceu, tia Nastacia? perguntou afflicta.

A negra respondeu, enxugando as lagrimas:

— Nem queira saber, Narizinho! Antes vá-se embora...

Como a menina insistisse, a negra não teve remedio — contou.

— Pois imagine que Miss Sardine, desde que o principe chegou, metteu-se aqui na cozinha e não sahiu mais. Remexeu em tudo, provou o sal, o assucar, e até cahiu no pote de pimenta do reino. Eu salvei ella, dei um banhinho nella e puz alli naquelle canto para seccar. No começo, emquanto a pimenta estava ardendo, ficou muito sossegada. Mas depois que a ardidura passou, principiou a reinar outra vez. Eu estava sempre avisando: “Não mexa ahi! Não chegue perto do fogo! Não seja tão reinadeira que de repente acontece qualquer coisa para mecê!”

Mas era o mesmo que estar falando para aquelle pau

de lenha alli. Fazia uma carinha de caçoada e continuava. Se não aconteceu desgraça foi porque eu estava sempre de olho em cima della, vigiando. Mas de repente dona Benta me chamou para ver uma gracinha do tal doutor Caramujo. Fui e deixei Miss Sardine sozinha...

— E que aconteceu? indagou Narizinho suspensa.

A negra continuou, depois de enxugar as lagrimas no avental.

— Aconteceu o que eu tinha medo que acontecesse. A coitadinha, assim que sahi, trepou ao fogão para espiar a frigideira de gordura. Achou lindo, com certeza, aquella agua que pulava e chiava — e deu um pulo para dentro da frigideira, pensando que fosse uma pequena lagoa. Gordura fervendo, imagine!...

— Coitadinha! berrou a menina horrorizada. Que contas vamos agora dar ao principe? Miss Sardine era a americana mais importante lá do reino — a unica que tinha entrada na côrte. Onde está ella, Nastacia?

— Está ainda na frigideira, respondeu a negra. Frita! Frita que nem um lambary frito...

Não podendo conter as lagrimas, a menina rompeu num berreiro. O principe ouviu. Reconheceu o choro e veio a correr, afflictissimo. Quando soube da tragedia, desmaiou.

Corre que corre! Chama o doutor Caramujo! Não acham o doutor Caramujo! Grita daqui! Berra de lá! Desmaia adiante! Que confusão horrivel foi...

Emquanto isso tia Nastacia tirava da frigideira o cadaver de Miss Sardine para mostral-o a dona Benta.

— Veja, sinhá! Tão galantina que até depois de morta ainda conserva os traços...

E a negra cheirou a sardinha frita, e depois a provou, e ficou com agua na bocca, e comeu-lhe um pedacinho, e disse para dona Benta:

— Bem gostosinha, sinhá! Prove... Muito mais gostosa que esses lambarys de rio...

Dona Benta recusou e tia Nastacia, ainda com lagrimas nos olhos, acabou comendo a sardinha inteira.

VIII — NOVO DESASTRE

Voltando a si do desmaio, o principe recahiu em profunda tristeza. Não quiz comer coisa nenhuma das comidinhas preparadas para elle. Não quiz continuar o passeio pelo sitio. Só queria uma coisa: voltar.

Dona Benta sentiu muito e disse:

— Pois, senhor principe, nossa casa está sempre á suas ordens. Quando quizer apparecer, não faça cerimonia, appareça.

— Muito obrigado, respondeu o peixinho com voz sumida. Tambem eu faço muito empenho que a senhora nos appareça lá pelo reino.

— Isso é mais difficil. Estou muito velha e perrengue. Poderei me molhar pelo caminho e adoecer.

Emilia, que ainda estava dentro do bolso de Narizinho, espichou para fóra a cabeça.

— Molhar como? disse muito espevitadamente. Pois a senhora vae de guarda-chuva!...

Narizinho empurrou outra vez a boneca para o fundo do bolso e, voltando-se para dona Benta, perguntou:

— Que presente poderemos dar ao principe, vóvó? Elle não deve voltar assim, de mãos abanando.

— Você é que sabe o gosto delle, minha filha.

— Escamado apreciou muito a vacca mocha, mas isso não convem dar. Na minha opinião acho que o melhor é dar... é dar...

Engasgou. Não sabia o que dar. Nisto appareceu Pedrinho, de volta do passeio com o capitão da guarda. Consultado, resolveu o problema immediatamente.

— Muito simples, disse elle. Ha aquellas rodinhas que

sobraram do despertador que concertei. Roda é coisa que não existe no mar. Juro que o principe vae ficar contentissimo.

Todos approvaram a idéa, e Escamado recebeu de presente as quatro rodinhas, como lembrança das quatro pessoas do sitio.

Na hora das despedidas houve choro. Até Emilia fugiu do bolso da menina, apparecendo com duas lagrimas da torneira nos olhos de retroz. Approximou-se do principe, muito cautelosa para que Narizinho não visse, e cochichou-lhe disfarçadamente:

— Se o senhor principe me conseguir uma boa aranha costureira eu arranjo geito de dona Benta trocar a mocha por uma baleia.

Terminadas as despedidas, lá se foi o principe, com a sua comitiva, todos de nariz vermelho de tanto chorar. Dona Benta, tia Nastacia, Narizinho e Emilia, á janella acenavam saudosamente com os lenços.

— Adeus! Adeus...

A primeira a falar foi Narizinho.

— O que vale é que o gato Felix não tarda por ahi. Se não fosse isso, não sei o que seria de nós — nesta tristeza das saudades...

Nem bem acabou de falar e o gato Felix surgiu no terreiro.

— Acudam! miou elle. O principe está se afogando!...

Todos correram ao encontro do gato, sem comprehendem o que elle dizia.

— Afogando como, se elle é peixe? exclamou a menina.

— Sim, mas passou muito tempo fóra d'agua e desaprendeu de nadar.

— Socorro! berrou Narizinho.

E disparou como louca na direcção do rio para salvar o seu amado principe...

O G A T O F E L I X

I — A HISTORIA DO GATO

NARIZINHO não pode salvar o principe porque quando chegou ao ribeirão do pomar já não o encontrou alli. Certa de que elle se havia salvo a si proprio, voltou correndo para casa, ansiosa por conhecer as aventuras do gato Felix.

Narizinho chegou, botou o gato no collo e disse:

— Você tem que me contar sua vida inteirinha, sabe?

— Pois não, respondeu o gato. Mas só sei contar historias de noite. De dia perdem a graça.

— Nesse caso vá dar um passeio e quando for de noite esteja aqui.

O gato sahiu, passeou pelo sitio inteiro, caçou tres ratos e de noite voltou. Tia Nastacia accendeu o lampeão da sala e disse: “E’ hora, gente!” Todos vieram sentar-se em redor do illustre personagem; dona Benta sentou-se na sua cadeirinha de pernas serradas; Narizinho e Pedrinho sentaram-se na rêde; Emilia foi para o collo da menina.

Até o visconde de Sabugosa quiz ouvir as historias. Narizinho teve dó do coitado; espanou-lhe o bolor e o botou num canto da sala, dentro duma lata — para que não sujasse o chão.

Logo que todos se accommodaram, Emilia disse:

— Comece, sêo Felix!

E o gato Felix começou.

— Houve em França, disse elle, um gato muito illustre, que era escudeiro do marquez de Carabás — tão illustre que não ha no mundo inteiro uma creança que não o conheça.

— Até eu! gritou Emilia. Era o tal Gato de Botas!...

— Justamente, confirmou o gato Felix. Esse gato era o Gato de Botas, escudeiro do marquez de Carabás. Fez coisas do arco da velha, como se sabe, até que se casou com uma linda gata amarella e teve muitos filhos. Esses filhos tiveram outros filhos. Estes outros filhos tiveram novos filhos, e veio vindo aquella gataria que não acabava mais até que nasci eu.

— Que bom! exclamou Narizinho. Então você é bisneto ou tataraneto do Gato de Botas?

— Sou cincoentaneto d'elle, disse o gato Felix, mas não nasci na Europa. Meu avô veio para a America no navio de Christovão Colombo e naturalizou-se americano. Eu ainda alcancei meu avô. Era um velhinho muito velhinho, que gostava de contar historias da sua viagem.

Emilia bateu palmas de alegria.

— Conte, conte! Conte as historias que elle contava. Conte como foi que o tal Colombo descobriu a America.

O gato Felix tossiu e contou.

— Meu avô veio justamente no navio de Christovão Colombo, que se chamava “Santa Maria”. Veio no porão e durante toda a viagem não viu coisa nenhuma senão ratos. Havia mais ratos no “Santa Maria” do que pulgas num cachorro pulguento, e emquanto lá em cima os marinheiros luctavam com as tempestades, meu avô lá embaixo luctava com a rataria. Caçou mais de mil. Chegou a enfarar de rato a ponto de não poder ver nem pellinho de camondongo. Afinal o navio parou e elle sahiu do porão e foi lá para cima e viu um lindo sol e um lindo mar e bem na frente uma terra cheia de palmeiras.

— Então era o Brasil! disse Emilia. Aqui é que é a terra das palmeiras com sabiá na ponta!...

— Viu a terra cheia de palmeiras e, na praia, uma porção de indios nós.

— Nós? exclamou Emilia tapando a cara.

— Sim, nós, armados de arcos e flechas, e a olharem

para o navio como se tivessem vendo uma coisa do outro mundo. Era a primeira vez que um navio apparecia por alli.

— Imaginem se elles vissem o trem de ferro... observou Emilia.

— Colombo então, continuou o gato, resolveu desembarcar e saber que terra era aquella, porque estava na duvida se seria realmente a America ou outra coisa. Entrou num bote e foi para a praia. Pulou do bote e chamou os indios.

Os indios não se mexeram do lugar, mas o cacique delles creou coragem e adeantou-se e chegou perto de Colombo.

— “Meus cumprimentos! disse Colombo, com toda a gentileza, fazendo uma cortezia com o chapéu de plumas.

— “Bemvindo seja! respondeu o indio, sem tirar o chapéu, porque não usava chapéu.

Colombo então perguntou:

— “Poderá o cavalheiro dizer-me se isto por aqui é a tal America que eu ando procurando?

— “Perfeitamente! respondeu o indio. Isto por aqui é a America que o senhor anda procurando. E o senhor já sei quem é. O senhor é o tal Christovão Colombo, não?

Colombo ficou admiradissimo da esperteza do indio.

— “Realmente, sou o tal, disse. Mas como adivinhou?

— “Pelo geito! respondeu o indio. Assim que o senhor botou o pé na praia, senti uma batida na paquêra e disse cá commigo: E’ o senhor Christovão que está chegando, até apostado!

Colombo adeantou-se e apertou a mão do indio. Em seguida o indio virou-se para os companheiros lá longe e gritou:

— “Estamos descobertos, rapaziada! Este é o tal Christovão Colombo que vem tomar conta das nossas terras. O tempo antigo lá se foi. Daqui por deante é vida nova — e vae ser um turumbamba damnado...

Nesse ponto da historia o visconde botou a cabeça fóra da lata e disse:

— Não acreditem! A descoberta da America não foi assim, foi muito differente. Eu li toda a historia de Colombo num livro grande de dona Benta e posso affirmar que o gato Felix está inventando.

— Não está inventando nada! berrou Emilia. Foi assim mesmo. O livro não esteve lá e não pode saber mais que o avô de sêo Felix, que esteve presente e viu tudo.

— Mas essa historia é absurda! berrou o sabio visconde. Isso é um disparate!...

— Disparate é o seu nariz! gritou Emilia, vermelhinha de indignação.

E voltando-se para a menina:

— Narizinho, porque é que você não tampa o visconde?

Narizinho achou bôa a idéa; foi lá e tampou a lata com o visconde dentro.

Terminado o incidente, o gato Felix continuou:

— Depois disso houve muitas coisas, e mais coisas, e outras coisas, até que meu avô se casou e nasceu meu pae, e meu pae se casou e nasci eu.

— E onde nasceu? perguntou Pedrinho.

— Nasci nos Estados Unidos, na cidade de New York. As casas lá são tão altas que se chamam arranha-céus e eu nasci no quadragesimo terceiro andar do arranha-céu mais alto de todos.

— Qua-dra-ge-si-mo! murmurou Emilia. Que bonito nome! Eu, se fosse dona Benta, baptisava a Mocha de Quadragesima...

— Não atrapalhe, Emilia, deixe o gato falar, advertiu Narizinho. E, voltando-se para o gato Felix, perguntou:

— Mas essas casas arranham mesmo o céu ou é um modo de dizer?

— Arranham, sim, confirmou o gato, e ás vezes até o furam. O céu de lá é todo furadinho.

— Quem deve ficar furioso é S. Pedro, disse a boneca. Eu, se fosse elle, suspendia o céu um pouco mais para cima.

Narizinho tapou com a mão a bocca da boneca.

— Nasci num arranha-céu, continuou o gato, e criei-me na rua. Fui o gatinho mais travesso da America, o mais atropelador dos camondongos. Depois que cresci, atirei-me para cima das ratazanas com tamanha furia que quasi todas se mudaram da cidade.

Um dia me deu na cabeça viajar. Fui ao porto e vi lá uma porção de navios, uns mais novos, outros mais velhos. Escolhi o mais velho, calculando que nelle devia haver mais ratos. Entrei sem pagar passagem e fui para o porão. Assim que entrei, a rataria disparou e só pude apanhar quatro. No dia seguinte peguei dez. No terceiro dia peguei vinte. No quarto...

— Pegou quarenta! disse Emilia.

— Não, trinta e um só! corrigiu o gato. E assim durante quinze dias. No fim desse tempo estava gordo que nem um porquinho e deixei a rataria em paz. Foi nessa occasião que aconteceu o desastre.

— Que desastre?

— Espere. Estava eu comendo o ultimo rato que comi no navio, quando rompeu lá em cima um berreiro. Subi ao tombadilho para ver o que era e encontrei o capitão dizendo que o navio tinha batido numa pedra e ia afundar.

— Crédo! exclamou tia Nastacia, que estava cochilando e acordou nesse ponto. Devia ser um quadro muito triste...

— Sim, ia afundar, continuou o gato. Tinha arrebatado a prôa e estava bebendo agua que nem uma esponja. Os marinheiros corriam de um lado para outro, como doidos. Uns tomavam os escaléres, outros amarravam á cintura os salva-vidas, outros lançavam-se á agua.

Eu disse commigo: "E agora, Felix, que vae ser de ti?" Pensei, pensei, pensei e por fim tive uma idéa. A unica sal-

vação seria fazer-me engulir vivo por algum dos tubarões que rodeavam o navio, com as boccas abertas e aquellas dentuças que mais pareciam serras.

— Crédo! exclamou outra vez tia Nastacia, fazendo o signal da cruz. E' por essas e outras que nunca hei de sahir do meu cantinho...

— Tive essa idéa, continuou o gato, e tratei de pol-a em pratica. Escolhi o tubarão maior de todos e quando elle passou perto de mim, dei um pulo e cahi, como pilula, bem no fundo da garganta delle.

— E não se arranhou? disse Emilia. Não esbarrou nalgum dente?

— Nada! Cahi bem na campainha do tubarão, e me agarrei nella e fui entrando por aquelle corredor vermelho afóra até chegar ao estomago.

— Era grande?

— Tinha o tamanho desta sala, respondeu o gato com o maior caradurismo.

Nesse ponto o visconde empurrou a tampa da lata, bôtu a cabeça de fóra e gritou:

— Não acreditem! E' mentira! Nem baleia tem estomago desse tamanho. Alem disso é impossivel a um gato permanecer vivo num estomago de tubarão.

— Impossivel porque, sêo Embolorado? Não se lembra da historia que dona Benta contou do propheta Jonas, que "permaneceu" uma porção de tempo dentro da barriga de um peixe?

— Sim, disse o visconde. Mas Jonas era propheta.

— Jonas era propheta e "sêo" Felix é quadragesimo. Dá na mesma.

Todos acharam que Emilia tinha razão.

— Fiquei lá muito sossegado da minha vida, continuou o gato, mas vi logo que não podia morar alli por muito tempo. Não havia ratos — e gato não sabe viver onde não ha

ratos. Tinha que sahir, mas como? Sahir era cahir nagua e morrer afogado. Como resolver o problema?

— Muito simples, disse Emilia. Era só fazer uma canoinha e entrar nella e sahir remando...

— Cala a bocca, Emilia! interveio Narizinho. Quem está contando a historia é o gato Felix e não você.

O gato continuou:

— O caso era difficilimo, e eu estava a pensar nelle quando vi entrar no estomago da féra uma enorme isca com anzol dentro. Mais que depressa fisguei o anzol, bem fisgado, na paquéra do monstro.

Assim que elle sentiu a dor da fisgada, poz-se a corcovear como um burro bravo que domador está amansando. Corcoveou, corcoveou, corcoveou até que não pode mais e foi morrendo.

Passou-se meia hora sem acontecer nada. O tubarão estava bem morto e já começando a esfriar. Nisto vi uma res-tea de luz e uma ponta de faca apparecendo. Encolhi-me bem encolhido para me livrar da faca e comprehendí que estavam abrindo a barriga do peixe. Não esperei por mais. Dei um pulo para fóra e cahi no meio dum grupo de marinheiros, bem dentro dum navio!...

Os marinheiros ficaram assombradissimos de verem sahir um gato vivo da barriga de um peixe e só sossegaram quando lhes contei toda a minha historia. O capitão olhou para mim, alisou as barbas e disse:

— “Para onde pretende ir? Meu navio está de rumo para a Inglaterra e poderei desembarcar você lá.

— “Muito obrigado, respondi. Mas o paiz que eu procuro não é esse.

— “Será a França?

— “Não!

— “Será a Allemanha? a Suecia? a Turquia? a Arabia? a Patagonia?

— “Nada disso. A terra que eu procuro é lá onde o demo perdeu as botas. Quero encontrar essas botas.”

O capitão julgou que estivesse a mangar com elle e me pregou tamanho ponta-pé, que fui parar no porão.

Todos deram gostosas risadas e tia Nastacia observou:

— Isso é invenção de gente sem serviço. Esse lugar nunca existiu.

— Como nunca existiu, se foi lá que o demo perdeu as botas? replicou Emilia. Eu acho que são Felix tem toda a razão e mais vale descobrir esse lugar do que descobrir a America. Continue, são Felix.

O gato continuou:

— Fiquei no porão até que o navio entrou num porto. Desembarquei e fui andando por um caminho muito comprido. De repente appareceu uma velha, muito velha e coróca, de porretinho na mão.

— Vae ver que era uma fada, cochichou Emilia ao ouvido de Narizinho.

— Cheguei-me para a velha e perguntei-lhe:

— “A senhora poderá dizer-me onde fica o lugar onde o demo perdeu as botas?”

A velha admirou-se da pergunta; arregalou os olhos, abriu uma bocca de bagre sem um só dente nas gengivas e respondeu:

— “Não sei, gatinho. Mas se você for andando, andando, andando sem parar, aposto que um dia chega a essa terra.”

Acceitei o conselho da velha e fui andando, andando, andando até que encontrei um velho de grandes barbas brancas, chamado são Maneco. Era um sabio que sabia o nome de todos os bichinhos da terra e de todas as pedrinhas do chão e de todos os mattinhos do matto. Com certeza havia de saber tambem onde ficava a tal terra. Cheguei-me para elle e perguntei:



*Escamado recebeu de presente as quatro rodinhas
como lembrança...*

— Encontrei outra velha, muito velha, e perguntei: “A senhora...”

— Etc., etc., disse Emilia. E que é que ella respondeu? O gato Felix, ainda mais desapontado, continuou:

— Ella respondeu: “Esse lugar não existe, gatinho. O demo nunca teve botas. Você não sabe que o que elle tem são cascos?”

— E ahi? indagou Emilia, que estava achando aquella historia muito sem geito.

— Ahi eu... eu... parei de procurar a tal terra e fui cuidar de outra coisa.

Desta vez quem desapontou foram os ouvintes. Dona Benta olhou para Narizinho, tia Nastacia olhou para dona Benta, Pedrinho olhou para o forro. Só Emilia teve coragem de olhar para o gato. Arrebitou o nariz de retroz, fez um muxoxo de pouco caso e disse:

— Não valeu a pena vir de tão longe para contar uma historia tão sem pé nem cabeça. Eu, que nunca sahi daqui, sou capaz de contar uma muito mais bonita.

— Pois então vamos dormir, disse dona Benta, levantando-se, e quem conta a historia de amanhã vae ser a Emilia.

II — A HISTORIA DA EMILIA

Na manhã seguinte tia Nastacia appareceu dizendo que havia sumido um pinto do gallinheiro. Eram doze e só encontrara onze.

— Que será? disse dona Benta.

— Deve ser alguma raposa que anda rondando por aqui ou algum gato vagabundo. E que pena, sinhá! Sumiu justamente o mais bonito, um carijózinho...

Logo que os meninos souberam do caso, Pedrinho disse:

— Vou armar uma ratoeira, mas o melhor é consultarmos o visconde. Depois que foi embrulhado num folheto

do Sherlock Holmes, ficou tão experto que é capaz de descobrir o ladrão.

Foram falar com o visconde e contaram-lhe tudo. O visconde deu uma risadinha de detective e disse:

— Deixem o negocio por minha conta. Irei examinar o local do crime e tomar as minhas providencias.

E foi. Foi para o gallinheiro e passou todo o dia a examinar a poeira do chão, a catar os pellinhos que havia nelle, a conversar com os paes da victima — um lindo gallo carijó e uma gallinha sura.

Emquanto isso Emilia pensou, pensou, pensou e inventou a historinha que ia contar de noite. Quando chegou a noite, e tia Nastacia accendeu o lampeão e disse: “E’ hora!” a boneca entrou na sala, muito esticadinha para traz, toda cheia de si.

— Era uma vez... foi dizendo.

— Espere, Emilia, advertiu Narizinho. Não vê que o visconde, nem o gato Felix ainda não vieram?

Nisto chegou o gato, e sentou-se no collo de dona Benta. Depois appareceu o visconde, e entrou para dentro da lata.

Emilia começou de novo:

— Era uma vez um rei...

— Eu já sabia que vinha historia de rei, interrompeu Narizinho. Emilia vive com a cabeça entupida de reis e principes e fadas...

A boneca não fez caso e continuou:

— Era uma vez um “rei”, um “principe” e uma “fada”, que moravam juntos num lindo palacio de crystal, na beira do lago mais azul de todos. Era uma belleza esse palacio, todo cheio de fios de ouro que quando dava o vento iam para lá e vinham para cá. E quando dava o sol os crystaes e os ouros brilhavam tanto que quem olhava sentia logo uma tontura e precisava se agarrar em qualquer coisa para não cair.

E o principe foi e disse:

— “Quero me casar, meu pae, mas as moças daqui não

são bonitas, nem boas de coração. Vou procurar uma pastora bem pobrezinha, mas que tenha coração de ouro.

— “Vae, meu filho, disse o rei, mas leva contigo a fada do palacio. Sozinho, não te deixo ir.

O principe chamou a fada, virou a fada numa bengalinha e virou-se a si mesmo numa formiguinha.

— Eu já sabia que vinha historia de virar, disse Narizinho. Sem reis e sem viradas Emilia não passa...

— Virou numa formiguinha, proseguiu Emilia, e sahio andando por uma estrada muito comprida, com aquella bengalinha na mão. Andou, andou, andou até que encontrou uma velha.

— Você caçou de tantos velhos que havia na historia do gato Felix mas vae indo pelo mesmo caminho, disse a menina.

— Não me atrapalhe! exclamou a boneca. Na minha historia só tem esta velha. Encontrou uma velha e disse:

— “Velha dugudéia, diga-me, se for capaz, se ha por aqui uma pastora assim, assim, assim e de bom coração.

— “Ha muitas pastoras por aqui, respondeu a velha, mas se teem bom coração, não sei. Só experimentando.

— “E como se experimenta o coração de uma pastora?

— “Virando num pobre, bem pobre, e indo pedir-lhe esmola.

A formiguinha virou logo num pobre bem pobre e foi pedir esmolas ás pastoras. Chegou-se para a primeira, que estava fiando na roca enquanto o seu rebanho pastava, e disse:

— “Gentil pastora, uma esmolinha por amor de Deus! Ha tres annos que não como, nem durmo, e se não me dás um pão, morro já neste instante.

A pastora deu-lhe uma pedra, dizendo:

— “Aqui tens um pão muito gostoso.

O pobre pegou na pedra, olhou, olhou, olhou e disse:

— “Que todos os pães que comas sejam gostosos como este! e foi andando o seu caminho.

Dalli a pouco a pastora sentiu fome e foi comer o pão que trazia no bolso e viu que tinha virado pedra, e quebrou todos os dentes e morreu...

Mais adiante o pobre encontrou outra pastora e pediu outra esmolinha. A pastora deu-lhe um osso, dizendo:

— “Leve este pão que é muito gostoso.

— “Obrigado, respondeu o pobre, e que todos os pães que comas sejam gostosos como este!

E foi andando. A pastora logo depois sentiu fome e foi comer o pão que estava na sua cestinha e viu que tinha virado osso. Essa pastora não morreu de fome, como a primeira, mas teve de passar a vida inteira feito cachorro, roendo ossos. Tudo que ella pegava para comer virava logo em osso.

O pobre foi andando, andando, andando e encontrou uma terceira pastora. A coitadinha parecia ainda mais pobre do que elle e estava chorando.

— “Porque choras, ó gentil pastora? perguntou o pobre.

— “Choro porque minha madrasta é muito má e me bate todos os dias. Põe-me neste lugar, guardando estes porcos immundos, e não me dá comida, a não ser este pão bolorento e tão azedo que até preciso tapar o nariz para comer.

— “Pois se eu pilhasse esse pão, disse o pobre, dava um pulo de alegria, porque estou morrendo de fome e só encontrei pedras e ossos neste paiz de pastoras.

A triste pastorinha olhou bem para elle e disse:

— “Pois não morrerás de fome. Repartirei comtigo o meu pão bolorento.

E partiu o pão bolorento em dois pedaços e deu o maior para o pobre.

O pobre agradeceu e foi andando, e a pastorinha começou a comer o seu pedaço de pão bolorento. Tapou o nariz e deu a primeira dentada. Mas viu logo que o pão tinha vira-

do no doce mais gostoso do mundo! Comeu, comeu, comeu quanto quiz e quanto mais comia, mais sobrava. E voltou para a casa pulando de alegria e palitando os dentes.

A má madrasta percebeu a felicidade da pastorinha e disse:

— “Hum! Estou vendo que você comeu alguma coisa muito gostosa!

— “Não comi nada! respondeu a coitadinha tremendo de medo. Só comi o pão que a senhora me deu.

A madrasta agarrou nella e cheirou-lhe a bocca e ficou furiosa e disse:

— “Sua bocca está cheirando ao doce mais gostoso do mundo, e como me enganou, vou matar você.

E foi buscar a faca da cozinha, que era deste tamanho!

A pastorinha, sabendo que ia morrer, poz-se a rezar e disse lá no fundo do coração:

— “Pobre encantado, que transformaste o pão bolorento em doce, soccorre-me!

Nem bem acabou de dizer isso, a porta se abriu e o pobre entrou.

— “Esconde-te, disse-lhe a pastorinha, que “ella” vem vindo com uma faca deste tamanho!

O pobre escondeu-se atraz dum armario e logo depois a madrasta entrou com o facão. Entrou e disse:

— “Reze depressa, que vae morrer.

— “Não me mate! disse a pastorinha, tremendo como varas verdes. Não me mate, porque estou innocente!

Mas a má madrasta não quiz saber de nada e avançou para a coitadinha com a faca erguida. E a faca foi descendo sobre o peito da victima e a ponta já ia encostando nas suas carnes, quando o pobre veio por traz da madrasta e agarrou-a pelo pulso.

— “Miseravel! exclamou elle. Quem merecia morrer eras tu, mas vou te virar num horrendo sapo de cidade.

Nesse ponto Narizinho a interrompeu.

— Porque, sapo de cidade, Emilia? Qual é a differença entre sapo do matto e sapo de cidade?

A boneca explicou:

— E' que nas cidades ha muitos moleques que gostam de judiar dos sapos, de modo que sapo de cidade padece mais.

Narizinho voltou-se para dona Benta.

— Já reparou, vóvó, como Emilia está ficando intelligente? Não é mais aquella burrinha de dantes, não..

Emilia continuou:

— E immediatamente a madrasta virou no sapo mais feio do mundo e sahiu pulando, pulando, pulando e foi para uma cidade onde havia mais de cem moleques nas ruas.

Então o pobre disse para a gentil pastorinha:

— “Adeus, gentil pastora! Vou-me embora para longes terras.

— “Que pena! disse a pastora. Porque não ficas morando aqui commigo? Como és muito pobre, eu poderia trabalhar para ti e comprar-te uma roupa nova e uma cartola.

— Interesseira é que era ella! observou tia Nastacia. Sabia que o pobre era dos taes que viram pão bolorento no doce mais gostoso do mundo. Eu, se fosse o pobre, desconfiava...

— Pois o pobre não desconfiou, disse Emilia. Elle não tinha maldade nenhuma no coração; em vez de desconfiar, beijou a mão da pastorinha e disse:

— “Pois acceito, — mas com uma condição!...

— “Dize qual é, ordenou a pastora.

— “E' casares commigo!

A pastorinha não vacillou um só instante e acceitou a proposta. E no outro dia veio o padre e se casaram.

— “Agora, disse o pobre, vamos sahir os dois pelo mundo para tirar esmolas.

E sahiram. E foram andando, andando, andando até que chegaram ao palacio do rei.

Bateram na porta e entraram e foram falar com Sua Majestade.

O rei estava, de corôa na cabeça, sentado no seu throno de ouro e marfim, muito triste porque não sabia noticias do amado principe.

— “Que é que queres, senhor pobre? perguntou.

— “Quero dar a Vossa Majestade uma boa noticia.

O rei arregalou os olhos, cheio de esperança e disse:

— “Pois fala, e se a noticia for mesmo boa, te darei os mais ricos presentes.

Então o pobre contou que tinha encontrado o principe e que elle já se tinha casado com a moça de melhor coração do mundo inteiro.

— “Bravos! exclamou o rei. E quando esse amado filho me apparece por cá?

— “Eil-o! exclamou o pobre, virando-se outra vez em principe. E eis minha amada esposa, disse, batendo com a bengalinha no hombro da pastora e virando-a na mais linda princeza de todas que existiram, existem e existirão.

O rei ficou alegrissimo e beijou a princeza na testa e disse para o principe:

— “Muito bem! Só resta agora que fiques rei. Adeanta-te, meu filho e vem sentar-te neste throno, ao lado de tão formosa princeza. Deste momento em deante o rei és tu, e ella a rainha. Já estou cansado e até enjoado de ser rei. Amen.

Assim terminou Emilia a sua historinha, inventada por ella mesma, sem ajutorio de ninguem, nem tirada de nenhum livro.

Todos bateram palmas e dona Benta disse para tia Nascacia:

— Bem razão tem você de dizer que o mundo está perdido! Pois não é que essa boneca aprendeu a contar historias que nem uma gente grande?

— Mas eu não gostei, miou o gato Felix, que andava

se implicando com a boneca. Historias de virar são muito faceis. Assim que apparece uma difficuldade, isto vira naquillo e prompto!

— Não acredite, Emilia! disse Narizinho. A historia que você contou está muito boa e merece gráo dez. Para uma boneca de panno, e feita aqui na roça, não podia ser melhor.

Emilia ficou toda ganjenta com o elogio e botou a lingua para o gato Felix.

O relógio da sala bateu dez horas.

— Vamos dormir, creanças, disse dona Benta, e amanhã quem vae contar uma historia é o visconde.

III — O SHERLOCK

No dia seguinte tia Nastacia veio dizer que havia desaparecido outro pinto. Dona Benta ficou muito aborrecida; viu que naquelle andar lá se ia a ninhada inteira.

— E Pedrinho? indagou. Que é que Pedrinho diz a isto?

— São Pedrinho e o visconde andam lidando lá no galinheiro, mas até agora não descobriram nada.

Pedrinho estava naquelle momento conversando com o visconde no quintal.

— Na minha opinião, dizia elle, isto é alguma raposa que vem visitar o galinheiro de noite.

— Pois eu acho que não é raposa nenhuma, disse o novo Sherlock Holmes. Examinei tudo muito bem examinado e encontrei um pello de animal que não é raposa, nem gambá, nem ratazana.

— De que é então?

— Ainda não sei. Tenho que examinar esse pello no microscopio e preciso que você me faça um microscopinho.

— Vóvó tem um binoculo. Quem sabe se serve?...

— Ha de servir. Vá buscal-o.

Pedrinho foi e trouxe o binoculo de dona Benta. O Sher-

lock poz o pellinho defronte do binoculo e examinou-o attentamente. Depois disse:

— Acho que estou na pista do ladrão...

— Quem é?

— Não posso dizer ainda, mas é um bicho de quatro pernas, da familia dos felinos. Vá brincar e me deixe aqui só. Preciso “deduzir” e pode ser que de noite já esteja com o problema resolvido.

Pedrinho foi brincar, deixando o Visconde mergulhado em profunda meditação.

Estava um dia muito lindo de sol quente. Dona Benta sentou-se na sua cadeira de pernas serradas, para acabar um vestido de Narizinho, e a menina ficou ao lado della para enfiar a agulha e virar a machina.

Emilia tinha ido para a varanda, balançar-se numa pequena rede especialmente armada para ella num canto. A boneca estava pensando na vida, com idéas de virar escriptora de historias. Nisto o gato Felix, que ia passando, resolveu parar. Sentou-se sobre as patas trazeiras e cravou os olhos na boneca, enquanto sua cauda ia desenhando preguiçosos “SS” no ar.

— Que tanto olha para mim? disse de repente Emilia. Nunca me viu?

O gato fez um riso de ironia e miou:

— Tão importante assim, nunca! Parece que está mesmo convencida de que é uma grande contadeira de historias.

Emilia deu um balanço na rede e murmurou:

— A inveja matou Caim!...

O gato mordeu os labios replicando com ar de desprezo:

— Era só o que faltava, o celebre gato Felix ter inveja duma boneca de panno feita por uma negra velha...

— A inveja matou Caim! repetiu a boneca. Você está mas é damnado com o successo da minha historinha.

— Historia mais feia e sem graça nunca vi...

— Mas todos gostaram. Até Narizinho, que sabe todas as historias dos livros.

— Gostaram de dó de você. Se não gostassem, você punha-se a chorar que não acabava mais.

— Mentiroso! Eu nunca chorei nem hei de chorar, e muito menos por causa de uma simples brincadeira. Você é um grandessissimo mentiroso, sabe?

— Porque?

— Porque é! Você nem é americano, nem nasceu em nenhum arranha-céu, nem é parente do Gato de Botas, nem foi engulido por tubarão nenhum. Tudo isso não passa de potóca. Eu sei conhecer muito bem quando uma pessoa está mentindo ou falando a verdade...

O gato ficou furioso e quiz arranhar Emilia. A boneca deu um berro e chamou Narizinho.

— Que é, Emilia? disse a menina aparecendo. Que aconteceu que está tão damnadinha?

Emilia ergueu-se da rede, colerica, e apontou para o gato.

— E' esse cara de coruja que está querendo me arranhar! Já se viu que desaforo?

— E porque? indagou a menina. Porque é que vocês brigaram?

Emilia empertigou-se toda e disse:

— Elle está morrendo de inveja da minha historia e veio aqui me provocar. E como eu disse que elle não é americano, nem parente do gato de Botas, nem foi engulido por tubarão nenhum, o burro ficou damnado e quiz me arranhar. Esse hippopotamo!...

O gato virou-se para Narizinho e disse:

— Veja bem que é ella que está me insultando. Se eu sou hippopotamo, ella o que é? Uma macaca!...

Aquillo era demais. Emilia perdeu a cabeça, avançou para o gato Felix, agarrou-o pela barba e deu tal puxão que arrancou um fio.

A menina apartou os briguentos; poz o gato para fóra e deixou Emilia sozinha na varanda. E foi continuar o seu serviço na salinha de costura.

Emilia ficou falando comsigo mesma e pensando num meio de se vingar do gato Felix. Nisto appareceu o visconde.

— Senhor visconde, venha ouvir a historia da minha briga com o gato Felix.

O visconde sentou-se na rêde junto della e ouviu a historia inteira. Quando chegou no pedaço do fio de barba que Emilia havia arrancado do focinho do gato, elle disse:

— E onde está esse fio? Ando fazendo um estudo sobre pellos de animaes e teria muito gosto em examinar esse.

Emilia abriu uma caixinha, tirou de dentro o fio de barba e o deu ao visconde, dizendo:

— Leve, mas depois traga outra vez. Quero guardar esse fio como prova da esfrega que dei nesse cara de coruja...

O visconde tomou o fio e foi examinal-o com o bino-culo de dona Benta.

IV — A HISTORIA DO VISCONDE

Logo que a noite cahiu tia Nastacia accendeu o lampião da sala e disse: “E’ hora, gente!”

Todos foram apparecendo e cada qual se sentou no lugar do costume. O ultimo a vir foi o visconde. Antes de entrar para a lata approximou-se de tia Nastacia e disse-lhe ao ouvido:

— Pegue na vassoura e ponha-a ao alcance da sua mão.

A negra achou exquisitissima aquella idéa e pediu explicações.

— Não posso explicar coisa nenhuma, respondeu o visconde. Mas faça o que estou mandando. Ponha a vassoura bem ao alcance da sua mão, porque no fim da minha historia é bem possivel que seja preciso “varrer” qualquer coisa...

A negra trouxe a vassoura e fez como o visconde mandou, embora não pudesse nem por sombras adivinhar quaes fossem as suas intenções.

Liquidado o caso da vassoura, Emilia disse:

— Tem a palavra o senhor visconde de Sabugosa!

O visconde ergueu-se dentro da lata, tossiu um pigarrinho e começou:

— Meus senhores e minhas senhoras!

O gato Felix espremeu uma risada ironica.

— Isso nunca foi historia, senhor visconde! Isso chama-se discurso e muito bom discurso. Pelo que vejo, ninguem nesta casa sabe contar historias...

Aquillo era indirecta para Emilia, que se remexeu toda, já damnadinha e prompta para responder. Mas Narizinho interveio e acalmou-a.

O visconde não se atrapalhou com o aparte. Limitou-se a lançar sobre o gato um olhar terrivel e a dizer:

— Não é discurso não, senhor gato! E' outra coisa, e quem vae explicar o que é, não sou eu e sim aquella senhora vassoura, que alli está ao lado de tia Nastacia...

Todos olharam muito espantados para o visconde, sem comprehenderem o que elle queria dizer com aquillo.

Em seguida o visconde recommçou:

— Meus senhores e senhoras! A historia que vou contar não foi lida em livro nenhum, mas é o resultado dos meus estudos scientificos e criminalogicos.

— Fale menos difficil, visconde, senão ninguem o entende, exclamou Emilia.

— E' o resultado das minhas deducções, continuou o visconde. Passei duas noites em claro compondo a minha historia e espero que todos lhe deem o devido valor.

— Muito bem! exclamou Narizinho. Mas desembuche de uma vez.

— Era uma vez um gato, continuou o visconde. Mas um gato atôa, um gato de roça, um gato que não valia coisa

nenhuma e nascido com muito maus instinctos. Se fosse um gato sério e decente, eu teria muito gosto em o declarar aqui, mas não era. Era o que se chama — um gato ladrão.

E porque era um gato ladrão, ninguem queria saber delle. Na casa onde nasceu logo descobriram a sua má indole e o tocaram para a rua com uma boa sóva.

O gato sahiu correndo e foi morar numa casa bem longe da primeira, dizendo lá que o seu dono tinha morrido e que elle era o melhor caçador de ratos do mundo. Todos acreditaram nas palavras do mentiroso e o deixaram ficar.

Mas era tão ordinario esse gato, que em vez de se corrigir e viver vida nova, continuou com maroteiras. Na primeira noite que dormiu nessa casa foi á cozinha e roubou um pedaço de carne que a cozinheira havia guardado para o dia seguinte. Roubou e ficou quietinho, deixando que a cozinheira puzesse a culpa numa pobre negrinha e a castigasse com vara de marmello.

— Ah, eu lá! exclamou Pedrinho. Ferrava-lhe uma pelotada de bodoque, que elle havia de ver estrellas...

— Por fim, continuou o visconde, tambem nessa casa descobriram-lhe as patifarias e o puzeram no olho da rua.

Elle fugiu e resolveu mudar-se para um sitio onde houvesse muitos pintos. Achou o sitio que precisava e ficou morando lá. Mas o dono observou que os pintos estavam diminuindo, um, dois e até tres por dia, e falou á mulher que ia arranjar um cachorro policial para tomar conta do gallinheiro durante a noite.

O gato ladrão percebeu a conversa e fugiu. Andou, andou, andou até que encontrou outro sitio onde moravam duas velhas e dois meninos, um do sexo masculino e outro do sexo feminino.

— Que coincidencia! exclamou Narizinho. Parece o sitio de vóvó...

— Escolheu esse sitio, continuou o gato, e foi entrando por elle a dentro com a maior semcerimonia deste mundo,

com partes de que era um grande gato de família nobre e que tinha nascido num paiz estrangeiro, etc.

Emilia olhou para o gato Felix.

— Deve ser algum seu parente, são Felix. Os traços estão muitos parecidos...

— Não tenho parentes dessa laia, respondeu o gato com orgulho. Esse gato ladrão deve ser parente mas é dalguma senhora boneca...

— Continue, senhor visconde, disse Narizinho.

O visconde tossiu outro pigarrinho e continuou:

— O tal gato ladrão ficou morando nesse sitio. Todos o tratavam com as maiores gentilezas, mas em vez de mostrar-se grato por tantas atenções, elle tratou de continuar a sua triste vida de gatuno. E foi e comeu um pinto carijó...

Neste ponto o visconde parou e olhou firme para o gato Felix. O gato sustentou o olhar do visconde e deu o desprezo.

O visconde continuou:

— Comeu esse pobre pinto, que era tão lindo, e no dia seguinte comeu outro pinto ainda mais bonito.

O gato Felix levantou-se indignado.

— O senhor visconde está me insultando! gritou. Esses olhares para o meu lado parecem querer dizer que sou eu o tal gato ladrão!...

O visconde pulou fóra da latinha e berrou:

— E é mesmo! O tal gato ladrão é você, seu patife! Você nunca foi gato Felix nenhum! Você não passa de um miseravel comedor de pintos!...

Foi um reboição! Todos se ergueram, sem saber o que fazer. O gato Felix, furioso da vida, berrou ainda mais alto que o visconde:

— Próve, se for capaz! Próve que comi os taes pintos...

— Próvo e já! urrou o visconde. Tenho as provas aqui no bolso.

Disse, e puxou do bolso dois pellinhos de gato.

— Eis as provas! Este pello eu encontrei no gallinheiro, bem no local do crime e ainda manchado com o sangue da victima. E este outro, a senhora Emilia te arrancou das fuças, são miseravel! Estão aqui as provas. Quem quizer pode vir examinal-as com o binoculo de dona Benta. São perfeitamente iguaes, até no cheiro. Ambos teem cheiro de gato ladrão!...

A prova era esmagadora, e tia Nastacia, passando a mão na vassoura, avançou, feito uma onça, para cima do falso gato Felix.

O gatuno deu um pulo e sumiu-se pela janella na escuridão da noite.

— Bravos! Bravos ao visconde! exclamaram todos. Viva o nosso Sherlock Holmes!...

— Viva! Viva!...

E fizeram-lhe uma grande festa, e deram-lhe muitos abraços e beijos. Até Emilia, que era muito envergonhada, encheu-se de coragem e o beijou na testa.

— Ahi, Emilia! exclamou Narizinho de brincadeira. Vou contar para Rabicó...

Dona Benta tomou a palavra e disse:

— Vejam que injustiça iamos commettendo para com o pobre visconde, só porque havia embolorado e estava muito feio! Os acontecimentos desta noite acabam de provar que é um verdadeiro sabio — e dos que dão lucro a uma casa. Deste momento em deante quem vae tomar conta d'elle sou eu. Vou cural-o do bolor e botal-o como administrador do sitio.

O relógio bateu as dez horas, e enquanto os meninos se recolhiam a velha pegou do visconde e o guardou, bem guardadinho, na sua estante, entalado entre uma Arithmetica e uma Algebra.



*...fui andando por um caminho. De repente apareceu
uma velha, muito velha e coróca...*

I — PREPARATIVOS

DONA Benta estava ensinando Pedrinho a cortar as unhas da mão direita quando Emilia appareceu na porta e piscou para elle com os olhos novos de seda azul, que a menina lhe havia dado na vespera. Pedrinho respondeu á piscadela com outra, que na linguagem do “pisco”, como dizia a boneca, significava: “Que ha de novo?”

— Narizinho está chamando! respondeu Emilia tão baixinho que dona Benta nada percebeu.

— Para que? indagou o menino ainda na lingua do “pisco”.

— Para ajudar a arrumar a sala e salvar o visconde.

Desta vez dona Benta pilhou a palavra arrumar e erguendo os oculos para a testa perguntou:

— Que arrumação é essa, Pedrinho?

— Não é nada, vóvó, respondeu elle. E’ uma festinha que vamos dar aos nossos amigos do paiz das maravilhas.

— Quer dizer que vamos ter novamente aqui o principe e aquelles bichinhos todos do mar...

Pedrinho riu-se.

— A senhora não entende disto... Eu disse — amigos do paiz das maravilhas, e não do reino das Aguas Claras. Ha muita differença.

— Pois vá receber seus amigos, disse dona Benta depois que acabou de lhe aparar as unhas, mas primeiro lave essa cara. Você comeu manga e está com dois bigodes amarellos.

— Foi de proposito, vóvó, inventou o menino. Quero que elles pensem que sou o conde dos Bigodes de Manga!...

Narizinho estava muito atrapalhada para salvar o vis-

conde que cahira uma semana antes atraz da estante. Logo que Pedrinho appareceu, gritou-lhe:

— Venha acudir o visconde. Estou vendo um pedaço delle lá no fundo; o resto, com certeza, foi devorado pelas aranhas de pernas compridas. Temos que salvá-o depressa — e vestil-o, porque os convidados não tardam.

— Já mandou todos os convites?

— Pois de certo. Mandei-os por um beija-flor que todos os dias vem beijar as rosas do pé de rosa da Emilia. Cheguei-me para elle e disse: “Sabe ler?” — “Sei, sim!” respondeu a galanteza. “Então pegue estas cartinhas no bico e vá entregal-as aos donos.” E elle pegou as cartinhas e prrrrr!... lá se foi!...

— Para quem mandou convites?

— Para todos — para Cinderella, para Branca de Neve e sua irmã, para o Pequeno Pollegar, Capinha Vermelha, Ali Babá, Gato de Botas — todos!

— Não esqueceu Peter Pan?

— Está claro que não. Nem Aladino, nem o gato Felix verdadeiro. Até Barba Azul convidei.

Pedrinho não gostou da idéa.

— Acho que não deveríamos convidar esse monstro. Vóvó vae morrer de medo.

— Não faz mal, conciliou a menina. Mandei-lhe um convite bem secco, mas se mesmo assim elle vier, nós fechamos a porta bem no nariz delle — bá!... Convidei-o de tanta vontade que tenho de ver se a tal barba é mesmo azul como dizem. Mas tratemos de salvar o visconde.

Pedrinho ajudou-a a desencostar a estante de modo que pudessem pescar o pedaço do visconde com o cabo da vassoura. Não era pedaço, não, estava inteirinho, apenas mais embolorado do que nunca — e tão sujo de poeira e teias de aranha...

— Agora é que vae ficar um sabio completo! Tia Nastacia não acredita em sabio que toma banho, faz a barba e

perfuma-se todo. Diz que sabio de verdade é assim — bem sujinho...

— O senhor visconde, ordenou o menino, vae ficar no alto da janella com o binoculo de vóvó para espiar a estrada. Assim que apparecer uma poeirinha lá longe, avise. Agora vou buscar Rabicó.

Rabicó veio de má vontade como sempre, porque fôra obrigado a interromper uma comilança de mandioca. Pedrinho amarrou-lhe na cauda a celebre fitinha vermelha e pendurou-lhe das orelhas dois brincos de amendoim.

— O senhor vae-me ficar na porta para ir recebendo os convidados. Assim que chegar um, abra a porta, pergunte quem é e annuncie: “O senhor ou a senhora Fulano de Tal!” Mas comporte-se e não vá comer os brincos como da outra vez, ouviu?

Emquanto isso Narizinho dizia á boneca, que encontrou a varrer furiosamente, com o pincel de gomma arabica que lhe servia de vassoura, um lugar do chão que o visconde sujara de verde com o seu bolor.

— Chega, Emilia! Assim você fura o soalho de vóvó. Antes vá tomar banho e vestir seu vestido côr do pomar com todas as suas frutas. Ponha ruge, não esqueça. Está um tanto pallida hoje...

A boneca, téc, téc, téc, muito esticadinha para traz, foi vestir-se. Assim que ella sahiu, o visconde, já no alto da janella de binoculo apontado, annunciou numa voz rouca de sabio embolorado:

— Estou vendo uma poeirinha lá longe!...

— Ainda não, visconde! E' muito cedo. Temos de ir tomar café primeiro. Só na volta é que o senhor começa a ver poeirinhas.

O café, que já estava na mesa, foi tomado de galope. Vendo aquella pressa, dona Benta perguntou:

— Que reinação vamos ter hoje, Narizinho?

— Nem é bom falar, vóvó! Vae ser uma festa linda,

linda até não poder mais. Só reis e príncipes e princezas e fadas...

— Muito bem, disse dona Benta, mas tenho que escrever uma carta á mana Antonica, porisso não me façam muito barulho. Deixem-me em paz no meu canto.

— Sim, vóvó, mas a senhora tem de espiar um pedacinho da festa — um pedacinho só, sim? Pelo buraco da fechadura. Isso quando ouvir uma grande salva de palmas e um hymno de indios.

A pobre velha fez cara de quem não estava entendendo muito bem tamanha trapalhada. Narizinho teve de explicar tudo. As palmas e o hymno dos indios guerreiros, escripto especialmente pela Emilia, eram para saudar a chegada de Peter Pan, o famoso menino que nunca quiz crescer e que pela primeira vez os vinha visitar no sitio.

Dona Benta prometteu que espiaria.

Voltando á sala da festa, Narizinho gritou para o visconde:

— E' hora!

O pobre sabio, que estava cochilando em cima do bino-culo, acordou, espiou a estrada e disse:

— Estou vendo uma poeirinha lá longe!...

— Poeirinha bem pequenininha ou grandinha? perguntou Emilia. Se é grandinha, então aposto que é Pé de Vento que vem vindo.

Narizinho franziu a testa.

— Não convidei Pé de Vento nenhum, Emilia, nem conheço tal personagem.

— Pois eu conheço, retorquiui a boneca. Estou escrevendo uma historinha onde ha o grande principe Pé de Vento, que é o maior levantador de poeira que existe. Uma vez, quando elle tinha justamente tres annos, tres mezes, tres dias e tres horas de idade...

— Feche a torneira, Emilia! Historias só de noite. Não vê que o primeiro convidado já vem vindo?

II — CINDERELLA

Uma carruagem parou no terreiro. O marquez de Rabicó adeantou-se e indagou do cocheiro quem vinha. Depois abriu a porta e annunciou:

— Senhorita Cinderella, a princeza das botinas de vidro!

— Como é estúpido! exclamou Narizinho. Cinderella é casada, e não usa “botinas de vidro”. Uma boa botina de vidro de garrafa precisa você no focinho...

Depois foi receber a famosa princeza, á qual fez uma grande mesura, dizendo: “Asalam alekun!”

Cinderella admirou aquelle modo oriental de saudação, que Narizinho tinha aprendido num volume das “Mil e Uma Noites” que estava lendo, e como tambem entendesse muito de coisas orientaes, porque ia a muitas festas do principe Codadad e outros, respondeu na mesma lingua: “Alekun Asalam!”

— Faça o favor de sentar-se, princeza! disse a menina indicando uma cadeira de espaldar marcado com as iniciaes G. B. (Gata Borralheira) em grandes letras de ouro — letras recortadas em casca de laranja por Pedrinho. Depois fez as apresentações:

— Permitta-me, senhora princeza, que apresente meu primo Pedro, o conde dos Bigodes de Manga, e a minha amiga Emilia, marquezia de Rabicó.

Pedrinho saudou Cinderella com uma curvatura de bater com a cabeça no chão. Já Emilia esqueceu todas as recommendações e enfiou-se debaixo da cadeira de Cinderella para ver bem de perto os seus famosos pés calçados do menor sapatinho do mundo.

A menina horrorizou-se com aquella inconveniencia; Cinderella, porem, achou muita graça. Poz Emilia no collo, dizendo: Já te conheço de fama!

A boneca tomou conta della immediatamente.

— Tambem eu conheço toda a sua historia. Mas ha um ponto alli que não entendo bem. E' a respeito dos seus sapatinhos. Um livro diz que eram de crystal; outro diz que eram de setim. Afinal de contas estou vendo você com sapatinhos de couro...

Cinderella riu-se muito da questão e respondeu que na verdade fôra com sapatinhos de crystal ao famoso baile onde se encontrou com o principe pela primeira vez. Mas que esses sapatinhos não eram nada commodos, faziam callos; por isso só usava agora sapatinhos de camurça.

— E qual o numero delles?

— Trinta.

— Trinta? exclamou a boneca admirada. Então meu pé é muito menor porque o meu numero é 3 — e no entanto nunca me appareceu nenhum principe encantado!...

— Sim, disse a princeza sorrindo, mas pode apparecer ainda. Não perca a esperanza, Emilia!...

— Ha um outro ponto que me causa duvidas, continuou ella. Que é que aconteceu para a sua madrasta, e irmãs, afinal de contas? Um livro diz que foram condemnadas á morte pelo principe; outro diz que um pombinho furou os olhos dellas...

— Nada disso aconteceu, disse Cinderella. Perdoei-as — e hoje já estão curadas da maldade e vivem contentes numa casinha que lhes dei, bem atraz do meu castello.

— Como a senhora é boa! Se fosse commigo, não perdoava! Sou bem mazinha, não tenho nem uma isca de coração. Tia Nastacia esqueceu de me arranjar um quando me fez...

Narizinho achou que a prosa de Emilia estava se prolongando muito.

— Basta, Emilia, advertiu. Conversar demais com uma princeza é contra as regras da etiqueta.

III — BRANCA DE NEVE

Nesse momento o visconde gritou do alto da sua janella:

— Estou vendo outra poeirinha lá longe!...

— Deve ser a minha amiga Branca de Neve, disse a princeza Cinderella. Branca mora perto de mim e quando passei por lá vi que sua carruagem já estava na porta do castello.

E foi isso mesmo. Minutos depois ouviu-se um toc, toc, toc. O marquez abriu a porta e annunciou:

— A princeza Branca das Neves!

Narizinho damnou outra vez.

— Branca de neve, bobo! disse de passagem, indo receber a recém-chegada.

Introduziu-a, fez as apresentações e levou-a a sentar-se junto de sua amiga Cinderella. Branca reconheceu immediatamente a famosa boneca, apesar de ser a primeira vez que a via.

— E trouxe um presentinho para você, disse, tirando da bolsa um pacote. E' um espelho magico que responde a todas as perguntas que se lhe façam. Toma.

Abriu o pacote amarrado com fita de ouro e deu-o a Emilia.

Que alegria! A boneca abraçou o espelho, beijou-o, bafejou nelle e depois o limpou, bem limpo, com o seu lencinho de cambraia. Por fim não resistiu á tentação de fazer alli mesmo uma experiencia.

— Diga-me, senhor espelho, qual é a boneca que conta historias mais bonitas?

— E' a illustre marquezia de Rabicó! respondeu o espelho na sua voz magica.

Emilia suspirou. Embora nada dissesse, Narizinho percebeu que aquelle suspiro era de tristeza de já ser casada e não poder casar-se com o espelho.

Branca de Neve contou toda a historia de sua vida, promettendo vir mais vezes ao sitio de dona Benta brincar com a menina e a boneca. Prometteu tambem trazer os anõezinhos que a tinham salvo das garras da má madrasta.

— Onde vivem hoje aquelles sete anõezinhos? perguntou Emilia.

— Vivem commigo, no castello. Tudo lá brilha que nem ouro porque não pode haver no mundo creaturas mais trabalhadeiras.

— Oh, exclamou a boneca, porque não dá um delles á tia Nastacia? A coitada vive se queixando que está velha e muito precisada de quem a ajude na cozinha.

— Impossivel! respondeu Branca. Elles são sete e se sahir um, quebra a conta. A gente não deve mexer com o numero sete, que é magico.

Neste ponto da conversa o visconde gritou de novo do alto da sua janella.

— Estou vendo duas poeirinhas lá longe!...

— Duas? exclamou Branca de Neve. Com certeza é Rosa Vermelha e sua irmã Rosa Branca. Nunca andam sem ser juntas.

Eram ellas, sim. Logo que a carruagem parou no terreiro, Rabicó, com toda a burrice, annunciou:

— As senhoras Pé de Rosa Branca e Pé de Rosa Vermelha!

Desta vez Narizinho deu-lhe um pontapé disfarçado, enquanto recebia as duas princezas. Rosa Branca disse logo ao entrar:

— A Bella Adormecida pediu-me que avisasse que não póde vir.

— Que pena! exclamou Narizinho. E por que?

— Não sei. Supponho que está se preparando para espetar o dedo noutro espinho e dormir outros cem annos.

Emilia immediatamente veio perguntar pelo urso que tinha virado principe e casado com Rosa Branca.

A princeza deu uma risada gostosa.

— Pois se o urso virou príncipe, como ha de existir ainda?

— Sei disso, replicou Emilia toda espevitada. Mas pelo menos a pelle hade existir. Eu queria tanto ver uma pelle de urso que virou príncipe...

Depois contou que sabia a historia das duas e que muito se indignara com as brutalidades do anão de barba comprida.

— Você querendo fazer o bem para elle e o burro (ai!... não me belisque, Narizinho!) sempre com malcreações.

— Anões são gentinha perigosa, disse Rosa Vermelha. Se uns são anjos de bondade, como aquelles sete do castello de Branca, outros são verdadeiras pestes. E' muito perigoso lidar com essa gentinha.

IV — O PEQUENO POLLEGAR

O visconde gritou mais uma vez:

— Vem vindo uma poeirinha tão pequenininha que até parece poeira de camondongo!...

— Quem poderá ser? exclamaram as princezas interrompendo a conversa.

Logo depois ouviu-se um tic, tic, tic, na porta, e Rabicó annunciou:

— Um senhor pingo de gente com umas botas maiores do que elle!

— Pequeno Pollegar! adivinharam todas — e acertaram.

Esquecidas de que eram famosas princezas, foram correndo receber o pequenino heroe. Era elle o chefe da conspiração para fugirem dos embolorados livros de dona Carocha e virem viver novas aventuras no sitio de dona Benta. Pollegar já havia escapado uma vez e apesar de ter sido cap-

turado, estava preparando nova fuga — delle e de varios outros.

Emilia ficou num assanhamento jamais visto. Agarrou o heroezinho e não o largou mais. Botou-o no collo, fel-o contar toda a sua vidinha. Depois o levou ao seu quarto de boneca para lhe mostrar a porção de brinquedos que tinha.

— Antes de mais nada, tire as botas. Nem sei como o senhor tem coragem de andar com tamanho peso nos pés!...

— E' que sem ellas não valho nada. Sou pequenino demais, e fraco, mas com estas botas não tenho medo nem de gigante.

— E de elephante? perguntou Emilia.

— Nem de elephante, nem de hippopotamo, nem de rhinoceronte, nem de girafa, nem de anão mau, nem de serpente...

— E de jacarépaguá? perguntou ainda a boneca, para quem jacarépaguá devia ser o monstro dos monstros.

— Nem de jacarépaguá, nem de nada. Cada passo desta bota anda sete leguas. Acha que um jacarépaguá pode me pegar?

— Que belleza! exclamou Emilia extasiada. Eu, se fosse o senhor, deixava-as aqui no sitio por uma semana. Que bom! Poderíamos brincar o dia inteiro de estar aqui e estar lá no mesmo instante!...

Das botas passou aos seus brinquedos. Mostrou-lhe uma collecção de feijões pintadinhos que tia Nastacia lhe déra, o pincel de gomma arabica que lhe servia de vassoura e mil coisas.

Pollegar gostou de tudo, principalmente dum pito velho que tinha sido de tia Nastacia — um pito sem canudo. Gostou tanto que a boneca lhe disse:

— Pois se gosta, leve, que arranjo outro. Mas, com perdão da curiosidade, para que é que o senhor quer esse pito?

— Para brincar de esconder, respondeu o pingo de gen-

te dando um pulo para dentro do pito e ficando tão bem escondidinho que ninguem seria capaz de o descobrir.

Emilia era muito interesseira. Gostava de receber presentes, mas não de dar. O unico presente que deu em toda sua vida foi esse pito. Mesmo assim, mais tarde, quando se lembrava do pito suspirava.

Estavam naquillo quando rompeu um grande rumor na sala. A boneca foi correndo ver o que era. Encontrou Branca de Neve muito assustada dizendo a Rabicó:

— Não abra! E' o malvado que matou seis mulheres!...

V — BARBA AZUL

Branca chegou a ficar zangada com Narizinho.

— Como é que para uma festa destas convida um monstro como esse? Se eu soubesse não vinha.

A menina, muito desapontada, desculpou-se dizendo que não resistira á tentação de verificar se a barba d'elle era mesmo azul como diziam. Mas as princezas que não se assustassem, pois Rabicó não abriria a porta. E ansiosa por ver a tal barba, correu a espiar pelo buraco da fechadura.

— E é azul mesmo! exclamou. Azul como um céu!... Que horrendo monstro! Imaginem que traz na cintura um collar de seis cabeças humanas...

Não podendo resistir á curiosidade as princezas tambem foram espiar. Cinderella observou:

— E' exquisito isto! Sempre suppuz que o irmão da setima mulher de Barba Azul houvesse matado esse monstro!...

— E' que não matou bem matado, explicou Emilia. Outro dia aconteceu um caso assim aqui no sitio. Tia Nastacia matou um frango, mas não matou bem matado e de repente elle fugiu para o quintal...

Barba Azul damnou de não o deixarem entrar. Deu

varios murros na porta, ameaçando de se casar com todas aquellas princezas.

Emilia perdeu a paciencia; botou a boquinha no buraco da fechadura e berrou:

— Pois case, se for capaz! Mando Pé de Vento te ventar para os confins do Judas. Vá pintar essas barbas de preto, que é o melhor, sêo cara de coruja!

Barba Azul virou as costas e lá se foi, furioso da vida, resmungando como negra velha.

Logo em seguida chegou Aladino, recebido com grandes festas. Todos queriam ver a sua lampada maravilhosa e seu anel magico. Emilia perdeu a vergonha, chegando a pedir que lhe dêsse a lampada.

— Não seja tão pidonha assim, Emilia! advertiu a menina puxando-a de lado.

— Não é dada que eu quero, Narizinho. E' emprestada; depois a entrego outra vez.

Aladino era um bello rapaz. As princezas o rodearam de tantas festas que os principes, seus maridos, haviam de ficar com ciumes, se estivessem presentes.

Depois veio o Gato de Botas. Narizinho e Emilia aproveitaram a occasião para lhe contar toda a historia do falso gato Felix, que se impingiu como cincoentaneto delle.

— Mentira cynica! disse o Gato de Botas. Nunca me casei. Não tenho nem filho, quanto mais cincoentaneto!

O Pequeno Pollegar veio cochichar ao ouvido delle alguma coisa — com certeza a respeito da tal conspiração contra dona Carocha. Emilia bem que apurou o ouvido para ver se pescava alguma coisa, mas foi inutil.

Nisto Cinderella bateu na testa, exclamando muito assustada:

— Céus! Deixei minha varinha de condão em cima do criado-mudo! E' capaz dalgum máu genio apparecer por lá e furtal-a...

Immediatamente o Gato de Botas e Pequeno Pollegar

se offereceram para irem ao castello buscar a varinha. Cinderella acceitou, com um sorriso de allivio.

Minutos depois voltavam elles, cada qual segurando a vara por uma ponta. Tanta foi a alegria da pobre princeza que deu um beijo na testa de cada um.

Emilia quiz por força que Cinderella lhe desse a varinha, ao menos para a segurar por uns momentos. Insistiu tanto que Narizinho teve de ralhar com ella.

— Se continua com esses peditorios, leva um beliscão, está ouvindo? disse-lhe ao ouvido.

A boneca fez bico e emburrou. Rosa Vermelha consolou-a, pondo-a no collo e promettendo mandar-lhe um sacco de presentes cada qual mais lindo. E estava ainda dizendo que presentes seriam, quando a porta se abriu com violencia. Havia entrado um novo personagem, muito afflicto, com ar de quem foge da perseguição de alguém. Entrou, fechou a porta com a tranca e ainda ficou a escoral-a com os hombros, de olhos arregalados de pavor.

— Ali Babá! exclamou Cinderella, que o conhecia dos bailes no castello do principe Codadad.

O jovem voltou-lhe os olhos, como que pedindo que se calasse.

— *Psit!*... Os quarenta ladrões souberam que eu vinha. Armaram uma emboscada ahi no terreiro e por um triz que não me apanham...

— Como? exclamou Narizinho. Pois a Morgiana não matou essa gente toda com azeite fervendo?

— O azeite não estava bem fervendo, respondeu Ali Babá. Queimou só, não deu para matar. Sararam, e agora andam me perseguindo por toda a parte.

Aladino pulou á frente com a sua lampada na mão.

— Espere que já curo esses malandros! disse. Chamo o Genio e elle espalha os quarenta ladrões num pingo de minuto.

— Que horriveis fuças! dizia Narizinho com os olhos

no buraco da fechadura. Parece que foi nas caras que cahiu o azeite fervendo. Todas ainda mostram as cicatrizes...

Aladino passou a mão pelo vidro da lampada. Uma fumacinha começou a surgir, que logo se transformou no Genio.

— Amigo Genio, disse elle, vá lá fóra e espalhe duma vez para sempre esses quarenta bandidos que vivem atropelando o meu amigo Ali Babá.

Ninguém sabe o que o genio fez, mas quem fosse ao terreiro logo depois não veria nem rasto de um ladrão, quanto mais os quarenta juntos!

Ali Babá agradeceu muito a boa acção de Aladino. Abraçaram-se, ficando desde ahi os maiores amigos do mundo.

VI — OUTROS CONVIDADOS

Em seguida veio o alfaiate que matava sete de um golpe. Veio tambem o soldadinho de chumbo que depois de ter sido derretido ao fogo se transformou em coração.

— E como virou soldadinho outra vez? quiz saber Emilia.

— Uma linda fada que leu minha historia chorou uma lagrima tão sentida que virei soldado outra vez.

— E a dançarina de saio de rosa? Morreu no fogo tambem?

— Essa morreu para sempre, respondeu o soldadinho, fingindo que se assoava, mas de facto enxugando uma lagrima. O burrinho achava que como era soldado não devia mostrar fraqueza, chorando.

Depois veio o Patinho Feio, filho daquelle outro que virara em cysne. Assim que entrou, Emilia, que já tinha visto tia Nastacia matar um pato, foi depressa cochichar-lhe ao ouvido:

— Não saia daqui, não vá á cozinha, ouviu? Lá mora uma fada preta que não tem piedade nem de frangos, nem

de patinhos. Pega nos coitados e vae logo torcendo o pescoço. Sabe para que? Para assal-os no forno, imagine!...

O pobre patinho levou tamanho susto que teve de se encostar á parede, mais pallido que uma vela de cera — das que não são côr de rosa.

Hansel e Gretel vieram em seguida, sendo muito festejados. Emilia quiz saber noticias daquelle ossinho que mostravam á feiticeira cada vez que ella dizia: “Hansel, mostre o dedinho, para eu ver se está engordando.” Emilia achava que como tinham sido salvos por aquelle ossinho, era injustiça não terem feito delle um collar para ser trazido ao pescoço.

Depois chegou a Scheherazade, acompanhada de todos os heroes das “Mil e Uma Noites”. Como não pudessem entrar na sala, muito pequena para contel-os todos, tiveram de ficar no terreiro. Narizinho, Emilia e as princezas correram á janella, donde puderam regalar-se de ver o Pescador e o Genio, o Cavallo Encantado, os principes Codadad e Ahmed, Sindbad o Marujo, Morgiana e mais uma multidão de sultões, sultanas, califas e escravos nubios, pretos e lustrosos como jaboticabas.

— Porque não trouxe tambem o passaro Roca? perguntou Emilia a Scheherazade.

— Que idéa! respondeu a princeza sorrindo. Para que esse bruto derrubasse uma pedra em cima do sitio de dona Benta e nos esmagasse a todos como fez com o navio de Sindbad?

Depois vieram os heroes gregos, o valente Perseu que matou a Gorgona, o heroico Theseu que matou o Minotauro e até a cabeça de Medusa, espetada na ponta de um pau, com aquella porção de cobras se mexendo em lugar de cabellos.

Tantos personagens maravilhosos vieram que o terreiro de dona Benta ficou de não caber um alfinete. Narizinho olhava, olhava, no maior extase da sua vida. Só reis e principes e fadas e anões e madrastas bôas e más, e bruxas e

magicos de chapéus em forma de cartucho e ursos que viram príncipes e lobos de dentuça arreganhada...

Só Peter Pan não apparecia — e isso muito amolava Pedrinho. Seu grande desejo era justamente conhecer Peter Pan.

Estavam todos á janella regalando os olhos naquelle espectáculo nunca visto no mundo, quando Emilia se poz a philosophar.

— Estou pensando na vacca mocha, disse ella. A coitada costuma deitar-se ahi no terreiro todas as tardes. Imaginem a surpresa della agora! Olha dum lado, vê um rei. Vira-se de outro, dá com um anão. Sacode a cauda e bate numa princeza. A coitada deve estar que nem mover-se pode. Se não morrer de medo, é capaz de seccar o leite — e amanhã dona Benta vae ficar damnada!...

VII — A COROINHA

Depois que Narizinho e as princezas se enjoaram de ver aquella maravilha, resolveram dançar. A boneca immediatamente sahiu para arranjar pares. Foi ao terreiro e trouxe de lá o príncipe Ahmed, o príncipe Codadad e outros.

Narizinho agarrou em Codadad antes que alguma princeza o fizesse, e sahiu dançando com elle como se fosse uma princeza oriental. Branca de Neve dançou com o príncipe Ahmed. Rosa Vermelha foi tirada por Ali Babá, e Rosa Branca, pelo Gato de Botas. Só Cinderella não dançou para não estragar os seus sapatinhos de camurça.

Nisto o visconde, que ainda estava na janella, gritou:
— Estou vendo uma poeirinha lá longe...

Todos pararam de dançar, murmurando: “Quem poderá ser?” Logo depois duma batidinha na porta Rabicó introduziu a menina da Capinha Vermelha.

— Capinha! exclamaram todas, porque todas queriam muito bem a essa gentil menina. Viva Capinha!...



*Quando tia Nastacia entrou na sala com a bandeja
de café...*

A menina entrou, muito corada por ter vindo a pé, e disse:

— Boa tarde para todos os presentes, ausentes e parentes!

Em seguida deu um beijo em Narizinho e outro na boneca.

— Antes de mais nada, foi dizendo Emilia, quero saber o seu verdadeiro nome, porque uns dizem Capinha Vermelha e outros Capuzinho Vermelho. Qual é o certo?

— Meu verdadeiro nome é Capinha Vermelha, porque depois que minha boa vóvó me fez esta capinha todos que me viam ir para a casa della diziam: “Lá vae indo a menina da capinha vermelha!” Mas, como vocês podem ver, esta capinha tem um capuz, que eu ás vezes uso. De modo que tanto podem me chamar de Capinha, como de Capuzinho, ou mesmo de Chapeuzinho Vermelho.

— Coitada da sua avó! exclamou Emilia. Você não imagina como ficamos tristes com o que lhe aconteceu! Diga-me: sua avó era muito magra?

Capinha estranhou a pergunta, mas respondeu que sim.

— Muito magra ou meio magra?

— Bem magra.

— Então não entendo aquelle lobo, disse Emilia, porque uma velha muito magra não é alimento. Só osso...

Todos deram grandes risadas da boneca, obrigando Narizinho a explicar que Emilia, coitada, era asneirenta de nascença.

Nisto o relógio bateu cinco horas.

— Senhoras princezas e senhores principes, disse Narizinho, estão todos convidados para tomar café.

E voltando-se para a cozinha:

— Tia Nastacia! Traga um café bem gostoso para estes illustres amigos.

Quando tia Nastacia entrou na sala com a bandeja de café, seus olhos se arregalaram de espanto.

— Crédo! exclamou. Não sei onde Narizinho descobre tanta gente importante e tanta princeza tão linda! A sala está que até parece um céu aberto...

— Quem é ella? perguntou Branca de Neve ao ouvido da boneca enquanto a negra servia o café.

— Pois não sabe? respondeu Emilia com carinha mandra. Nastacia é uma princeza nubia que uma fada má virou em cozinheira. Quando apparecer um certo anel, que está na barriga dum certo peixe, virará princeza outra vez. Quem vae damnar com isso é dona Benta, que nunca achará melhor cozinheira.

Quando tia Nastacia veio servir Narizinho a menina notou qualquer coisa enganchada em sua saia.

— Que é isso, Nastacia? perguntou ella. Parece uma coroinha...

A negra abaixou-se.

— Crédo! exclamou. Até parece feitiço. Uma coroinha de rei!... E' que fui ao quintal buscar um pau de lenha e quasi nem pude andar de tanto rei e fada e princeza amontoado lá. Com certeza esbarrei nalgum reizinho e a corôa enganchou na minha saia. Mas não foi por querer, não. Crédo!...

— Estou conhecendo essa coroa! exclamou Rosa Vermelha. E' do meu sogro, o poderoso rei que mora atraz do meu castello. Com certeza viu passar o bando da Sheherazade e correu atraz para espiar.

E guardou no bolso a coroinha para restituil-a ao seu dono.

Todos tomaram café, menos Cinderella.

— Só tomo leite, explicou. Tenho medo que café me deixe morena.

— Faz muito bem, disse Emilia. Foi de tanto tomar café que tia Nastacia ficou preta assim...

VIII — A VARNHA DE CONDÃO

Durante todo aquelle tempo Pedrinho, Aladino e o Gato de Botas ficaram de parte, conversando sobre valentias. Aladino contava as mil façanhas que fizera com a sua lampada maravilhosa. Pedrinho, não querendo ficar atraz, contava as proezas feitas com o seu famoso bodoque. Por fim chegaram até a brigar.

— Pois appareça aqui um dia, disse Pedrinho, para vermos quem pode mais, se você com sua lampada ou eu com o meu bodoque.

— Eu aposto na minha lampada! disse Aladino.

— E eu aposto no meu bodoque! disse Pedrinho.

O gato de Botas interveio.

— E eu serei o juiz. Em seguida desafiarei a ambos. Quero ver o que vale mais, se esse bodoque e essa lampada ou as minhas botas de sete leguas!...

Emquanto discutiam e marcavam a data do "péga", um accidente muito grave aconteceu na sala. O pobre visconde dormira em cima do binoculo, tão bem dormido, que, de repente, plaf!... cahiu lá do alto um grande tombo no chão. Cahiu e ficou desacordado. As princezas correram a acudir-o com agua e esfregações pelo corpo. Como, porem, o pobre sabio não voltasse a si, foi uma consternação geral.

— O melhor é virar o visconde nalguma coisa, suggeriu Emilia dirigindo-se a Cinderella. Dê-lhe uma boa varada com a varinha de condão, princeza!

Cinderella, achando boa a idéa, assim fez. Mas antes quiz saber no que havia de virar o visconde. Narizinho achava que deviam viral-o num grande magico de chapéu de cartucho. Rosa Vermelha preferia que o virassem em urso. Venceu afinal a opinião da Emilia, que era a mais practica.

— Tia Nastacia, disse ella, anda precisando dum pilão-

zinho de soccar sal. Boa ocasião para virar o visconde em pilão! Ao menos fica servindo para alguma coisa.

Approvada a idéa, a princeza da varinha bateu nelle, dizendo:

— Vira que vira, vira que vira, vira virando, vira pilão!

Immediatamente o visconde virou num pilãozinho novo, exactamente como tia Nastacia queria. Emilia foi leval-o á cozinha. A negra ficou assombrada. Depois disse:

— Mas eu não tenho coragem de soccar sal nesse pilãozinho! Pégo a imaginar que já foi visconde e fico com dó. Em todo o caso, diga a dona Cinderella que agradeço muito o lindo presente, ouviu?

E guardou o pilãozinho numa prateleira, resmungando:

— O mundo está perdido!... Quando eu havia de pensar que o visconde ia acabar assim? Não valem nada nesta vida! Quando chega a hora de virar, pode ser rei, pode ser visconde, a gente vira mesmo — e ainda é bom quando vira em pilão...

Na sala de baile estavam todos brincando de virar. Cinderella batia com a varinha de condão e virava tudo que lhe pediam. Emilia trouxe todos os seus brinquedos para os fazer virar em outros brinquedos ainda mais bonitos. Depois sentiu saudades dos brinquedos velhos e os fez desvirar novamente.

E estavam ainda nessa brincadeira quando ouviram na porta uma batida exquisita, muito differente das outras. As princezas assustaram-se.

— Parece batida de lobo! disse Capinha Vermelha indo espiar pelo buraco da fechadura.

— E é lobo mesmo! exclamou de lá, arregalando os olhos de pavor. E' justamente o malvado que comeu vóvó!...

Foi uma correria. Narizinho procurou acalmar as princezas.

— Não pode ser, disse ella. O lobo que comeu a avó de

Capinha foi morto a machadadas por aquelle homem que entrou. E' o que dizem os livros.

— Deve ser erro de impressão, suggeriu Emilia, que tambem fôra espiar o lobo. E' lobo, sim — e magrissimo! Bem se vê que só se alimenta de velhas bem velhas. Com certeza soube que dona Benta morava aqui e...

Não poudo concluir. Narizinho estava de prantos.

— Pobre vóvó! gemia torcendo as mãos. Que desgraça se o lobo a devora! Chamem Pedrinho e os principes! Corra, Emilia!...

Mas justamente minutos antes Pedrinho e os principes haviam sahido para o terreiro a fim de fazerem uma experiencia com a lampada de Aladino. Estavam as meninas alli sem um homem que as pudesse soccorrer.

— Bata com a vara nelle e vire-o numa pulga, lembrou Emilia já preparando a unhinha para matar a pulga.

— Impossivel! exclamou Cinderella afflicta. Seria preciso abrir a porta e o lobo poderia me agarrar de um bote...

Emquanto isso o lobo continuava a bater, toc, toc, toc, cada vez mais furioso. Depois começou a arranhar a porta, tirando lascas.

Rabicó tremia como geleia; em vez de ajudar as princezas a se salvarem dos apuros, mais atrapalhava. Agarrou-se á saia de Branca de Neve, que teve de afastal-o com um bom pontapé.

— Só o visconde poderá nos salvar! exclamou Emilia. Os sabios sabem meios para tudo.

Disse e foi correndo buscar o pilãozinho para que Cinderella o revirasse em visconde. Cinderella, muito tremula, bateu com a varinha e o visconde surgiu de novo, tonto e assustado.

Narizinho explicou-lhe do que se tratava, apontando para a porta.

— O lobo está arrebetando as taboas. Mais um mi-

nuto e está dentro. Veja se acha um geito de nos salvar, visconde!...

Mal a menina acabara de pronunciar essas palavras, o lobo arrancou uma taboa e enfiou o focinho no buraco, fa-rejando o ar.

— Hum! hum!... Estou sentindo cheiro de avó de gente... disse elle.

Era demais. Narizinho desmaiou. Vendo aquillo, as princezas desmaiaram tambem. Emilia ficou na sala sozi-nha com o visconde.

— Vamos, visconde! gritava ella. Faça alguma coisa! Mexa-se!...

Mas o visconde não sahia do lugar, e só então Emilia percebeu que tinha virado visconde só da cintura para cima, continuando pilão da cintura para baixo. Com a pressa e o nervoso Cinderella só havia dado nelle meia varada...

— E agora? exclamou Emilia coçando a cabeça e pen-sando lá comsigo se valeria a pena desmaiar tambem. E talvez fizesse isso, se o lobo naquelle instante não arrancasse mais uma taboa e não enfiasse para dentro da sala quasi meio corpo.

Vendo que o monstro entrava mesmo, Emilia berrou com todas as forças dos seus pulmões:

— Acuda, tia Nastacia! O lobo está entrando de ver-dade e vae comer dona Benta...

Ouvindo o berro, a negra veio lá da cozinha com a vas-soura e num instante espantou dalli a fera com umas boas vassouradas no focinho.

— Lobo ordinario! gritou ella. Vá prear no matto, que é o melhor. Dona Benta nunca foi quitute para os teus bicos, cão sarnento!...

— Bravos! exclamou Emilia batendo palmas. A senho-ra é tão valente que até merece se casar com o passaro Roca.

A preta só disse:

— Em vez de estar ahi a dizer bobagens antes venha

me ajudar a acordar estas princezas. Traga depressa uma caneca de agua fria, ande!...

A primeira a ser despertada foi Narizinho.

— Que é do lobo? perguntou ao voltar a si, ainda tonta e com a vista atrapalhada. Já comeu vóvó?

A negra deu uma risada com a beijaria inteira.

— Crédo! Que idéa! O lobo a estas horas já deve estar chegando na Europa!... e contou o que havia acontecido.

Em seguida despertou as outras. Capinha Vermelha, louca de alegria, abraçou tia Nastacia, promettendo mandarlhe uma cesta de bolinhos. As princezas tambem a abraçaram, promettendo mandar pilõezinhos de verdade e mais coisas bonitas.

Nisto entrou Pedrinho com os principes.

— Bonito! exclamou Narizinho. Os senhores vão para a troça e nos deixam aqui sozinhas á mercê das feras... e contou tudo.

Aladino ficou aborrecidissimo de haver perdido aquella oportunidade de mostrar o poder da sua lampada e Pedrinho ainda mais, pois que com duas bodocadas tinha a certeza de que o lobo sahiria ventando.

Nesse momento um vulto entrou pela janella, como um grande passaro — Peter Pan! Assim que Pedrinho e os demais o reconheceram, reboou uma grande salva de palmas, seguida do hymno dos indios guerreiros, composto pela boneca.

Dona Benta, que havia acabado de escrever a sua carta, ouviu o rumor e lembrou-se da promessa feita a Narizinho. Veio espiar a festa. Entrou na sala.

— Bôa tarde senhor Peter Pan! Fico satisfeita de saber que o senhor tambem é amigo dos meus netos — mas quero que não faça com elles o que fez com Wanda e seus irmãozinhos. Não lhes ensine a voar, senão estou perdida. Se não sabendo voar já são assim, imagine sabendo...

— A senhora pensa que voar é perigoso? perguntou Emilia. Levando o seu guarda-chuva como para-quedas, não ha perigo nenhum!...

— Sei que não ha perigo, disse a velha. Mas sei tambem que se voarem começarão a ir para muito longe e poderão um dia esquecer-se de voltar.

Peter Pan sossegou-a. Disse que nada receiasse, pois só os ensinaria a voar se obtivesse o consentimento della.

IX — A PARTIDA

O relógio bateu seis horas.

— Como é tarde! exclamou Branca de Neve. Tenho de estar no castello ás sete para receber dois principes que vem jantar connosco.

— E nós tambem, disseram Rosa Vermelha e Rosa Branca. Temos á noite a visita do Passaro Azul.

Cinderella tambem tinha de ir-se, de modo que foi um rodopio de abraços e beijos e palavras de despedidas — tudo num grande atropelo.

— Adeus! adeus! dizia Narizinho, passando dos braços de uma para os braços de outra. Voltem outra vez, agora que sabem o caminho...

Pedrinho, que havia cochichado muita coisa para Pater Pan, despediu-se d'elle dizendo:

— Quando voltar veja se traz o crocodilo que comeu o capitão Gancho. Tenho muita vontade de ver um crocodilo dessa especie.

A Aladino lembrou o desafio.

— Venha com a sua lampada — e areie bem ella, ouviu?...

Emilia andava de mãos em mãos. Nunca fôra tão beijada e amimada! Quando chegou o momento de despedir-se do Pequeno Pollegar, cochichou-lhe ao ouvido uma porção

de coisas sobre dona Carocha, aconselhando-o a fugir de novo para vir morar com elles alli no sitio.

Logo que todos partiram a casa de dona Benta ficou mais vazia do que nunca. Na sala, só os dois meninos e a boneca. No terreiro, só a mocha mascando as suas palhas e Rabicó acabando de comer a sua raiz de mandioca.

Os dois meninos trocavam impressões.

— De quem mais gostei foi de Branca de Neve, dizia Narizinho. Como é boa e linda! Contei-lhe que estive com a aranha que lhe fez o vestido de casamento e Branca ficou muito admirada. Pensou que dona Aranha tivesse morrido do desastre na perna. Nunca imaginei que pudesse haver uma creatura alva assim. Parece feita de coco ralado...

— E eu gostei muito do Gato de Botas, disse Pedrinho. Já Aladino achei um tanto prosa. Pensa que aquella lampada é a maior coisa do mundo.

Nisto Emilia, que havia rolado para debaixo da mesa, deu um grito de espanto.

— Olhem o que está aqui! disse ella. A lampada de Aladino! Com a pressa elle esqueceu-se de leval-a...

— E' verdade, exclamou Pedrinho no auge da alegria. Esqueceu-se e agora a lampada é minha!...

— E está aqui tambem a varinha de condão de Cinderella! berrou de novo Emilia mostrando o precioso talismã. Com a pressa esqueceu-se da vara e a vara é minha. Vou brincar de virar o dia inteiro.

— E olhem o que está aqui atraz do armario! gritou por sua vez Narizinho. As botas de sete leguas do Gato de Botas. São minhas — e quero ver quem me pega!...

Ficaram todos os tres na maior alegria da vida, a mirar e remirar aquellas maravilhas e a fazer projectos de aventuras ainda mais extraordinarias que as que os livros contam.

No melhor do enlevo, porem, ouviram uma batidinha tremula á porta, tuc, tuc, tuc...

CARA DE CORUJA

Emilia foi abrir. Era uma baratinha de mantilha — a celebre dona Carocha...

— Que é que a senhora quer? indagou Emilia.

— Bôa tarde! disse a velha, fingindo não reconhecer a boneca e sentando-se para descansar. Sou dona Carocha, a que toma conta de todos esses personagens do mundo maravilhoso.

— Já sei disso, observou a menina de mão na cintura, prevendo que ia haver complicações. Mas que é que a senhora quer?

— Vim buscar a lampada de Aladino, a vara de condão de Cinderella e as botas do Gato de Botas. Esses maluquinhos, com a pressa de voltarem, esqueceram-se desses objectos aqui.

Foi um desapontamento geral. Emilia quiz mentir, dizendo que não havia alli, nem bota, nem vara, nem lampada. Narizinho teve impetos de se atracar com a velha. Pedrinho chegou a olhar para o bodoque. Mas dona Benta estava na salinha proxima e dona Benta fazia muita questão que seus netos respeitassem os mais velhos. Porisso resignaram-se a entregar aquellas preciosidades.

— Pois leve, disse Narizinho contendo-se a custo. Mas fique sabendo que o que lhe vale é vóvó estar ahi na salinha. Se não fosse isso...

Dona Carochinha nada disse. Foi tratando de pegar a vara, a lampada, as botas e até o espelho magico que Branca de Neve déra á boneca, raspando-se dalli a toda a pressa.

Mas antes della chegar á porteira Emilia explodiu.

— Cara de coruja secca! berrou. Cara de jacarepaguá cozinhada com morcego e misturada com farinha de bicho cabelludo! Ahn!...

E botou-lhe uma lingua tão comprida que dona Carochinha achou melhor arregaçar a saia e botar-se na carreira — de medo!...

O IRMÃO DE PINOCCHIO

I — O IRMÃO DE PINOCCHIO

COITADA de vóvó! disse um dia Narizinho. De tanto contar historias ficou que nem um cajú chupado; a gente espreme, espreme e não sae nem um pingó que seja.

Era a pura verdade aquillo — tão verdade que a boa senhora teve de escrever a um livreiro de S. Paulo, pedindo que lhe mandasse quanto livro novo fosse apparecendo. O livreiro assim fez. Mandou um e depois outro e depois outro e por fim mandou o PINOCCHIO.

— Viva! exclamou Pedrinho quando o correio entregou o pacote. Vou lê-lo para mim só debaixo da jaboticabeira.

— Alto lá! interveio dona Benta. Quem vae ler o PINOCCHIO, para que todos ouçam, sou eu, e só lerei tres capitulos por dia, de modo que o livro dure e nosso prazer se prolongue. A sabedoria da vida é essa.

— Que pena! murmurou o menino fazendo bico. Não fosse a tal sa-bé-dó-ria da vida, que nunca vi mais gorda, e hoje mesmo eu dava conta do livro e ficava sabendo toda a historia do Pinocchio. Mas, não! Temos de ir na toada de carro de boi em dia de sol quente — nhen, nhen, nhen...

Sua zanga, porem, não durou muito e assim que chegou a noite e Tia Nastacia accendeu o lampeão e gritou o “E’ hora!” ninguem se mostrava mais assanhado do que elle.

— Leia da sua moda, vóvó! pediu Narizinho.

A moda de dona Benta ler era bem boa. Lia “differente” dos livros. Como quasi todos os livros para creanças que ha no Brasil são muito sem graça, cheios de termos do tempo do Onça ou só usados em Portugal, a boa velha lia traduzindo aquelle portuguez de defunto em lingua do Brasil de hoje.

Onde estava, por exemplo, "lume", ella lia "fogo"; onde estava "lareira", lia "varanda"; se encontrava um "elle" escripto com um "l" só, dizia: "Isto é bobagem; "elle" toda a vida teve dois "ll". E sempre que dava com "botou-o" ou "comeu-o", lia "botou elle", "comeu elle" — e ficava tres vezes mais interessante.

Como naquelle dia os personagens eram da Italia, dona Benta começou a arremedar a voz de um italiano gallinheiro que ás vezes apparecia pelo sitio em procura de frangos; e para o Pinocchio inventou uma vozinha de taquara rachada que era tal qual o boneco devia falar.

Os primeiros capitulos lidos não deram para fazer uma idéa da historia. Mesmo assim Pedrinho declarou que se sympathisava com o heroe.

— Pois eu não! contraveio Narizinho. Esse freguez não me está com cara de ser boa bisca. E você, Emilia, que acha?

A boneca estava pensativa, de mãozinha no queixo.

— Eu acho, respondeu ella, que achei uma grande coisa.

— Diga!

— Não posso. Não é coisa de se ir dizendo assim sem mais nem menos. Só direi se Pedrinho me der aquelle cavallinho de pau sem rabo que está na gaveta delle.

Emilia sempre foi interesseira, mas depois que encasquetou na cabeça a idéa de tornar-se a boneca mais rica do mundo (rica de brinquedos), virou perfeita cigana, dessas que não fazem nada de graça.

— Pode ser que dê, disse o menino. Se a idéa for aproveitavel...

— Jura que dá?

— Não amole! Você bem sabe que sou um menino de palavra.

— Pois a minha idéa é esta: Se Pinocchio foi feito de um pedaço de pau vivente, bem pode ser que ainda haja mais pau dessa qualidade no mundo.

— E que tenho eu com isso?

— Tem que se houver mais pau dessa qualidade, você poderá arranjar um pedaço e fazer um irmão do Pinocchio!

Todos se entreolharam, admirados da esperteza da boneca. Pedrinho chegou a entusiasmar-se com a idéa.

— E' mesmo! exclamou arregalando os olhos. A idéa é tão boa que só admiro ninguem ter pensado nisso antes. Pode ir lá ao meu quarto, Emilia, e tirar o cavallinho da gaveta.

II — O PAU VIVENTE

A grande idéa de Emilia não sahiu mais da cabeça de Pedrinho. Só pensava em ir á Italia, ver se no quintal do homem que fez o Pinocchio não existiria ainda um resto do tal pau. Mas ir como? A pé não podia ser, porque era muito longe e teria de atravessar o oceano. De navio também não podia ser, porque dona Benta tinha um medo horrivel de naufragios e jamais consentiria que elle embarcasse. Como pois resolver o problema?

Desta vez foi o visconde quem teve a melhor idéa. Esse sabio estava ficando cada vez mais sabido, depois da temporada que passou atraz da estante, entalado entre uma Algebra e uma Arithmetica de Trajano. Porisso só falava scientificamente, isto é, de um modo que tia Nastacia não entendia.

— Eu acho, observou elle cuspiendo um pigarrinho, que não é preciso ir á Italia para descobrir madeira com “propriedades pinocchianas”. A Natureza é a mesma em toda a parte, e se lá ha disso, não vejo “razão plausivel” para que não o haja aqui também. “Donde”, se você procurar bem procurado, bem pode ser que descubra em nossas mattas algum “exemplar esporadico da mirifica substancia.”

Tia Nastacia, que naquelle momento ia passando de trouxa de roupa na cabeça, parou, escutou o discurso, de olhos

arregalados, e lá se foi, resmungando: “Que mania essa do visconde, de só falar inglez agora. Crédo!” Mas Pedrinho o comprehendeu perfeitamente e até se enthusiasmou.

— Boa idéa, não ha duvida! Vou amolar meu machadinho e amanhã cedo começarei as “investigações”.

E assim fez. No dia seguinte, logo depois do café, botou o machadinho ao hombro e partiu para a floresta, disposto a picar todos os paus por lá existentes até encontrar um que dêsse signaes de vida. A semana inteira passou naquillo. Não deixava escapar uma arvore. Golpeava-as todas, e applicava o ouvido ao tronco para ver se gemia. Muitas choraram lagrimas de resina, mas gemer nenhuma gemeu durante todo aquelle tempo.

— Acho que estou fazendo papel de bobo, disse elle um dia ao voltar. Pau de Pinocchio só mesmo na Italia. A idéa do visconde está-me parecendo que é como o nariz delle.

Ouvindo-o dizer aquillo Emilia ficou de pulga atraz da orelha. Poz-se a reflectir que se o menino não achasse pau vivente era capaz de lhe tomar o cavallinho, allegando que sua idéa tambem era como o nariz de alguem. Pensou, pensou, pensou e por fim concebeu um plano. Foi procurar o visconde e disse-lhe:

— Largue esse livro (era uma Algebra que o sabio estava a ler) e diga-me uma coisa: o senhor visconde sabe gemer?

— Nunca gemi, respondeu o sabio, estranhando a pergunta, mas não creio que seja coisa muito difficil.

— Então gema um pouquinho para eu ouvir.

O visconde fez uma careta muito feia e gemeu em varios tons o melhor que pode.

— Muito bem, approvou a boneca. Sabe gemer, sim, e nesse caso preciso que me preste um grande serviço. Presta?

O velho sabio parece que tinha alguma paixão occulta

pela boneca, pois apressou-se em fazer uma mesura e declarar, todo delambido:

— Dona Emilia manda, não pede.

— Pois então venhã commigo, e Emilia, sem mais cerimonia, o levou para certo lugar no campo, para lá da porteira, onde havia um velho tronco de pau, cahido á beira do caminho que ia ter á floresta.

— Pedrinho, disse ella, costuma passar por aqui quando volta da matta onde anda procurando o pau vivente. E como está que não pode passar por perto de pau nenhum sem dar um golpe, já estou vendo o geitinho delle: chega, pára e — pan! machadada neste trouco. Pois bem, vosmecê me vae ficar escondido num ôco deste pau, e assim que elle chegar, parar e der o golpe, vosmecê vae gemer — mas gemer bem gemido, com voz rouca de pau velho, está entendendo?

— Mas para que isso? atreveu-se o sabio a perguntar.

— Não é da sua conta, visconde. Faça o que estou dizendo e não discuta.

Nisto Pedrinho apontou lá longe, de machadinho ao hombro.

— Depressa! Depressa, visconde! disse Emilia, empurrando o sabio para dentro do ôco. Elle vem vindo!...

O visconde entrou para o ôco e ella correu para casa antes que o menino a visse por alli e desconfiasse.

Pedrinho chegou e fez como fôra previsto. Parou e — pan! — machadada. Mas fez aquillo por fazer, pela força do habito, porque já não tinha a menor esperanza de encontrar pau vivente nenhum. Com immensa surpresa sua, porem, o tronco gemeu, ai! ai! ai! o que o fez dar um pulo como se tivesse pisado em cobra.

— Homessa! exclamou, arregalando os olhos. Será possível que este tronco tenha gemido ou foi illusão minha?

Para certificar-se deu novos golpes, mas de longe, meio resabiado.

— Ai! ai! ai! gemeu novamente o tronco.

Embora andasse já uma semana a procurar aquillo, Pedrinho ficou seriamente impressionado com o milagre, e sem animo de metter o machado no pau para cortar o pedaço necessario á fabricação do boneco. Teve de ir ao riacho que corria perto beber uns goles d'agua, que lhe acalmassem a agitação e lhe déssem coragem. A agua fez effeito. Pedrinho criou animo e, apezar do pau continuar a gemer, cortou delle um bom pedaço, voltando para casa a correr, na maior alegria da sua vida.

Ao penetrar no terreiro viu a boneca sentadinha na soleira da porta, a assobiar o "Pirolito que bate, bate", com a cara mais innocente deste mundo.

— Achei, Emilia! gritou-lhe o menino de longe.

E ella, com a maior indifferença:

— Que é que você achou, Pedrinho?

— O pau vivente, ora essa! Que é que havia de achar se é só isso que ando procurando?

— Nesse caso, bom proveito! murmurou a sonsa, sem erguer os olhos e a fingir que estava cavocando o chão com um pauzinho.

O menino damnou. Disse-lhe um desaforo e entrou em casa como um pé de vento, ansioso por contar a historia dos gemidos.

— Vocês não imaginam que coisa mais espantosa! gritou quasi sem folego logo que todos o rodearam. O pau gemia que nem gente de carne e osso — ai! ai! ai! numa voz que lembrava um pouco a do visconde. Gemia de cortar o coração! Nunca imaginei que pudesse haver uma coisa assim no mundo! Um assombro!...

Pedrinho teve de repetir a historia uma porção de vezes, enquanto o maravilhoso pedaço de pau corria de mão em mão, apalpado, cheirado, provado com a ponta da lingua. Só tia Nastacia não teve coragem de chegar perto. Espiou de longe, e nunca fez tantos pelo-signaes nem murmurou tantos Crédos.



*Emilia cada vez mais furiosa, botou-lhe um palmo de
lingua — ahn!*

Todos commentavam, menos o visconde e a boneca. O visconde fingia-se absorvido na leitura do seu livro de Álgebra, mas na realidade estava observando a scena com o rabo dos olhos; de vez em quando dava sua risadinha. E Emilia, essa espiava pelo vão da porta; depois sahiu tapando a bocca para abafar o riso, indo conversar com o seu cavallinho. Boto-o ao collo e disse-lhe ao ouvido:

— Pedrinho cahiu como um pato e com certeza agora não se lembra mais de tomar você de mim. Viva! Viva! Você é meu e bem meu, e tem que brincar commigo o dia inteiro. Antes de mais nada, “entretantibus” (ella andava estudando latim), preciso concertar Vossa Senhoria, pois onde já se viu um cavallo sem rabo? Vou arranjar para Vossa Cavallencia um lindo rabo de gallo, muito mais na moda que esses rabos de cabello com que os cavallos nascem, está ouvindo, Senhor Barão Cavalgadura Cavalcanti Cavallete da Silva Feijó?

Estava aberta a celebre torneirinha das asneiras — e aberta ficou durante todo o tempo em que Emilia deu voltas pelo terreiro em procura duma bôa penna de gallo que servisse de cauda para o novo barão.

III — O CONCURSO

Achado o pau vivente, só restava fazer delle um boneco para que surgisse no mundo o irmão de Pinocchio. Pedrinho, entretanto, por mais que o sacudisse e espetasse com o canivete, não conseguia que o pedaço de pau dêsse o menor signal de vida.

— E' exquisito isto! murmurava elle. O tronco gemeu de cortar o coração, mas este pedaço nem pia. E' exquisitissimo...

Emilia, sempre com a pulga atraz da orelha, de medo que seu estratagema fosse descoberto, disse logo, muito espevitadinha:

— Dona Benta falou outro dia que as grandes dores são mudas. O coitado bem que sente, mas como a sua dor de se ver separado do tronco pae delle é muito grande, está assim mudo como um peixe. De repente a dôr diminue e elle começa a gemer que ninguem o pode aturar.

O visconde tossiu e olhou para ella, com o rabo dos olhos, admirado dos progressos “psychologicos” que Emilia estava fazendo.

Apezar da mudez do pau Pedrinho resolveu fazer o boneco, na esperança de que de repente vivesse. Mas, fazel-o como? Cada qual queria que o irmão de Pinocchio fosse de um geito e tanto amollaram que Pedrinho resolveu abrir um concurso. O desenho vencedor seria adoptado como modelo.

— Concurso de desenho, gentarada! gritou batendo palmas. Pára tudo! Vovó, largue essa costura e pegue no lapis. Tia Nastacia, você tambem páre com esse fogão! Toca a desenhar!

Começou o concurso. Durante meia hora ninguem naquella casa cuidou de outra coisa senão de desenho. Promptos que foram os seis, Pedrinho os pregou na parede para serem julgados.

Que exposição mais engraçada! O desenho de Tia Nastacia não tinha forma de gente; parecia um coisarum de carvão, tão feio que todos se riram della.

O de Narizinho era bastante geitoso, mas tinha o defeito de ser parecido demais com o Pinocchio. “Foi de proposito, explicou a menina. Fiz um irmão gêmeo.”

O de dona Benta parecia um judas no sabbado da alleluia.

O de Pedrinho sahiu o retrato de um menino opilado que ás vezes apparecia no sitio, acompanhando sua avó, Nha Véva Papuda.

O do visconde sahiu tão scientifico que não se entendia. Era cheio de triangulos copiados da Geometria e tinha no nariz um X de Algebra.

O de Emilia era uma pandega. Emilia quiz botar no boneco tanta coisa que o virou uma trapalhada. Fez *cacunda* de Polichinello, bocca de sapo, rabo de jacaré, orelhas de morcego, pés de bode e nariz ainda mais comprido que o de Pinocchio. Tinha tambem um olho arregalado nas costas, “para que ninguem o pudesse agarrar de surpresa.” explicou ella, cheia de orgulho dessa lembrança que ninguem havia tido.

Pedrinho botou em votação os desenhos por tres vezes, sem o menor resultado. Cada qual achava o seu o mais bonito e votava em si proprio.

— Com votação não vae, disse elle. O melhor é tirar a sorte.

Todos concordaram. Pedrinho escreveu o nome de cada concorrente num pedaço de papel, enrolou-os e botou-os no seu chapéu, pedindo a dona Benta, como mais velha, que tirasse um.

Emilia, porem, protestou, erguendo a mão esquerda no ar e escondendo a direita no bolsinho da saia.

— Quem vae tirar a sorte sou eu! Dona Benta não sabe!

— Não é você, não! E’ vovó! determinou Pedrinho.

— Sou eu! Sou eu! insistiu a boneca.

— Já disse que é vovó. Não amole!

— Sou eu! Sou eu! continuou a boneca, batendo o pé e sempre com a mão no bolso.

Narizinho desconfiou da insistencia e daquella mão no bolso.

— Deixe ver a mão, Emilia.

— Não deixo! respondeu a boneca, corando até á raiz dos cabellos.

Narizinho agarrou-a e, tirando-lhe a mão do bolso á força, viu que havia nella um papelzinho do mesmo tamanho e enrolado do mesmo geito que os que Pedrinho puzera no chapéu.

Foi um escandalo. Todos a criticaram, achando muito feio aquelle procedimento; depois cahiram na gargalhada, ao lerem o que estava no papelzinho. Emilia, em vez de escrever o seu nome, havia escripto, na sua letrinha torta de boneca de panno — EU!

— Ché, que fiasco! exclamou tia Nastacia pendurando o beijo. Nunca vi acção mais feia. Eu, se fosse dona Benta, não deixava que essa cavorteiragem fosse passando assim sem mais sem menos. Dava umas palmadinhas nella, ah, isso dava mesmo! Onde se viu querer empulhar a gente dessa maneira? Crédo!

Emilia, cada vez mais furiosa, botou-lhe um palmo de lingua — ahn!

— Tia Nastacia tem razão, Emilia, observou dona Benta. O acto que você praticou é dos mais feios e só perdão porque você é uma bobinha que não distingue o bem do mal. Fosse algum dos meus netos que procedesse assim, e eu o castigaria.

Era a primeira reprehensão que Emilia levava de dona Benta. Sua vontade foi de tambem lhe botar um palmo de lingua ainda mais comprido. Mas comprehendeu que não devia fazer semelhante coisa e limitou-se a sahir da sala, resmungando e batendo o pézinho com toda a força.

— Como está ficando! commentou a negra. Parece uma cascavelzinha de panno. Crédo!

Terminado o incidente, proseguiu-se na tirada da sorte.

Dona Benta metteu a mão no chapéu e pescou um dos papeis. Abriu-o e leu — “TIA NASTACIA”.

Foi um desapontamento geral. Ninguém esperou que a sorte fosse tão burra de escolher justamente a autora do desenho mais feio. Mas a Sorte é a Sorte; o que ella decide está decidido e ninguem pode reclamar. Em vista disso a negra ficou encarregada de dar forma humana ao pedaço de pau vivente, pondo assim no mundo o irmão de Pinocchio.

IV — A ZANGA DE EMILIA

Narizinho foi dalli espiar o que Emilia estava fazendo. Encontrou-a no cantinho de sala onde era o seu quarto, muito atarefada em botar seus vestidos e brinquedos nas caixas de phosphoro que lhe serviam de mala. Mas notou que Emilia só botava os vestidos e brinquedos que ella, Narizinho, lhe havia dado. Os outros, dados pela negra, jaziam no chão, amarrotados e pisados aos pés.

Emilia estava seriamente offendida e sem duvida nenhuma preparava-se para alguma viagem. Ia arrumando as malas, ao mesmo tempo que dialogava com o cavallinho.

— Não é atôa que ella é preta como carvão.

— ?

— Mentira de Narizinho! Essa negra não é fada nenhuma, nem nunca foi branca. Nasceu preta e ainda mais preta ha de morrer.

— ?

— Boa? Está muito enganado. Mais malvada que ella só o Barba Azul. Você é porque é novo nesta casa e não a conhece. Tia Nastacia não tem dó de nada. Péga aquelles frangos tão lindos e — zás! torce-lhes o pescoço. Mata patos, mata perús, mata camondongos — não ha o que não mate. Outro dia, no Natal, a diaba assassinou um irmão de Rabicó, tão bonitinho! Pegou naquella faca de ponta que móra na cozinha e — fuqt! enfiou dentro d'elle, até lá no fundo. E pensa que foi só isso? Está enganado! Depois pellou o coitadinho numa agua bem fervendo e assou o coitadinho num forno tão quente que nem se podia chegar perto.

— ?

— Como não? Você não é melhor que os frangos, perús e leitões. Essa é uma das razões porque quero ir-me embora: para tirar você daqui antes que a malvada mate e asse

ocê. Que pena não ser você grande como o cavallo de Troia!...

— ?

— Para que? E' boa. Para dar um coice de Troia no nariz della.

Nesse ponto Narizinho, que estava escondida a escutar o dialogo, deu uma risada e appareceu.

— Que é isso, Emilia? Parece louca!...

— E' que estou arrumando minhas malas para me mudar desta casa. Não gosto de velhas, nem branca nem preta.

— Ir para onde, boba? Pensa que é só ir sahindo e indo?

— Vou para a casa do Pequeno Pollegar. Daquella vez que Pollegar esteve aqui e lhe dei de presente o pito de barro, elle me disse "Muito obrigado, dona Emilia. Tenho lá uma casa ás suas ordens. Appareça." Chegou o dia. Vou apparecer e ficar morando com elle.

— E você pensa que cabe na casinha do Pequeno Pollegar? Já se esqueceu, boba, que elle é deste tamanhinho?

Emilia poz o dedinho na testa, reflectindo. Afinal cahiu em si e viu que realmente seria uma grande asneira. Se se mudasse para a casa do Pequeno Pollegar teria, sem duvida, de ficar no terreiro e dormir ao relento, com perigo de ser atacada por quanta coruja e morcego existem no mundo. E como tinha medo horrivel de morcegos e corujas, resolveu ficar.

— Nesse caso fico, mas você ha de me dar um vestido novo, de seda, com um laço de fita aqui e um babado deste geito para cá. Dá?

— Dou, diabinha, dou. Mas com uma condição!...

— Qual é?

— Fazer as pazes com a tia Nastacia. A coitada está lá na cozinha chorando de arrependimento de haver ameaçado você com palmadas.

A colera de Emilia já havia passado, cedendo lugar a sentimento muito mais lucrativo. Porisso tratou immediatamente de tirar lucro da situação, pedindo uma coisa que era o seu encanto.

— Só se ella me der aquelle alfinete de pombinha que você sabe.

— Dá sim. Eu peço-lhe que dê e ella dá.

— Nesse caso, fico de bem com ella outra vez.

Aquelle alfinete andava deixando Emilia doente. Era um alfinete do tempo de dantes, que hoje não se encontra em loja nenhuma. De aço azul, tendo em vez de cabeça uma pombinha de vidro colorido. Tia Nastacia possuia tres, um de pombinha azul, outro de pombinha verde, outro de pombinha carijó. Era este que Emilia queria — mas queria desesperadamente como nunca neste mundo uma boneca quiz uma coisa.

V — JOÃO FAZDECONTA

Tia Nastacia fechara-se na cozinha para fazer o boneco com todo o seu sossego. Uma hora depois reapareceu na sala com a sua obra prima na mão.

— Prompto! Não ficou bonito, mas está muito sympathico, disse, mostrando o producto do seu engenho e arte.

Houve um “Oh” geral de decepção, porque realmente não se poderia imaginar coisa mais feia, nem mais desageitada. Os braços saham do meio do corpo, quasi; os pés não tinham geito de pés; o nariz era um phosphoro cabeçudo espetado no meio da cara; e a cabeça, em forma de castanha de cajú, estava pregada aos hombros por meio de um prego torto, cuja ponta apparecia nas costas.

Pedrinho chegou a ficar damnado.

— Que vergonha, tia Nastacia! Você fez um monstro que não pode ser mostrado a ninguem. Desmoraliza a familia!

— E o pau vivente gemeu muito quando você o cortou? quiz saber Narizinho.

— Nada, nada! Não deu o menor signalzinho de vida. Mesmo que um pau de lenha atôa.

— E' extraordinario isto! observou Pedrinho. Não posso comprehender tal phenomeno. O tronco gemeu de cortar o coração e este pedaço do tronco não dá signal de vida. Anda aqui um grande mysterio!...

O visconde, que estava a lêr sua Algebra, piscou mais de dez vezes ao ouvir aquillo. Depois pediu a palavra e lembrou:

— Deus deu vida ao primeiro homem fazendo um boneco de barro e assoprando. Porque não experimenta o assopro, Pedrinho?

— Bôa idéa! exclamou Emilia, que vinha entrando para reclamar o alfinete. Tambem acho que se você assoprar o João Fazdeconta, bem assoprado, elle vive, bem vivinho.

Todos se voltaram para ella, com cara de espanto.

— Que João Fazdeconta é esse, Emilia? Você tem cada uma...

— João Fazdeconta é o melhor nome que acho para este boneco.

— Porque?

— João, porque elle tem cara de João. Todo sujeito desajeitado é mais ou menos João. E Fazdeconta, porque só mesmo fazendo de conta se pode admittir uma feiura dessas. Faz de conta que não é feio. Faz de conta que não tem pé torto. Faz de conta que não tem ponta de prego nas costas. Faz de conta que...

— Chega, Emilia. Já está muito bem explicado, disse Pedrinho com os olhos postos no boneco. Você tem razão. Não pode haver nome mais bem posto!...

Todos acharam a mesma coisa e classificaram a boneca como a melhor "botadeira de nome" do sitio.

— Nesse caso... começou ella a dizer.

— Já sei! interrompeu Narizinho. Nesse caso você quer que tia Nastacia dê aquelle alfinete de pombinha carijó, não é?

A negra arregalou os olhos.

— Para que isso agora, santo Deus? Para que Emilia quer um alfinete de tanta estimação?

— Para ficar bem com você outra vez, respondeu a boneca.

Narizinho contou então o que se havia passado e de como por um triz ia Emilia commettendo a maior imprudencia de sua vida.

Tia Nastacia não queria dar o alfinete, mas tanto a menina amolou que afinal deu.

— Tome lá, ciganinha! disse ella tirando o alfinete do peito. Não sei de quem você puxou esse espirito interesseiro. Estou vendo o dia em que acaba pedindo os oculos e a dentadura de dona Benta. Crédo!...

Emilia bateu palmas de alegria e foi correndo mostrar o alfinete ao cavallinho, que era agora o seu grande amigo e confidente. Tinha-lhe posto um lindo rabo de penna de gallo e com elle passava os dias, brincando de chicote queimado, esconde-esconde e Bento que Bento frade.

Mas Emilia não tinha sossego de espirito. Havia enganado Pedrinho e receiava que de um momento para outro descobrisse elle o logro e lhe tomasse o querido brinquedo. O meio de evitar isso era Fazdeconta viver. Mas o diabinho teimava em conservar-se morto como um defunto.

Pedrinho havia achado certo fundamento na idéa do assopro) e passou tres dias a experimentar o remedio, ás escondidas, para que não caçassem delle. Chegou a ficar com as bochechas doloridas de tanto assopramento. Nada adeantou.

Emilia tambem procurou metter o boneco em brios. Chegou-se a elle, num momento em que não estava ninguem perto, e disse:

— Viva, bobo! Viva, senão Pedrinho bota você fóra. Viva, que te dou aquelle meu aventalzinho vermelho, que tem bolso.

Fazdeconta, porem, continuou impassivel. Nem sacudidelas, nem ameaças, nem assopros, nem promessas da boneca — nada o fazia sahir do seu estúpido estado de embezeramento.

Um dia Pedrinho desesperou.

— Chega de amolação! disse elle. Já estou ficando bochechudo de tanto te assoprar e “tu não vive” nunca, são feiura. Vae-te para os quintos! e, agarrando-o por uma perna, jogou-o para cima do armario da sala de jantar.

Emilia assistiu á scena e percebeu que ia haver questão. Pedrinho lhe déra o cavallo em troca da idéa, “se fosse bôa”. Quer dizer que se a idéa não provasse ter sido bôa, o negocio poderia ser desmanchado. Não que Pedrinho fizesse conta daquelle cavallo (que nem rabo tinha na occasião), mas só de implicancia.

A boneca pensou assim e pensou muito bem, pois naquele mesmo dia, á tarde, Pedrinho chegou-se para ella e foi dizendo:

— Onde está o cavallo?

Emilia sentiu chegada a hora da briga. Empertigou-se toda, prompta para a lucta, e:

— Não é de sua conta! respondeu em tom de desafio.

— Passe para cá o meu cavallo! continuou o menino, fechando uma terrivel carranca de Barba Azul.

— Não sei do “seu” cavallo; só sei do “meu”.

— Eu disse que dava o cavallo se a idéa fosse bôa, mas a idéa sahiu como o seu nariz e quero o meu cavallo.

— Pois vá querendo!

Pedrinho perdeu a paciencia. Xingou-a de cara de coruja secca (o peor insulto que havia para a boneca) e deu-lhe um beliscão.

Ah, o mundo veio abaixo! Emilia berrou, como se hou-

vesse sete pulmões dentro della: “Acudam! Barba Azul está querendo me matar!” e foi tal a grita que todos acudiram assustados, certos de que algum grande desastre havia acontecido.

— E’ este Barba Azulzinho que me chamou de cara de coruja secca e me deu um beliscão, disse Emilia soluçando.

Todos tomaram o partido della, inclusive dona Benta, que disse:

— Tamanho homem a brigar com uma pobre bonequinha de panno! Onde já se viu semelhante coisa? Se o senhor continua assim eu o ponho no Caraça, ouviu?

Pedrinho emburrou, mas calou-se, e Emilia, victoriosa, foi ter com o cavallinho, e cochichou uma porção de coisas.

Dalli a pouco os dois brigados se encontraram de novo e o menino disse:

— Deixe estar que você me paga, fedor!

— Anthropophago!

— Cara de...

— Não diga outra vez que eu grito e dona Benta põe você no Caraça!

Pedrinho viu que gritava mesmo e sahiu para o terreiro, muito aborrecido. Lembrou-se de ir pescar ao ribeirão; depois mudou de idéa e tomando o machadinho partiu para a floresta. O melhor meio de curar-se em taes occasiões era ir para a floresta derrubar pés de embaúva. A raiva recolhida sahia do corpo e elle voltava para a casa perfeitamente bom.

Andou por lá ao acaso por meia hora, e por fim foi parar junto ao tronco gemedor. Lembrou-se de fazer nova experiencia. Deu-lhe um golpe e escutou. O tronco não deu um pio. Outro golpe, e outro, e mais de dez. O tronco, quieto, quieto!

Como póde ser isto? pensou o menino. Se o tronco gemeu daquella vez, devia gemer agora. Se não geme agora, como gemeu daquella vez? Aqui ha marosca!...

Começou a rodear o tronco e a examinal-o cuidadosamente. Deu logo com o ôco onde o visconde se escondera. Olhou e viu lá dentro uma coisa exquisita, com fórmula de chapéu. Pescou-a para fóra, com um gancho de pau, e com grande assombro viu que era a cartolinha do visconde.

— Ué! exclamou franzindo a testa. A cartola do visconde por aqui! Eu bem estava vendo que havia marosca...

Examinou o chão, descobrindo novos signaes de que o visconde andara por lá.

— Não resta duvida! murmurou comsigo depois de reflectir uns momentos. O visconde esteve escondido neste ôco. Mas para que? Com que fim? Quando? Aqui ha marosca!... Vão vêr que foi elle quem gemeu e não o tronco. Eu bem achei a voz parecida com a do visconde. Mas porque havia de fazer isso? Que interesse tinha em me enganar? Hum, já sei! Elle fez isso por instigação da Emilia. A diaba estava com medo que eu lhe tomasse o cavallinho e me armou esta peça de combinação com o tal sabio de uma figa. E' isso mesmo! Elles desta vez me bobearam. Cahi como um patinho...

Pedrinho ficou mais desapontado do que damnado. Era o cumulo dos cumulos, aquillo! Ser bobeadado por uma boneca de panno e um visconde de sabugo, elle, o menino mais esperto e sabido daquellas redondezas...

— Mas não fica assim! exclamou em voz alta. Qualquer dia tiro a fórra e só quero vêr a cara dos dois piratas!...

VI — MIRAGENS

Emquanto lá na floresta Pedrinho pensava no melhor meio de se vingar da malandragem que lhe fizeram, Narizinho resolvia dar um passeio ao pomar. Costumava fazer isto nas tardes agradaveis, sempre em companhia da boneca. Naquelle dia, porem, Emilia fez luxo.

— Não posso hoje, disse mostrando o cavallinho. Es-

tou ensinando o "abc" a este analphabeto, que anda roxo por lêr a historia do Pégaso, do Bucephalo, do cavallo de Troia e outras cavallencias celebres.

Narizinho não gostava de passear só, porisso correu os olhos pela sala em procura de algum outro companheiro. Só viu o triste irmão de Pinocchio, que Pedrinho havia jogado para cima do armario.

— Coitado! exclamou. Porque é feio como o Diogo e morto como um defunto, ninguem faz conta delle. Vou leval-o commigo. Talvez que os ares do ribeirão lhe façam bem.

Pescou-o de cima do armario com o cabo da vassoura e lá se foi com elle ao pomar, rumo do ribeirão, onde morava aquelle velho pé de ingá de enormes raizes de fóra. Sentou-se na "sua raiz" (havia uma outra de Pedrinho e uma outra do visconde), recostou a cabeça no tronco e cerrou os olhos, porque o mundo ficava tres vezes mais bonito quando cerrava os olhos.

De todos os lugares que existem era aquelle o que Narizinho gostava mais. Fôra alli que vira pela primeira vez o Principe Escamado e era alli que costumava pensar na vida, resolver seus problemazinhos e sonhar castellos de assucar candi.

O sol ia descambando no horizonte ("horizonte" era o nome que Emilia dera a um morro atraz do qual o sol costumava se esconder) e seus ultimos raios vinham brincar de accende-e-apaga-brilinhos na correnteza, com grande alegria dos peixes, que davam pulos no ar para apanhal-os.

De repente ouviu-se um bocejo — ahhh! Olhou. Era Fazdeconta que se espreguiçava, como quem sae de um longo somno.

Narizinho achou aquillo a coisa mais natural do mundo e apenas disse:

— Ora graças! Eu sabia que os ares do ribeirão fariam você viver e porisso trouxe você cá.

— Eu sempre fui vivo, respondeu. Não mudei. Não mudo nunca. Quem muda são vocês, criaturas humanas. Você mudou, Narizinho.

— Como isso? exclamou a menina franzindo a testa. Estou no que sempre fui...

— Parece. Tanto mudou que está entendendo a minha linguagem e vae vêr uma coisa que sempre existiu neste sitio e no entanto você nunca viu. Olhe lá!

A menina olhou para onde elle apontava e realmente viu um bando de lindas criaturas, envoltas em véos de finissima gaze, dançando de mãos dadas por entre as arvores do pomar. No meio dellas estava um estranho ente de orelhas bicudas como as de Mephistopheles, dois chifrinhos na testa e cauda de bode. Soprava musicas numa flauta de Pan, isto é, uma flauta feita de canudos incões, tal qual a casa de barro que umas vespas chamadas "Nha Inacinhas" haviam feito na parede dos fundos da casa de dona Benta.

— Oh! exclamou a menina recordando-se. Ainda hontem vi num dos livros de vóvó uma gravura com uma scena igualzinha a esta. São as nymphas do bosque e o homem é um fauno.

Apezar de ter falado baixo, os dançarinos ouviram aquellas palavras e, não se sabe porque, fugiram numa corrida louca em todas as direcções. O fauno até deixou cahir sua flauta.

— E' minha agora! gritou Narizinho correndo a apanhal-a. Ganhei uma flauta de Pan!...

Mas, ai! Agarrou a flauta com tanta força que a moeu, porque era de barro e estava cheia de vespas, que voaram numa grande afflicção atraz das nymphas. Só ficou uma, presa entre o pollegar e o furabolos da menina.

— Que vespa exquisita! exclamou ella, examinando attentamente a prisioneira. Parece uma velhinha coróca.

— Hein? murmurou Fazdeconta chegando-se. Estou conhecendo esta vespa. Quando o tronco de pau de que fiz

parte era arvore viva, cheia de flores cada mez de setembro, muitas vezes a vi lá em nossos galhos. Desconfio que é uma fadazinha disfarçada em vespa.

— Se é fada, disse a menina duvidando, porque não fugiu com as outras e deixou que a pegasse?

— Porque queria conversar com você, respondeu a vespa.

A menina arregalou os olhos, tomada de grande alegria.

— E' fada mesmo, Fazdeconta! E das que falam, porque ha umas que só fazem tlin, tlin, tlin, como a fada Sininho que não largava de Peter Pan. Que pena Pedrinho e Emilia não estarem aqui! Vão ficar damnados de eu ter visto uma fada antes delles.

A vespa-fada contou-lhe sua vida inteira desde que nasceu e disse que havia muitos annos andava a correr mundo atraz de um alfinete magico sem o qual não poderia ser bem, bem, bem fada das que podem tudo e viram uma coisa noutra. Esse alfinete era uma varinha de condão das mais poderosas, que andava perdida entre os mortaes.

Ao ouvir aquillo o coração da menina pulou dentro do peito. Lembrou-se logo do alfinete que tia Nastacia havia dado á boneca e imaginou que talvez fosse o tal alfinete magico. Para certificar-se, indagou:

— Não era um alfinete de pombinha carijó?

— Isso mesmo! Como sabe? exclamou a fada, admiradissima.

Narizinho viu que havia feito asneira dizendo aquillo, pois a vespa poderia tomar o alfinete da boneca, impedindo Emilia de vir a ser uma famosa fada de panno — coisa que nunca existiu. Quiz remendar a sua imprudencia e disse:

— Sonhei. Sonhei a noite passada com um alfinete assim, isto é, mais ou menos assim. Não era de pombinha, não, agora me lembro. Era de gallo ou bicho parecido. Como a senhora sabe, os sonhos são sempre atrapalhados.

— Mais atrapalhadas são as mentiras de nariz arrebi-

tado! disse a vespa, fugindo da mão da menina para pousar num galho de arvore. Estou vendo que você sabe onde está o alfinete e não quer me contar.

Fazdeconta chegou-se ao ouvido da menina e cochichou:

— Não caia nessa! Não conte! Você lá sabe se ella merece? Com fadas é preciso muitas cautelas, porque se algumas são anjos de bondade, outras são más como bruxas.

— Estou ouvindo tudo! disse a vespa lá do galho, furiosa. E para castigo vou dar uma ferroteada bem venenosa na ponta do nariz dessa menina má. Esperem ahi!...

E começou a inchar, a inchar até ficar do tamanho d'uma enorme aranha caranguejeira. E arreganhou os terriveis ferões e lançou-se contra a menina.

— Acuda, Fazdeconta! berrou Narizinho, fechando os olhos. Sabia que o melhor meio de escapar dos grandes perigos era fechar os olhos, bem fechados, como a gente faz nos sonhos quando sonha que está cahindo num precipicio.

Fazdeconta collocou-se de um pulo entre a vespa e a menina, prompto a sacrificar a vida em defeza desta. O boneco era feio, mas tinha a alma heroica. E como estivesse desarmado, puxou do prego que prendia sua cabeça ao corpo, como se fosse espada, e fazendo d'elle uma terrivel arma, investiu contra a vespa. Ao fazer isso, porem, sua cabeça cahiu por terra, roçou morro abaixo e foi mergulhar — tchibum! — no ribeirão.

A vespa assustou-se ao vêr tão estranha creatura avançar para ella, de prego em punho, e sem cabeça. Assustou-se e — zunn! — desappareceu no ar.

— Prompto? perguntou a menina sempre de olhos fechados.

Ninguém respondeu.

— Ella ainda está ahi? perguntou de novo.

Ninguém respondeu.

Narizinho foi então entreabrindo os olhos, com muito

medo, e afinal abriu-os de todo. Mas deu um grito de horror, ao ver o boneco na sua frente, de prego na mão e sem cabeça.

— Que é isso, Fazdeconta? Que fim levou sua cabeça?

O boneco está claro que nada respondeu. Só tinha boca e ouvidos na cabeça e como a cabeça rolára morro abaixo, não podia ouvi-la, nem responder.

— E agora? disse consigo a menina. Este lugar me parece muito perigoso e sem o auxilio de Fazdeconta pode me acontecer grande desgraça. Se ao menos houvesse aqui por perto alguma casinha...

Olhou em redor e viu não muito longe uma fumaça. “Deve ser casa,” pensou, e correu para lá. Era casa, a mais linda casa que ella viu em toda a sua vida, com trepadeiras na parede e só duas janellas de lindas venezianas verdes.

Narizinho bateu — tóç, tóç, tóç...

— Entre, quem é! gritou uma voz lá de dentro.

Narizinho abriu e entrou e deu um grito de alegria.

— Capinha! Que felicidade encontrar-te aqui!

— E a minha felicidade de receber tua visita ainda é maior, Narizinho! Ha quanto tempo te espero?!...

Abraçaram-se e beijaram-se e ficaram de mãos presas e olhos postos uma na outra.

Era allí a casa da menina da Capinha Vermelha, cuja avó havia sido devorada pelo lobo. Capinha já tinha estado no sitio de dona Benta, na noite da recepção dos principes encantados e ficara gostando muito de Narizinho e Emilia, tendo-as convidado para virem passar uns dias com ella.

— Mas porque não me avisou da tua visita, Narizinho?

— E' que cheguei aqui por acaso. Fiquei só na floresta, depois que o meu guia perdeu a cabeça, e não sei o que seria de mim se não fosse a fumacinha da tua casa, que vi de longe. E vim correndo, mas sem saber quem morava aqui.

Narizinho contou então tudo o que lhe havia acontecido e a terrivel desgraça que succedera a Fazdeconta.

— Que coincidencia! exclamou Capinha. Imagina que

eu estava agora ha pouco tomando banho no ribeirão e um objecto, feito castanha de cajú, veio rolando pela agua abaixo e esbarrou em mim. Peguei-o, olhei e vi que era uma cabeça, com bocca, nariz e tudo. Quem sabe se não é a cabeça de Fazdeconta? Está no bolso do meu aventalzinho. Espera ahi que vou buscal-a.

Foi lá dentro e trouxe a cabeça.

— E' essa mesma! exclamou Narizinho, satisfeitissima daquelle inesperado e feliz desenlace. Vou concertar o Joãozinho já, já.

Foi um instante. Em meio minuto a cabeça do boneco estava outra vez no lugar e elle em condições de falar e contar tudo que acontecera enquanto a menina esteve de olhos fechados. Quando Fazdeconta concluiu a narrativa, Capinha suspirou e disse:

— Quem me dera ter um companheiro leal e valente como este! Vivo tão sózinha nestas solidões...

Narizinho sentiu grande pena e prometeu que viria sempre visital-a.

— E não deixes de trazer a Emilia. Gostei muito della.

Narizinho contou-lhe, então, em grande segredo para que alguma vespa escondida por alli não pudesse ouvir, que a boneca estava na posse do alfinete de pombinha, que era uma vara de condão, e que portanto poderia de um momento para outro virar uma poderosa fada — e uma fada que nunca existiu no mundo: a Fada de Panno.

— Pois ella que se transforme e appareça por aqui para brincar commigo de virar.

Nisto surgiu Fazdeconta, que tinha sahido para o terreiro afim de refrescar a cabeça. Veio muito alegre, dizendo:

— Adivinhem quem passou por aqui? Peter Pan. Conversou commigo meio minuto e lá se foi, voando, para a Terra do Nunca, onde mora. Disse que qualquer dia apparecerá no sitio de dona Benta para brincar com Pedrinho.

— Que pena não ter portado um minuto para tomar café comnosco! Elle sempre me visita e gosto muito delle.

Narizinho, que já conhecia Peter Pan, fez varias perguntas a respeito desse extraordinario “menino que jamais quiz ser gente grande” e de sua inseparavel companheira, a fada Sininho. E ainda estava a ouvir historias delle, quando Fazdeconta deu um berro de desespero, apontando para estranha figura que acabava de pular a cerca do quintal, com uma enorme faca de matar mulher na mão.

— Feche os olhos, Narizinho! gritou elle. Barba Azul vem vindo!...

A menina, para salvar-se, fechou os olhos com quanta força teve...

VII — O ALFINETE

E salvou-se. Quando reabriu os olhos viu que estava outra vez no pomar, na beira do ribeirão, sentada na “sua raiz” com Fazdeconta ao collo, mudo e morto como antes. Sacudiu-o, como se fosse um relógio que houvesse parado, mas o boneco não andou. Parece que havia acabado a corda delle.

— Que pena! murmurou Narizinho. “Mudei de estado” outra vez. Estou agora no estado de todos os dias — um estado tão sem graça...

E voltou correndo para casa porque era quasi noite.

— Vóvó! gritou ao entrar. Fazdeconta viveu mais de uma hora, e conversou commigo, e me acompanhou até ao Paiz das Maravilhas, onde móra Capinha Vermelha. E vi as nymphas dansando, e um fauno tocando flauta, e quebrei a flauta delle, e sahiu de dentro uma nuvem de vespas, e uma dellas era fada, e...

— Páre, páre, menina! exclamou dona Benta tapando os ouvidos. Você me deixa atordoada. Não estou entendendo coisa nenhuma.

— E a fada quiz me morder, e fechei os olhos, e Fazdeconta puxou o prego, e bateu nella, e a malvada fugiu, e a cabeça de Fazdeconta rolou pelo morro abaixo, e...

— Páre, páre! gritou outra vez a velha. Vá contar essa historia a Pedrinho e me deixe em paz.

Pedrinho vinha naquelle momento chegando da floresta. Vinha carrancudo e desapontado, pensando no melhor meio de se vingar de Emilia e do visconde.

A menina foi ao seu encontro.

— Tres grandes novidades, Pedrinho! Fazdeconta viveu por mais de uma hora e revelou-se um nobre character. Tem um genio muito differente do de Pinocchio. Muito mais sensato, e alem disso, valente e leal.

Pedrinho ficou inteiramente desnorteado com aquellas palavras. Não podia admittir que fosse possivel tal coisa. Se Fazdeconta não era feito de nenhum “verdadeiro pau vivente”, como poderia ter vivido?

— Viveu, sim! insistiu a menina. Mas só vive quando a gente “muda de estado”.

— Que historia é essa?

— Não sei explicar. Só sei que em certos momentos a gente muda de estado e começa a ver maravilhosas coisas que estão em redor de nós. Vi nymphas, e um fauno, e uma vespa que era fada, e Fazdeconta luctou com ella e me salvou, e vi fumacinha lá longe e fui correndo e dei com a casa — sabe de quem?

— ?

— Da menina da Capinha Vermelha!

— Não diga!...

— E estive conversando com ella uma porção de tempo, e soube que ella se dá muito com Peter Pan, e Peter Pan appareceu para Fazdeconta e prometteu chegar até aqui.

Pedrinho deu pulos de alegria, porque era aquillo o que mais desejava no mundo.

— E a terceira novidade ainda é mais importante. Ima-

gine que descobri que aquelle alfinete de pombinha que tia Nastacia deu a Emilia é uma poderosa vara de condão — e portanto Emilia, se quizer, pode virar fada!

Pedrinho deu novos pulos de alegria, tal barulho fazendo que a boneca lá dentro ouviu e veio ver o que era. O menino, que minutos antes vinha formando planos para vingar-se do logro que levara, mudou completamente de idéas. Tratou mas foi de adular a futura fadinha.

— Emilia, disse elle com a voz mais amavel possivel, vou fazer tres cavallinhos novos para você, cada qual de uma côr, e uma casinha linda para você morar, e um fogãozinho para você cozinhar, e um trapezio para você se balançar, e umas azinhas para você voar, e uma...

A boneca espantou-se de tal modo com aquelles nunca vistos excessos de gentilezas que foi arregalando os olhos, arregalando, arregalando até que — pluf! — arrebentaram.

— Malvado! berrou ella com cara de choro. Está ahi o que você me fez...

Os olhos de Emilia eram de retroz e sempre que se arregalavam demais acontecia aquillo — arrebentavam...

O CIRCO DE ESCAVALLINHO

I — A OPERAÇÃO CIRURGICA

DEPOIS do concurso para a fabricação do irmão de Pinocchio houve no sitio de dona Benta um concurso muito engraçado — o concurso de “quem tem a melhor idéa.”

Quem venceu foi a Emilia, com a sua estupenda idéa dum “circulo de escavallinho”. Dona Benta, que era o juiz do concurso, achou muito bôa a idéa, mas deu risada do titulo.

— Não é “circulo”, Emilia, nem “escavallinho”. E’ circo de cavallinhos.

— Mas toda a gente diz assim, retorquiu a teimosa creaturinha.

— Estás muito enganada. Eu tambem sou gente e não digo assim. O visconde, que está quasi virando gente, tambem não diz assim.

Emilia teimou, teimou, e por fim acabou acceitando só metade da emenda.

— Já que a senhora faz tanta “questão”, fica sendo circo de escavallinho.

Dona Benta ainda insistiu, dizendo que o diminutivo de cavallo é cavallinho e que portanto escavallinho era asneira. Mas a boneca não se deu por convencida.

— E’ que a senhora não está comprehendendo a minha idéa, explicou. Escavallinho, neste caso, nada tem que ver com cavallo, grande ou pequeno. Escavallinho é o nome do director do circo, o celebre senhor Pedro Malazarte Escavallinho da Silva, está entendendo?

Dona Benta riu-se da esperteza, mas Pedrinho gostou da idéa e assentou que o circo teria o nome inventado pela

boneca. Em vista disso começaram todos tres a fazer planos e a distribuir papeis. Emilia seria a dama que corre no cavallo e pula os arcos. João Fazdeconta seria o homem que engole espadas e come fogo. E palhaço? Estava faltando justamente o principal, que era o palhaço.

— O visconde daria um bom palhaço, se não fosse a sua mania de sabio; mas acho que podemos cural-o. Vou mandar chamar o doutor Caramujo.

— Acho bôa a idéa, concordou Narizinho. Alem disso...

Mas não poudo concluir. Rompera um bate-bocca na cozinha e ouvia-se a voz de tia Nastacia, gritando: “Puxe daqui p’ra fóra!” Os meninos correram a ver do que se tratava e encontraram a negra tocando o visconde com o cabo da vassoura.

— Que é? Que foi?

— Pois é este senhor visconde que está me bobeando. Eu aqui, bem quieta, escamando estes lambarys para o almoço, e o “estrupicio” me apparece de livrinho na mão e começa a mangar commigo, com uma historia de “seno” e “coseno” e não sei que indromina de “mangar ritmos”. Eu estou cansada de dizer para o estupor que não sei inglez, mas o diabo parece que não acredita...

— “Mangar ritmos!” exclamou o visconde erguendo os braços para o céu — e plaf! cahiu por terra com ataque.

Narizinho correu em soccorro e levou-o para a casinha delle, onde o accommodou dentro da lata que lhe servia de cama.

— Depressa! gritou ella para o menino. Mande incontinenti Rabicó chamar o doutor Caramujo. O nosso visconde está muito mal.

A casa do visconde era num vão do armario, na sala de jantar. Dois grossos volumes do Diccionario de Moraes formavam as paredes. Servia de mesa um livro de capa de couro chamado O Banquete, escripto por um tal Platão que viveu

antigamente na Grecia e devia ter sido um grande guloso. A cama era formada por um exemplar da Encyclopedia do Riso e da Galhofa, livro muito antigo e damnado para dar somno. Mas desde que o visconde ficou uma semana inteira atraz da estante de dona Benta e criou bolor pelo corpo inteiro, não era alli que elle dormia, para não sujar o chão com o seu pozinho verde; dormia na lata. Os outros moveis — armarios, cadeiras, estantes, tambem eram formados de livros — velhos livros de capa de couro, que dona Benta havia herdado de um seu tio, o conego Agapito Encerrabodes de Oliveira e Silva.

Era naquella casinha que o visconde passava a maior parte do tempo, lendo, lendo, lendo que não acabava mais — e tanto leu que empanturrou.

Rabicó fôra chamar o medico e meia hora depois chegava o celebre doutor Caramujo, afobadissimo, de malinha de baixo do braço.

— Quem é o doente? foi logo indagando.

— E' o senhor visconde de Sabugosa. Teve hoje um ataque. Venha vel-o, doutor.

O medico dirigiu-se para a lata do visconde, examinou-o e franziu a testa.

— Hum! O caso é dos mais graves. Tenho de operal-o immediatamente. Sua Excellencia está empanturrado de algebra e outras sciencias empanturrantes. Tragam-me uma bacia d'agua, toalha e tambem uma pedra de amolar.

Pedrinho trouxe as coisas pedidas; o medico amolou na pedra sua faquinha e abriu a barriga do sabio de alto a baixo.

— Chi! exclamou fazendo uma careta. Vejam como está este pobre ventre. Completamente entupido de corpos estranhos.

Pedrinho e Narizinho espiaram para dentro da barriga aberta e viram que em vez de tripas o visconde só tinha lá uma maçaroca de letras e signaes algebricos, misturados com

“senos” e “cosenos” e “logaritmos” — ou “mangaritmos”, como dizia tia Nastacia.

— Coitado! exclamaram ambos, compungidos. Está mesmo muito mal.

O doutor Caramujo tomou uma colherzinha e começou a tirar para fóra toda aquella tranqueira scientifica, depositando-a num pequeno balde que Pedrinho segurava.

— Não tire todas as letras, advertiu o menino. Senão elle fica bobo demais. Deixe algumas para semente.

— E' o que estou fazendo. Estou tirando só o que é algebra. Algebra é peor que jaboticaba com caroço para entupir um freguez.

Terminada a operação, o doutor collou a barriga do doente com um pouco de Colla-Tudo e deu-lhe uma receita de Biotonico e Oleo de Ricino.

— Temos agora de deixal-o em repouso durante tres dias, recommendou. Depois desse prazo poderá dar seus passeios pelo quintal, afim de tomar sol e respirar as brisas da manhã. Tambem é preciso esconder quanto livro de algebra exista por aqui, senão agarra a ler outra vez e recae.

Pedrinho pediu a conta, pagou e despediu-se do doutor, recommendando-lhe que desse muitas lembranças ao Principe Escamado, dona Aranha e outros personagens do reino.

— Que bom medico! exclamou a menina logo que o Caramujo partiu. Com um doutor assim até dá gosto a gente ficar doente. Mas estou notando que esquecemos duma coisa, Pedrinho.

— Que foi?

— Esquecemos de botar casos engraçados dentro da barriga do visconde. Elle vae ser palhaço de circo e ficaria optimo se nós recheiassemos de anedotas o papo d'elle, como tia Nastacia faz aos perús.

— Bem pensado! Mas ainda está em tempo, porque a colla não seccou.

E abrindo de novo o visconde puzeram dentro tres pa-

ginas, bem dobradinhas, dum livro do Cornelio Pires. Depois collaram-no outra vez e o deixaram seccar em paz.

— Venha ver, Emilia, quanta letra sahiu de dentro do coitado, disse a menina, indo ao quintal despejar o balde. Eu bem digo que é muito perigoso ler certos livros. Os unicos que não fazem mal á gente são os que teem dialogos e figuras engraçadas.

Passados os tres dias de repouso, o visconde pulou da sua lata e foi passear pelo terreiro pelo braço de Emilia, ainda meio fraco, mas perfeitamente curado das suas manias.

— Agora sim, disse Pedrinho, nosso circo vae ter um palhaço ainda melhor que aquelle tal Eduardo das Neves que tia Nastacia tanto gaba. Você, Narizinho, precisa fazer-lhe uma roupa bem pandega.

— Estou pensando nisso. Quero fazer-lhe uma roupa de palhaço de verdade, com um grande sol amarello atraz.

— Pois vá cuidar do sol que eu vou organizar o programma da festa.

Dalli a pouco o programma estava prompto — e que lindo!

GRANDE CIRCO DE ESCAVALLINHO

equestre e pedestre dirigido por
PEDRO MALAZARTE ESCAVALLINHO DA SILVA
no Sitio do Pica-Pau Amarello

A famosa Emilia correrá no seu cavallo de rabo de penna

O incrível homem que come fogo e engole espadas

O celebre palhaço Sabugueira
(rir, rir, rir...)

A monumental pantomima O PANTASMA DA OPERA

O espectáculo terminará com uma sensacionalissima SURPREZA
Os espectadores terão direito a uma cocada ou pé de moleque da celebre
doceira ANASTAZIMOVA

HOJE

HOJE

HOJE

VER PARA CRER

Preços: cadeiras — 1\$000; archibancadas — 100 reis.
Observação: é expressamente prohibido entrar por baixo do panno

— Está muito bom, approvou a menina. Só falta a musica.

— Já pensei nisso e está difficil de resolver. Você não pode ser musica, porque precisa ficar recebendo os convidados. Tia Nastacia tambem não pode, porque precisa ficar tomando conta das cocadas. Não sei como está para ser...

— Rabicó, suggeriu a menina. Rabicó pode ser a musica. Não é muito afinado, mas passa.

— Esse, não; eu preciso delle para outra coisa, e Pedrinho cochichou um segredo ao ouvido da menina.

— Optimo! exclamou ella batendo palmas. Vae ser uma sensação! Acho que é a melhor idéa que você teve, Pedrinho.

— Mas veja lá! Não diga nada a ninguem — nem á Emilia, senão a coisa perde a graça.

E ainda cochicharam por varios minutos, dando grandes risadas espremidas.

II — O PLANO DE EMILIA

Pedrinho tirou varias copias do programma para pôr dentro das cartas de convite que ia enviar aos seus amigos e ás amigas de Narizinho.

Quem levou as cartas? Quem mais senão esses preciosos portadores chamados Enveloppes? Mas como os senhores Enveloppes não sabem chegar onde a gente os manda se não forem acompanhados dos senhores Sobrescriptos e diversos senhores Sellos, Pedrinho arranjou diversos senhores Sobrescriptos e diversos senhores Sellos para acompanharem os senhores Enveloppes na longa viagem que tinham de fazer. E esses portadores se comportaram muito bem. Nenhum delles se distrahiu pelo caminho com brincadeiras, de modo que as cartas foram parar direitinho nas mãos de cada um dos convidados.

— Muito bem! disse a menina depois que os portadores partiram. Só resta agora convidarmos os nossos amigos do

Paiz das Maravilhas. Elles nunca viram circo e hão de gostar.

— E' no que estou pensando, disse Pedrinho. Acho que o melhor é fazer um convite geral e incumbir o senhor Vento de ser o portador.

E o menino assim fez. Escreveu um lindo convite numa folha de papel de seda, picou o papel em mil pedaços e subiu á mais alta pitangueira do pomar para jogar-as ao vento lá de cima. E jogou em verso, porque o Vento, o Ar, o Fogo e outras forças da natureza só devem ser falados em verso.

Vento que vento frade,
Estas cartas levade,
Norte, sul, leste, oeste,
E direitinho, senão...
Temos complicação!

Narizinho, de nariz para o ar em baixo da arvore, riuse dos versos delle. Depois lembrou-se de uma coisa.

— Você fez asneira, Pedrinho. Mandou convites para todos e isso é perigoso. Pode apparecer o Barba Azul, o Capitão Hook e outras pestes.

— Não tenha medo. Se algum delles cahir na tolice de apparecer, aticho-lhe o cachorro em cima.

— Que cachorro? Nós não temos nenhum cachorro.

— Mas vamos ter. Vou mandar uma carta a titia Moe-ma pedindo-lhe que nos empreste o Maroto por uma semana. Preciso delle para não deixar que ninguem entre por baixo do panno — e tambem para ser atichado em Barba Azul, capitão Hook e qualquer outro pirata que apparecer. Que acha desta idéa?

— Serve.

— Nesse caso apare no avental estas lindas pitangas.

E começou a derriçar lindas pitangas, vermelhas e graúdas. Depois desceu, tambem com os bolsos cheios, e sentouse na raiz da arvore, ao lado da menina.

— Tenho agora de levantar um empréstimo, disse elle. Sem comprar uma peça de algodãozinho não poderei fazer um circo direito. Mas custa 10\$000 e só ha no meu cofre 5\$300.

A menina fez a conta na areia com um pauzinho.

— Estão faltando 4\$700, se a minha conta está certa.

— Menos, advertiu Pedrinho. Podemos contar com a renda do circo.

— Grande renda! Você bem sabe que todos vão pagar de mentira, e com dinheiro de mentira não se compra nada nas lojas.

— Sim, mas ha duas cadeiras de mil réis cada uma, reservadas para vóvó e tia Nastacia. Ellas teem que pagar dinheiro de verdade. E vou fazer já os bilhetes, porque precisamos vender essas cadeiras hoje mesmo e receber o cobre adiantado.

Pedrinho enguliu apressadamente as ultimas pitangas e foi fazer os dois bilhetes especiaes.

C. de E.	
Cadeira reservada	1\$000

Narizinho, como era muito geitosa para negocios, encarregou-se de vendel-os. Dona Benta não botou duvida; comprou e pagou uma nota muito velha, mas que ainda corria. Tia Nastacia, porem, era a negra mais barateadeira deste mundo, de tanto baratear com os turcos que passavam por lá. Fez a choradeira do costume e tanto barateou que obteve a sua cadeira por 800 réis.

— Com uma condição! disse a menina. Você tem que arranjar um taboleiro de cocadas e pés de moleque. Circo sem cocadas perde a graça.

A negra resmungou, resmungou, mas acabou prometendo.

Obtidos assim mais 1\$800, ficavam faltando ainda 2\$900. Como fazer para conseguil-os? Estavam os dois meninos dando tratos á bola para resolver aquelle difficil problema, quando a boneca appareceu e metteu a sua colherzinha torta na conversa.

— Eu sou capaz de arranjar esse dinheiro! disse ella depois de reflectir um momento. Mas só arranjarei se Pedrinho me der aquelle carro de rodas de carretel que elle fez outro dia.

Pedrinho soltou uma gargalhada.

— Você está pensando que dinheiro é biscoito, Emilia? Por mais esperta que uma boneca seja não é capaz de arranjar nem um tostão.

— Não duvide de mim, Pedrinho. Você bem sabe que sou uma boneca differente das outras. Se me promette o carrinho, juro que arranjo o dinheiro.

— Pois vá lá, prometto!

A boneca deu uma risadinha cavorteira e foi correndo para dentro.

— Grande boba! exclamou Pedrinho. Pensa que dinheiro é cisco.

— Não duvide de Emilia, advertiu a menina. Ella tem labias e não me admirarei nada se nos apparecer com o dinheiro.

— Como?

— Sei lá. Isso é com ella.

— Muito bem, disse Pedrinho mudando de assumpto. Tenho agora de ir ao matto cortar paus e cipós para começar a armação do circo. Emquanto isso, trate de fazer a roupa dos artistas.

— E a roupa da “surpreza”!

— Essa fica para o fim, concluiu o menino, pondo o machadinho ao hombro e partindo para a floresta.

Na tarde desse dia dona Benta cahiu numa grande afflicção. Imaginem que tinha perdido os oculos e não podia

costurar, nem fazer coisa nenhuma. “Sem oculos não sou gente”, costumava dizer. Nastacia e Narizinho já haviam batido a casa inteira, mas nem rasto encontraram dos “olhos de dona Benta”.

Nisto a boneca aproximou-se da pobre senhora, dizendo com o seu arzinho de santa:

— Todos já procuraram os seus oculos menos eu. Quer que procure?

— Que bobagem, Emilia! Pois se Nastacia e Narizinho, que são gente, não os acharam, você, que é uma simples boneca de panno, ha de achar?

— Tudo é possível neste mundo de Christo, como a senhora mesma costuma dizer. Se quer experimentar a minha habilidade de achar coisas...

— Pois procure. Quem impede você disso?

— Quanto a senhora paga?

— Interesseira! Pago o que você quizer. Um tostão, por exemplo.

Emilia deu uma risada gostosa.

— Tinha graça! Era só o que faltava eu procurar oculos para ganhar um tostão! Meu preço é 3\$000.

— Você está louca? Não sabe que 3\$000 é quasi o preço de um par de oculos novos?

— Não sei, nem quero saber. Só sei que meu preço para procurar oculos de velha é 3\$000 — e em notas novas. Se quer, bem; se não quer...

— Quero, quero, respondeu a velha já meio damnada. E quero tambem que você vá brincar e não me amole mais.

Emilia sahiu a procurar os oculos por todos os cantos e dalli a cinco minutos gritava:

— Achei, achei o fujão! e veio correndo ao encontro da velha com os oculos no ar.

A velha abriu a bocca, de espanto.

— Onde estavam, Emilia?

— Dentro do bolso da sua saia de gorgorão amarello.

Dona Benta abriu ainda mais a bocca. Não podia comprehendêr aquillo. Havia muito tempo que não punha aquella saia; como pois os oculos tinham ido parar lá, e logo no bolso? *Mysterio...*

— Agora passe-me para cá os tres mil réis em notas novas. Promessa é divida, como diz tia Nastacia.

Dona Benta não teve remedio. Foi ao bahu, escolheu tres notas novas e deu-as á boneca. Emilia dobrou-as, bem dobradinhas, e foi correndo procurar o menino que já havia voltado da floresta.

— Prompto, aqui está o dinheiro, disse ella. Mas como você só precisa de 2\$900, passe-me um tostão de troco.

Pedrinho arregalou os olhos, assombrado, e apalpou as notas para ver se eram verdadeiras. Depois tirou um tostão do bolso e deu-o á boneca.

— Não acceito tostão velho e feio, disse Emilia torcendo o nariz. Quero um novo, allumiando.

Pedrinho teve de procurar pela casa inteira o tostão mais novo que havia e teve tambem de concertar uma das rodas do carro de carretel, que estava solta. Só depois disso é que Emilia entregou o dinheiro.

— Para que quer tostão, Emilia? Dinheiro de nada vale para quem é boneca.

— Quero para rodar, respondeu ella. E sahiu, muito contente da vida, rodando o tostão pela sala.

Emquanto isso, dona Benta e tia Nastacia cochichavam na cozinha a respeito do estranho acontecimento.

— Foi cavorteiragem della, sinhá! dizia a preta. Emilia está ficando sabida demais. Juro que foi ella quem escondeu os seus oculos para apanhar os cobres. A gente vê cada coisa neste mundo! Uma bonequinha que eu mesma fiz, e de um panno tão ordinario, tapeando a gente desta maneira! Crédo!...

III — O CIRCO

A construcção do circo deu muito trabalho. Pedrinho tinha de fazer tudo, mas o peor era fazer buracos para fincar os paus e o mastro. E quantos buracos! Mais de trinta. Suou que não foi brincadeira; chegou a crear callos dagua nas mãos. Emilia, que de vez em quando vinha sapear as obras, deu-lhe uma idéa.

— Eu, se fosse você, arranjava um tatú para fazer esses buracos. Os tatús são melhores do que cavadeiras para fazer buracos bom redondinhos.

— Eu, se fosse você, respondeu o menino de mau humor, ia pentear macacos.

Emilia poz-lhe a lingua e começou a brincar com o carro de carretel. Atrelou nelle o cavallo de rabo de penna, botou o tostão dentro e disse de brincadeira: Agora, senhor cavallo, vá correndo ao palacio do rei e entregue-lhe esse queijo de prata, que eu mando. Ao palacio do rei, não; ao palacio do principe. Ao palacio do principe, não; ao palacio do duque. Ao palacio do duque, não; ao palacio do marquez. Ao palacio do... Abaixo de marquez o que é, Pedrinho? perguntou ella já esquecida da zanga.

Mas o menino não estava para prosa, porque justamente naquelle instante havia dado uma martellada no dedo.

— E' martello, respondeu elle assoprando a machucadura.

— Martello, martello! Como é bonito! Porque você não vira o marquez de Rabicó em martello?

— E porque você não vae lamber sabão, Emilia?

A boneca botou-lhe a lingua outra vez, indo queixar-se a Narizinho lá dentro. A menina estava justamente acabando o sol da roupa do palhaço; ia começar o saiote da dama que corre no cavallo.

— Aquelle bobo! disse a boneca fazendo um muxoxo.

Dei-lhe uma idéa tão bôa e o bobo me mandou lamber sabão. Bobão!

— Pedrinho, quando está trabalhando, não gosta que ninguem o atrapalhe, você sabe.

— Mas eu...

— Cale a bocca e venha me ajudar na costura. Estou acabando este sol para começar o saiote com que você vae correr no cavallo.

— Que bom! Mas eu tambem quero um sol atraz.

Narizinho deu uma risada.

— Isso é um despropósito, Emilia! Sol, só os palhaços usam. Você, quando muito, poderá ter uma lua.

— Lua cheia ou mingoante?

— Acho que quarto crescente fica melhor.

Emilia bateu o pé.

— Quarto não quero. Quero sala crescente!

A menina riu-se de novo e abraçou-a, dizendo:

— Assim, é assim que gosto de você, Emilia. Bem asneirenta — e não sabichona como tem andado ultimamente. Asneira de boneca é a unica coisa interessante que ha neste mundo.

— E no outro mundo?

— No outro ha muitas. Ha caveiras, corujas, ha fadas, nymphas, sacys, sereias e ha o famoso Peter Pan que Fazdeconta ficou de convidar para fazer-nos outra visita.

— E elle vem?

— Não sei, mas acho que vem. Peter Pan me parece um grande moleque — e os moleques gostam muito de circo.

A conversa das duas continuou naquella toada por longo tempo. Emquanto isso, Pedrinho fez os ultimos buracos e começou a fincar os paus. Finca que finca, bate que bate, socca que socca — tres dias levou naquillo, suando que nem vidraça em manhã de frio lá fóra. O circo foi tomando cara de circo de verdade, e quando Pedrinho armou o panno, ficou tal qual o circo Spinelli.

A alegria do menino foi immensa. Botou as mãos no bolso e extasiou-se deante de sua obra, cheio de orgulho. Depois gritou:

— Gentarada, venha vêr!

Todos se reuniram no terreiro e admiraram a obra e bateram palmas.

— E' extraordinario! disse dona Benta á preta. Este meu neto quando crescer vae ser um grande homem, não resta duvida.

— E' o que eu sempre digo, sinhá, confirmou tia Nastacia. São Pedrinho é menino que promette. Na minha opinião ainda acaba sendo delegado de policia!...

Ser delegado de policia era para tia Nastacia a coisa mais importante que um homem podia ser — “porque prende gente”, explicava ella.

Depois de construido o circo, começaram os ensaios. Pedrinho e a menina lá se trancavam com os artistas, não consentindo que ninguem os fosse espiar. Maroto havia chegado e já estava no serviço de montar guarda á porta, para que nem dona Benta ou a preta pudessem se approximar. Maroto tinha ordem de latir, de morder não.

Terminados os ensaios da primeira parte, Pedrinho cuidou da pantomima. Foi um custo! Essa pantomima tinha sido imaginada por Pedrinho de um certo geito, mas como todos metteram o bedelho, sahiu uma mexida damnada. Emilia fez questão de dar o titulo — e deu um titulo muito sem pé nem cabeça: O PANTASMA DA OPERA.

— Phantasma, Emilia, corrigiu Narizinho. PH é igual a F, como você pode vêr nesta caixa de phosphoros. Ninguem lê POSPORO.

— Sei disso muito bem, replicou a boneca. Mas quero que seja Pantasma, senão saio da companhia e não emprego nem o meu cavallinho, nem o meu carro, nem o meu tostão novo.

— Como é birrenta! A gente quando quer uma coisa

precisa dar as razões e não ir dizendo quero porque quero. Isso só rei é que faz.

— Mas eu tenho as minhas razões. Pantasma nada tem que vêr com phantasma. Pantasma é uma idéa que tenho na cabeça ha muito tempo, de um bicho que até agora ainda não existiu no mundo. Tem olhos nos pés, tem pés no nariz, tem nariz no umbigo, tem umbigo no calcanhar, tem calcanhar no cotovello, tem cotovellos nas costellas, tem costellas no...

— Chega, Emilia! berrou a menina tapando os ouvidos. Não precisa contar o bicho inteiro. Fica Pantasma, como você quer. Mas esse OPERA, que é?

— Não sei. Acho opera um nome bonito e porisso o escolhi. Se você faz muita questão, eu tiro o ER e fica o PANTASMA DA OPA. E' o mais que eu posso fazer.

Os dois meninos se entreolharam.

— Acho que ella está ficando louca, cochichou Pedrinho ao ouvido da menina.

IV — CHEGAM OS CONVIDADOS

Bum! Bum! Bum! Chegou afinal o grande dia. O terreiro estava enfeitado de bandeirolas e arcos de bambú. As cocadas já estavam promptas. A's sete e meia ia começar o espectáculo. Os dois meninos se sentaram á porta do circo para esperar os convidados. Dalli a pouco a porteira do terreiro ringiu e appareceu o doutor Caramujo, muito sério, de casca nova, carregando a sua maleta debaixo do braço. Contou que vinha muita gente do reino das Aguas Claras menos o principe Escamado.

— Porque não vem o principe? indagou Narizinho.

— Porque o principe não existe mais, explicou elle baixando os olhos.

— Como não existe mais? Que aconteceu? Fale!...

— Não sei o que aconteceu. Mas depois daquella viagem

ao sitio de dona Benta o nosso amado principe nunca mais voltou ao reino.

Narizinho recordou-se da scena. Lembrou-se que o falso Gato Felix havia apparecido para avisal-os de que o principe estava se afogando por ter desaprendido de nadar. Lembrou-se que correria ao rio para salvar-o, mas que nada encontrou. Ter-se-ia mesmo afogado?

— Acha que elle morreu afogado, doutor? perguntou ella ao Caramujo.

— Isso é absurdo, disse elle. Um peixe nunca desaprende de nadar. O que aconteceu sabe o que foi?

— Diga...

— Foi comido pelo falso gato Felix, supponho eu.

O choque sentido pela menina foi enorme, e se não cahiu com um desmaio foi unicamente porque os convidados estavam chegando e isso estragaria a festa. Mesmo assim puxou do lenço para enxugar tres lagrimas bem sentidinhas.

Nisto a porteira ringiu. Era dona Aranha com suas seis filhas. A menina fez-lhes grande festa, contando que havia estado com Branca de Neve e mais uma porção de princezas para as quaes dona Aranha havia costurado.

— Branca de Neve ainda é muito branca? perguntou a famosa costureira.

— Cada vez mais. Até dóe na vista olhar para ella.

Depois chegaram os dois Bernardos Eremitas — o que havia casado Narizinho e o que conduzira a salva com a corôa do principe. E chegaram os siris couraceiros, e chegou o Major Agarra, e outros, e outros.

De repente ouviram um mio longe.

— Será o falso gato Felix? disse Pedrinho. Se for aquelle patife, meu bodoque vae ter o que fazer!...

Mas não era. Era o gato Felix verdadeiro.

Pedrinho ia fazendo as apresentações e accommodando os convidados nos seus lugares. Não houve nenhum que não pedisse noticias de Rabicó, do visconde e do João Faz-

deconta. A resposta do menino era sempre a mesma: "Elles são agora artistas do circo e estão se vestindo para a função."

— E ha cocadas? perguntou o Gato Felix.

— Cocadas só no intervallo, respondeu Emilia. São de tres qualidades. Umas brancas como neve, outras côr de rosa como rosa côr de rosa, outras queimadinhas como rapadura. Tia Nastacia é uma damnada para toda a sorte de doces e quitutes. Só não sabe fazer bonecos de pau. Fez o Fazdeconta tão feio que o coitado não tem coragem de apparecer para ninguem.

Chegada a hora de se accenderem os lampeões, entrou no picadeiro um "casaca de ferro". Era o pobre Fasdeconta, com a sua ponta de prego furando as costas da casaca verde que a menina lhe havia feito. Foi uma vaia.

— Olha o arara! gritou o capitão dos couraceiros.

— Arranca o prego! berrou o major Agarra.

O pobre boneco, que tinha muito bom genio, não fez caso. Arrumou os lampeões muito bem, deixando o circo claro como dia. Nisto um dos Bernardos berrou:

— Palhaço!

Todos o imitaram — e foi um berreiro de deixar a gente surda. Pedrinho teve de apparecer e explicar que ainda não tinham chegado os convidados do paiz das maravilhas.

A explicação causou contentamento, porque nenhum dos presentes sabia que o pessoal do reino das fadas tambem vinha. E essa alegria se transformou em surpresa quando o primeiro delles appareceu. Era o Aladino, com a sua lampada maravilhosa na mão. Chegou e foi trepando ás archibancadas, como se fosse um velho frequentador de circos.

Depois chegou o Gato de Botas junto com o Pequeno Pollegar — e todos bateram palmas. Depois veio a menina da Capinha Vermelha. E vieram Rosa Branca e sua irmã Rosa Vermelha.

Rosa Vermelha apresentou-se de cabello cortado, moda que as princezas do reino das fadas nunca usaram. Foi reparadissimo aquillo; não houve quem não commentasse.

Depois veio Ali Babá, sem os quarenta ladrões, e Alice de Wonderland, e Raggedy Ann, e quasi todos que existem.

— Que maçada! murmurou Pedrinho. Justamente o que eu fazia mais questão que viesse, não veio — Peter Pan...

— Talvez ainda venha, disse Narizinho. Elle gosta de fazer tudo differente dos outros.

Era hora de começar o espectáculo; o respeitavel publico já estava dando signaes de impaciencia.

— Palhaço! gritava o Pequeno Pollegar volta e meia.

Nisto um cachorro principiou a latir furiosamente lá fóra, como se estivesse dando um péga nalguem. Os espectadores fizeram silencio, de orelhas em pé, á escuta. Ali Babá trepou ao ultimo banco para espiar por uma fresta do panno.

— Que é, Ali Babá? perguntou Aladino, que estava em baixo, arrumando a sua lampada.

— E' Pedrinho que atçou um cachorro num sujeito muito feio, de barba azul como um céu.

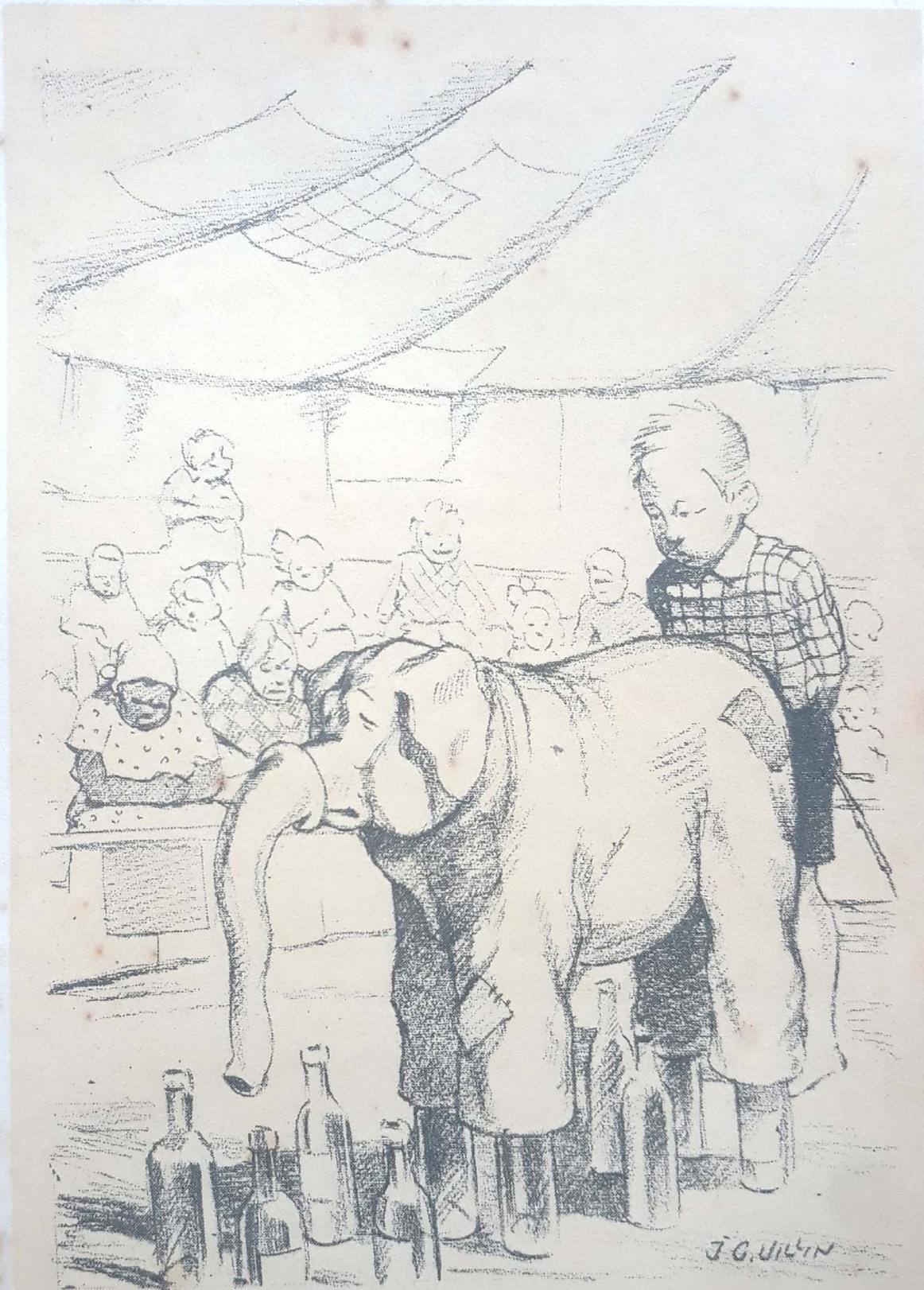
— Barba Azul! exclamaram as princezas assustadas. Cada vez que nós vimos ao sitio de dona Benta esse malvado vem tambem. Não o deixem entrar!...

Houve um reboliço. Aladino pegou na lampada para chamar o Genio. Não foi preciso. Pedrinho surgiu em scena, já vestido de director de circo, e disse:

— Calma! calma! Não se assustem! O monstro já vae longe. O Maroto ferrou-lhe uma dentada na barba, que até arrancou um chumaço! e mostrou um punhado da barba de Barba-Azul.

Todos vieram ver e cada qual levou um fio como lembrança.

— Palhaço! gritou de novo o Pequeno Pollegar.



Era um elephante, o menor elephante do mundo...

— Cocada! gritou o Gato Felix.

Pedrinho viu que precisava começar o espectáculo sem demora e deu o primeiro signal, batendo com um martello numa enxada velha, pendurada de um barbante — blen, blen, blen...

V — O ESPECTACULO

A alegria no circo era immensa. Ainda que o espectáculo não valesse nada, todos se dariam por bem pagos da trabalhadeira da viagem pelo simples prazer da reunião. Os convidados do reino das Aguas Claras estavam radiantes de se verem em companhia dos famosos personagens que até alli só tinham conhecido atravez dos livros de historias. E estes, como havia muito tempo não vinham á terra, estavam satisfeitissimos de se verem em companhia de creanças de carne e osso.

Já havia soado o terceiro signal e nada do espectáculo começar. O respeitavel publico foi ficando impaciente outra vez. Narizinho insistia com o menino para que começasse immediatamente.

— Não posso, antes de vóvó chegar, explicou elle. Ella está se arrumando ainda. Como as princezas vieram, ella teve de mudar de vestido e está passando a ferro aquelle celebre vestido de gorgorão amarello do tempo do Imperador. Tia Nastacia não sei se vem. Está com vergonha, coitada, por ser preta.

— Que não seja boba e venha, disse Narizinho. Eu dou uma explicação ao respeitavel publico.

Afinal as duas velhas appareceram — dona Benta no vestido amarello do tempo do Imperador e Nastacia, feito uma perúa choca, noutro vestido da mesma epocha, que dona Benta lhe havia emprestado. Narizinho achou que devia fazer a apresentação das duas por haver alli muita gente que não as conhecia. Trepou a uma cadeira e disse:

— Respeitavel publico, tenho a honra de apresentar vóvó, dona Benta de Oliveira, sobrinha do famoso conego Agapito Encerrabodes de Oliveira e Silva, que já morreu. Tambem apresento a Princeza Anastacia. Não reparem ser preta. E' preta só por fóra, e não de nascença. Foi uma fada que um dia a pretejou e a condemnou a ficar assim até que encontre um certo anel, na barriga de um certo peixe. Então o encanto se quebrará e ella virará numa linda princeza loura.

Todos bateram palmas enquanto as duas velhas se escarrapachavam nas suas cadeiras de dez tostões cada uma.

— Palhaço! gritou o Pequeno Pollegar.

— Podemos dar começo, disse Pedrinho á menina. Vá preparar a Emilia que eu vou cuidar do palhaço.

Como o primeiro numero ia ser uma corrida de cavallo da Emilia, Narizinho deu-lhe os ultimos retoques e fez-lhe as ultimas recommendações. Pela primeira vez na vida a boneca mostrava-se um tanto nervosa.

Blen, blen, blen, soou a enxada. Era hora. Uma cortina se abriu e a boneca entrou em scena montada no seu cavallinho de rabo de gallo.

Foi recebida com uma chuva de palmas. Emilia fez uma graciosa saudação de cabeça, atirou uns beijinhos e começou a correr. Correu varias voltas, umas sentada de banda, outras de pé num pé só.

— Que damnada! murmurou dona Benta. Nunca pensei que a Emilia se sahisse tão bem; até parece o Tom Mix...

Tia Nastacia não disse nada; apenas murmurou "Crédo!" e persignou-se.

Quando chegou o momento de pular os arcos, surgiu lá de dentro Fazdeconta com dois arcos na mão. Coitado! Estava mais feio do que nunca, na roupa de cow-boy que Narizinho lhe arranjava. Aladino virou-se para o Gato de Botas e disse: "Este é que é o verdadeiro Cavalleiro da Triste Figura", e o Pollegar berrou: "Arranca o prego!"

Aquelle prego de Fazdeconta, cuja cabeça apparecia quando elle estava sem chapéu e cuja ponta furava as costas de todos os seus casacos, era um eterno assumpto de discussão no sitio. Pedrinho achava que deviam chamar o doutor Caramujo para operal-o, cortando com a sua serrinha o extravagante appendice. Mas a menina era de opinião que tal ponta de prego constituia a unica arma de defesa do coitado. Além disso, era um bom cabide que ella costumava utilizar nos seus passeios com a boneca. Para pendurar coisas leves, como o chapéu ou o guardachuvinha da Emilia, nada melhor. E foi em vista dessa utilidade que a ponta de prego ficou toda a vida nas costas do coitado.

Fazdeconta não ligou importancia ás troças que o publico fez á custa delle. Trepou num banquinho e segurou com toda a convicção o arco de papel vermelho que Emilia ia pular. A boneca botou o cavallo no galope, correu duas voltas e na terceira — zupt! deu um salto. Furou o arco, indo cahir do outro lado, depézinha sobre o cavallo.

Os espectadores romperam em palmas delirantes.

O segundo arco era de papel azul e o terceiro, de papel verde. Emilia pulou com a mesma habilidade o azul; mas no verde houve desastre. Imaginem que o cavallinho entendeu de pular tambem! Pulou, não ha duvida, mas o seu rabo de penna enganhou no prego de Fazdeconta e lá ficou dependurado.

Quando o publico viu que o rabo de penna havia passado do cavallinho para o cabide do boneco, foi uma tempestade de gargalhadas.

Fazdeconta, não percebendo o que havia acontecido, recolheu-se aos bastidores balançando ao vento aquelle pennacho. Emilia tambem não percebeu o desastre, e julgando que as risadas e vaias eram para ella, parou, vermelhinha como um camarão, botando uma lingua de dois palmos para o publico. E recolheu-se, furiosa.

— Não brinco mais! disse lá nos bastidores, arrancan-

do e espatifando o saiote de gaze. Não sou palhaço de ninguém.

Foi um custo para Narizinho explicar o que havia acontecido e provar que a vaia tinha sido no cavallo e no boneco, não nella. A raivosa Emilia voltou-se então contra o pobre Fazdeconta.

— Estrupicio! Onde se viu tamanho homem andar de fisga nas costas, feito anzol?

— Que culpa tenho? gemeu o feiura tristemente. Nasci assim...

— Pois não nascesse! rematou a boneca, pendurando-lhe na ponta de prego, pela força do habito, o esfrangalhado saiote de gaze.

VI — O DESASTRE

Pedrinho estava numa terrivel afflicção. O visconde havia desaparecido mysteriosamente e o publico não cessava de reclamar o palhaço. O menino não podia explicar a si proprio o acontecimento. Deixara o visconde, já vestido, num canto dos bastidores, promptinho para entrar em scena logo que Emilia acabasse de correr. Mas não havia meio de o encontrar. Isso obrigou-o a alterar a ordem do espectáculo.

— Anda, Fazdeconta, disse elle ao boneco, vá engulindo espadas e comendo fogo enquanto eu campeio o visconde — e empurrou o boneco para dentro do picadeiro.

Fazdeconta entrou com um feixe de espadas debaixo de um braço e uma lata de brazas debaixo do outro. Foi collocar-se bem no meio do picadeiro, num tapetinho que havia. E começou a engulir espadas. Fez o serviço tão bem feito que o publico esqueceu a feiúra d'elle, rompendo em palmas. Depois de engulida a ultima espada, começou a comer fogo, e glut, glut, glut, deu conta de todas as brazas da lata. Ao comer a ultima, porem, esbarrou nella com a ponta do nariz

(que, como todos sabem, era formado por um pau de phosphoro) e pegou fogo.

Foi uma sensação! O publico rompeu num berreiro.

— Incendio de nariz! gritou o Pollegar. Chamem o corpo de bombeiros!

Aladino, Ali Babá, o Gato de Botas e outros, pularam no picadeiro para acudir o incendiado. Mas foi inutil. O nariz de Fazdeconta já estava totalmente destruido, só restando um toquinho de carvão...

O curioso é que o boneco melhorou bastante de aspecto. Ficou bem menos feio, porque sua feiúra era causada principalmente por aquelle horrivel nariz de phosphoro que tia Nastacia lhe havia espetado na cara.

Fazdeconta foi levado para dentro e o publico, chefiado pelo Pequeno Pollegar, continuou a pedir palhaço. E como Pedrinho não conseguisse encontrar o visconde, teve de apparecer com explicações.

— Respeitavel publico! disse elle. Uma grande desgraça aconteceu. O nosso famoso palhaço Sabugueira acaba de desaparecer mysteriosamente. Algum malvado o raptou, com certeza, de modo que não ha mais palhaço. Tambem não ha mais pantomima. A senhora Emilia, que desempenhava nella o principal papel, está emburrada e recusa-se a representar. Em vista desses contratempos, vou terminar o espectáculo com a SURPREZA!

Uns espectadores bateram palmas: outros assobiaram e o Gato Felix gritou:

— Cocada, ao menos!

Nisto entrou a SURPREZA. Era — adivinhem se são capazes! Era um elephante, o menor elephante do mundo, como Pedrinho foi dizendo emquanto arrumava no picadeiro as garrafas sobre as quaes o elephantinho ia caminhar.

Foi um verdadeiro successo, a surpresa. Era um elephante tão perfeito que até parecia artificial — com tromba, presas de marfim e grandes orelhas cahidas. Deu umas

voltas pelo picadeiro, naquelle andar socegado dos elephantes grandes e depois começou a caminhar com muito medo em cima das garrafas que Pedrinho collocara de geito.

— Berra, elephante! gritou Pollegar.

O elephante obedeceu e berrou tres vezes com toda a força. Mas berrou numa voz muito parecida com voz de porco. O Maroto, que estava lá fóra tomando conta do circo, assim que ouviu o berro ficou de orelha em pé. Depois entrou por baixo do panno e veio ver o que era. Ao dar com aquelle bicho que nunca tinha visto, poz-se a latir furiosamente e avançou sobre elle de dentes arreganhados.

Tamanho susto levou o elephante que tremeu em cima das garrafas, vindo ao chão. Maroto agarrou-o e sacudiu-o, e tanto o sacudiu que a pelle do elephante rasgou pelo meio deixando escapar de dentro — coin, coin, coin — um animal que ninguem esperava: o senhor marquez de Rabicó!...

Foi um successo! O circo quasi veio abaixo de tanta vaia e gritaria. Pedrinho entrou no picadeiro furioso e cahiu de pontapés no Maroto, enquanto Rabicó fugia a bom fugir para o terreiro.

Para salvar a situação Narizinho entrou nesse momento com um cabo de vassoura com taboleta na ponta, onde se lia em enormes letras vermelhas: INTERVALO.

— Intervallo tem dois LL! gritou o Pequeno Pollegar.

Mas ninguem prestou attenção naquillo. Todos só cuidavam de descer o mais depressa possivel, de medo que as cocadas não chegassem. Tia Nastacia, no seu vestido de seda do tempo do Imperador, descobriu o taboleiro, que estava escondido atraz da sua cadeira, e começou a distribuição.

— Quero uma branca, duas côr de rosa e tres queimadas! foi dizendo o Gato Felix.

Emquanto isso, o Gato de Botas discutia com Pedrinho a respeito do mysterioso desaparecimento do visconde.

— Juro que foi Peter Pan quem o raptou, dizia o gato. Peter Pan é muito reinador e pregador de peças. Veio aqui

escondido e “bateu” o palhaço. Garanto que não foi outra coisa.

Mas não era nada disso. Era apenas o seguinte. O visconde havia encontrado uma Tri-go-no-me-tria velha que pertencera ao conego Encerrabodes e que Pedrinho havia posto como calço dum moirão dos bastidores. Tamanha foi a sua alegria, que arrancou o livro dalli e sahiu de braço dado com elle para um passeio pelos arredores. E lá ficaram até o dia seguinte, a conversar sobre “senos” e “cosenos”.

— Como isso, se o doutor Caramujo havia curado o visconde da sua mania scientifica?

Muito simples. Havia curado, mas não havia curado completamente. Deixara em sua barriga algumas letras para semente e foi o bastante para que a festa de Pedrinho acabasse naquelle fiasco. Não ha nada mais perigoso do que semente de sciencia...

MAPPA DO MUNDO DAS MARAVILHAS



*Pedrinho achou muita graça em ver o mappá dobrado
abrir-se no ar...*

ria a idéa de vir pregar-lhe aquella peça. Para certificar-se, perguntou:

— Que altura você tem?

— A sua, mais ou menos.

— E que idade tem?

— Mais ou menos a sua.

Se tinha a altura delle e a idade delle, era um menino como elle, e se era um menino como elle, quem mais senão Peter Pan? Pedrinho sentiu uma grande alegria. O endiabrado menino ia apparecer outra vez. Para certificar-se um pedacinho mais, perguntou:

— E que veio fazer aqui?

— Ensinar um grande segredo.

Não podia haver duvida. Era Peter que tinha vindo lhe ensinar o segredo de não crescer. A alegria de Pedrinho cresceu outro palmo.

— Você não me engana, não! gritou, piscando o olho. Você é Peter Pan, que está escondido não sei onde.

A voz fez cara de desentendida.

— Peter Pan? Quem é? Nunca o vi mais gordo e nem de nome conheço esse freguez.

Pedrinho desnorteou. Aquella resposta veio atrapalhar todos os seus calculos. Mesmo assim não se deu por vencido.

— E', sim, porque só Peter Pan sabe como não crescer, e o segredo que você veio ensinar não pode ser outro.

A voz deu uma risada.

— Este Pedrinho quer ser esperto demais e não passa dum bobo. O segredo que vim ensinar é muito mais importante. Sei o geito de tornar uma pessoa invisivel, como eu.

Tal impressão causaram no menino aquellas palavras que perdeu o pé, escorregou da arvore e veio de ponta cabeça ao chão. Felizmente era uma goiabeira baixa e não se machucou. Pedrinho ergueu-se, deu uns tapas nas folhas seccas que lhe pegaram na roupa e indagou:

— Voz duma figa, onde é que você está?

A peor coisa do mundo é falar com creaturas invisiveis.

A gente não sabe para onde se virar, fica-se como cego. Assim estava Pedrinho e para mais atrapalhal-o a voz ora vinha da direita, ora da esquerda.

— Deve ser muito bom ser invisível, disse Pedrinho. Quantas vezes conversamos sobre isso, eu e Narizinho!...

— Quem é ella?

— Minha prima Lucia, a menina do narizinho arrebitado. Narizinho tambem quer ficar invisível. Você ensina?

— Ensino aos dois, se merecerem.

— E que temos de fazer para merecer?

— Viajar commigo pelo Mundo das Maravilhas. E' lá que se tira a prova de quem merece ou não receber este dom das fadas. O primeiro menino invisível que ainda appareceu no mundo fui eu, mas me sinto muito só. Preciso de companheiros. Porisso vim.

— Obrigado pela lembrança. Mas onde é esse Mundo das Maravilhas?

— Em toda a parte. Olhe, tenho aqui o mappa delle, disse a voz tirando do bolso um papel dobrado.

Pedrinho achou muita graça em ver o mappa dobrado abrir-se no ar, como se se abrisse por si mesmo. Espichou a mão, pegou-o e examinou-o.

— Que bonito! exclamou depois de ler os nomes de todas as terras e mares. Até o sitio de vóvó está marcado, com o chiqueirinho de Rabicó bem visível. Como obteve este mappa?

— Viajando de lapis na mão. O Mundo das Maravilhas é velhissimo. Começou a existir quando nasceu a primeira creança e ha de existir emquanto houver um velho sobre a terra.

— E' difficil ir lá?

— Facilimo ou impossivel. Depende. Para quem possue imaginação, é facilimo.

Pedrinho não entendeu muito bem. A voz dizia ás vezes coisas sem proposito — talvez para o atrapalhar.

— Muitos viajantes, continuou a voz, teem visitado esse mundo. Entre elles, os dois irmãos Grimm e um tal Andersen. Estiveram lá muito tempo, viram tudo e contaram tudo direitinho como viram. Foram os Grimm os que primeiro contaram a historia de Cinderella exactinha como foi. Antes, já essa historia corria mundo, mas errada, cheia de mentiras.

— Bem me estava parecendo, reflectiu Pedrinho. Tenho um livro de capa muito feia que conta o caso de Cinderella differente do de Grimm.

— Bote fóra esse livro. Grimm é que está certo.

— Mas o mappa? interrompeu Pedrinho. Pode ficar commigo?

— Pode. Sei de cór todas as terras. Mas não o perca, que é o unico que existe.

— Fique descansado, disse o menino guardando o mappa no bolso. Resta agora saber qual o meio de lá ir.

— Não se preocupe com isso. Tenho geito para tudo. Guiarei você.

— E quando?

— Quando quizer. Amanhã por exemplo.

— Pois muito bem, concluiu Pedrinho. Partiremos amanhã. Estarei neste ponto com a minha prima bem de madrugada. Está combinado?

— Cocoricocó! foi a resposta da mysteriosa voz, que dalli por deante emmudeceu — signal de que o dono della se retirara.

Pedrinho ficou no mesmo lugar um tempo, pensando, pensando. Lembrou-se que Peter Pan tinha aquella mesma mania de cantar como gallo. Suas duvidas voltaram. Seria elle?

II — PREPARATIVOS

Depois voltou para casa correndo, afflicto por contar a Narizinho o estranho acontecimento. Contou tudo, num atropelo.

A menina abriu a bocca. Era espantoso!

— Mas que geito tinha elle? indagou, ardendo em curiosidade.

— Como posso saber, se era invisivel? A voz parecia de menino. Tem minha altura e minha idade. Gosta de cantar como gallo, tal qual Peter Pan. Desconfiei que fosse Peter Pan mas a voz declarou que não, que nem de nome o conhece.

— E' extraordinario! murmurava Narizinho, olhando para o mappa aberto no chão. Venha ver, Emilia.

A boneca, que estava brincando de esconder com o visconde, veio depressa, no seu andar muito tesinho, tóe, tóe, tóe. Olhou o mappa, fez suas criticas e, dando com o chiqueirinho de Rabicó, berrou:

— Ande, visconde, venha ver uma coisa! E como o visconde não viesse logo, correu a buscal-o, fincando o pobre sabio no mappa com tanto estouvamento que furou o Mar dos Piratas.

Depois de olhado e reolhado e decorado aquelle mappa, Pedrinho pensou nos preparativos.

— Temos de resolver tudo já, porque amanhã de madrugada é a partida. Antes de mais nada preciso saber quem vae e quem não vae.

— Acho que devemos ir todos, menos Rabicó, opinou a menina. Rabicó está muito malcreado. Vae Emilia, vae Fazdeconta, vae o visconde.

— Fazdeconta, não! berrou a boneca. Tenho vergonha de andar com uma feiúra. daquellas. O visconde, sim, porque preciso delle.

Venceu a opinião da boneca. Fazdeconta ficava e o visconde iria.

— E bagagem? lembrou a menina. Valerá a pena levar alguma?

— Acho que não, disse Pedrinho. O menino invisível é da marca de Peter Pan, dos taes que sabem dar geito para tudo e fazer surgir o que é preciso. Foi essa a minha impressão.

Ficou resolvido não levarem nada.

— Muito bem, disse Pedrinho. Nesse caso tratemos de dormir mais cedo, porque temos de sahir madrugada.

Dona Benta estranhou aquella ida para a cama tão antes da hora e disse para tia Nastacia: “Temos novidade amanhã!”...

Só Emilia não foi dormir. A boneca tinha idéas especiaes sobre tudo e fazia tudo differente dos outros. Porisso resolveu levar bagagem, passando parte da noite a arrumar uma celebre canastrinha de couro que dona Benta lhe déra. Poz dentro uma penna de papagaio, uma perna de tesoura de unha encontrada no lixo, aquelle famoso alfinete de pombinha que filara da negra e mais uma porção de quitanda.

— A gente precisa se precatar, dizia ella, no meio do quarto, de mãos na cintura, repetindo uma phrase que tia Nastacia usava muito.

Vendo que não havia esquecido de coisa nenhuma, trahou de fechar a canastra. Não poude. Estava cheia demais.

— Visconde! berrou. Venha me ajudar a “expremer” esta malvada.

O pobre visconde de sabugo, cada vez mais verde de bolor e todo duro de rheumatismos no pé, veio lá do seu canto, gemendo.

— Sente-se em cima e exprema a tampa até arrebentar. Felizmente para o visconde não foi preciso tanto. A

canastrinha teve dó delle e deixou-se fechar antes que o pobre sabio rebentasse.

III — A PARTIDA

Alta madrugada os meninos pularam da cama, vestiram-se e, pé ante pé, como gatos, dirigiram-se ao pomar sem que dona Benta percebesse coisa nenhuma. Emilia foi atraz, muito tesinha, tambem na ponta dos pés. O visconde, de canastra ás costas, fechava o cortejo.

Assim que abriram a porteira ouviram um canto de gallo do lado das goiabeiras.

— Cocoricocó!

Padrinho reconheceu a “voz”.

— E' elle! exclamou. Já está á nossa espera no ponto marcado.

Correram todos para lá, mas como nada vissem, pararam, desnorteados. Nisto um segundo cocoricocó se fez ouvir no alto da goiabeira. O menino invisivel, alem de guloso, não perdia tempo...

— Você está ahi em cima? perguntou Pedrinho, de nariz para o ar.

— Não está “vendo?” respondeu a voz. Acostume-se a saber onde estou sem me ver, e para dar a primeira licção, atirou com uma casca de goiaba na cara do menino, dizendo — Aprendeu?

— Aprendi, sim, respondeu Pedrinho rindo. Agora desça, que quero apresentar minha prima Lucia e os outros.

— Não é preciso. Sei que Lucia é essa de narizinho arrebitado. A outra é a tal Emilia, marqueza de Rabicó. Só não conheço o de cartolinha e canastra ás costas.

— Este é o illustre senhor visconde de Sabugosa, um sabio.

— Que é que elle sabe? perguntou a voz, arrumando com outra casca de goiaba na cartola do visconde.

Todos no sitio tinham-se acostumado a considerar o visconde um grande sabio, mas na realidade ninguem sabia o que elle sabia. Porisso se atrapalharam com a pergunta. Mas Emilia, que não se atrapalhava com coisa nenhuma, disse logo, toda espevitada:

— Elle sabe embolorar muito bem. Fica todo verdinho por fóra, quando quer. E' doutor em bolor.

Desta vez quem se atrapalhou foi a voz, que com certeza nunca tinha ouvido falar em bolor.

De repente — pluf! barulho de alguém que pula de arvore abaixo. Era a voz que havia descido, plantando-se no meio delles.

— Estamos na hora, disse. Temos de partir antes que o sol nasça. Que é do mappa?

Pedrinho tirou o mappa do bolso e apresentou-o. A voz pegou-o, abriu-o e ficou a ver.

Narizinho arregalara os olhos. Aquelle mappa que se abria no ar como que por si mesmo, e ficava parado, pareceu-lhe uma coisa extraordinaria. O mysterioso menino era invisivel, mas não tornava invisivel os objectos que pegava. Isso deu immediatamente uma idéa a Pedrinho.

— Lembrei-me duma coisa, disse elle. Como é muito enjoado lidar com um companheiro de viagem que a gente não pode ver, proponho que traga uma penna no chapéu. Pela penna saberemos onde você está.

— Seria optima a idéa, respondeu a voz, se eu usasse chapéu. Mas não uso coisa nenhuma sobre o corpo, senão todos me perceberiam e de nada valeria ser invisivel.

— Ai que vergonha! exclamou Emilia tapando a cara com as mãos. Que não dirá dona Benta quando souber que estamos em companhia de um ente que não usa roupas?

— Deixe de ser idiota, Emilia, ralhou Narizinho. Você não entende nada de creaturas invisiveis.

Não podendo usar a penna no chapéo, que não tinha, Pedrinho propoz que a amarrasse á testa com um fio.

Foi approvada a idéa. Mas onde penna e fio?

— Tenho uma, de papagaio, na canastrinha, gritou Emilia. Arreie a carga, visconde, e abra a canastra.

O visconde arriou a canastrinha, abriu-a e passou á boneca a penna de papagaio e tambem um rolinho de fio de linha.

A penna foi atada á testa do menino invisivel e desde esse momento não houve mais difficuldade em lidar com elle. A penna fluctuando no ar indicava a sua presença.

— Viva o Penninha! gritou Emilia, e aquelle grito foi um baptismo. Dalli por deante só o iriam chamar assim — o Penninha.

Resolvido aquelle ponto, trataram de partir. Para isso o menino invisivel tirou dum saquinho um pó de pirlimpimpim. Deu uma pitada a cada um e mandou que cheirassem.

Todos cheiraram, sem espirrar, porque não era rapé. Só Emilia espirrou. A boneca espirrava sempre que cheirava qualquer pó que fosse, desde o dia em que viu tia Nastacia tomar rapé.

Assim que cheiraram o pó de pirlimpimpim, que é o pó mais magico que as fadas inventaram, sentiram-se leves como plumas, e tontos, com uma zoeira nos ouvidos. As arvores começaram a lhes gyrar em torno, quaes dançarinas de saio de folhas, e finalmente foram-se apagando.

Parecia sonho. Boiavam no espaço como bolhas de sabão levadas por um vento de extraordinaria rapidez. Ninguém falava, nem podia falar, a não ser a boneca, que em certo ponto gritou:

— Preciso de mais pó, Penninha! Sinto que estou cahindo!

— E' que estamos chegando, respondeu o menino invisivel.

De facto. A tonteira começou a passar e as arvores foram-se tornando visiveis outra vez.

Segundos depois sentiram terra firme sob os pés. Tinham chegado.

Os meninos abriram uns olhos do tamanho de goiabas. Olharam em torno. Um rio de aguas crystallinas corria por um valle de velludo verde. Na beira do rio um carneirinho branco preparava-se para beber. Ao fundo uma montanha azul se erguia majestosa, e entre o rio e a montanha havia a mais imponente floresta que se possa imaginar.

— Estamos no Paiz das Fabulas, tambem chamado Terra dos Animaes Falantes, explicou Penninha. Vamos começar por aqui a nossa viagem pelo Mundo das Maravilhas.

IV — O SENHOR DE LAFONTAINE

— Que lindo lugar! exclamou Pedrinho. Aqui é que devia ser o sitio de vóvó.

A menina tambem se mostrou maravilhada. Emilia, entretanto, fez cara de pouco caso. Tinha tido uma decepção. A boneca preferiria ter começado a viagem pelo Mar dos Piratas. Andava com a secreta esperanza de ser raptada por algum famoso pirata, que comesse Rabicó assado e se casasse com ella. O sonho de Emilia era tornar-se mulher de pirata para mandar num navio que fosse o terror dos mares.

— Mas será mesmo que os animaes desta terra são falantes, ou faz de conta que falam? indagou Narizinho.

— Falam pelos cotovellos! respondeu Penninha. Falam para que possa haver fabulas. Vamos andando por este rio acima que logo encontraremos algum.

Nisto viram um homem de cabelleira encaracolada, vestido á moda dos francezes antigos. Usava fivela nos sapatos, calções curtos e uma jaqueta de cintura. Na cabeça trazia chapéu de tres pontas, e no pescoço e nos punhos, renda

branca. Apoiava-se em comprida bengala e vinha caminhando pausadamente, como quem está pensando.

— Parece uma figura que vi naquelle leque de dona Benta, disse Emilia. Com certeza é o dono do carneirinho.

— Não, disse Penninha. Aquelle homem é o senhor de Lafontaine, um francez muito sabio, que passa a vida nesta terra a observar a vida dos animaes.

— Conheço-o muito, disse Pedrinho. Tenho em casa um livro delle.

O senhor de Lafontaine approximou-se do rio e, escondendo-se atraz duma moita, ficou por alli a espiar.

O carneirinho estava com sêde. Abeirou-se do rio, espiçou o pescoço e — glut, glut, glut — começou a beber.

Nisto um outro animal, de cara feroz, muito antipathico, sahiu da floresta, farejou o ar e dirigiu-se para o lado do carneirinho, lambendo os beiços.

— E' o lobo! cochichou Penninha. Vem devorar o cordeiro da fabula.

— Que judiação! exclamou a menina apiedada. Não deixe, Pedrinho. Jogue uma pedra nelle.

— Psiu! fez Penninha. Não atrapalhe a fabula. O senhor de Lafontaine lá está, de lapis na mão, tomando notas.

O lobo chegou-se para o carneirinho e disse, com a insolencia propria dos lobos:

— Que desaforo é esse, seu lanzudo, de estar a sujar a agua que vou beber? Não vê que não posso me servir dos restos dum miseravel carneiro?

O pobrezinho poz-se a tremer. Conhecia de fama o lobo, de cujas garras nenhum carneiro escapava. E com voz atrapalhada pelo terror respondeu:

— Desculpe-me, senhor lobo, mas Vossa Lobencia está do lado de cima do rio, enquanto que eu estou do lado de baixo. Assim, com perdão de Vossa Lobencia, creio que não posso turvar a agua que Vossa Lobencia vae beber.

— E falam mesmo! exclamou Emilia. Falam tal qual uma gente...

O lobo parece que não esperava por aquella resposta, porque engasgou e tossiu tres vezes. Depois disse:

— E não é só isso. Nós temos contas velhas a justar. O anno passado o senhor me andou dizendo por ahí que eu tinha cara de cachorro ladrão. Lembra-se?

— Não é verdade, Lobencia, porque só tenho tres mezes; o anno passado ainda estava no calcanhar da minha avó.

— Toma! disse Narizinho em voz baixa. Por esta o lobo não esperava. Quero só ver o que diz agora.

O senhor de Lafontaine, lá na moita, escrevia, escrevia...

Aquella resposta atrapalhara o lobo, que, alem de mau, era curto de intelligencia ou, para ser franco, burro. Tossiu mais umas tossidas e por fim achou a resposta.

— Sim, rosnou elle, mas se não foi você foi seu irmão mais velho, o que dá na mesma.

— Como pode ser isso, Lobencia, se sou filho unico?

Vendo que com razões não conseguia vencer o carneirinho, resolveu empregar a força.

— Pois se não foi seu irmão, foi seu pae ou avô, está ouvindo? e avançou para elle, de dentes arreganhados. E já ia fazendo — nhoc! quando o senhor de Lafontaine pulou fóra da moita e lhe pregou uma bengalada no focinho.

Mestre lobo não esperara por aquillo. Metteu o rabo entre as pernas e se sumiu floresta a dentro para nunca mais.

Grande alegria entre a meninada. Emilia correu a brincar com o carneirinho, enquanto os outros se dirigiram para o lado do senhor de Lafontaine.

V — EMILIA E LAFONTAINE

Narizinho sabia duas palavras em francez — “bon jour” e “au revoir”. Os outros não sabiam nenhuma. Em vista disso os outros a empurraram para falar com o fabulista. A menina atrapalhou-se já no começo, e, em vez de dizer “bon jour”, disse:

— “Au revoir”, senhor de Lafontaine! Acabamos de chegar do sitio de vóvó e vimos a bengalada que o senhor pregou no focinho daquelle lobo antipathico. Muito bem feito. Queira acceitar nossos parabens. “Bom jour”.

O fabulista achou muita graça em tanta innocencia e, erguendo-a do chão, deu-lhe um beijo na testa. Depois disse:

— Não precisa falar francez commigo. Entendo todas as linguas, tanto dos animaes como das gentes.

Os outros o haviam rodeado, inclusive Emilia, que deixou para brincar com o carneirinho depois. Estava ella muito admirada das roupas do fabulista. Homem de gola e punhos de renda, onde já se viu isso? E aquella cabelleira de cachos, feito mulher! Quem sabe se o coitado não tinha tesoura? pensou a boneca.

O senhor de Lafontaine conversou com todos amavelmente, dizendo que era aquelle o lugar do mundo que mais gostava. Ouvia os animaes falarem, aprendia muita coisa e depois punha em verso as historias.

— Eu já li algumas das suas fabulas, disse Pedrinho. O senhor escreve muito bem.

— Acha? disse o modesto sabio, sorrindo. Fico bastante contente com a sua opinião, Pedrinho, porque muitos inimigos em França me atacam, dizendo justamente o contrario.

— Não faça caso! gritou Emilia. Elles não sabem o que dizem. Pedrinho quando diz uma coisa, é porque é. Podc acreditar nelle.

— Obrigado pela consolação, bonequinha. Tua opinião

e a de Pedrinho valem muito para mim, porque em ambas vejo grande sinceridade.

Emilia não tirava os olhos da cabelleira do fabulista. O coitado morava sozinho naquellas paragens e com certeza nem tesoura tinha, pensava ella. De repente teve uma lembrança. Abriu a canastrinha e, tirando de dentro a perna de tesoura, offereceu-a ao sabio, dizendo:

— Queira acceitar este presente, senhor Lafontaine.

O fabulista arregalou os olhos, sem alcançar as intenções da boneca.

— Para que quero isso, bonequinha? disse elle.

— Para cortar o cabello, respondeu Emilia.

— Oh, exclamou o fabulista, comprehendendo-lhe afinal a idéa e sorrindo. Mas não vê que a tua tesoura tem uma perna só?

Emilia, que não se atrapalhava nunca, respondeu promptamente:

— Pois corte o cabello dum lado só.

Narizinho interveio. Puxou-a dalli, dizendo ao fabulista que não fizesse caso visto como a boneca soffria da bola.

Nisto o menino invisivel, que tinha estado longe, aproximou-se. O senhor de Lafontaine, ao ver aquella penna fluctuando no ar, ficou intrigado. Poz-se a olhar, com rugas na testa, sem poder descobrir o mysterio.

Emilia deu uma risada caçoista.

— O senhor, que é um sabio da Grecia, adivinhe, se for capaz, que penna de papagaio é essa sem papagaio atraz?

O fabulista olhava, olhava e cada vez comprehendia menos.

— Não posso, disse elle. E' um perfeito mysterio para mim.

— Pois eu sei, disse Emilia. E' a marca do menino invisivel, o Penninha.

Está claro que o fabulista ficou na mesma. Foi preciso

que Pedrinho contasse tudo desde o começo para que o enigma se aclarasse. Mesmo assim ficou de bocca aberta e olhos arregalados, porque nunca na sua vida tinha encontrado uma creatura invisivel.

Pedrinho chamou o fabulista de parte e disse-lhe ao ouvido:

— Ando desconfiado que esse menino é o mesmo Peter Pan. Tem o mesmo modo de falar e a mesma mania de cantar como gallo. Que é que o senhor pensa disto?

O pobre fabulista, que não tinha a menor idéa de quem fosse Peter Pan, menino descoberto na Inglaterra muito recentemente, não poudo dar opinião a respeito.

— Não sei, Pedrinho. Vocês estão a falar em coisas muito novas para um homem tão antigo como eu.

Depois, vendo o sol já alto, disse:

— Aproveitemos nosso tempo, assistindo a mais uma fabula hoje.

Disse e dirigiu os passos para um sitio onde havia uma arvore com cigarra cantando num galhinho. Todos o acompanharam. Pedrinho ia rente. Prestava a maior attenção nos menores movimentos do fabulista porque desejava aprender a escrever fabulas lindas como as delle. Até da marca e numero do lapis que o senhor de Lafontaine usava o menino tomou nota, para comprar um igual.

Pelo caminho Emilia creou coragem e, collocando-se longe de Narizinho, para evitar algum beliscão, disse para o sabio:

— Em troca da tesoura eu quero uma coisa, senhor de Lafontaine.

— Diga lá o que é, bonequinha.

— Quero uma fabula.

— Uma fabula duma perna só? caçoou elle.

— Uma fabula onde appareça um carneirinho, uma boneca de panno e um tatú canastra.

Narizinho agarrou-a e enfiou-a no bolso, dizendo:
— E' demais. Parece que os ares deste campo desar-
ranjaram a cabeça della duma vez.

VI — A FORMIGA COROCA

A cigarra estava cantando num galho secco, perto dum formigueiro. Ao approximar-se da arvore o senhor de Lafontaine parou.

— Gosto do canto das cigarras, disse elle. Dá-me a idéa de bom tempo, sol quente, verão. Este insecto é um pouco bohemio, como em geral todos os cantores.

— Ha muitas cigarras e enormes no sitio de vóvó, disse Pedrinho. A's vezes cantam até rebentar.

— Morrem cantando, como os cysnes, continuou o sabio. Já escrevi uma fabula sobre a cigarra e a formiga, que é outro insecto muito curioso, symbolo do trabalho. Veja-mol-as, e abaixou-se, rodeado dos meninos, para observar o formigueiro.

— Não param nunca, proseguiu elle, sempre occupadas nos trabalhos caseiros. Cortam folhas, picam-nas em pedacinhos e guardam-nos em perfeitos celleiros, para que fermentem. Nessas folhas um cogumelozinho se desenvolve, com o qual se alimentam. São insectos de alta intelligencia. A muitos respeitos a formiga está mais adeantada que nós, homens. Ha mais ordem e governo na sociedade das formigas do que na sociedade humana. São mais felizes.

— Felizes? exclamou Emilia com carinha incredula. Bem se vê que o senhor nunca sentiu o horrivel cheiro da bebida que dona Benta dá para ellas beberem lá no sitio, uma tal formicida...

O fabulista riu-se com vontade e, voltando-se para Narizinho, disse que a boneca tinha uma "estranha e viva personalidade". A menina não entendeu muito bem, mas começou dalli por deante a olhar Emilia com mais respeito. Se

a boneca tinha uma “estranha personalidade”, então tinha alguma coisa, não sendo simplesmente a boba, como lhe costumava chamar.

Nisto a fabula da cigarra e da formiga principiou de novo.

— Pshut! fez o fabulista. Silencio, agora. Vamos ver se é mesmo como eu escrevi.

Todos se calaram, immoveis em roda do formigueiro. A celebre cigarra tuberculosa, que tossia, tossia, tossia, vinha chegando, embrulhada no seu chalinho esfarrapado. Vinha de rastos, como quem está nas ultimas, morrendo de fome e frio.

Parando á porta do formigueiro, bateu — tóç, tóç, tóç.

— Como ella bate direitinho! murmurou Emilia. Bate tal qual uma gentinha.

A cigarra bateu e ficou esperando, toda encolhida.

Instantes depois appareceu uma formiga coróca, sem dentes, com ares de ter mais de mil annos. Era a porteira da casa e rabujenta como ella só. Abriu a porta e disse, na sua voz rouca dos seculos:

— Que é que a senhora deseja?

Vendo tanta cara feia, a pobre cigarra quasi desmaiou de medo, sendo tomada de outro accesso de tosse. Não podia falar.

Em vez de sentir piedade, a formiga fechou inda mais a carranca e disse:

— Errou de porta, minha cara. Isto aqui nunca foi hospital de cigarras. Se está doente, vá para casa do seu sogro.

— Perdão, disse a triste mendiga. E' que não tenho casa nem sogro e estou morrendo de fome e frio. Se a senhora não me dá uma folhinha para comer e um cantinho para me abrigar, certo que morrerei á mingua.

— E' o melhor que tem a fazer, respondeu a formiga. Que fazia você no bom tempo?

— Eu? Eu cantava, senhora formiga. Sou cantadeira de nascença.

— Hum, já sei! Era a senhora que cantava em cima dessa arvore o dia inteiro. Bem me lembro disso.

A cigarra sorriu, certa de que a lembrança das suas passadas cantorias tinha amollecido o coração da formiga. Ah, ella não imaginava o que era o coração duma formiga coróca de mais de mil annos!

— Bem me lembro, continuou a formiga. Cantava de nos pôr doidas aqui dentro. Muita dôr de cabeça tive por causa da sua cantoria, sabe? Agora está tísica e não canta mais, não é isso? Pois dance! Cantou emquanto era moça e sadia? Pois dance, agora que está velha e doente, sua vagabunda! e — plaf! deu-lhe com a porta no nariz.

A triste cigarra, de nariz esborrachado, ia pendendo para traz, para morrer, quando Emilia a susteve.

— Não morra, boba! Não dê esse gosto para aquella malvada. Está com fome? Vou já trazer um montinho de folhas. Está com frio? Vou já accender uma fogueirinha. Em vez de morrer, feito uma idiota, ajude-me a pregar uma peça na formiga.

A cigarra comeu as folhinhas que a boneca lhe trouxe, aqueceu o corpo na fogueirinha que a boneca lhe accendeu. Sarou da tísica immediatamente e quiz começar a cantar.

— Não ainda, disse Emilia. Primeiro temos de justar contas com a formiga. Depois você canta até rebentar.

O senhor de Lafontaine, curioso de ver qual seria a vingança da boneca, poz-se de lado, a observar disfarçadamente. Vendo isso, Narizinho não teve coragem de ralhar com Emilia e deixou-a em paz.

Emilia mandou que a cigarra batesse na porta outra vez.

A cigarra obedeceu, batendo os tres tócs-tócs. Veio a formiga espiar quem era. Dando com a mesma cigarra, disse-lhe um grande desaforo e já lhe ia batendo com a porta no

nariz outra vez, quando Emilia a agarrou pela perna secca e a puxou para fóra.

— Chegou tua vez, malvada! Ha mil annos que a senhora me anda a dar com essa porcaria de porta no focinho das cigarras, mas hoje chegou o dia da vingança. Quem vae levar porta no nariz és tu, sua cara de coruja secca!

E, voltando-se para a cigarra:

— Amor com amor se paga. Eu seguro a bruxa e você malha com a porta no nariz della. Vamos!

A cigarra cumpriu a ordem, e tantas portadas arrumou no nariz da formiga que a pobre acabou pedindo socorro ao senhor de Lafontaine, que a conhecia de longo tempo.

O fabulista interveio.

— Basta, bonequinha! disse elle. A formiga já soffreu a sova merecida. Páre, senão ella morre e estraga-me a fabula

Emilia soltou a formiga surrada, que lá se foi para o fundo do formigueiro, com o nariz deste tamanho e mais tonta do que se tivesse bebido um calice de formicida.

VII — ESOPPO

Durante todo aquelle tempo o menino invisivel estivera afastado do grupo, vendo uns macacos que haviam apparecido na orla da floresta. Ao voltar, annunciou sua chegada, já de longe, com o costumado cocoricocó.

O senhor de Lafontaine, que ignorava aquella mania do Penninha, illudiu-se, julgando tratar-se dum gallo de verdade.

— Lá está um gallo cantando, disse elle ingenuamente. Gosto dessa ave, que symboliza a bravura e a victoria.

Todos sentiram vontade de rir ao perceberem o engano dum homem tão sabio. Mas contiveram-se, lembrando o respeito que dona Benta lhes ensinara para com os mais idosos. Todos, menos Emilia. A burrinha espremeu uma das suas

risadas caçoistas e disse, antes que a menina pudesse atrapalhar:

— O senhor está fazendo papel de bobo, senhor de Lafontaine! Aquillo nunca foi canto de gallo, nem aqui nem na casa do seu sogro. E' o Penninha que vem vindo.

Narizinho, envergonhada, tapou-lhe a bocca com a mão e ralhou:

— Como chama de bobo um homem tão importante, Emilia? Vóvó, quando souber, vae ficar damnada!...

Nisto a penna de papagaio appareceu fluctuando no ar, vinda da floresta, em companhia dum homem exquisito. Todos voltaram-se para ver.

— Quem será o bicho careta? Com certeza algum homem que estava tomando banho e perdeu as roupas, berrou Emilia. Vem embrulhado na toalha.

O senhor de Lafontaine explicou quem era.

— Estás enganada, bonequinha. Aquelle homem é um famoso fabulista grego. Não vem embrulhado em nenhuma toalha, mas sim vestido á moda dos antigos gregos. Chama-se Esopo. Foi o primeiro que teve a idéa de escrever fabulas.

Esopo chegou e saudou cortezmente o fabulista francez. Depois fez festas ás creanças. Vendo Emilia, admirou-se.

— Oh, uma bonequinha tambem! Era o unico ente que faltava nestas terras. E' falante?

— E', sim. Emilia fala pelos cotovellos, respondeu Narizinho.

A admiração de Esopo foi grande, porque apezar de velho nunca tinha sabido de nenhuma boneca que falasse.

— E' extraordinario! disse elle. Bonecas vi muitas em Athenas, mas mudas. O mundo tem progredido, não resta duvida. Como te chamas, bonequinha?

— Emilia de Rabicó, sua creada.

— Lindo nome. E quem te ensinou a falar?

— Ninguem, respondeu Emilia com todo o espevitamento. Nasci sabendo. Quando o doutor Caramujo me deu

uma pilula tirada da barriga dum sapo, comecei a falar immediatamente.

— Emilia fala muito bem, explicou Narizinho. Pena é que diga tanta tolice.

O grego sorriu com malicia.

— Nós, sabios, não fazemos outra coisa, disse elle. Mas como dizemos nossas tolices com arte, o mundo se illude e as julga alta sabedoria! Vamos, bonequinha, diga uma tolice para o velho Esopo ver.

Emilia desapontou e, torcendo a ponta do seu lencinho de chita, respondeu com muito proposito:

— Assim de encommenda, não sei...

Os dois fabulistas trocaram um olhar de intelligencia, como quem diz: Vê? Em seguida ferraram uma discussão a respeito da origem das fabulas — e, afastando-se dalli, foram sentar-se numa pedra á beira do ribeirão.

Encontrando-se sós, os meninos começaram a planejar grandes aventuras.

— Eu quero ver um leão! Quero conhecer o leão da fabula! disse Pedrinho.

— Eu quero ver aquelles dois pombinhos, do apologo tão bonito que vóvó contou, disse a menina.

— E eu quero pegar um tatú canastra, disse Emilia.

Era a terceira vez que Emilia falava em tatú canastra. Narizinho ficou intrigada.

— Que tatú canastra é esse em que você tanto fala, Emilia?

A boneca respondeu sem demora:

— E' que a canastrinha que "trago" sempre commigo "me" dá muita canceira. "Tenho" de carregal-a no lombo do visconde o tempo inteiro. Ora, se pégo um tatú canastra, fico dona duma canastra que anda por si mesma nos seus quatro pés. Não acham que é boa idéa?

— E' a maior idéa que a senhora teve até hoje, marquezeta! exclamou o visconde.

O pobre sabio andava que mal podia comsigo, de tanto carregar ás costas a tal canastrinha. Porisso não falou, nem se metteu em coisa nenhuma durante todo o passeio. Não poudé nem sequer discutir sciencia com os dois fabulistas, seus collegas em sabedoria.

Penninha contou que na floresta havia muito mais bichos que alli — leões, tigres, macacos, ursos — todos os animaes importantes.

Em vista disso para lá se dirigiu o bando, guiado pela penna de papagaio fluctuante.

Assim que entraram na floresta, viram no topo duma arvore secca um corvo de queijo no bico. Pedrinho, muito sabido em fabulas, disse logo:

— Aposto que em baixo da arvore está uma raposa. Ella vae gabar a voz do corvo, dizendo que nenhum sabiá canta bonito como elle. O vaidoso acredita, fica todo ganjento, abre o bico para cantar e o queijo cáe e a raposa pega o queijo e foge com elle, na risada. Já sei tudo. Não vale a pena pararmos para ver isso.

— Vale, sim! contrariou Emilia. Podemos enganar a raposa e comer o queijo.

Narizinho fez cara de nojo.

— Que coragem, Emilia! Comer um queijo que já andou em bico de corvo...

— Comer de mentira, boba! Só para ver o nariz comprido da raposa.

Mas não pararam. Pedrinho achava que corvo e raposa eram bichos sem importancia, que não valiam a pena. Queria feras de verdade.

— Onde mora o leão, Penninha? perguntou elle.

— Na montanha. Para lá chegar temos de passar pela casa da Menina do Leite.

— Bravos! exclamou Narizinho. Vóvó nos contou a historia dessa coitadinha que foi ao mercado vender o primeiro leite da sua vacca mocha, fazendo castellos do que

havia de comprar com o dinheiro. De repente tropeçou, o pote veio ao chão e a misera viu irem-se agua abaixo, com o leite, todos os seus lindos sonhos.

A floresta formava alli uma clareira, de modo que puderam avistar ao longe a fumacinha, depois a chaminé, depois o telhado e por fim a casa inteira de Laura, a Menina do Leite.

— Lá vem ella! gritou Emilia.

De facto, Laura vinha vindo na direcção delles, com o pote de leite á cabeça, num vestido de pintinhas vermelhas, com um laço aqui e uma flor aqui.

— Bom dia, Laura! disse Narizinho ao se cruzar com ella. Onde vae tão requebrada e faceira?

— Ao mercado da villa proxima, vender este leite da minha vacca mocha. Vendo o leite e compro duas duzias de ovos. Pretendo chocar os ovos e tirar duas duzias de pintos. Cresço a pintalhada e obtenho doze gallos e doze gallinhas. Vendo os gallos e conservo as gallinhas para botarem ovos. A duzentos ovos cada uma por anno, terei, deixe ver... e começou a fazer a conta de cabeça.

— Não estrague a sua cabecinha, dona Laura, disse Emilia. Temos aqui o visconde que é um damnado para contas. Visconde, arreie a canastra e faça a conta desta menina.

O embolorado sabio obedeceu. Arriou a canastrinha, enxugou o suor da testa e fez a conta na areia, com um pauzinho.

— Dois mil e quatrocentos ovos, declarou elle por fim.

— E' isso mesmo, disse a Menina do Leite. Já fiz a conta de cabeça. Dois mil e quatrocentos ovos! Ponho tudo a chocar e consigo outras tantas aves. Vendo-as no mercado e compro dez porcos. Faço uma criação de porcos. Vendo os porcos e compro cincoenta vaccas.

A boneca, que conhecia a fabula, estava de olho no pote para vel-o cahir. Era naquelle ponto que o leite se derramava.

Mas o pote não cahiu.

Laura continuou:

— Faço uma grande criação de vaccas. Depois vendo as vaccas e compro uma casa e um automovel. Fico morando na casa e vou passear á villa de automovel. Lá encontro um lindo moço que se apaixona por mim. Caso-me com elle e vou morar na cidade.

Emilia estava na maior afflicção. A Menina do Leite já passara todos os pontos em que o pote cae. Já estava casada e morando na cidade. Continuando assim, a fabula ia ficar sem geito. A boneca não poude conter-se por mais tempo.

— Páre, senhorita e derrube o pote de leite, se não a fabula fica sem pé nem cabeça! berrou.

Laura deu uma gargalhada.

— Já se foi esse tempo, bonequinha! Isso me aconteceu uma vez, mas não acontece outra. Arranjei esta lata de metal, que fecha hermeticamente, para substituir o pote quebrado. Agora posso sonhar quantos castellos quizer, sem receio de que o leite se derrame e meus sonhos acabem em desillusões. Adeus, meninada, adeus!

Foi um desapontamento geral.

— Não valeu a pena pararmos para ver só isto, disse Pedrinho. Vamos depressa á montanha. Lá, sim, as fabulas são sempre as mesmas. Quero ver o leão.

Nisto avistaram a montanha onde estava a caverna do rei dos animaes. Dalli por deante tinham de ir com todas as cautelas, na ponta dos pés, para não attrahirem a attenção dalguma féra.

Chegaram ao terreiro que havia em frente da caverna. Ossos dos animaes devorados pelo leão e um cheiro de carniça no ar mostravam que não houvera engano, era alli mesmo.

— Sei duma fresta na rocha, disse Penninha, donde



— Já se foi esse tempo, bonequinha. Isso me aconteceu uma vez...

podemos ver o leão sem que elle nos veja. Sigam-me, sem fazer o menor barulhinho.

Todos o seguiram, pé ante pé, como gatos. Subiram um pouco pela rocha e por fim alcançaram a tal fresta, que ficava bem no alto da caverna, em ponto que as feras não poderiam alcançar, nem que pulassem. Podiam dalli ver tudo sem o menor perigo.

Cada qual se ageitou por lá como melhor pode, com um olho na fresta.

— Lá está elle! disse Pedrinho, que foi o primeiro a ver o leão. Lá está o Leão da Fabula no seu throno de ossos, rodeado de toda a côrte!...

VIII — OS ANIMAES E A PESTE

O leão havia reunido a bicharia toda afim de resolver sobre a terrivel peste que estava arrazando o reino. Antes de decidirem qualquer coisa os reis costumam consultar os sabios, os astrologos, os bobos da côrte e outras notabilidades do reino. Assim tambem fazia o Leão da Fabula.

O primeiro consultado foi um macaco de barbas brancas, sabido como elle só.

— Qual a sua opinião, senhor Mono, sobre a peste que nos desgraça?

O macaco alisou a barbaça, tossiu tres vezes e disse:

— Saiba Vossa Majestade que esta peste é um castigo do céu. Offendemos as majestades celestes, foi isso. Agora, o remedio é aplacarmos a colera dos deuses, sacrificando a um de nós.

— Muito bem, disse o leão. Mas sacrificarmos ao qual?

— Ao mais carregado de crimes, respondeu o macaco.

O leão fechou os olhos e poz-se a meditar. Recordou sua vida passada, suas injustiças, a crueldade com que mata-
ra tantas zebras, gazelas, veados, carneiros e até homens.

Resolveu fazer um bonito: offerecer-se para o sacrificio como o mais carregado de crimes.

Nenhum animal teria a coragem de concordar com elle, de modo que fazia um bonito sem correr o menor perigo. Assim fazem os reis que desejam ficar famosos na historia.

— Amigos, disse elle com cara de contricção. Nenhuma duvida me resta que quem deve ser sacrificado sou eu. Ninguem commetteu mais crimes que o vosso rei leão, ninguem matou maior numero de veados, carneiros, zebras e homens, do que eu. Devo ser o escolhido para o sacrificio. Que acham?

Disse e correu os olhos pela côrte, com ar de quem está pensando lá por dentro: “Quero só ver quem tem o topete de achar que sim.”

Todos estavam convencidos que realmente era o leão o maior criminoso da floresta, mas nenhum tinha a coragem de lh'o dizer. A raposa, então, adeantou-se e fez um discurso.

— Bobagens, Majestade! disse ella. Se ha no mundo um ente limpo de crimes, certo que é o nosso bondoso rei leão. Matou veados e carneiros e zebras e homens? Oh, isso em vez de crimes constitue actos de nobre piedade. Para que servem taes bichos? Que é um veado ou uma zebra ou um carneiro ou um homem, na ordem das coisas? Perfeitas immundicies, de modo que o que Vossa Majestade fez foi apenas uma obra de limpeza. Ninguem tome minhas palavras como lisonja, tenho horror a isso, mas Vossa Majestade, na minha opinião, em vez de ser um criminoso, é um santo!

Uma chuva de palmas cobriu o discurso da raposa. O leão lambeu a bigodeira, de gosto, e agradeceu á raposa com um gesto cordeal.

Em seguida levantou-se o tigre e disse o mesmo que havia dito o leão. Accusou-se de grandes crimes e declarou que o merecedor de castigo só podia ser elle, não outro.

A raposa fez novo discurso ainda mais bonito que o pri-

meiro, provando que o santo numero dois da floresta era justamente o tigre.

A scena repetiu-se com todos os animaes de musculos valentes e dentuça afiada. Todos viraram santos. Por fim chegou a vez do burro.

— Pondo a mão na consciencia, não me sinto culpado de coisa nenhuma, disse a burrissima creatura. Só como capim e outras hervas. Nunca matei um mosquito. Se motuca me morde, o mais que faço é espantal-a com o espanador da cauda. Nunca furtei. Nunca tomei a mulher do proximo. Nem coices dou, porque soffro duma inchação nos pés, muito dolorosa. A consciencia de nada me accusa.

Assim que o burro concluiu, todos os animaes se entreolharam. Era muito grave aquella confissão do burro! A raposa adeantou-se e falou, como interprete do pensamento geral.

— Eis o grande criminoso, Majestade! disse ella apontando para o pobre burro. E' por causa delle que o céu nos mandou esta epidemia. Elle tem que ser o sacrificado. Não dá coices, confessou, "porque tem os pés inchados". Quer dizer que se não tivesse os pés inchados andaria pelo mundo a distribuir coices como quem distribue cocadas. Morra o miseravel burro coiceiro!

— Morra! Morra! gritaram mil vozes.

Vendo aquillo, o rei tambem indignou-se.

— Miseravel burro de carroça! berrou elle. E' por tua causa, então, que o meu reino está levando a bréca? Pois te condemno a ser estraçalhado immediatamente pelo carrasco da côrte. Vamos, tigre, cumpre a sentença do teu rei!...

Os olhos do tigre-carrasco brilharam. Estraçalhar animaes era o seu grande prazer. Lambeu os beiços e armou bóte para lançar-se contra o tremulo burro. Mas ficou no bóte. Uma enorme pedra lhe cahiu do tecto da caverna bem no alto da cabeça — plaf!

Grande Berreiro! Correria! Desmaios das damas! Quem é? Quem foi?

Fôra obra do Penninha.

— Bravos! exclamaram os meninos. Isso é que se chama boa pontaria.

— Eu tambem acertei uma cuspidinha nelle! disse Emilia.

Aquelles enthusiasmos só serviram para attrahir a attenção das féras.

— Fugamos emquanto é tempo, gritou Penninha. O leão já nos farejou aqui e está lambendo os beiços.

Não foi preciso mais. Os meninos botaram-se montanha abaixo.

IX — PRISIONEIRO

Na corrida Penninha encontrou-se com o burro, que tambem ia fugindo, e pulou-lhe ao lombo. Isso fez que os outros se distanciassem delle e se perdessem no matto.

Andaram, andaram, andaram e por fim entraram, sem o saber, no paiz dos macacos. Assim que transpuzeram as fronteiras desse reino, varios guardas lhes cahiram em cima e os enleiraram com cipós. Em seguida os levaram á presença de Sua Majestade Simão XIV, que os cortezãos chamavam o Rei-Sol, porque quando Simão apparecia todas as caras se illuminavam de sorrisos.

— Majestade, disse um dos guardas, aqui trazemos á Vossa Sublime Presença estes quatro viajantes que pilhamos atravessando as fronteiras sem passaportes.

— E' mentira, senhor rei! berrou Emilia. Eu tenho passaporte, sim. Olhe aqui — e abrindo a canastrinha, sempre nas costas do visconde, tirou de dentro o celebre alfinete de pombinho, mostrando-o ao rei.

O Rei-Sol examinou com a maior attenção aquelle ob-

jecto desconhecido para elle, pois nunca vira nem alfinete simples, quanto mais de pombinha. Depois disse:

— O passaporte adoptado no meu reino é uma banana ouro, mas como sei que outros povos usam outros passaportes, acceito como valido este que esta senhora apresenta. Podem soltar a prisioneira.

Os guardas começaram a desamarrar Emilia. Emquanto isso Pedrinho achou geito de lhe dizer na linguagem do P, que os macacos não entendem:

— Apavipisepe Pepenipinhapa quepe espestapamospos naspas upunhaspas despestapa hoporrenpendapa mapacapacapadapa.

— Simpim, respondeu Emilia disfarçadamente, e mal se pilhou livre raspou-se, muito tesinha, sem olhar para traz.

Em seguida Narizinho foi trazida á presença do real come-bananas.

— Senhorita, disse elle, embora seja um crime entrar no meu reino sem licença, ouvirei de bom grado as suas explicações. Sou um rei magnanimo, mais amigo de premiar do que de punir. Diga-me, quaes são as suas impressões da minha côrte?

A menina correu os olhos em redor e só viu macacos e macacas, cada qual mais pelludo e feio. Mas era esperta. Compreendeu que se dissesse a verdade teria de pagar caro. O melhor seria fingir-se encantada e só dizer coisas agradaveis aos ouvidos daquella horrenda bicharia. E respondeu:

— Estou maravilhada, Majestade, com a magnificencia desta côrte! Conheço muitas, tenho visitado muitos reis, como o Rei de Ouros, e Rei de Copas, o Rei de Espadas e outros. Mas nunca vi soberano mais nobre e mais bonito que Vossa Majestade! Nem nunca vi damas da côrte mais formosas que as presentes! Tão enthusiasmada estou com o vosso reino, que nelle ficaria morando a vida inteira, se Vossa Majestade o permittisse e vóvó deixasse.

Simão lambeu-se de gosto. Apesar de acostumado a só

ouvir elogios, nunca tinha saboreado gabos como os da menina. Achou-os ainda mais gostosos que a melhor banana ouro.

— Soltem-na incontinenti, ordenou elle, e deem a essa encantadora visitante a arvore mais alta para morar e o mais gentil macaco para esposo! Ficar morando comnosco, como  seu ardente desejo. Mandarei emissarios contar o caso a sua vv, que certamente vae ficar radiante quando souber da honra insigne que o Rei-Sol acaba de conceder à sua neta.

Narizinho, que não esperava tanto, fez uma careta. Mas conteve-se, resignada, na esperança de que Penninha viesse salvá-a.

Foi levada dalli para o alto da sua arvore, enquanto os guardas traziam  presença do rei o visconde, sempre de canastrinha nas costas.

— E você, senhor viajante de cartola, qual a sua opinião?

O pobre sabio arriou a canastra, sentou-se em cima e enxugou o suor da testa com as costas da mão.

— O que acho? disse elle depois de tomar folego. Acho que esta canastrinha é muito pesada para um velho doente como eu.

— Não me refiro a nenhuma canastra, seu palerma! Que acha do meu reino? berrou Simão carregando os sobr'olhos.

Sempre atrapalhado e esmagado com o peso da carga, o visconde não havia podido prestar atenção a coisa nenhuma e portanto não podia achar coisa nenhuma.

— Vossa Majestade me perdoe, disse elle, mas ainda não vi nada, de tão cansado que estou. Deixe-me primeiro tomar folego e dormir um somno. Amanhã darei minha opinião mais socegado.

O rei não gostou nada daquella resposta, mas deixou passar. Mandou que dormissem o visconde e trouxessem o ultimo prisioneiro.

Os guardas trouxeram Pedrinho.

O menino estava furioso com o que havia acontecido. Se tivesse seu bodoque, era a bodocadas que responderia ás perguntas do macacão. Mas não tinha. Estava de mãos amarradas. Mesmo assim resolveu dizer o que realmente pensava, porque Pedrinho sempre fôra um menino de character forte, dos que não mentem em caso nenhum. Assim que o rei lhe repetiu aquella pergunta, o mais que pode dizer foi o seguinte:

— O que acho deste reino? Não acho coisa nenhuma. Não é reino nenhum. Não vejo rei nenhum. Vejo um macacão, como todos os outros, trepado num galho que elle suppõe ser throno. As damas da côrte? Macacas. Simples macacas, como todas as macacas. Tudo macaco! Isto não passa dum grande macacal, como os ha em todas as florestas...

— Fôra da minha presença, miseravel calumniador! berrou Simão XIV no auge da colera. Levem-no, guardas! Amarrem-no a um tronco para ser devorado amanhã pelas formigas carnivoras.

O pobre Pedrinho viu-se arrastado dalli como se fosse um cacho de bananas...

X — PENNINHA NÃO FALHA

Narizinho foi levada para o alto da arvore onde tinha de morar toda a vida com o seu marido macaco. Pedrinho foi amarrado ao tronco onde ia ser devorado pelas formigas cuyabanas. O visconde foi dormido á força num galho de pau.

Era o unico feliz. Teve lindos sonhos. Sonhou com um paiz socegado, onde não havia Emílias nem canastras.

Veio a noite. A macacada começou a cahir num tal somno que dentro em pouco só se ouviam roncós naquelle trecho da floresta. Da arvore, onde estava, Narizinho pode ver Pedrinho amarrado ao tronco.

— Tepenhapa papacipienpenciapia quepe Pepenipinhapa nãoopão tarpardapa, gritou-lhe ella.

Nem bem acabara e já ouviu um gallo cantar lá longe — cocoricocó!

— E'pé epelepe! gritou de novo, batendo palmas.

E era mesmo. A penna de papagaio vinha fluctuando em cima do burrô em disparada. Penninha saltou em terra e correu a descer Narizinho da arvore. Os macacos, que lá estavam de sentinella, não perceberam nada, tamanho era o somno.

— Estou estranhando o somno desta bicharia, disse a menina. Por mais barulho que se faça nenhum acorda.

— Pudéra! explicou Penninha. Puz tal dóse duma planta dormideira no poço onde elles bebem, que só amanhã pelo meio-dia poderão despertar. Que é de Pedrinho?

— Alli, naquelle tronco!

Penninha correu a desamarral-o. Depois foi acordar o visconde, que damnou da vida de ter de cortar a gostosa somneca para pôr nas costas a canastrinha outra vez.

— Agora é montar no burro e tocar no galope!

— Não ainda! disse Pedrinho. Tenho minhas contas a justar com o tal macacão rei.

Foi em procura de Simão XIV, que encontrou a roncar no meio de toda a côrte, igualmente adormecida.

Que fazer para vingar-se? Ah, já sei!

Tomou uma tesoura que andava por alli e cortou-lhe as barbas, a ponta da cauda e meia orelha, dizendo:

— Quando a macacada despertar amanhã, nenhum poderá reconhecer em você o grande rei Simão Banana, e todos correrão você daqui a pau, seu mono duma figa!...

Em seguida reuniu-se aos outros e prompto!

— Vamos! gritou Penninha para o burro.

O animal sahiu no galope e em menos de meia hora os levou para onde estavam os fabulistas. De longe já os meni-



O animal saiu no galope e em menos de meia hora os levou para onde estavam os fabulistas.

O P Ó D E P I R L I M P I M P I M

I — O BURRO FALANTE

DONA BENTA estava na cozinha, conversando com tia Nastacia.

— Que terá acontecido? dizia ella. Os meninos foram hontem para a cama cedo demais. Vi logo que era signal de grossa travessura para hoje. De manhã, quando me levantei, não vi nenhum. Tinham sumido, sem ao menos tomar café. Por onde andarão os diabretes?

A negra, que estava frigindo uns lambarys, apenas disse:

— Essas creanças fazem coisas da gente se benzer com as mãos ambas. Com certeza foram visitar algum rei, lá na terra das fadas. Mas não se incommode, sinhá. Quando a fome der, largam todos os reis do mundo para virem cor-e olhou.

— Inda é o que vale, concordou dona Benta. A fome é a unica coisa que faz Pedrinho e Narizinho voltarem para casa...

Os meninos ainda não tinham voltado do Paiz das Fadas para a primeira viagem pelo Mundo das Maravilhas.

Isso foi daquella vez em que partiram com o Penninha rendo atraz destes lambaryzinhos fritos.

bulas. Mas vinham vindo.

O relógio bateu seis horas.

— Tão tarde já, Nastacia! Estou com medo que lhes tenha acontecido qualquer coisa!... disse dona Benta ap-Minutos depois viu lá longe uma nuvem de poeira.

— Vem vindo um cavalleiro! Ande, Nastacia, você que

A negra veio da cozinha, com a colher de pau na mão, prehensiva, indo postar-se na varanda, de olhos na estrada. tem melhor vista, venha ver se descobre quem é.

— São elles, sinhá. Vêm tudo encarapitado num burro. Crédo! Até parece bruxaria...

O burro vinha na galopada e breve parou no terreiro, com sua penca de gente no lombo. Penninha montava no meio, trazendo o visconde na mão; Narizinho montava na garupa, com a Emilia no bolso; Pedrinho occupava a frente.

Pularam do animal e se dirigiram para a varanda.

— Que coisa exquisita! murmurou tia Nastacia. Repare, sinhá, que o visconde vem pendurado no ar, com uma penna de papagaio voando em cima delle...

— Boa tarde, vovó! gritou Narizinho ao pisar no primeiro degrau da escada. Aqui estamos de novo, depois dum dia inteiro de aventuras espantosas!...

— Estou vendo, respondeu dona Benta, e muito contente fico de nada de mau ter acontecido. Mas não posso comprehender o que significa isso do visconde vir pendurado no ar, com aquella penna em cima...

Os meninos deram uma gargalhada.

— Nem que a senhora pense um seculo é capaz de adivinhar, vovó! Veja se consegue...

Dona Benta olhou, olhou, pensou, pensou e nada. Consultou a negra com os olhos e depois disse:

— Impossivel. Diga logo, que já estou ficando afflicta.

— E' o Penninha! berrou Emilia.

A velha ficou na mesma.

— E' o Penninha que vem segurando o visconde! berrou a boneca inda mais alto.

A boa senhora olhou para a negra, fazendo beijo. Não entendia nada. Narizinho, então, teve dó della e contou a historia inteira do menino invisivel que os levára ao Paiz das Fabulas.

— Elle vem carregando o visconde, mas como é invisivel, a gente só vê o visconde...

As duas velhas não tiveram palavras para commentar

o maravilhoso caso. Limitaram-se a abrir as boccas, com os olhos fixos na penninha.

Nisto o burro relinchou no terreiro. Todos voltaram o rosto. Dona Benta perguntou de quem era o animal.

— De ninguém, respondeu o menino. E' nosso. Salvamos o coitado das unhas do tigre e agora está tão amigo que vem morar connosco para sempre.

— E' bom de marcha?

— Mais que isso, vovó. E' um burro falante!...

Os olhos da negra, já tão arregalados, arregalaram-se ainda mais e sua bocca abriu, abriu, abriu de caber uma laranja dentro. Burro falante! Era demais...

— Será possível, sinhá? Mecê acredita?...

— Tudo é possível, Nastacia. Si papagaio fala, porque não ha de falar um burro?

— Mas elle não fala como papagaio, vovó! explicou Pedrinho. Papagaio só repete o que a gente diz. Este burro pensa para falar. Se a senhora ouvisse o discurso d'elle na assembléa dos animaes pesteados, havia de ficar boba de espanto.

— Nesse caso precisamos tratál-o com toda a consideração. Nastacia, leve-lhe umas espigas de milho bem bonitas e agua bem fresca.

A negra obedeceu. Foi ao paiol escolher as melhores espigas e encheu uma vasilha com agua da talha. Mas quando chegou ao terreiro, parou, sem animo de se approximar do burro.

— Não tenho coragem, sinhá! disse ella virando os olhos para dona Benta. Se elle me diz uma graça, cáio para traz, de susto...

— Não seja boba! Elle tem cara de pessoa muito séria.

A negra deu mais dois passos e parou de novo. Não tinha coragem!... O mais que fez foi botar o milho no chão, sobre uma toalha, com a vasilha d'agua ao lado, murmurando:

— Elle se quizer que venha até aqui. Eu é que não chego perto; e recuou uns passos, para ver.

O burro comprehendeu o medo muito natural da negra. Foi-se chegando devagarinho e comeu o milho e bebeu a agua sem nada dizer. Mas como era de muita educação, depois que comeu nao poude deixar de agradecer.

— Muito obrigado, tia! Deus lhe pague! murmurou com toda a clareza.

— Acuda, sinhá! berrou a pobre preta. Fala mesmo, o canhoto! e botou-se para a cozinha, fazendo mais de vinte signaes da cruz.

II — DONA BENTA DE CABEÇA VIRADA

Não durou muito aquelle medo. Tia Nastacia foi perdendo a scisma que tinha com o burro, acabando grande amiga delle. Era quem o tratava, quem lhe dava milho e agua e ainda quem lhe passava a raspadeira todas as semanas, com muito cuidado para o não arranhar.

Emquanto isso, conversava com elle. Ferrava cada prosa tão comprida que a boneca chegou a dizer, piscando os olhnos de retróz:

— Isto ainda me acaba em casamento!...

Penninha havia desaparecido na mesma noite da chegada, depois de restituir a Emilia sua penna de papagaio e prometter a Pedrinho voltar mais tarde, para leval-os ao Mar dos Piratas.

Dona Benta ouviu a historia do passeio ao Paiz das Fabulas com especial interesse para tudo quanto se referia ao senhor de Lafontaine, cujas obras havia lido em francez. Sempre tivera grande admiração por esse fabulista, que considerava um dos grandes escriptores do mundo.

— Estou lamentando não ter ido com vocês a essa terra. Uma prosinha com o senhor de Lafontaine seria dum grande encanto para a minha velhice...

Taes palavras fizeram Pedrinho bater na testa.

— Tive uma grande idéa, vovó! berrou elle. Levar a senhora lá!... Já sabemos o caminho e temos o burro falante para nos conduzir. Que acha?

A grande idéa tonteou dona Benta como se fosse uma forte paulada no craneo.

— Que despropósito, Pedrinho! Não sabe que sou uma velha de mais de setenta annos? Que não diria o mundo quando soubesse dessa extravagancia?

— O mundo não precisa saber de nada. A senhora vae incognita, como os reis quando querem se divertir. Deixe o negocio por minha conta, que sahirá tudo direitinho...

A idéa de conhecer pessoalmente o senhor de Lafontaine virou duma vez a cabeça da boa senhora. Tres dias passou a pensar naquillo, vae, não vae, sem animo de decidir-se. Pedrinho, porém, tanto insistiu que...

— Vou, menino, vou! disse ella afinal. Mas pelo amor de Deus não me atropele mais.

As creanças ficaram num delirio. Levarem sua querida vovó ao Paiz das Fabulas foi coisa que nem em sonhos lhes passára pela cabeça. Era o succo! dizia Pedrinho dando pinotes.

A semana se passou assim, em discussões e preparativos, tudo em segredo para que tia Nastacia não desconfiasse. Era preciso que nem a negra soubesse da "caduquice" de dona Benta.

Afinal chegou o grande dia.

— Nastacia, disse dona Benta sem coragem de olhar para os olhos della, vou fazer hoje um demorado passeio com as creanças. Se apparecer alguém, diga que estou na casa do compadre Theodureto.

Sahiram, a boa velha na frente com os netos, Emilia e o visconde atraz, este arcado ao peso da celebre canastriinha. Fingiram ir do lado da fazenda do tal compadre Theo-

dureto, mas na primeira curva do caminho se esconderam numa moita e Pedrinho voltou para pegar o burro. Tudo para que tia Nastacia não visse...

Veio o burro e dona Benta tentou montar. Quem disse! Não houve meio. Sem uma cadeira não ia.

— Já não tenho a agilidade dos bons tempos, suspirou ella. Creio que nunca poderei montar neste burro...

— Alli adiante ha um toco que poderá servir de cadeira, murmurou o burro na sua voz mansa de animal falante.

Apezar de corajosa, a boa velha não deixou de sentir seu friozinho na espinha, ao ouvir taes palavras pronunciadas por tal bocca.

Dirigiram-se ao toco indicado e, afinal, com a ajuda dos meninos, da Emilia e até do visconde, ponde ella montar. Narizinho pulou na garupa, com Emilia no bolso. Pedrinho occupou a frente e o visconde foi amarrado á crina do animal.

— Tudo prompto? gritou Pedrinho.

— Parece que sim, respondeu dona Benta.

— Nesse caso cheire isto, vovó! disse elle, tirando dum canudo uma pitada de pó magico, que chegou ao nariz da velha.

— Oh, Pedrinho! exclamou dona Benta scandalizada. Bem sabe que não tomo rapé.

Todos cahiram na gargalhada.

— Não é rapé, vovó! E' muito bom pó de pirlimpimpim, que Penninha me deu. Sem cheirar este pó, nunca chegaremos ao Paiz das Fabulas.

Ao ouvir aquillo, Emilia arregalou os olhos.

— Paiz das Fabulas? Então é para lá que vamos outra vez? Vocês prometteram que a segunda viagem seria ao Mar dos Piratas!...



Pedrinho amarrou o burro pelo cabresto e poz-se a examinar o sitio.

— Ao Mar dos Piratas temos de ir com o Penninha. E' coisa para outro dia. Hoje vamos apenas dar um pulinho ao Paiz das Fabulas para apresentar vovó ao senhor de Lafontaine.

— E porque não apresentar dona Benta a um pirata? Os piratas são muito mais interessantes que os fabulistas.

— Para você. Vovó prefere meia hora de prosa com um fabulista a todos os piratas do mundo.

— Então não vou, disse Emilia emburrando.

— Sua alma, sua palma, respondeu seccamente a menina, tirando-a do bolso. Ninguem a obriga — e fez gesto de a arremessar ao chão.

Vendo que o negocio era sério, Emilia fez uma cara de riso, muito desconchavada, dizendo:

— Estou brincando, boba!...

Todos cheiraram o pó de pirlimpimpim, e immediatamente começaram a sentir a vista turva, a cabeça tonta, com uma zoada de pião nos ouvidos — fiunnn...

Dona Benta, assustada, quiz apear-se.

— Parece que vou morrer! gritou. Acudam-me!...

— Não tenha medo, vóvó! E' assim mesmo! Este fiunnn dura emquanto estivermos voando. Depois pára — signal de chegada.

De facto foi assim. O fiunnn zuniu no ouvido delles por longo tempo e por fim cessou.

— Chegamos! disse Pedrinho, saltando em terra. Póde apear, vovó.

Dona Benta estava mais morta que viva.

— Uf! exclamou, escorregando do burro abaixo. Estou muito velha para estas maluquices. O tal fiunnn me deixou tonta, tonta...

III — AS ARVORES GEMEAS

Não é fácil lidar com o pó de pirlimpimpim. A gente tem de cheiral-o na quantidade certa, nem mais, nem menos, senão vae parar para lá ou para cá do ponto a que pretendia ir. Pedrinho, sem pratica ainda, errou na dóse — deu-lhes pó demais, e isso os fez irem parar numa terra muito diferente do Paiz das Fabulas.

Em vez do lindo campo de velludo verde, cortado pelo rio, á beira do qual os dois fabulistas ficaram a discutir a origem das fabulas, acharam-se num verdadeiro deserto africano, com enormes rochas negras dum lado e o mar de outro.

Nem floresta, nem vegetação nenhuma — além de duas arvores gemeas, á cuja sombra o burro parára.

Assim que pulou em terra, Pedrinho correu os olhos em torno.

— Errámos, vovó! disse elle. Isto nunca foi o Paiz das Fabulas! Está-me cheirando a alguma das terras das Mil e Uma Noites...

— E agora? perguntou a velha, já com medo. Melhor voltarmos. Estou sentindo uma coisa exquisita no coração...

— Sim, podemos voltar, concordou o menino, mas primeiro temos de tomar folego e esperar que passe a sua tontura.

Dona Benta concordou, suspirando, e sentou-se numa das raizes da arvore, a se abanar com o lenço, muito queixosa de falta de ar.

Pedrinho amarrou o burro pelo cabresto e poz-se a examinar o sitio.

— Que arvores tão exquisitas! disse erguendo os olhos para cima. Os troncos sobem em linha recta e são mais grossos no alto do que em baixo!...

— E repare a copada, disse a menina, tambem de nariz

para o ar. Não parece formada de folhas, como todas as arvores, e sim de pennas ou coisa parecida. A casca também, veja, não se parece com casca de nenhum pau conhecido. Toda escamada, como pelle de cobra. Francamente, estou desconfiada destas arvores...

Os troncos tinham as raizes de fóra, quatro para cada arvore, terminadas em pontas curvas, tal qual enormes chifres de boi.

De repente a raiz onde se sentára dona Benta mexeu-se.

— Acudam! berrou a pobre senhora dando um pulo. A raiz mexeu!...

Aquelle grito assustou as arvores gemeas, fazendo-as se destacarem do solo com as raizes e se erguerem no ar, levando o pobre burro pendurado pelo forte cabresto de couro de anta.

— Misericordia! gritou dona Benta no auge do pavor. Não eram arvores! Eram as pernas do passaro Roca, que confundimos com arvores! Sentei-me no dedo do passaro Roca, pensando que era raiz!...

Tinha sido isso mesmo. Por um desses acasos da vida, os nossos viajantes haviam parado justamente debaixo do gigantesco passaro das Mil e Uma Noites, tomando as suas monstruosas pernas como troncos de duas arvores gemeas...

Felizmente eram pequeninos demais, em comparação com o passaro Roca. Não foram percebidos. Do contrario teriam sido devorados como se fossem pulgas. Estavam salvos, com excepção do burro falante, que lá se balançava no espaço, a espernear...

— Que pena! exclamou dona Benta compungida. Um burro tão boa pessoa, tão bem falante!... Tia Nastacia vae ficar inconsolavel!...

— Podemos salvá-lo, vovó, disse Pedrinho abrindo o mappa do Mundo das Maravilhas. O barão de Munkausen tem um castello aqui por perto. Elle é o melhor atirador do

mundo. Póde, com uma bala, cortar o cabresto do burro e salvar-o. Resta que eu ache o barão em casa...

Pedrinho resolveu ir procurar o castello. Tomou uma pitada de pó de pirlimpimpim e cheirou-o, depois de recommendar:

— Não me saíam deste ponto. Dou um pulo ao castello é já volto.

— Pelo amor de Deus, Pedrinho, não nos abandone neste maldito deserto! implorou a nervosa velha. Vamos atraz desse barão todos juntos!...

Era tarde. Pedrinho já havia cheirado o magico pó, cujo effeito era instantaneo. Começou a virar uma fumaça de gente, breve desaparecendo da vista de todos.

Dona Benta abanava-se, abanava-se, cada vez mais afflicta. Aquillo lhe parecia o fim do mundo. Narizinho procurou consolal-a.

— Não seja tão boba, vovó! Não tenha medo, que nada adeanta. Faça como eu, que estou fresca da silva. Ha tanto tempo que com Pedrinho vivo nesta vida de aventuras, que já não sei ter medo. Seja o que fôr que appareça, leão, cuca, sacy, onça ou passaro Roca, a gente dá um geito e no fim sae vencendo. Para que tremer assim, justamente agora que o perigo passou?

— Não posso, minha filha! Não está em mim! Quando me lembro que uma creatura pacata como eu, de mais de setenta annos, esteve sentada no dedo do passaro Roca, meu coração pula dentro do peito como se fosse um cabrito...

Até Emilia caçoou da coitada.

— Tamanha mulher! Tremendo porque esteve sentada num pé de gallinha! Pois eu até no bico desse tal passaro era capaz de dormir um somno bem descansado.

— E' que você é inconsciente, Emilia. Se eu fosse de panno, era provavel que tambem não tivesse medo. Mas sou de carne...

— Isso não, vovó! protestou a menina. Eu também sou de carne e não tenho medo de nada.

— Você é outra inconsciente, minha filha. Tem a inconsciência natural da idade. Quando crescer, ha de ficar medrosa como eu.

Estavam nessa conversa, quando Emilia gritou:

— Lá vem vindo Pedrinho com o barão de Munkausen!

Todos voltaram o rosto e viram o vulto dos dois, lá longe. Estava o barão vestido de caçador, grandes botas, chapéu de tres bicos, espingarda a tiracollo. Ao seu lado marchava Pedrinho, muito lampeiro de se ver em tão nobre companhia. Vinha contando historias das suas caçadas no sitio.

Naquelle momento o passaro Roca reapareceu no céu, a grande altura, descrevendo circulos. Voava tão alto que nem dez tiros emendados poderiam alcançar metade do caminho.

— Temos de esperar que elle baixe, disse o barão.

— Emquanto isso o senhor dá uma prosinha com vovó, que deve estar morre, não morre de medo.

— Medo de que?

— De tudo. Tem medo até de barata. Hoje foi a primeira vez que a trouxemos ao mundo das aventuras. Mas erramos de terra e viemos parar bem em baixo do passaro Roca. A coitada se sentou no dedo d'elle e agora nem pensar nisso póde. Fica logo de pontada no coração.

O senhor de Munkausen contou que construiu alli aquelle castello justamente por causa do passaro Roca. Já havia caçado quanta féra existe. desde rhinoceronte até condor, menos passaro Roca. Porisso jurára matar aquelle. Queria ter entre os trophéos da sua sala de armas pelo menos a unha da gigantesca ave, já que bico, perna ou asa não cabiam no castello.

— Mas com essa espingarda o senhor não faz nada,

disse o menino. Bala, seja do calibre que fôr, é o mesmo que poeira para tamanho bicho.

— Sei disso, e porisso não atiro com chumbo ou bala. Atiro com caroços de cereja. Esses caroços germinam na carne do passaro e vão crescendo até virarem cerejeiras. Vou assim transformando o passaro Roca em pomar. Um dia o peso das arvores fica demais para suas forças e elle cessa de voar. Creio que já plantei uns cem pés de cereja no lombo do passaro Roca!...

— Oh, exclamou Pedrinho, muito melhor seria atiral-o com sementes de jequitibá.

O barão, que nunca ouvira falar em tal arvore, franziu a testa. Pedrinho explicou:

— E' uma arvore que fica enorme, da grossura da mais grossa pipa. Na minha opinião, com meia duzia de jequitibás plantados a tiro no passaro Roca, elle perde a scisma de voar pelo resto da vida...

O senhor de Munkausen muito admirou a esperteza de Pedrinho, que ficou de lhe mandar sementes de jequitibá pelo primeiro portador. No sitio de dona Benta havia um enorme.

Nisto chegaram ao ponto onde dona Benta morria de medo ao lado de Narizinho e da boneca. O barão saudou-a cortezmente, á moda dos allemães.

— Obrigada por ter vindo em nosso soccorro, senhor de Munkausen! disse dona Benta, retribuindo a cortezia. Estou aqui mais morta do que viva, de medo daquelle monstro que lá está voando no céu. Imagine, barão, que estive, muito fresca da minha vida, sentada, como pata chóca, no dedo delle!...

— Sossegue, minha senhora, que cá estou para defendel-a. Móro num castello aqui perto, onde Vossa Excellencia poderá repousar e acalmar os seus nervos. Já dei ordem aos meus creados para que a venham buscar na minha ca-leça. E esta menina? disse, mostrando Narizinho.

— Minha neta. Uma damnada! Não tem medo de coisa nenhuma. Está aqui a rir-se da pobre vovó medrosa...

— Eu também não tenho medo de nada, senhor barão! disse Emilia, com aquelle seu celebre espevitamento.

— Oh, exclamou o senhor de Munkausen, pegando-a do chão. Se não me engano é esta a tal boneca de panno falante que está famosa no reino das fadas. Não ha princeza que não conte historias della.

Emilia inchou de gosto.

A conversa correu nesse tom por alguns minutos. Por fim dona Benta abriu o cesto onde estava a gallinha mexida que trouxera.

— Aceita uma coxinha, senhor barão?

— Obrigado! Só como carne de animaes ferozes.

— Um pedacinho só, prove! insistiu dona Benta. Este mexido foi feito com o frango mais valente do terreiro.

Tão cheiroso estava o petisco que o senhor de Munkausen perdeu a cerimonia. Sentou-se no chão, com os outros, em roda do farnel, e quasi que sózinho deu cabo de tudo.

— Parece um sonho! disse dona Benta ao ver aquillo. Quando me lembro que eu, a pobre da dona Benta de Oliveira Encerrabodes, uma coitada que nunca sahiu da sua tóca, está aqui, neste deserto mysterioso, com o passaro Roca a lhe voar em cima da cabeça e o mais famoso barão do mundo a comer com tanto gosto o mexido de gallinha que ella mesma fez, até fico boba...

IV — UM SOCCO HISTORICO

Nisto o passaro Roca principiou a descer, sempre descrevendo circulos em espiral. O burro foi-se tornando cada vez mais visivel e a pontada no coração de dona Benta cada vez mais forte.

O barão preparou-se. Examinou a arma e carregou-a, bem carregada.

Pedrinho não podia comprehender como um caçador daquelles, o mais celebre de todos, ainda usava espingarda

de pederneira, em vez das modernas espingardas de fogo central. A explicação é muito simples. O senhor de Munkausen era do tempo das espingardas de pederneiras e pois não podia conhecer as de fogo central.

— Veja, vovó, disse o menino, mostrando a espingarda á velha. Chama-se espingarda de pederneira porque tem esta pedra de isqueiro aqui junto ao ouvido. O gatilho dá na pedra e tira uma faísca que vae incendiar a polvora. Interessante, não?

Dona Benta nem ouviu. Estava de olho mas era no passaro Roca.

— Uma vez, contou o senhor de Munkausen, perdi a pederneira desta mesma espingarda, numa das minhas caçadas, justamente quando um veado ia passando. Pensam que me atrapalhei? Fiz pontaria e — bá! dei um socco formidavel no olho. Sahiu uma faísca inda melhor que as da pederneira — e matei o veado!...

Emilia, assim que ouviu aquillo, ficou ansiosa por ver o barão repetir a façanha e, sem que ninguem percebesse, deu geito de destacar a pederneira da espingarda e escondel-a. Queria ver se elle tirava mesmo fogo dos olhos ou era peta.

O passaro Roca ia continuando a descer.

— Atire, barão! disse Emilia.

— Inda é cedo, bonequinha! O cabresto inda não está bem visivel. Tenho que cortar o cabresto com uma bala no momento em que o passaro estiver voando sobre o mar. Senão o burro cae em terra e acontece como o sapo que foi á festa do céu — esborracha-se!...

A gigantesca ave desceu mais e mais. O cabresto tornou-se por fim bem visivel.

— E' hora! disse o Barão erguendo a arma á cara. Fez pontaria e — plef! — o gatilho deu em secco.

— Com seiscentos milhões de trabucos! praguejou elle. Onde teria ido parar a pederneira desta arma?



...viram o pobre visconde semi-enterrado na areia,
morto, completamente morto!...

— Soque o olho! berrou Emilia.

— Sim, é o que ha a fazer. Mas como a pontaria tem de ser muito bem feita, vou segurar a espingarda com ambas as mãos e você, Pedrinho, préga o socco. Vamos, não tenha dó!...

Todos ficaram em suspenso, sentindo que algo de muito importante ia acontecer. Tal qual no circo de cavallinhos, quando a musica pára.

Foi o momento mais notavel da vida de Pedrinho. Ia dar um socco historico no olho do mais celebre caçador do mundo! E tinha de fazer serviço muito bem feito para não estragar o capitulo.

— Socco inglez! gritou Emilia.

O menino tirou o paletó, arregaçou a manga da camisa, gyrou tres vezes no espaço o punho cerrado e por fim — bam! — deu tal socco que quasi arranca o olho do barão fóra da orbita. Mas valeu! Sahiu uma faisca linda, que penetrou, feito um corisquinho, dentro do ouvido da arma e inflammou a polvora.

Bum! Um tiro reboou, daquelles que levam minutos echoando por montes e valles. E certissimo!... A bala deu bem no cabresto, cortando-o como se fosse navalha. O burro immediatamente começou a cahir com velocidade crescente, até que — tchbum! — mergulhou no oceano.

— Afundou para sempre, o coitado! exclamou Narizinho.

— Não tenha medo, que bóia já, disse o barão.

De facto. Segundos depois apparecia á tona dagua uma afflictissima cabeça de burro, a berrar:

— Soccorro! Acudam-me, que não sei nadar!...

— E esta agora! exclamou o menino. Querem ver o nosso burro escapa do passaro Roca para morrer afogado estupidamente, como um carneiro?

— Vamos salvá-o, Pedrinho! disse o barão despindo

o casaco e sacando as botas. Será um crime deixarmos morrer um burro que fala.

Entraram os dois pelo mar a dentro, nadando a largas braçadas em direcção do naufrago.

— Segurem-no pelo rabo e puxem! berrava Emilia da praia. Mas não puxem com muita força, senão arrancam-lhe o rabo!...

Assim fizeram os salvadores. Um agarrou o burro pelo rabo e o outro pela orelha, e o vieram puxando para terra.

Estava salvo o precioso burro falante, unico exemplar conhecido! Mas em que estado!... Ou por medo, ou por ter passado tanto tempo no ar, meio enforcado pelo cabresto, ou por ter bebido agua demais, o caso era que nem falar podia. Apenas suspirava uns suspiros de cortar o coração da gente.

— Agua! gritou dona Benta. Deem-lhe agua!

Emilia, muito lampeira, pegou logo uma concha marinha, das que abundavam por alli, encheu-a dagua do mar e despejou-a na bocca do burro.

— Que burrice é essa, Emilia? gritou Narizinho tomando-lhe a concha. Pois não vê que o coitado está morrendo de tanta agua do mar que bebeu? Agua quer dizer agua doce, boba...

— Pello de cão se cura com a mordedura do proprio cão! respondeu a boneca, trocando as bolas dum dito que tia Nastacia usava muito.

E não é que deu certo? Aquella agua na concha enjoou o burro de tal maneira, que elle começou a vomitar todo o oceano que havia engulido. Melhorou immediatamente. Sentou-se na areia, com as patas da frente espichadas, tal qual uma esphinge do Egypto.

— Está melhorzinho? veio perguntar dona Benta, passando-lhe a mão pela cara.

— Um pouco, muito obrigado! foi a resposta do delicadissimo animal, que ainda por cima lhe agradeceu com os olhos — uns olhos muito brancos, ansiados das agonias da morte.

V — FIM DO VISCONDE DE SABUGOSA

— E o visconde com a minha canastrinha? lembrou Emilia. Vieram os “dois” amarrados á crina do burro mas alli já não estão.

Sumira-se o visconde, ninguem sabia como. Devorado pelo passaro Roca? Afogado naquelle mar immenso? Impossivel saber.

Emilia ficou aborrecidissima, não tanto pelo visconde, apesar de serem muito camaradas, mas pela canastrinha que com elle se perdera. Só se consolou quando dona Benta lhe prometteu dar outra ainda mais bonita.

Subito Narizinho, que se afastara do grupo para fazer uma collecção dos caramujos vermelhos que as ondas arremessavam áquella praia, gritou:

— Corram! Achei o visconde!...

Todos correram para lá, e de facto viram o pobre visconde semi-enterrado na areia, morto, completamente morto!... Tinha-se afogado, sendo trazido para alli pelas ondas.

Pobre visconde! Sem cartola, de lingua de fóra, olhos cheios de areia, corpo metade comido pelos peixes...

Todos se commoveram profundamente, sobretudo ao verem que não largára a canastrinha. Fiel como um cão, cumpridor da palavra como um verdadeiro nobre, perdera a vida, mas não perdera a carga que lhe fôra confiada!...

Até o senhor de Munkausen se commoveu. Descobriu-se, cruzou os braços e ficou, de mão no queixo, a contemplar aquelle triste fim.

Emilia, porém, demonstrou mais uma vez que não tinha coração. Em vez de derramar uma lagrima, ou dizer umas

palavras tristes, a diabinha limitou-se a abrir a canastra — para ver se o visconde não havia tirado alguma coisa!...

Depois teve uma idéa muito pratica. “Depennou” o cadaver, isto é, arrancou-lhe as pernas e os braços roídos pelos peixes e guardou o tronco na canastrinha, dizendo:

— Tia Nastacia é uma damnada. Com este tóco de visconde, aposto que faz um visconde novo, muito mais bonito.

Por fingimento, ou porque realmente sentisse a morte do visconde, o barão declarou que iria tomar luto no chapéu por tres mezes, visto que elles, barões e viscondes, são sempre parentes entre si — parentes em nobreza. Esse acto do senhor de Munkausen muito sensibilizou dona Benta, fazendo-a cochichar ao ouvido de Narizinho:

— Bem se diz que santo de casa não faz milagre! Nunca demos grande importancia ao visconde e, no entanto, veja, até luto por elle vae o senhor de Munkausen botar...

Nisto ouviram um tropel de cavallos. Era a caleça do barão que vinha chegando para levar dona Benta ao castello.

VI — O PINTÃO

Tomaram a carruagem e foram-se. Pouco antes de alcançarem o castello havia um desfiladeiro por entre montanhas de pedra. Alli a caleça parou de subito.

O senhor de Munkausen espichou a cabeça para fóra, afim de ver o que era.

— Uma enorme pedra redonda rolou da montanha, trancando a passagem, disse o cocheiro.

— Que bucha! exclamou o barão, apeando-se para estudar o caso.

— Pedra nada! gritou logo depois. Isto é apenas um ovo do passaro Roca, que rolou do ninho. Bem desconfiado andava eu que o ninho delle era aqui nesta montanha!...

Todos correram para ver e foi um abrir de boccas que não tinha fim. Nem por brincadeira haviam sonhado um

ovo daquelle tamanho, maior que duas pipas postas uma em cima da outra. A casca era tão dura que apesar do ovo ter rolado do alto da montanha, batendo em quanta pedra pontuda havia, não se quebrou. Trincara de leve, só.

— Que pena tia Nastacia não estar aqui! lamentou dona Benta. Ella é que havia de gostar de ver um ovo deste tamanho.

E agora? Precisavam passar, fosse como fosse. Rolar o ovo era impossivel, por estar entalado entre rochas. O unico meio seria despedaçal-o.

Assim resolveu o barão, mandando que o cocheiro fosse correndo ao castello buscar uma picareta.

— Uma não! Duas! Ou tres! gritou depois que o cocheiro partiu.

— Quatro! berrou Emilia. Eu tambem quero quebrar o ovo.

O cocheiro trouxe cinco.

Cada qual pegou na sua, e malhou na casca do ovo com quanta força tinha. De repente o barão gritou:

— Fugam, que vae escorrer clara e gemma de virar tudo em omelette!...

Todos fugiram para os barrancos, inclusive a pobre dona Benta, que teve de ser içada pelos meninos.

— Viver mais de setenta annos para acabar trepando em barrancos de medo de virar omelette! Isto nunca foi vida... lamentava-se ella.

Inutil a correria. O ovo partiu-se sem derramar clara nem gemma nenhuma, pela simples razão de não ter nada disso dentro. O que havia lá dentro era um formidavel pinto, que botou a cabeça para fóra, a piar uns pios agudissimos, de se ouvirem a dez legoas dalli.

O barão ficou apprehensivo. Aquelles berros poderiam chegar aos ouvidos do passaro Roca, que não devia andar muito longe — e se a gigantesca ave os pilhasse a mexer

com o seu ovo, certo que os devoraria a todos, como se fossem minhocas.

— Cordas! gritou elle afflicto. Corram ao castello e tragam quantas cordas puderem!...

Pedrinho e o cocheiro voaram ao castello atraz de cordas, voltando minutos depois com quantas havia.

— Temos que amarrar o bico deste horrendo pinto sem perda dum momento, senão o Roca surge por ahi e nos devora.

Não foi nada facil. O pintão se defendia como um tigre. Só mesmo a força herculea do senhor de Munkausen, ajudado pelo cocheiro, por Pedrinho, pela menina, por Emilia e até por dona Benta, poderia amarrar o bico do pinto Roca — e ainda assim tiveram de luctar meia hora! Afinal, amordaçaram-no.

— Conheceu, papudo? gritou Emilia de longe, quando viu o serviço feito.

De nada, porém, valeu tanto esforço. O passaro Roca tinha ouvido os berros do filhote e vinha pelos ares como um cyclone de pennas.

— Fugamos! gritou o senhor de Munkausen ao avistal-o. E botou-se...

Foi uma debandada geral. Voaram todos atraz do barão, como veados. Até a pobre dona Benta teve de esquecer os setenta annos, o rheumatismo e a pontada, para só pensar na fuga. Arregaçou a saia, botou a dentadura no bolso e virou veado tambem. Chegou ao castello mais morta que viva, pondo a alma pela bocca.

— Benza-me Deus! dizia. Isto nunca foi vida...

O barão e o menino subiram incontinenti á torre para espiar o passaro Roca por uma luneta. Viram-no pairar sobre o desfiladeiro e descer como uma flexa sobre o ovo. Ao dar com o filhote já nascido, ficou numa grande alegria.

Não desconfiou nem daquelle bico amarrado. Julgou que o pinto nascera assim...

— Que cavalgada! exclamou Pedrinho. Bate os pés longe...

VII — MELHOR QUE O PO'

Dona Benta recolheu-se muito cedo naquella noite, depois de tomar um calmante muito bom que o barão tinha. Já os meninos recolheram-se tarde. Ficaram a ver os trophéos de caça do barão e a ouvir de sua propria bocca aventuras espantosas que nenhum dos livros delle conta.

No pedaço mais interessante dellas, porém, foram interrompidos pela chegada dum mensageiro que veio da Allemanha de galope, com uma carta do Imperador.

O barão leu-a e disse, muito aborrecido:

— Que maçada! Tenho de partir incontinenti para meu paiz, que acaba de declarar guerra aos turcos. O Imperador está afflicto pela minha volta.

— E nós? perguntou Pedrinho.

— Vocês podem ficar no castello quanto tempo quizerem. Darei ordem aos creados para que tratem vocês como se fossem os donos.

Disse e foi arrumar as malas. Minutos depois reapareceu para se despedir.

— Até á volta, menina! Quando a senhora dona Benta acordar, digam-lhe que senti muito não me despedir della, mas que estarei sempre ás suas ordens, na Allemanha ou na Turquia.

— Adeus, senhor barão! Volte logo...

— Traga um turco para mim! gritou Emilia.

O senhor de Munkausen prometeu trazer dois.

No dia seguinte, quando dona Benta acordou e soube da inesperada partida do barão, sentiu de novo a pontada no peito. Começou a se lamentar outra vez.

— Que será de mim agora, neste castello sem dono, entre creados estranhos, com um vizinho feroz como o passaro Roca? Ah, meu Deus, porque me fui deixar levar pela cabeça duma creança como Pedrinho? Estou recebendo o merecido castigo!...

Os meninos ficaram apprehensivos. Naquelle andar dona Benta acabaria doida. Era melhor levaram-na immediatamente para o sitio, apezar de tanta coisa que poderiam fazer naquelle maravilhoso castello ás ordens delles.

— Maçada! exclamou Pedrinho aborrecido. Andar com velha é isto. Nunca mais me metto em outra.

E voltando-se para dona Benta, de mau humor:

— Páre com a lamentação, vovó! Assim como eu a trouxe cá, levo-a para o sitio outra vez. Páre de torcer as mãos, que já está me deixando nervoso...

Tirou do canudo uma pitada de pó de pirlimpimpim e, sempre com maus modos, deu-lh'o a cheirar. Dona Benta cheirou o pó avidamente, como se cheirasse o pó da salvação.

Com espanto geral, porém, o pó não fez effeito. Outra dóse, e nada. Pirlimpimpim perdera a força... Molhara-se na agua do mar quando Pedrinho entrou por elle a dentro para acudir o burro. Pirlimpimpim aguenta tudo, menos sal.

E agora? O burro ninguem sabia delle, ficára na praia, transformado em esphinge. A caleça do barão tinha seguido com o barão para a Allemanha. Como voltar para casa?

Estava Pedrinho coçando a cabeça, atrapalhado com o terrivel problema, quando um rumor de asas se fez ouvir lá fóra. Correu á janella e empallideceu. O passaro Roca vinha vindo, veloz como um zeppelin!...

— Lá vem o malvado!... exclamou o menino mais pallido ainda.

— Socorro! berrou dona Benta feito uma louca. Acudam!...

O momento era dos mais terriveis. Ninguem sabia o que fazer. Todos corriam dum lado para outro, completamente

desorientados. E aquillo acabaria muito mal — se a boneca não viesse com uma das suas grandes idéas.

— Fechem os olhos com toda a força! berrou Emilia dando o exemplo.

Instintivamente todos a obedeceram. Fecharam os olhos com toda a força, como a gente faz nos sonhos, quando vae cahindo num precipicio.

Nem um minuto ficaram assim. Quando abriram os olhos de novo... viram-se no sitio outra vez, perto da porteira!

Dona Benta disse então aos meninos:

— Não contem nada á tia Nastacia para que não pense que estou caducando. Vamos fingir que estivemos em casa do compadre Theodureto.

Todos fizeram cara de quem vinha chegando da casa do compadre Theodureto e abriram a porteira e entraram. Mas deram logo com a preta de mãos na cintura, plantada na varanda, sacudindo a cabeça com ar de quem já sabe de tudo.

— Sim, senhora! disse ella assim que dona Benta começou a subir a escadinha. Já sei que encontrou o sêo Theodureto muito bem, obrigado, não é?

Dona Benta armou a bocca para pregar uma mentirinha, com um ar muito desconchavado, porque a coitada nunca havia mentido em toda a sua vida. A diaba da negra, porém, impediu-a disso.

— Não diga nada, resmungou ella. Já sei tudo. O burro veio na frente e me contou a historia inteirinha, tim tim por tim tim...

A pobre dona Benta, muito passada, baixou os olhos e seguiu para o seu quarto sem dizer coisa nenhuma...

No dia seguinte chegou da cidade uma carta de dona Antonica chamando Pedrinho.

— Que maçada, vovó! exclamou o menino aborrecidissimo. Justamente agora que temos o burro falante e o

Penninha para nos levarem a todos os paizes do Mundo das Maravilhas, mamãe manda me chamar...

Mas que remedio? Quem mandava nelle era dona Antonica. Teve de arrumar a bagagem para seguir no dia seguinte.

No dia seguinte o cavallo pangaré foi arreado bem cedo. Pedrinho tomou o seu café com leite com bolinhos de tia Nastacia e montou.

— Adeus, vovó! exclamou elle antes de dar no cavallo a primeira lambada. Adeus, Narizinho! Adeus, tia Nastacia! Adeus, Emilia! Adeus, Fazdeconta!...

— Adeus! adeus! exclamaram todos com olhos humidos. Lept!... Uma lambada só — de leve, e o cavallinho partiu...

Antes, porém, que chegasse á porteira, Emilia gritou-lhe que parasse.

— Você esqueceu de despedir-se do visconde, Pedrinho! Elle tambem é gente...

O menino soffreu as redeas.

— Que idéa! Pois o visconde não morreu hontem, Emilia?

— Morreu, mas não acabou ainda! replicou a boneca correndo na direcção d'elle com os restos do visconde na mão. Despeça-se deste tôco, que é bem capaz de virar gente outra vez. Já escutei: a alma d'elle está vivinha lá dentro...

Pedrinho riu-se e, para não descontentar a boneca, tomou-lhe das mãos o tôco de sabugo e fingiu que lhe dava um beijo. Em seguida deu outra lambada no cavallinho — desta vez com bastante força, e partiu no galope. Não queria que a boneca visse duas lagrimas indiscretas que já iam pingando dos seus olhos...

I N D I C E

<i>Narizinho Arrebitado</i>	5
<i>O Sitio do Picapau amarello</i>	31
<i>O Marquez de Rabicó</i>	79
<i>O Casamento de Narizinho</i>	95
<i>Aventuras do Principe</i>	119
<i>O Gato Felix</i>	145
<i>Casa de Coruja</i>	169
<i>O Irmão de Pinocchio</i>	195
<i>O Circo de Escavallinho</i>	223
<i>A Penna de Papagaio</i>	249
<i>O Pó de Pirlimpimpim</i>	283